

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LILIAN ARACY AFFONSO VERONESE

**Contardo Calligaris às quintas-feiras: uma análise da difusão das ideias
psicanalíticas na cultura**

São Paulo
2024

LILIAN ARACY AFFONSO VERONESE

**Contardo Calligaris às quintas-feiras: uma análise da difusão das ideias
psicanalíticas na cultura**

Versão corrigida

Tese apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo para a obtenção do
título de Doutora em Educação.

Área de concentração: Cultura, Filosofia e
História da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Julio Groppa Aquino

São Paulo
2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a)
Bibliotecária da FE/USP: Nicolly Soares Leite - CRB-8/8204

Ac

Aracy Affonso Veronese, Lilian

Contardo Calligaris às quintas-feiras: uma análise da difusão das ideias psicanalíticas na cultura / Lilian Aracy Affonso Veronese; orientador Julio Groppa Aquino. -- São Paulo, 2024. 211 p.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação Cultura, Filosofia e História da Educação) -- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2024.

1. Psicanálise e educação. 2. Psicologização da cultura. 3. Arquivo. 4. Michel Foucault. I. Groppa Aquino, Julio, orient. II. Título.

Nome: VERONESE, Lilian Aracy Affonso Veronese.

Título: Contardo Calligaris às quintas-feiras: uma análise da difusão das ideias psicanalíticas na cultura.

Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

O processo vivido ao longo desta pesquisa mudou, de maneira absoluta, o rumo da minha vida. Foi um acontecimento composto de encontros de força, amizade, amor e trabalho. Uma intensidade que, incalculável de início, tornou-se inacreditável ao fim.

Pelos encontros produzidos no cotidiano da sala de aula, agradeço aos meus alunos e alunas na Universidade Nove de Julho, durante o tempo em que lá estive. Agradeço especialmente àqueles que participaram do grupo de leitura de Michel Foucault aos domingos de manhã, durante a pandemia, na nossa *missa foucaultiana*: Sabrina, Camila, Raphael, Celso e Vitória. À Fernanda, ao Luiz Gustavo e ao Fredi, agradeço por apostarem na possibilidade de um diálogo para além da sala de aula. Ao Ton e à Jéssica, pela imprescindível ajuda no trabalho de organização e coleta das fontes da pesquisa.

Agradeço a presença amorosa e acolhedora de toda a minha família. Sou grata, especialmente, às professoras que carrego na sala de aula todos os dias: minha avó Anette, suas irmãs Cida e Célia, minhas tias Jussara, Hyramaia e Irany. Agradeço a deliciosa presença de Lorena, Clarice, Porfírio e Kika. Aos meus pais, Aracy e Flávio, sou grata por me ensinarem a contemplar o pôr do sol que vem. À minha mãe, ainda, agradeço a ajuda na reunião do arquivo da pesquisa.

À professora Heliana de Barros Conde Rodrigues, agradeço a força e a presença no meu processo de pesquisa e de pensamento crítico, desde muito tempo atrás. Às professoras Maria Cristina Vicentin, Cintya Ribeiro, Kelly Sabino e Adriana Marcondes Machado, agradeço por terem se disposto a dialogar e contribuir com esta tese.

Agradeço aos amigos e amigas do grupo de pesquisa que me acompanharam ao longo desta trajetória: Tarcísio, Flavio, Mônica, Flávia, Fernanda, Marcus Vinícius e Silas. Ao Guilherme, à Débora e ao Darian, agradeço a escuta e a amizade. À amiga Gisela, as contribuições e a leitura imediata. À Elisa, a paciência e a grande parceria de trabalho na revisão do texto.

Agradeço aos amigos e amigas que me acompanham de perto e de longe, por anos e por dias, sobretudo à Ju e à Jana Venezian, à Pri, à Ju Vidigal e à Fernanda Maria.

Agradeço a confiança do orientador e amigo Prof. Julio Groppa Aquino, que, além de ter me conduzido neste processo, conversou comigo por gestos, convocando-me inteira. A experiência de orientação me deu chão firme.

Por fim e especialmente, agradeço à Liliane Bordignon de Souza, que me põe diante da força mais gentil desta vida.

*E perdido seja o dia em que não dançamos uma vez sequer!
E consideremos falsa toda verdade em que não houve ao menos uma risada!*

F. Nietzsche

RESUMO

VERONESE, Lilian Aracy Affonso Veronese. **Contardo Calligaris às quintas-feiras: uma análise da difusão das ideias psicanalíticas na cultura.** 2024. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

Com base no pressuposto de que a propagação do discurso *psi* consiste em uma intensa força de subjetivação e veridicção no tempo presente, este estudo focalizou a circulação da discursividade psicanalítica na cultura brasileira. Partiu-se da hipótese geral de que a disseminação das ideias psicanalíticas em territórios que ultrapassam sua jurisdição teórico-prática movimenta um jogo discursivo mobilizador de sentidos que incitam determinados modos de governo da conduta dos sujeitos em relação a si e ao mundo. Do ponto de vista empírico, foram eleitas as colunas redigidas por Contardo Calligaris e publicadas semanalmente no caderno *Ilustrada* do jornal *Folha de S.Paulo*, por 23 anos consecutivos: de 1999 até sua morte, em 2021. A escolha dessa fonte deu-se tanto pela extensão temporal quanto pela profusão argumentativa que ela comporta. Sob o norte procedimental da pesquisa foucaultiana, o material empírico foi remontado ao modo de um arquivo próprio, em duas etapas: a construção de um mapa apreciativo do material e um reordenamento da massa discursiva em vetores analíticos. A análise destacou três elementos componentes da materialidade discursiva sob exame: a propagação de uma hermenêutica sustentada por ideias forjadas no interior do campo teórico psicanalítico; o arranjo de uma matriz veridictiva que constitui um conjunto de objetos/problemas relativos à subjetividade; a performance de um sujeito que age mirando o horizonte de si mesmo, produzindo sua própria interioridade. Argumentou-se, assim, que a propagação cultural da discursividade psicanalítica se dá consoante a um gesto de teor pedagógico, calcado em uma estratégia explicativa das coisas, do mundo e da vida. Assim, considera-se que o *éthos* produzido pela circulação da discursividade psicanalítica, para além de seu domínio teórico-prático imediato, resulta em um jogo de forças que arregimenta uma visão endógena de mundo, já que fadada a apreendê-lo por meio de uma racionalidade intrinsecamente psicologizada. Por fim, advoga-se que a circulação de ideias psicanalíticas no âmbito cultural arregimenta uma maquinaria discursiva própria, a qual participa ativamente na construção de um sujeito enredado em uma espécie de interioridade tão secreta quanto infinita.

Palavras-chave: Psicanálise e educação. Psicologização da cultura. Arquivo. Michel Foucault.

ABSTRACT

VERONESE, Lilian Aracy Affonso Veronese. **Contardo Calligaris on Thursdays: an analysis of the dissemination of psychoanalytic ideas in culture.** 2024. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

Based on that the propagation of *psi discourse* consists on an intense force of subjectivation and veridiction in present time, this study focused on the mobility of the psychoanalytic discursivity in Brazilian culture. The general hypothesis about the dissemination of psychoanalytic ideas in territories that go beyond their theoretical-practical jurisdiction moves to a discursive game that mobilizes meanings and truths that provoke certain ways on individuals' behaviour in relation to themselves and to the world. From an empirical point of view, where chosen the guest columns written by Contardo Calligaris and weekly published in *Ilustrada*, a section of the newspaper *Folha de S.Paulo* for 23 consecutive years: from 1999 until his death in 2021. This option was made due to the temporal extension and also to the argumentative profusion that it entails. Under the procedural direction of Foucault's research, the empirical material was reassembled as one archive, in two stages: the construction of an appreciative map/chart of the material and a reordering of the discursive body into analytical vectors. The analysis highlighted three component elements of the discursive materiality under study: the propagation of a hermeneutic supported by ideas forged within the psychoanalytic theoretical field; the arrangement of a truthfulness/authenticity matrix that constitutes a set of objects/problems related to subjectivity; the performance of an individual who acts looking towards itself horizon, creating his own interiority. Thus, it was argued that the cultural propagation of psychoanalytic discursivity occurs due to a gesture of pedagogical content, based on an explanatory strategy of things, world and life. Based on the studied *corpus*, it is considered that the *ethos* produced by the circulation of psychoanalytic discourse, beyond its immediate theoretical-practical domain, results in a game of forces that regiments an endogenous view of the world, since it is doomed to apprehend it through an intrinsically psychologized rationality. Finally, it is argued that, in the cultural sphere, the circulation of psychoanalytic ideas enroll a discursive machinery of its own, which actively participates in the construction of an individual entangled in a kind of interiority as secret as it is infinite.

Keywords: Psychoanalysis and education. Psychologization of culture. Archive. Michel Foucault.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
1. A DISCURSIVIDADE PSICANALÍTICA: O PROBLEMA DE PESQUISA	19
1.1. A psicanálise em debate.....	25
1.1.1. A psicanálise na perspectiva institucional.....	25
1.1.2. A psicanálise na perspectiva da produção.....	29
1.2. Psicanálise e Foucault.....	34
1.2.1. A psicanálise e a mirada foucaultiana	41
2. A CIRCULAÇÃO DAS IDEIAS PSICANALÍTICAS NO BRASIL.....	49
2.1. Gastão Pereira da Silva.....	61
2.2. Virgínia Leone Bicudo	66
2.3. Contardo Calligaris.....	70
3. A PESQUISA ARQUIVÍSTICA E A BASE PROCEDIMENTAL	77
3.1. As ideias e as práticas, as arbitrariedades e as concordâncias: o arquivo.....	77
3.2. O arquivo, o procedimento, a montagem.....	86
4. DA SISTEMATIZAÇÃO DAS FONTES AO ARQUIVO CALLIGARIS.....	93
4.1. O sobrevoo: uma apreciação temática das colunas de Calligaris	94
4.2. Do arquivamento ao arquivo: desafios da montagem.....	109
4.2.1. A traquitana de sete vetores	113
4.2.2. O arquivo Calligaris	116
5. AS REGRAS DO DISCURSO E O ÉTHOS PSICANALÍTICO	137
5.1. O jogo veridictivo: a verdade, o presente e a subjetividade	139
5.1.1. A demarcação de uma lógica: o locus psicanalítico.....	139
5.1.2. Uma paixão pedagógica, uma vontade de explicar: o presente e a subjetividade... 143	
5.1.3. Gostaria que eles encontrassem sua razão de viver: o sujeito.....	149
5.2. O éthos psicanalítico.....	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS	156
FONTES	163
REFERÊNCIAS	171
ANEXO	183

APRESENTAÇÃO

A primeira vez que, como professora, entrei em uma sala de aula do Ensino Superior foi no início de 2016. Acompanhando uma amiga que iria sair de licença para um tratamento de saúde, fui apresentada a uma turma de Pedagogia como docente substituta da disciplina *Psicologia da Educação*, em uma faculdade privada da cidade de São Paulo. Diante de um imprevisto ocorrido durante aquela aula, minha amiga saiu da sala, após me entregar um manual de psicologia e educação nas mãos e pedir que eu o seguisse. O tema da aula era Piaget.

A elaboração de manuais como forma de difundir um compilado de ideias resulta de práticas que emergiram no século XVII. Naquele contexto, vale destacar o livro *A escola da infância*, escrito por Comenius em 1630. Proveniente da experiência de ensino na comunidade religiosa protestante, a obra fazia parte de um conjunto de propostas para a reconstrução da Morávia e destinava-se “[...] não somente às mães, mas também aos pais, professores e todos aqueles incumbidos de cuidar das crianças [...]” (Kulesza, 2021, p. 57). Desde então, constituídos como instrumentos didáticos e lastreados historicamente pela ideia de *ensinar tudo a todos*, os manuais caracterizam-se por sintetizar e apresentar conhecimentos que são originalmente produzidos por outras fontes (Lancilotti, 2013).

No artigo *Manual infame... mas útil, para escrever uma boa proposta de tese ou dissertação*, da professora Sandra Mara Corazza (2016, p. 95), a palavra *manual* é reputada como suficiente para explicitar seu significado, sem margem para dúvidas: “Todo mundo sabe o que é um manual. Quando abre um, sabe o conteúdo que vai encontrar, pois ele é sempre de... ou para... [...]. Um manual não precisa nem mesmo deve ser definido, explicado [...]”. Em outra ocasião, agora nos termos da dupla Aquino e Corazza (2011, p. 94), o termo ganha um sentido ainda mais prático e esclarecedor: “compêndio leve, maneiro, portátil”.

Considerando o ponto de encontro entre as áreas da psicologia e da educação, os manuais podem ser tomados como importantes condutores que emitem e disseminam um conjunto de ideias e sentidos produzidos no interior da ciência psicológica. Utilizados em larga escala na formação de professores¹, eles são indicadores históricos de processos, movimentos e práticas que determinaram as nuances da fronteira entre a educação e a psicologia (Lima, 2019). Com a função de operar uma espécie de transmissão de saberes

¹ Na redação desta tese foi utilizada a forma simplificada de referência genérica a um gênero só (*professores*), presumindo a abrangência implícita de outros gêneros.

de uma área à outra, os manuais de psicologia e educação equivalem a um modo de disseminação de um conjunto de conhecimentos e técnicas psicológicas, oferecendo um tipo de compreensão sobretudo àqueles que atuam no campo educacional. Trata-se, nesse sentido, de compilados que formalizam, veiculam e disseminam o discurso psicológico.

A Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), além de ser um lugar de convergência de diferentes áreas do conhecimento², abriga um dos maiores acervos do campo educacional do Brasil, contendo mais de 250 mil produções. O material que se refere à psicologia – educacional e da educação – está ali classificado³ sob o número 37.046 e totaliza 2.325 obras. O exemplar mais antigo é uma publicação de 1886 intitulada *Primeiras lições de coisas: manual de ensino elementar para uso dos pais e professores*, escrita pelo norte-americano Norman Allison Calkins (1822-1895). Vale destacar que a soma de itens datados após 1980 equivale a 1.599, mais que o dobro de trabalhos publicados nos 94 anos anteriores, o que revela a intensa produção desse campo de conhecimento nos últimos 40 anos.

Perspectivados em sequência, tais livros, além de mostrarem a diversidade temática que constitui a fronteira entre os campos psicológico e educacional, promovem um embaralhamento das formas determinadas no interior da psicologia. Entremeados aos itens dedicados a temáticas específicas de determinado nicho da psicologia ou da educação – como a psicopedagogia e a aprendizagem motora (Magill, 1998) – estão os manuais de psicologia e educação.

Seus títulos variam quanto à utilização dos termos *psicologia educacional*, *psicologia da educação* e *psicologia na educação*, ou, ainda, de outras combinações dos pares *psicologia-educação* e *psicologia-aprendizagem* (Piletti; Rossato, 2012; Eddine, 2013). Grande parte dos materiais explicita suas intenções norteadoras, redundando com frequência nas contribuições das teorias psicológicas para o trabalho de professores e a aplicação da psicologia no território educacional. Alguns desses manuais versam sobre necessidade de compreender os conceitos de *aprendizagem* e *desenvolvimento* considerando o contexto social e político, bem como mobilizando as raízes epistemológicas da psicologia (Goulart, 1995; Cunha, 2000; Maciel, 2001).

² A Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) oferece diferentes cursos de licenciatura a quem se interessa pela prática docente.

³ Esses dados foram fornecidos gentilmente pela equipe da Biblioteca durante a pandemia de COVID-19, em 2021.

Entre diversas abordagens, há as que consideram as contribuições da psicologia para o campo educacional pressupondo a impossibilidade de educar sem que sejam consideradas as “[...] condutas psicológicas do indivíduo em seu todo [...]” (Foulin; Mouchon, 2000, p. 5). A psicologia da educação, segundo as noções que ali circulam, equivaleria à convergência de diversos elementos imprescindíveis para a prática educativa, tais como o desenvolvimento humano, a cognição e a personalidade.

A ciência psicológica é defendida como uma espécie de alternativa para romper os fazeres cristalizados da prática dos educadores, possibilitando, por exemplo, a “[...] reinterpretação do significado do erro no processo de construção do conhecimento” (São Paulo, 1990, p. 8). Fundamentando uma função imprescindível para os processos pedagógicos, o discurso que circula nos manuais de psicologia e educação, de maneira geral, apresenta um conjunto de conhecimentos por meio dos quais se encontrariam “[...] soluções eficazes para o desenvolvimento do aprendiz” (Coelho, 2014, p. 13).

Os enunciados contidos nos manuais afirmam, hegemonicamente, que aprender as perspectivas teóricas e as categorias conceituais da ciência psicológica contribui, de forma inegável, para a educação dos sujeitos. Em alguns textos, a adesão e a permeabilidade dos professores à ciência psicológica são tomadas como a medida de seu engajamento. Nesse sentido, quanto maior a anuência a tais ideias, maior o compromisso com o desenvolvimento e a aprendizagem (São Paulo, 1990; Woolfolk, 2000).

Nessa massa discursiva, os enunciados que veiculam sentidos sobre o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos são numerosos. Ambos os termos são recorrentemente descritos a partir das postulações de Jean Piaget (Cória-Sabini, 1986; Goulart, 1995; Cunha, 2000; Placco, 2000; La Rosa, 2007; Santrock, 2009; Piletti; Rossato, 2012; Eddine, 2013) e de Lev Semyonovitch Vygotsky (Placco, 2000; Francisco Filho, 2002; La Rosa, 2007; Santrock, 2009). Ainda é possível encontrar autores que lançam mão das teorias comportamental e humanista no inventário do universo conceitual da psicologia, representadas por Burrhus Frederic Skinner e Carl Rogers, respectivamente.

Nesse contexto, Piaget é o autor que parece ser mais esquadrinhado. A mobilização de suas ideias envolve aspectos relativos à linguagem, à inteligência, à representação, à autonomia e aos estágios do desenvolvimento (Cória-Sabini, 1986; Cunha, 2000; Francisco Filho, 2002). As ideias de Vygotsky também aparecem como importantes postulações da psicologia educacional. As articulações evocadas a partir de suas teorizações são relativas ao desenvolvimento humano: origens sociais das funções

psicológicas, o papel da linguagem e a zona de desenvolvimento proximal (La Rosa, 2007; Coll, 1997).

Somando-se a essas ideias, o conjunto conceitual psicanalítico é incluído no rol das teorias psicológicas, também no sentido de afirmar sua contribuição para a prática dos professores (Goulart, 1995; Francisco Filho, 2002; Cunha, 2000). O apanhado de conceitos que fazem circular as ideias freudianas no campo da educação nos manuais abrange, por exemplo, a evocação dos mecanismos de defesa, do desenvolvimento da personalidade e da sexualidade (Cória-Sabini, 1986; Placco, 2000; Francisco Filho, 2002; La Rosa, 2007).

Forjadas fora da ordem conceitual da psicanálise, as argumentações que mobilizam as ideias psicanalíticas evidenciam, simultaneamente, a apropriação dessas ideias pelo/no campo da psicologia e da educação, bem como a força propagadora do discurso psicanalítico, ou seja, seu alcance de difusão e impregnação em tal campo conjugado. O discurso que circula nos manuais perspectiva tanto a psicologia quanto a psicanálise, dando a ver seu movimento de exterioridade. Trata-se, portanto, de uma circulação constituída por movimentos que se caracterizam pela disseminação e pela divulgação das ideias psicanalíticas como parte integrante das ideias psicológicas.

Se, por um lado, a organização da Biblioteca permite avistar uma constelação abundante de componentes do campo da pesquisa e da publicação científica da área da psicologia no território educacional, por outro, tal constelação – forjada por outros critérios que não os da psicologia *stricto sensu* – aproxima-se concretamente de obras que apresentam conceitos e concepções absolutamente distintos. Trata-se de um discurso unísono nucleado pelos aspectos psicológicos, operando uma espécie de homogeneização das teorias. Assim, ideias muitas vezes inconciliáveis no âmbito teórico avizinham-se, situando-se lado a lado. A despeito das distinções teórico-conceituais, a constelação que ali se vê não se constitui emoldurada pelo debate científico conceitual; muito ao contrário, sua forma é desenhada por uma mão dupla. A relação entre suas partes é, justamente, o que possibilita um jogo de circulação que gradativamente instaura e legitima uma forma de dizer sobre os embates de forças no tempo presente.

A forma apresentada pela Biblioteca e as ideias psicológicas presentes nas obras de psicologia e educação, embora produzam um curto-circuito na organização estabelecida sob a batuta científica, cumprem a função de propagar e difundir certos ditames psicológicos. Ou seja, evidenciam gradações relativas ao uso da educação pela

psicologia e vice-versa. Trata-se, em suma, de um jogo de territorialização e desterritorialização de saberes, de práticas e de modos de dizer.

A conjugação de enunciados dos manuais de psicologia e educação, além de evidenciar a força de circulação do discurso psicológico, transplanta as ideias psicanalíticas para fora de sua jurisdição primeira, conceitual e técnica, tornando-as partícipes da composição de uma maquinaria discursiva que funciona no campo educacional, bem como fazendo circular enunciados cujo cerne é a afirmação do sujeito psicológico. Assim, a despeito de qualquer determinação conceitual previamente estabelecida, a teoria está lá em circulação, de modo incontestável.

No bojo dessa reflexão, extrapolando o jogo que ocorre no interior do campo da psicologia *stricto sensu*, a circulação do discurso psicológico na educação possibilita acessar um tipo específico de ação que decorre de sua força produtiva: uma força dupla que incorpora os elementos de um campo e devolve-lhe uma forma de interpretar como se dão as relações entre professor e aluno a partir dos conceitos de aprendizagem, personalidade, inteligência, desenvolvimento etc. Tal movimento, que parte de um espectro da apreensão de instâncias subjetivas, dissemina sentidos sobre os sujeitos, produzindo uma racionalidade própria, uma racionalidade psicológica. Nos termos de Julio Groppa Aquino (2014), tratar-se-ia da produção irrefreada de um *sujeito psicopedagógico*.

Considerar que os enunciados desse conjunto discursivo são indicadores históricos que mostram uma relação de forças convoca, sob o ponto de vista discursivo, a necessidade de refletir sobre sua circulação, isto é, sua ação difusora. Se os manuais são importantes instrumentos utilizados para a formação de professores, poder-se-ia pensar que, nessa área fronteiriça, o que se pode neles vislumbrar são movimentos que resultam em posições alternadas: a psicologia é ensinada aos futuros professores, os quais, por sua vez, passam a ser alunos.

Dessa maneira, no caso específico da presença de ideias psicanalíticas, mesmo não se tratando de um discurso formulado sob a chancela de especialistas, tais enunciados são uma forma de adequação exterior. São produções que se efetivam a despeito das prescrições teóricas dos psicanalistas e que, não obstante, oferecem indícios de uma discursividade que, ao fim, consolida-se como mais um componente do discurso psicológico que se move no campo educacional.

Perspectivada como oferta de um arsenal discursivo suplementar à educação, a psicanálise é tida como um conjunto teórico que “[...] abre um caminho diferente e

frutífero para os professores, o caminho da vivência humanizadora, da compreensão do outro, da busca de boas relações do indivíduo consigo mesmo e com os que o cercam” (Cunha, 2000, p. 18). Nesse sentido, seria possível admitir que, a partir da oferta discursiva aos profissionais da educação, teríamos um panorama completo da marcha psicológica dos alunos: com Piaget seria possível acompanhar seu desenvolvimento cognitivo, com vistas à inteligência; com Vygotsky, as funções psicológicas e aspectos das relações interpessoais; e, com Freud, o esclarecimento de comportamentos e reações impossíveis de prever, por dizerem respeito especificamente à personalidade do alunado ou, mais especificamente, ao reino do inconsciente.

Essa série de circulação do discurso, que se afirma em torno das ideias psicanalíticas, é por si própria a expressão de um jogo que se estabelece, também, em termos da difusão da psicanálise no território da educação. Assim, mesmo que talvez a contragosto de psicanalistas mais afeitos a determinadas interdições teóricas⁴, claro está que há um jogo de mão dupla: de um lado, o uso de ideias psicanalíticas pelo campo da psicologia educacional; de outro, o discurso psicanalítico como componente que se endereça aos campos psicológico e educacional.

Admitindo, portanto, a presença desses discursos no âmbito educacional como um laboratório no qual se inserem ditames de cunho psicológico no jogo do presente, a pesquisa que aqui se apresenta parte de tal funcionamento como uma hipótese que baliza também as formas de propagação de ideias psicanalíticas em um território ainda mais amplo: a cultura.

Assim, a presente pesquisa se dedicou a investigar os modos como as ideias psicanalíticas arregimentam sua presença na formação da cultura brasileira, por meio de sua circulação em um jornal de grande visibilidade. Esta tese é, em suma, um convite a uma espécie de estranhamento da aderência contemporânea às considerações psicanalíticas sobre nós mesmos.

Ressalta-se que tais reflexões e o problema apresentado inserem-se no trabalho mais amplo de um grupo de pesquisa dedicado a estudar os diferentes modos de efetuação do (auto)governo da vida na atualidade. Coordenado pelo professor Julio Groppa Aquino, o referido grupo de pesquisa tem como mote a investigação do viés

⁴ Muitas discussões que compõem o campo da intersecção entre psicanálise e educação são sustentadas na argumentação freudiana sobre a impossibilidade de educar. Sobre isso, ver: Kupfer (1989, 2010); Voltolini (2002, 2011, 2013); Pereira (2012, 2013).

pedagógico/pedagogizante presente em práticas atuais diversas, para muito além do espaço escolar educacional.

Com a intenção de tensionar a indefectível presença do discurso psicanalítico no presente, na cultura e na vida contemporâneas, esta pesquisa se desenvolve em torno da difusão de tal discursividade em um importante jornal do País e de sua relação com a educação dos sujeitos. A organização do texto busca, fundamentalmente, apresentar uma montagem dos elementos constitutivos da articulação entre psicanálise e educação sob o mote da circulação das ideias psicanalíticas na cultura.

A argumentação construída orienta-se em torno de uma reflexão sobre a impossibilidade de desenredar a discursividade psicanalítica – que circula a céu aberto – de um desígnio educacional/pedagógico. Ou seja, trata-se de evidenciar uma relação irreduzível entre psicanálise e educação, do ponto de vista de sua movimentação no âmbito cultural.

Para tanto, a pesquisa apresenta uma espécie de panorama da difusão cultural do pensamento psicanalítico, tomando como fonte empírica as colunas publicadas por Contardo Calligaris (1948-2021) no caderno *Ilustrada* do jornal *Folha de S.Paulo*, entre 1999 e 2023.

A escolha por abordar essa parte da produção de Calligaris se sustenta na consideração de sua trajetória pública, sendo sua atuação como articulista um nicho específico que equivale a um importante materializador de seu pensamento. Ao todo, foram 1.102 textos produzidos e publicados semanalmente, durante 23 anos⁵. Vale mencionar que, além desse trabalho, Calligaris participou de programas de televisão, foi roteirista de uma série televisionada no Brasil e no exterior, publicou livros sobre diversos temas e gêneros – teóricos e ficcionais – e foi, sobretudo, um pensador identificado como alguém que se propôs a tematizar diferentes aspectos da cultura brasileira. Ele se constituiu, enfim, como um profissional de grande reconhecimento entre psicanalistas e psicólogos.

Assim, este estudo se define pelo esforço de levar a cabo uma reflexão sobre a circulação da discursividade psicanalítica, focalizando sua ação e sua presença na cultura brasileira, por meio de atuação específica de um de seus maiores expoentes. O processo

⁵ Uma tabela discriminando data e título das colunas (e suas respectivas formas de identificação ao longo da tese) encontra-se no Anexo desta tese. Na tabela constam 1.103 itens, incluindo as 1.102 colunas escritas por Calligaris e, também, a coluna em sua homenagem, publicada logo após seu falecimento, em abril de 2021.

de estruturação da pesquisa se materializou em três âmbitos: o temático, o teórico-metodológico e o empírico.

O primeiro deles refere-se à construção do tema geral da pesquisa, culminando na delimitação do objeto investigado. O segundo, de caráter teórico-metodológico, é proveniente da perspectivação do tema a partir de um horizonte argumentativo, equivalendo à construção do problema de pesquisa por meio de uma formulação que interroga o próprio objeto. O terceiro, por fim, refere-se à mobilização de uma fonte empírica cuja função é oferecer um observatório de práticas, configurando, em termos procedimentais, o arquivo da pesquisa.

Quanto à distribuição dos capítulos, o primeiro deles apresenta uma conjunção entre os âmbitos temático e teórico. Inicialmente, abordamos a temática da pesquisa por meio de discussões que apresentam a psicanálise como objeto de análise e crítica. O objetivo é evidenciar o modo como esta pesquisa se relaciona, de modo lateral, com a teoria psicanalítica. Para tanto, o principal argumento apresentado se formula em torno de embates cujo cerne se constitui pela análise crítica de efeitos produzidos pelo pensamento psicanalítico. São abordadas, nesse momento, três frentes argumentativas: as críticas político-institucionais levadas a cabo pelo movimento institucionalista e, mais recentemente, pelo filósofo Paulo Preciado (2022); as considerações de Robert Castel (1978) na obra *O psicanalismo*; e as reflexões de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010) no livro *O anti-Édipo*.

Com vistas a esclarecer as bases teóricas da investigação, a segunda parte do primeiro capítulo apresenta autores que se dedicam a pensar sobre a intersecção entre a teoria psicanalítica e a obra de Michel Foucault. Sustentando a base do problema, enveredamos então por uma argumentação a partir das noções foucaultianas de crítica e pensamento. Dessa maneira, delinea-se o problema de pesquisa relativamente aos modos como a circulação de ideias psicanalíticas na cultura opera sua força de propagação em territórios externos à sua jurisdição teórico-prática.

O segundo capítulo apresenta os embates que constituem uma história da circulação das ideias psicanalíticas no Brasil. Parte-se dos primeiros agentes de difusão de tais ideias no campo da medicina e dos processos de institucionalização da teoria no País, a reboque da instauração de escolas de formação. A argumentação ressalta os acontecimentos referentes à divulgação de ideias psicanalíticas nos meios de comunicação, a partir de sua aparição inicial em programas de rádio e em reportagens em revistas e jornais de circulação nacional: com Gastão Pereira da Silva, mais adiante na

Folha de S.Paulo; com Virgínia Leone Bicudo; e com as colunas semanais contando – até pouco tempo atrás – com Contardo Calligaris. Tal capítulo, em suma, objetiva demonstrar uma presença histórica da psicanálise na formação da cultura brasileira.

Diante da montagem do campo geral e do problema de pesquisa, partimos para a intersecção entre os eixos metodológico e empírico. Assim, o terceiro capítulo é composto por uma argumentação que se divide em duas partes. A primeira desenvolve-se em torno da noção de arquivo presente na pesquisa foucaultiana e afirma as bases metodológicas que sustentam esta tese; a segunda refere-se ao trabalho inicial com a fonte eleita, evidenciando os passos percorridos para recolher e tratar cada uma das colunas. Nessa etapa, declaram-se as escolhas e os processos que constituíram a reunião das fontes empíricas e o procedimento de sua constituição: o arquivamento.

Baseando-se no pressuposto de que a pesquisa arquivística permite o avistamento de práticas que conformam os sujeitos de determinado tempo histórico, o início do quarto capítulo apresenta um panorama temático do material empírico ao longo de 23 anos de publicação. Visando à exposição dos temas tratados, destacam-se os elementos recorrentes nas colunas em intervalos de cinco em cinco anos. Ainda nesse capítulo, apresentamos os critérios de montagem do arquivo e sua composição final, que denominamos *arquivo Calligaris*.

Em seguida, o quinto capítulo analisa a movência da discursividade psicanalítica no referido *arquivo Calligaris*. Apresentamos, então, uma reflexão sobre sua força produtora de enunciados que, oriundos de um *locus* hermenêutico, instrumentalizam e instauram determinados objetos/problemas no presente, segundo a produção de uma relação inquebrantável entre verdade e subjetividade.

Considera-se que as ideias circulantes no arquivo indicam um movimento concêntrico que produz um problema em torno do qual o próprio discurso se constitui, arregimentando sua força de pertinência e de verdade. Entende-se, portanto, que o jogo constituído pela circulação de ideias psicanalíticas produz, em um mesmo golpe, aquilo que o discurso se propõe a responder. Trata-se, portanto, de um jogo que forja e consolida, ininterruptamente, sua própria existência, sua força produtiva.

Defende-se que o movimento discursivo performado no *arquivo Calligaris*, além de se constituir sob uma matriz veridictiva psicológica, remete a um modo de vida em que o sujeito é ensinado a relacionar-se consigo, por meio de um gesto de incessante volta a si mesmo, produzindo sua própria interioridade. Dessa maneira, o estudo demonstra o estabelecimento de um *éthos* psicanalítico formado pela conjunção entre sentidos que

conduzem um modo de vida para o sujeito no mundo, ou seja, um *éthos* que, por meio de um gesto de natureza pedagógica, organiza e ensina supostas verdades.

A empreitada aqui descrita culmina na reflexão crítica sobre o enigma que envolve o presente, a vida e, no limite, aquilo mesmo que somos.

1. A DISCURSIVIDADE PSICANALÍTICA: O PROBLEMA DE PESQUISA

Em oito de março de 2016, no caderno *Ilustrada*, do jornal *Folha de S.Paulo*, foi publicada uma entrevista original de Betty Milan⁶ com a historiadora e psicanalista Elisabeth Roudinesco. A entrevista, também veiculada em um periódico científico no mesmo ano, é aberta com uma pergunta acerca das razões pelas quais a francesa decidiu escrever uma biografia de Freud. Roudinesco respondeu:

A biografia se impôs, eu havia feito tudo na psicanálise. Escrevi a história da Psicanálise na França, a biografia de Lacan... Depois, com o *Dicionário da psicanálise* abordei quase todos os países. Faz mais de vinte anos que eu ensino História da Psicanálise. Havia uma espécie de lógica que se impunha [...]. Arquivos novos foram abertos agora em Washington e eu achava que era necessária uma abordagem de Freud diferente daquela que os historiadores americanos fizeram. Queria fazer uma abordagem austro-húngara, *Mitteleuropa*, um Freud goetheano, um Freud dividido entre o obscuro e a luz. Queria invalidar vários rumores e levar em conta a correspondência, que atualmente está publicada e tudo o que agora sabemos sobre Freud. Evidentemente a recrudescência dos rumores, a recrudescência da ignorância, mesmo no meio psicanalítico, me levou a pensar que mais ninguém sabia quem foi Freud. (Milan, 2016, p. 388).

A psicanalista conta para a entrevistadora que permaneceu em Washington durante uma semana para acessar os arquivos, em busca de materiais que ajudassem “[...] a implantar esta nova maneira de ver Freud nos Estados Unidos” (Milan, 2016, p. 388). Em seu depoimento, alguns pontos chamam a atenção. O primeiro refere-se à posição de Roudinesco em relação ao que poderia ser definido como um mapeamento da situação atual da psicanálise; o segundo ponto diz respeito ao âmbito de possibilidades práticas do campo psicanalítico; o terceiro, conectado ao anterior, afirma a condição de legitimidade da autora em propor e promover mudanças na reputação do pai da psicanálise, além de estimulá-la em determinada direção.

A partir desse ponto de vista, parece evidente que o diagnóstico do campo ao qual Roudinesco se refere careceria de produções que oferecessem um tipo de retorno à figura de Freud, fosse para dar mais fidedignidade às suas ideias teóricas, fosse para esclarecê-las a partir de sua trajetória mais pessoal, digamos. A menção ao percurso que Roudinesco pôde trilhar no campo psicanalítico remete, em nosso entendimento, à aderência e à profusão, ou seja, àquilo que realizou na psicanálise como psicanalista, mas também ao

⁶ Médica, escritora e psicanalista brasileira.

alcance de suas ações no que tange à transmissão da teoria. Tais feitos na e para a psicanálise parecem outorgar-lhe a tarefa de escrever uma nova biografia. Seu depoimento, por sua vez, esclarece que a tarefa a ser realizada também é resultante de uma posição de legitimidade, tanto fora quanto dentro do campo psicanalítico. Roudinesco seria, assim, uma autoridade no assunto.

No decorrer da entrevista é possível notar o empenho da historiadora em argumentar em favor da influência de Freud na construção do pensamento ocidental. Ela salienta, então, o modo de conceber as relações psíquicas como disputas paradoxais, a remissão freudiana aos clássicos, a compreensão de que cada sujeito protagoniza sua vida como herói de uma história trágica, a significação e os sentidos atribuídos aos sonhos, as práticas que humanizavam as pessoas internadas nos sanatórios etc. Enfim, uma série de elementos que, ao serem resgatados, reatualizariam a presença de Freud no presente.

Já em um livro básico de história da psicologia, intitulado *História da psicologia moderna*, de Duane Schultz e Sydney Schultz (2019), um dos pontos destacados é referente aos vetores que promovem acesso às informações relativas à vida de autores e de suas ideias. A dupla apresenta por dois caminhos diferentes a importância de aprender e refletir sobre a história da ciência psicológica no processo de formação da profissão, e Freud é citado em um viés curioso. O argumento que sustenta a relevância de estudar e saber sobre a história e os processos que a constroem se desdobra a partir do que os autores denominam a *História perdida e encontrada* e a *História alterada e oculta*.

No caso da primeira, os exemplos oferecidos referem-se a materiais como as cartas pessoais e os cadernos de Charles Darwin, que foram disponibilizados depois da década de 1990, além das cartas de René Descartes, que foram roubadas por um matemático italiano, em 1941 (Schultz; Schultz, 2019). Para os autores, a história que se perde é sinônimo de algo que permanece incompleto, justamente por ter sofrido, em seu processo de construção, ações que provocaram uma espécie de hiato entre um evento e outro. Ao abordarem o que chamam de alteração e ocultação da história, eles inserem o pai da psicanálise como mote da argumentação.

De acordo com o argumento apresentado pela dupla, as diferentes formas de interferência nas informações acerca da vida de Freud revelariam a finalidade de proteger sua reputação. Dizem eles que há uma deliberação naquilo que é ou não divulgado, afirmação que sustentam discorrendo sobre as tantas informações não disponíveis para o público sobre a vida de Freud, mesmo atualmente. Em suas palavras:

Oferecemos mais um exemplo de fragmentos de informações omitidos. O pai da psicanálise, Sigmund Freud, morreu em 1939, e, passados 70 anos de sua morte, vários de seus documentos e cartas foram publicados ou divulgados aos pesquisadores. Em 2011, o primeiro volume das 1.500 cartas de Freud à mulher com quem iria se casar foi finalmente publicado [...]. Uma grande quantidade de documentos, 153 caixas com papéis de Freud, é mantida pela Biblioteca do Congresso, em Washington, e alguns desses documentos permanecem indisponíveis durante muitos anos a pedido dos herdeiros de Freud. O motivo formal para essa restrição era proteger a privacidade dos pacientes de Freud e suas famílias e, talvez, a reputação do próprio Freud e de seus familiares. Uma carta para Freud de seu filho mais velho está selada até o ano de 2032. Correspondências com seu sobrinho não serão liberadas até 2050. (Schultz; Schultz, 2019, p. 8).

Os impedimentos à divulgação de documentos, como aqueles referentes ao caso de Freud, significariam que “[...] nosso conhecimento a respeito de uma das figuras centrais da psicologia permanecerá incompleto e, talvez, impreciso” (Schultz; Schultz, 2019, p. 8). Seguindo a condução proposta, não seria absurdo admitir que, mesmo sem nem sequer saber sobre os elementos abordados em tais documentos, algo é impedido de ser revelado. E, sendo assim, a reputação do psicanalista padeceria de certa nebulosidade, digamos.

Os autores frisam que há um motivo formal para tanto, deixando subsumida a possível existência de um motivo informal. No texto, é bem verdade, outros dois casos parecidos são citados para arrematar o argumento da história alterada e oculta. Nenhum deles, entretanto, tem destaque equivalente ao dado ao caso de Freud.

A entrevista de Roudinesco não esconde as intenções anunciadas. Ao contrário, elas estão claras. Já o texto do livro anuncia suas intenções de modo mais sorrateiro, sem, todavia, sanar o espectro da dúvida. Não obstante, a distância que se impõe entre a argumentação e a intenção, em ambos os casos, não é similar à concepção de história afirmada, se tomado o viés da validação. Se, para Roudinesco (Milan, 2016), a oferta de outra *abordagem de Freud* seria capaz de invalidar uma série de problemas, para Schultz e Schultz (2019), não saber de algumas informações promoveria indagações sobre a própria validade.

Assim, parece que a história, em alguma medida e em ambos os casos, seria um campo legítimo em que se batalha na validação ou invalidação de algumas ideias, mas cujo objetivo salvaguardaria uma espécie de fidedignidade do acontecido. Na esteira dessa reflexão, as linhas que compõem a reputação de Freud estariam vinculadas às evidências de acontecimentos por ele vivenciados, disponíveis ou não ao público. A

história seria o território de ideias comprovadamente verídicas, derivadas de informações verificáveis por meio de documentos.

Mais do que nos levar a refletir sobre o sentido atribuído à história factual, os caminhos performados na batalha acerca de como se constitui a história de Freud e, por conseguinte, da psicanálise servem-nos como alegoria para esclarecer dois pontos cruciais presentes nesta investigação. O primeiro, evidentemente, diz respeito à psicanálise, mais precisamente ao que se diz sobre a psicanálise. O segundo ponto define-se por uma relação específica com o presente.

As duas maneiras de enunciar a discussão sobre a vida de Freud se referem a publicações bastante recentes – uma de 2016 e outra de 2019 –, fato que nos insta a reconhecer a existência de uma disputa em que a psicanálise é protagonista. É nessa direção que o problema de pesquisa se costura; entretanto, é necessário esclarecer a posição teórica que assumimos em relação à teoria psicanalítica.

Esta tese é resultado de um trabalho inscrito no campo educacional. Sua filiação institucional é a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Embora tais informações possam parecer óbvias para o leitor, é importante destacar algumas nuances que tal contexto comporta.

Não é descabido afirmar que a discussão sobre a educação no Brasil é atravessada pela presença de autores que mobilizam a teoria psicanalítica. Um detalhe: quando falamos da discussão sobre a educação, não estamos nos referindo necessariamente ao que circula nas escolas – públicas, em especial – ou entre os educadores que lá estão. Estes talvez estranhem muito mais a presença da psicanálise e de psicanalistas no campo educativo, de modo a admitir a psicanálise como mais um jeito como os psicólogos tratam as questões relativas aos alunos. Ou seja, estabelecem uma distinção imediata entre uma prática e outra: as educativas e as psicológicas.

Fato é que as discussões acadêmicas sobre educação, principalmente aquelas que se avizinham à psicologia, movimentam, há tempos, um diálogo com o campo psicanalítico. É também sabido que muitas discussões acadêmicas sobre a psicanálise se constituem a partir do campo educativo. Entretanto, não é possível dizer que a participação da psicanálise na educação se configure de modo homogêneo, ou seja, que haja um entendimento consensual acerca de sua presença ou de sua direção interventiva.

Tencionar a obviedade das relações entre educação e psicanálise serve-nos para evidenciar que esta tese não se afilia ao *modus operandi* psicanalítico. Não procuramos, no arsenal teórico e técnico da psicanálise, formas para pensar a educação. Muito embora

a relação entre psicanálise e educação seja o ponto de partida para o problema desta pesquisa, nosso interesse se enverga em outra direção.

A intenção de percorrer os estudos que discorrem sobre essa relação e de nos aproximar das diferentes maneiras como o discurso psicanalítico circula no campo educacional impulsionou a curiosidade de refletir sobre a plausibilidade subjacente à difusão da psicanálise em várias esferas da vida. Desse modo, a psicanálise, como teoria, foi sendo transformada, aqui, em uma espécie de substrato para uma indagação acerca de sua performance discursiva: seus modos, sua arquitetura e sua gramática. É sobre a discursividade psicanalítica, pois, que nos debruçamos. Eis a espinha dorsal desta tese.

Se há pouco afirmamos que há uma presença evidente da psicanálise nas esferas da vida, é porque não nos parece mero acaso que a entrevista de Roudinesco sobre a biografia de Freud tenha sido publicada em um dos principais jornais do País.

A *Folha de S.Paulo* é capitaneada pelo Grupo Folha, um dos principais conglomerados de mídia do Brasil. Além do Jornal, o grupo controla o instituto de pesquisa Datafolha, uma agência de notícias e um centro tecnológico gráfico. A *Folha* é reconhecida como um dos maiores jornais do Brasil, tendo liderado um *ranking* a esse respeito em 2021, segundo os dados auditados pelo Instituto Verificador de Circulação (Folha de S.Paulo, s.d.). Fundado em 1921, o Jornal afirma priorizar a estimulação do exercício da cidadania e colaborar para o desenvolvimento da sociedade. Para isso, em seus termos, segue o pressuposto de difundir “[...] informações confiáveis e opiniões qualificadas [...]” (Folha de S.Paulo, s.d., n.p.). No *site* do Jornal, é possível encontrar uma lista de doze princípios editoriais que deveriam orientar as informações nele propagadas. Vejamos alguns deles:

[...] 3. Priorizar temas que, por afetarem a vida da coletividade ou de parcelas expressivas da população, sejam considerados de interesse público; 4. Promover os valores da democracia representativa, dos direitos humanos, da evolução dos costumes, do conhecimento, da solução pacífica dos conflitos, da livre-iniciativa e da equalização de oportunidades; 5. Abordar os assuntos com disposição crítica e sem tabus, no intuito de iluminar problemas, apontar falhas e contradições, questionar as autoridades públicas e os poderes privados, sem prejuízo de buscar conteúdos proveitosos ou inspiradores; [...]. (Folha de S.Paulo, s.d, n.p.).

Se assumimos que as intenções anunciadas em tais princípios respaldam os conteúdos que o Jornal veicula, podemos inferir que a presença da teoria psicanalítica –

por exemplo, na entrevista de Roudinesco – é, por si mesma, uma afirmação da sua utilidade e relevância, a partir do ponto de vista do Jornal.

Na difusão de determinados conteúdos, pode-se construir, no mesmo golpe, caminhos e formas de pensar. Trata-se, em linhas gerais, de compreender a difusão da psicanálise no Jornal como uma proposta diante das questões que se apresentam na atualidade e, por esse mesmo motivo, como mostra de um discurso em disputa no presente. Admitir que o jornal *Folha de S.Paulo* é um importante elemento de propagação e circulação de discursos no nosso tempo é transformá-lo em um campo onde uma batalha infinita se desenrola.

O interesse em torno do Jornal não se refere, em absoluto, a uma confrontação entre veracidade e falsidade, mas, sim, à possibilidade de encontrar um fluxo por meio do qual os discursos circulam, materializando jogos enunciativos em que se criam efeitos de verdade (Val, 2016). Os jornais correspondem a um desses terrenos em que tais jogos se fazem no mesmo momento em que se mostram. Trata-se, então, de uma plataforma de difusão em que se performam modos enunciativos sobre o mundo e com o mundo.

Dessa maneira, nosso interesse consiste em investigar como funciona o discurso psicanalítico a céu aberto, no domínio cultural. Compreender a psicanálise como discursividade que circula socialmente equivale a admiti-la segundo seu modo prático, ou seja, como um discurso em funcionamento produtor de um conjunto de significados que se materializam em ato. Em suma: um operador que correlaciona forças, incitando determinados modos de pensar e determinados problemas. Em suma, uma articulação em ato entre verdade, governo e subjetividade.

O objetivo deste capítulo é, justamente, demonstrar o caminho percorrido para que possamos sustentar tal perspectiva em relação à psicanálise. Partiremos, inicialmente, de discussões que tomam a teoria como objeto de análise e crítica. Nesse percurso, apresentam-se três perspectivas distintas: a primeira delas pretende apontar um tipo de apreciação da psicanálise a partir de sua potência; a segunda refere-se a discussões que põem em xeque seus efeitos produzidos no campo social e na subjetividade humana; a terceira aborda algumas possibilidades de aproximar as teorizações foucaultianas à teoria psicanalítica.

Posteriormente, o trabalho segue na direção de evidenciar o tipo de relação que aqui se estabelece com o pensamento foucaultiano. Nesse momento, o intuito será posicionar esta investigação em determinado campo teórico que a justifique e a sustente.

1.1. A psicanálise em debate

Abordaremos, em seguida, alguns autores que elaboraram críticas endereçadas à prática e às escolas psicanalíticas, sob diferentes perspectivas. Partiremos, inicialmente, de uma aproximação possível entre as discussões atuais acerca da psicanálise e as reivindicações do Grupo Plataforma e do movimento institucionalista. Em seguida, trataremos de algumas considerações de Robert Castel, Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre a psicanálise e seus efeitos no campo social e na produção de subjetividade.

1.1.1. A psicanálise na perspectiva institucional

Em ressonância com as contestações de Maio de 68, candidatos das associações psicanalíticas se reuniram na cantina *Carletto al Panorama*, em Roma, para discutir as implicações decorrentes do funcionamento dos institutos psicanalíticos. A reunião, por ter acontecido em paralelo ao XXVI Congresso Internacional da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), foi denominada *contracongresso* ou *paracongresso*. O evento promoveu a formação do Grupo Plataforma internacional, responsável por deflagrar os efeitos da ordem instituída no campo da psicanálise, com base em críticas sobre pontos nevrálgicos de sua estruturação. Para os integrantes do Grupo, havia passado o tempo de questionar os aspectos relativos à formação do psicanalista, ao significado e à função dos institutos, ao papel social dos psicanalistas, à imagem social da psicanálise e às relações entre a psicanálise e as instituições (Veronese, 2017). O Grupo Plataforma foi um importante movimento que promoveu a abertura do institucionalismo como perspectiva teórico-prática no território psi. Seu principal objetivo foi levar ao centro da discussão os efeitos políticos produzidos pelas disposições formais relativas à IPA e, por conseguinte, pela própria prática psicanalítica.

Juntamente com Hernan Kesselman, Armando Bauleo foi um importante personagem na propagação, no cenário argentino, das críticas elaboradas pelo Grupo Plataforma internacional. Em meio às disputas sobre a legitimidade do exercício da psicanálise por não médicos, à conjuntura política e às interferências do Estado no campo universitário, a Associação Psicanalítica Argentina foi um ponto-chave para questionamentos ainda não presentes nesse campo.

O movimento que ali se delineou é reconhecido justamente por ter sido “[...] o primeiro, no mundo, que se separou de uma Associação Psicanalítica oficial, filiada à Internacional, devido a motivos políticos” (Baremlitt, 1997, n.p.). Nesse sentido, a

ruptura decorrente do Grupo Plataforma argentino teve sua relevância por se distanciar de uma posição política hegemonicamente assumida pela grande maioria dos psicanalistas.

Os efeitos produzidos pelo Grupo Plataforma internacional, especialmente na América Latina, foram fundamentais para o fortalecimento de um caminho teórico-prático da ação psi no campo social e político, inclusive em terras brasileiras.⁷ Posteriormente, a abertura de pensamento proposta pelo Grupo Plataforma se articulava às ideias de René Lourau e Georges Lapassade, do campo da Análise Institucional, ao trabalho psicanalítico com grupos e ao aprofundamento conceitual da esquizoanálise.

Dentre os autores e autoras envolvidos, destacamos Gregório Baremlitt, Marie Langer, Pichón Rivière e Jose Bleger, além dos já mencionados, como personagens centrais nesse movimento. Embora não seja nosso interesse destrinchar os eventos promotores de tal ruptura, as palavras de Marie Langer sintetizam elementos que fizeram parte daquele momento da história da psicanálise:

O que é que questionamos? A Psicanálise em si? A ciência que tem por objeto o inconsciente, com todas as suas implicações? Não a questionamos. Pelo contrário. Somos psicanalistas e a Psicanálise nos interessa. [...] Não questionamos o Freud científico que nos mostra como a ideologia da classe dominante se transmite, através do superego, de geração em geração e torna o homem lento em sua capacidade de mudança. Mas questionamos o Freud ideológico que considera a sociedade como dada e o homem como fundamentalmente imutável. Questionamos além disso a institucionalização atual da Psicanálise e seu pacto com a classe dominante [...]. Questionamos uma prática que tenha, consciente ou inconscientemente, esta finalidade e que se torna elitista. Questionamos a limitação do conhecimento psicanalítico tanto para os que querem formar outros, como para os que querem formar, e, naturalmente, para os que necessitam como terapia. Questionamos o isolamento das instituições psicanalíticas, suas estruturas verticais de poder e o liberalismo aparente de sua ideologia. (Langer, 1973, p. 8).

A crítica endereçada à psicanálise sustentava-se em argumentos de base marxista e procurava convocar a escola psicanalítica a considerar as nuances políticas e ideológicas implicadas tanto na maneira organizativa dos processos de formação, quanto na sua presença no campo social. Compreendida como uma instituição, a psicanálise passaria a ser admitida como inserida em certa ordem política, sendo produtora de efeitos, portanto. Questionavam-se as tendências conservadoras, refratárias a reflexões autocríticas ou

⁷ Sobre isso, ver Jacó-Vilela; Cerezzo; Rodrigues, 2012.

autoproblematizadoras, como forma de perpetuação do campo de saber psicanalítico como um território intacto e blindado às interpelações sociais.

No nosso entendimento, o momento próprio do grupo argentino aponta para um sentido bastante claro: o reconhecimento da potência da psicanálise na condição de uma prática terapêutica potente. A principal premissa que ancora a polêmica acerca da psicanálise e sua dimensão política é sua força produtiva. No trecho de Langer (1973) há pouco mencionado, está explícita a análise sobre as implicações ideológicas que inundam o saber e o fazer psicanalíticos; também estão evidentes as possibilidades de seu alcance. Reconhece-se uma disputa que emerge no/do campo e, por esse mesmo motivo, clama pela necessidade de incorporá-la como parte componente do conjunto de reflexões. É porque a psicanálise interessa que a crítica se constitui. Trata-se de um movimento de defesa e de fortalecimento da própria psicanálise, pois.

No esteio dessa reflexão, o elemento denominado *política* continua, em tempos atuais, sendo um eixo problematizador diante da comunidade psicanalítica. Em 2019, as fortes críticas do filósofo espanhol Paul Preciado (2022) dirigidas à psicanálise convocavam à necessidade de refletir sobre a dimensão política enredada pela questão sexual. Convidado a participar de evento que reuniu 3.500 psicanalistas, nas jornadas internacionais da Escola da Causa Freudiana⁸, Preciado discursou sobre a relação entre a psicanálise a epistemologia sexual e de gênero. Diante de uma série de reações do público presente – muitos psicanalistas gritaram ou se retiraram da sala durante a conferência –, o autor recorreu à sua história no processo de transição de gênero para apontar os efeitos concretos produzidos pela psicanálise. Segundo ele, quando perspectivada pelo reconhecimento das normativas sexuais, a teoria funcionaria de modo etnocêntrico, sendo incapaz de situar-se politicamente de forma crítica.

A psicanálise, ao recusar um reposicionamento político diante de tal tema, seguiria corroborando com o aprisionamento do corpo e da relação de gênero em certa racionalidade opressiva – uma *jaula*, no entendimento do filósofo. Afirma ele: “[...] em primeiro lugar, eu gostaria de lhes dizer que o regime da diferença sexual com o qual a psicanálise trabalha não é nem uma ordem social simbólica, mas uma epistemologia política do corpo, que, como tal, é histórica e política” (Preciado, 2022, p. 46).

Em sua argumentação, Preciado apresenta os arranjos teórico-conceituais acerca da formação do psiquismo como função de fortalecimento da epistemologia patriarco-

⁸ A Escola da Causa Freudiana é uma organização de formação em psicanálise criada em 1981, em Paris.

colonial. Sua análise associa as elaborações teóricas, como a castração e o complexo de Édipo, ao fortalecimento de uma lógica de opressão e adequação do corpo, das relações de gênero e da sexualidade. Não obstante, o autor declara que seu objetivo não é arruinar a psicanálise, mas adverti-la quanto a uma escolha política inamovível. Em suas palavras:

A psicanálise está diante de uma escolha histórica sem precedente: ou continua a trabalhar com a antiga epistemologia da diferença sexual e a legitimar o regime patriarco-colonial que a sustenta, tornando-se assim responsável pelas violências que produz, ou então se abre a um processo de crítica política de seus discursos e práticas. (Preciado, 2022, p. 88).

Dessa maneira, o ponto central de suas considerações afirma a força da psicanálise como um saber, se não determinante, fundamental para uma espécie de revolução das práticas políticas sobre o corpo e a sexualidade. O chamamento do filósofo aos psicanalistas é relativo, justamente, à perpetuação da psicanálise. Infere ele que refletir criticamente sobre a epistemologia da diferença sexual, subjacente ao pensamento psicanalítico, seria um meio possível para construir uma saída perante as normas sexuais estabelecidas. Tal processo, em vez de desfigurar a psicanálise, acabaria por fortalecê-la. Preciado (2022, p. 89) apela: “[...] psicanalistas pela transição, uni-vos. Construamos juntos uma saída!”.

Parece-nos que a crítica de Preciado se aproxima daquela lançada pelo grupo argentino, já que o âmbito político, em um duplo golpe, dá a ver o reconhecimento da potência da prática psicanalítica. Ambos os fatores – a política e a potência da psicanálise – estão em jogo nas contestações aqui brevemente apresentadas. Nesse sentido, mesmo em períodos distintos, tais críticas buscam certa recuperação da psicanálise em uma direção que precisaria ser mais bem calibrada: no caso mais antigo, o reconhecimento de implicações conservadoras de cunho ideológico e político; no mais recente, o reposicionamento diante das questões epistemológicas sobre a sexualidade.

Embora tenhamos ciência de que a reflexão aqui apresentada seria somente o início de uma análise que demandaria mais aprofundamento, é possível reconhecer uma posição em que a psicanálise é compreendida, proporcionalmente, em seu valor e em seu perigo. Dois modos de se relacionar com a teoria psicanalítica, tomando-a como substancial.

As reflexões sobre a psicanálise provenientes das contestações do Grupo Plataforma estão contidas naquelas elaboradas por Preciado. O filósofo não economiza na comparação entre o modo de fazer psicanalítico e os modos reconhecidamente

burgueses. Ou seja, em sua argumentação também está presente o caráter ideológico da classe psicanalítica, seu traço conservador. Assim, clara está, talvez, a pertinência temporal dos apontamentos feitos na segunda metade do século XX. Seja como for, a nós basta indicar o debate levado a cabo pelo Grupo Plataforma, em especial no cenário argentino, como um primeiro degrau para a elaboração do problema de pesquisa deste trabalho, a saber: a psicanálise como um campo prático indissociável das dimensões institucional, política e histórica.

1.1.2. A psicanálise na perspectiva da produção

Diferentemente da reflexão anterior, na qual é possível encontrar algum ponto de aquiescência entre a construção crítica e o objeto escrutinado, Robert Castel (1978), em posição oposta, não deixou dúvidas em relação aos objetivos de sua obra *O psicanalismo*: “O conteúdo deste ensaio pretende-se analítico. Nele não se encontrará a mínima contribuição a um desenvolvimento da teoria ou da prática psicanalíticas” (Castel, 1978, p. 3).

Na obra, publicada originalmente em 1975, Castel forja o termo *psicanalismo* para discorrer sobre a teoria psicanalítica de maneira a tomá-la como uma espécie de sucessão de efeitos. O autor compreende a psicanálise em sua dimensão integral, ou seja, toma-a como “[...] a prática da totalidade de seus efeitos, ou a produção de sua própria prática” (Castel, 1978, p. 4). Trata-se, pois, de uma reflexão que não se inclina às argumentações sobre o que é correto ou incorreto na aplicação da teoria. Tal argumento, amiúde utilizado por psicanalistas, seria, inclusive, mais um elemento que comporia o próprio campo psicanalítico e, portanto, algo também digno de ser analisado.

A noção proposta por Castel (1978) define-se como um esquema para pensar os efeitos próprios da psicanálise sem que haja qualquer distinção entre formas qualitativas de uso teórico-prático. No nosso entendimento, Castel considera a psicanálise uma totalidade composta de diferentes nuances, tanto aquelas explícitas, quanto as não assumidas pela teoria e pelos seus agentes.

Situando-se a uma considerável distância daqueles que habitam o campo psicanalítico, ele concebe sua crítica incluindo como parte constituinte da psicanálise os efeitos produzidos por seu espraiamento em espaços sociais que extrapolam a relação dual analista/paciente. Para o autor, tudo aquilo que se torna impregnado pelas ideias psicanalíticas, assim como qualquer ponto de reconhecimento e legitimação, passa a ser

parte também da produção da própria doutrina. O *psicanalismo* seria, assim, o efeito inarredável da própria psicanálise em atividade e movimento; o esforço do autor é dar relevo aos elementos reiterados pela psicanálise à medida em que é praticada. Castel (1978, p. 7) é preciso ao esclarecer sua posição:

Com efeito, é através da sua penetração nas diversas instituições que a psicanálise começa a imprimir realmente suas finalidades no tecido da vida cotidiana; é sobre este terreno que temos que manter nossa mira para estabelecer a significação do novo dispositivo de controle social que veríamos aparecer sob nossos olhos não estivessem eles ofuscados pelos prestígios dos profetas do inconsciente.

Na teia reflexiva proposta pelo sociólogo, a crítica posta em jogo é mais que perspicaz ao mobilizar o próprio argumento psicanalítico, subtraindo a imposição dos limites e alcances por ele determinados. Tencionando a premissa de uma proposição universalizante sobre os indivíduos, que os incluiria em uma compreensão inamovível de angústia e morte, a psicanálise mover-se-ia como campo de saber, operando uma espécie de exclusivismo. O inconsciente, como conceito-chave para compreensão dos sujeitos, salvaguardaria a especialidade do pensamento à própria psicanálise. Instaurar-se-ia, assim, um problema para todos e, ao torná-lo essencial, garantir-se-ia o fluxo produtivo do próprio campo. Nesse sentido, Castel defende que a teoria psicanalítica não obedeceria a um dado processo ideológico, mas produziria uma ideologia que dispõe um arranjo específico das relações de poder.

De acordo com Michel Foucault, a reflexão de Castel apresentou-se em um formato ainda mais rigoroso do que aquele que pôde ser descrito em sua pesquisa na obra *História da loucura*. Diz Foucault (2005, p. 150): “Ele tenta retomar essa ideia de que, em última análise, a psicanálise procura somente deslocar, modificar, enfim, retomar as relações de poder que são as da psiquiatria tradicional”.

Outra característica primordial na reflexão de Castel é o entendimento dos pontos intocados pela teoria psicanalítica como também um nicho a ser analisado. Suas dimensões políticas não reconhecidas – como as declaradas por Preciado (2022), por exemplo – são aqui entendidas como formas de aquiescência à psicanálise, cujo fundo se estabeleceria em uma defesa do seu aprimoramento e – por que não? – de sua democratização e alcance, ou seja, um efeito da psicanálise: o *psicanalismo*. Para Castel, as ideias acerca do inconsciente não estariam sujeitas a um recôndito político, mas implicariam uma política *per se*.

O autor indaga: “Por que o psicanalista, que desempenha como qualquer outro os múltiplos papéis e manipula cada vez mais os signos da diferenciação cultural e os critérios da promoção social, age como se manejasse a dinamite unicamente na ‘outra cena’?”. E arremata: “Por que usufruiria a psicanálise, e somente ela, de um direito de exterioridade social?” (Castel, 1978, p. 9). A partir dessas duas perguntas – entre outras – relativas ao funcionamento da psicanálise, Castel nos chama a atenção para o prosaísmo psicanalítico que enredaria todas as respostas, incluindo o interesse inconsciente subjacente a cada uma das indagações, quando examinadas por um psicanalista. Nesse sentido, deflagra um funcionamento ardiloso, cujo ponto gravitacional é o inconsciente.

É sob o ponto de vista descrito por Castel que se torna admissível somar os elementos de propagação e difusão da psicanálise como diretamente relativos a ela, acomodando-a e conformando-a. Destacamos, portanto, esse vetor crítico e analítico relacionado aos seus efeitos muito mais do que aos seus requintes teóricos.

A indagação de Castel sobre a teoria é dirigida pela concepção de uma ordem que não a exclui em nada; propõe, assim, o máximo de matéria para perscrutar esse campo: sua particularidade conceitual e os efeitos dela provenientes. Para ele, a análise crítica parte de “[...] tudo o que a psicanálise nos custa, tudo o que a psicanálise nos esconde” (Castel, 1978, p. 11).

Outra obra que, mesmo extrapolando a crítica destinada à psicanálise, se desdobra a partir dela é *O anti-Édipo*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010). Partindo de um ponto de vista crítico, os autores entrelaçam os sentidos psicanalíticos atribuídos às formas de estruturação psíquica como operadores que enclausuram e limitam os processos subjetivos relativos ao desejo. Esses operadores funcionariam como crivos externos e posteriores à singularidade da experiência e da própria existência.

Tomando a conceitualização sobre o Édipo pela psicanálise estruturalista, Deleuze e Guattari (2010) torcem seu sentido e transformam Édipo em um antagonista das reflexões ali apresentadas. Recorre-se ao prefixo *anti* em um posicionamento que não se refere à negação do Édipo, mas a uma posição de enfrentamento às relações de poder enredadas na ideia da edipianização do desejo, do inconsciente e, no limite, da própria vida.

O questionamento presente em *O anti-Édipo* refere-se ao reinado da representação atribuída à teia triangular do familismo – o eu, o pai e a mãe. Na argumentação dos dois pensadores, essa teia funcionaria como uma espécie de enredamento inescapável que, ao congrega e predeterminar as formas da experiência, estabeleceria uma ordenação

apriorística. Os movimentos inerentes às relações de poder agenciariam, pois, o tipo de feitura de si possível para o sujeito; este, como resultante e produto do poder, constituir-se-ia por uma subjetividade serializada e por um desejo em redução. As postulações psicanalíticas seriam, então, uma forma de produção de tal modo subjetivo, em que o desejo estaria enclausurado e modelado desde sua concepção teórica até a mirada de suas expressões na prática.

A proposta de Deleuze e Guattari é uma torcedura da compreensão do conceito psicanalítico de inconsciente como dependente das formulações edipianas, na direção de uma possível variação incapturável de sua totalidade. Ao ser visto dessa maneira, o inconsciente seria, pois, uma máquina de produção, e não simplesmente um campo preñado para representações interpretáveis.

Trata-se de uma recusa à admissão psicanalítica da vida e do inconsciente como uma arena na qual infinitamente se encena uma peça de teatro, nos moldes de relações conciliadoras da formatação do desejo. Segundo os autores, haveria que se interrogar as múltiplas possibilidades de um maquinário que não cessa de produzir, uma máquina ininterrupta de cruzamentos e fluxos, movimentando-se por vias improváveis.

Há aí uma recusa à limitação imposta pelo formato edipiano determinante dos papéis que devem ser ocupados na tal cena. A crítica a esse agenciamento das relações edipianizadas sustenta-se na ideia de que, assim, “[...] toda a *produção* desejante é esmagada, submetida às exigências da *representação*” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 77, grifo dos autores).

É importante destacar que a posição assumida por Deleuze e Guattari se apoia nas descobertas de Freud; o inconsciente seria um achado valioso para o que eles mesmos defendem, ou seja, há uma ressonância entre o que já havia sido possível pensar sobre o inconsciente pela psicanálise e a perspectiva que os autores adotam. A questão fundamental retorna para a análise do resultado produzido pela disposição edipiana do inconsciente. Seria como se o Édipo tivesse sacrificado a potência antes encontrada e vista.

Sob a pena da dupla: “[...] é como se Freud tivesse recuado frente a este mundo de produção selvagem e de desejo explosivo, e quisesse introduzir aí, a qualquer custo, um pouco de ordem, a ordem clássica do velho teatro grego” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 76). O Édipo seria o elemento que domaria o inconsciente, tornando-o neurótico e, por contraste, apartando-o de sua principal característica de criação.

Escrito em 1972, *O anti-Édipo* é descrito por Foucault (2010b) como um livro que rompe abruptamente com uma lógica perpetrada até então. O pensador caracteriza a obra não como um material que serviria como substitutivo às teorias anteriores, mas como uma reflexão que abriga em si uma plataforma ética. Nesse sentido, as ideias de seus autores convocariam um tipo de comprometimento com o desejo em sua radical admissão de desvio e criação. Trata-se, pois, de um olhar que batalha por uma vida não enclausurada. Não por acaso, Foucault assim intitula o prefácio de seu escrito: *O anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista*.

Embora haja mais uma série de considerações elaboradas na proposta de Deleuze e Guattari em *O anti-Édipo*, a nós aqui é suficiente assinalar o que se destaca sobre o tipo de relação estabelecida com a psicanálise. Compreendemos que, por um lado, ela é o terreno profícuo no qual o inconsciente é germinado; por outro, caracteriza-se pelo campo que o coopta e dirime.

As ideias psicanalíticas, além de serem reconhecidas, são postas em perspectiva tanto no que se refere aos efeitos políticos – as produções e as limitações na compreensão dos sujeitos – quanto, e talvez mais importante, no tipo de relação que passa a ser admitido pelo próprio sujeito: sua relação consigo. Parece-nos, assim, que, de maneira aproximada à elaboração de Castel (1978) sobre o psicanalismo, o Édipo psicanaliticamente assimilado, em sua gramática teórica e prática, converte-se em produto e produtor da psicanálise.

Se a advertência da dupla de pensadores pudesse ser resumida em termos de libertação do desejo via a defesa de um inconsciente explosivo, seria, de fato, a ética que estaria em jogo. Por conseguinte, se a formulação sobre o desejo irrefreável e inormalizável for a aposta para um modo de vida outro, a discussão se dirige, radicalmente, ao âmbito da política. Dessa maneira, nas duas argumentações apresentadas – a do *psicanalismo* e a de *O anti-Édipo* –, há uma abertura bastante considerável em admitir que a psicanálise é um campo de saber que, efetivamente, se constitui por um norte ético politicamente comprometido e comprometedor. Há propostas por ela ensejadas, há agenciamentos por ela conduzidos, há fluxos por ela possibilitados ou interrompidos. Em suma, há modos admitidos por nós, tanto aqueles por ela interpretados, quanto aqueles que, com ela, nos interpretam.

É bem evidente que as posições descritas até o momento modulam as críticas acerca da psicanálise de maneiras distintas. A primeira, como vimos, guia-se por uma espécie de contribuição para o aprimoramento e a complexificação da compreensão da

própria psicanálise, apontando o elemento relativo à política como algo que deveria ser considerado e incorporado em seu escopo teórico-prático. A segunda, não se comprometendo com tal tarefa, busca, acima de tudo, elucidar e conectar a psicanálise, realçando sua produção: o que é postulado pela teoria e as diferentes faces que passam a surgir por sua impregnação discursiva e, por conseguinte, sua legitimidade prática.

Dito isso, é fundamental destacar que a pesquisa aqui em jogo, apesar de se sustentar nessas reflexões, pleiteia outra linha interrogativa. Trata-se certamente de interpelar a psicanálise, entendendo sua forma como indissociável de seus efeitos. Não nos comprometeremos, todavia, em apresentar uma contribuição direta a ela. Miramos, em vez disso, um ponto de chegada talvez mais singelo e banal. Se a psicanálise é o que é, não importando se há como ser melhor ou pior, nosso interesse volta-se para seus movimentos exógenos, para além de sua jurisdição teórico-prática. Esta é, pois, uma investigação que busca perscrutar *como* acontece sua presença discursiva na cultura, não *porque* acontece ou, sequer, *se* deveria acontecer de outro modo.

1.2. Psicanálise e Foucault

Afastando-nos das considerações anteriormente subscritas sobre a psicanálise, enveredamos agora por um ponto de vista que a perspectiva em relação ao pensamento e à obra de Michel Foucault. O intuito aqui permanece o mesmo: dar a ver o problema central desta investigação. E, para isso, parece-nos proveitoso distinguir o tipo de relação que estabelecemos com o pensador francês.

De partida, é fundamental anunciar que não nos avizinhamos aos trabalhos que estabelecem uma relação teórica entre um e outro domínios, seja de foucaultianos que procuram ressonância nos conceitos psicanalíticos, seja de psicanalistas que sustentam argumentos articulados com o pensamento de Foucault. Por se tratar de uma pesquisa no território da educação, nosso trabalho se delinea na esteira de outros vetores cruciais. São eles: a discursividade e o tempo presente.

O primeiro aciona a teoria psicanalítica como parte integrante da tessitura do sujeito contemporâneo, tanto pela legitimidade que a faz vigorar ao longo do tempo, quanto pelo alcance e pela profusão de suas práticas individuais e daquelas voltadas ao âmbito cultural. O segundo remete ao seu pleito como fator indiscutível no plano da interpretação e da justificação dos problemas vividos no presente. Em suma, nossa questão se desdobra em torno dos modos de movência do pensamento psicanalítico de

sua abrangência na cultura brasileira contemporânea, por meio de um recorte específico: a coluna jornalística de um psicanalista. Importa-nos, pois, examinar e analisar os traços de uma discursividade, os quais, em sua movimentação, consentem, incitam e forjam determinado modo de vida. É nessa elaboração que as ideias de Foucault nos interessam, ou seja, naquilo que ensejam uma pesquisa arquivística, o que será pormenorizado adiante.

Admitindo que a interpelação crítica da discursividade psicanalítica e de sua relação com a atualidade encontraria respaldo no horizonte investigativo das pesquisas foucaultianas, apresentaremos algumas considerações sobre encontros (ou esbarrões, poder-se-ia dizer) de Foucault com a psicanálise. Inicialmente, lançaremos mão de alguns autores que discorrem sobre a relação entre o pensador francês e a psicanálise para, em seguida, dedicarmo-nos àquilo que queremos destacar em sua obra.

Acessar a obra de Foucault a partir da reunião de seus textos, entrevistas e cursos para compreender como ele se refere a um tema ao longo do tempo rendeu tarefas bastante exigentes. Uma delas foi desprender-se de qualquer ambição de encontrar algo semelhante a conclusões peremptórias. Segundo Roberto Machado (2017), uma das principais características do pensador francês é sua capacidade de *trocar de pele*, de oferecer diferentes maneiras de pensar a mesma temática. Uma mudança de perspectiva que não cessa de aparecer em seu movimento de pesquisa tanto na eleição dos objetos estudados, quanto no modo como são mobilizados os materiais eleitos. Em suma, trata-se de um processo de pesquisa rumo a elaborações ávidas pela diferença no pensamento.

Outra tarefa, semelhante à anterior, consiste em buscar operar a partir da direção metodológica demonstrada pelo próprio autor, apreciando as produções possíveis em tempos outros, sob condições e oportunidades sempre distintas daquelas formuladas anteriormente. Buscar na obra de Foucault um mesmo tema leva-nos a flagrar forças moventes que se encontram de diferentes maneiras, construindo um cenário mutante, impossível de fixar. É nessa direção, pois, que admitimos a possibilidade de esquadriñar determinada relação entre o pensamento foucaultiano e a psicanálise.

Se na década de 1950 o autor situava a teoria psicanalítica em certo embate na relação com a psicologia e no campo em que ela poderia ser exercida, nos anos 1970 suas considerações apontavam para outro jogo argumentativo – como se pode constatar em *A verdade e as formas jurídicas* (Foucault, 2005). O mesmo ocorre quando ele faz considerações mais gerais em entrevistas, por exemplo. A psicanálise aparece ora sob a crítica de um processo quase obrigatório para galgar o reconhecimento de certa

intelectualidade na França, ora como a possibilidade de ruptura de formas de normalização produzidas pela psiquiatria, como no texto *Lacan, o libertador da psicanálise* (Foucault, 2014c).

A variedade de maneiras como o pensador tece considerações em relação à psicanálise é, talvez, proporcional aos modos de refletir sobre a temática. Os argumentos de autores/as que pesquisamos, ao mirar a relação entre Foucault e a psicanálise, abordam ângulos bastante distintos. Claro, há ressonâncias e repetições, mas há também posições disparatadas.

Joel Birman é um dos autores que se dedicam a sistematizar e localizar a presença da psicanálise na obra de Foucault. Entre vários de seus trabalhos sobre o tema, no texto *A psicanálise na berlinda?* (Birman, 2000a) ele retoma o caminho que o francês traça desde o início de seu trabalho, em *Doença mental e psicologia*, até as questões referentes à produção da subjetividade. É no embate sobre o sujeito que Birman (2000a) destaca a diferença da leitura foucaultiana em relação à teoria psicanalítica.

As considerações de Freud sobre a sexualidade seriam um ponto fundamental da crítica formulada por Foucault em seu questionamento sobre os desdobramentos das formas de poder. Se “[...] para Freud a modernidade se constituiu pela repressão das pulsões sexuais, tendo este processo produzido um mal-estar crescente nas individualidades [...]” (Birman, 2000a, p. 163), para Foucault, a sexualidade compunha maneiras de articulação dos dispositivos de poder, concentrando diferentes formas discursivas reguladas e apropriadas pelas disciplinas. Dessa maneira, a psicanálise estaria no centro da proliferação de discursos sobre a sexualidade, como elemento fundante da concepção de sujeito.

A crítica de Foucault sobre o discurso psicanalítico incidiria de maneira intensa também na discussão sobre a figura de Édipo. Sob a pena foucaultiana, tal figura seria impulsionada à discussão política, em confronto total com a leitura psicanalítica. Nesta, o valor atribuído ao Édipo centralizar-se-ia na formação de estrutura e na constituição do sujeito com a sua verdade (Birman, 2000a). Assim, a pedra de toque da psicanálise, reconhecida na premissa de que o analisando deve dizer tudo o que lhe ocorre, encontraria forte ressonância nas práticas confessionais cristãs. A psicanálise seria tomada por Foucault como uma prática discursiva que encontra permanência nos dispositivos de poder, portanto.

De maneira geral, a crítica foucaultiana relativa à psicanálise teria de ser compreendida, conforme define Birman, como um projeto filosófico de Foucault: a

oposição entre os processos e as formas de subjetivação, assim como a concepção de sujeito como substância.

A filosofia do sujeito é o Outro que seria sempre visado no pensamento de Foucault, que da arqueologia do saber e da genealogia do poder conflui para a estética da existência no final de seu percurso. É sempre esta concepção que está no alvo de sua desconstrução filosófica, desde os primórdios de sua pesquisa. (Birman, 2000a, p. 170).

A condição para reconhecer o posicionamento de Foucault em relação à psicanálise dependeria sempre de uma reflexão que tomaria como plataforma principal o distanciamento ou a aproximação desta em relação ao seu projeto filosófico. Daí o porquê de encontrarmos momentos distintos do comparecimento da psicanálise na obra foucaultiana. O mesmo elemento é alvo tanto de crítica quanto de admiração.

Ainda na companhia de Birman (2000b), pode-se dizer que as considerações de Foucault estariam voltadas à interlocução com Freud e com Lacan, partindo principalmente da premissa de que não há substancialidade na teoria psicanalítica que prescindia do contexto e dos atravessamentos do campo no qual ela mesma se inscreve. Dito de outro modo, a psicanálise, na condição de teoria, produzir-se-ia embaraçada nas problemáticas do contexto, na relação com o mundo e com o próprio tempo. Nas palavras do autor:

Assim, mesmo aquilo que enunciam os teóricos sobre o que seria a psicanálise não poderia definir completamente o que seria efetivamente a psicanálise, justamente porque eles falam e teorizam sempre sobre a psicanálise a partir de um contexto específico, que sempre coexiste ao lado de outros também presentes ao mesmo tempo no espaço social. (Birman, 2000b, p. 33).

Dessa maneira, em consonância com o procedimento analítico do pensador francês, Birman (2000b) assevera a necessidade de relativizar o entendimento sobre a psicanálise no que diz respeito à sua dispersão, ou seja, ao uso que lhe é dado. A materialidade da psicanálise seria flagrada justamente na inserção de determinado dispositivo e de um contexto.

Segundo o autor, a presença da prática psicanalítica no dispositivo psiquiátrico, por exemplo, permitiria pinçar certa materialidade da relativização suposta pelo contexto social, tal como a relação da psicanálise com a temática da sexualidade permitiria entrever outros modos de inscrição da teoria. Portanto, a possibilidade de dialogar com Michel Foucault proporcionaria o acesso às “[...] múltiplas figurações e presenças da psicanálise,

que se definem sempre diferencialmente, isto é, pelos contextos e dispositivos na qual esta se inscreve” (Birman, 2000b, p. 34). É a partir desse prisma que se daria a crítica de Foucault à psicanálise: colocando-a em perspectiva como mais uma formação discursiva, ou melhor, como uma das práticas disciplinares que se põem também ao lado da psicologia e da psiquiatria.

Por esse motivo, as considerações do pensador francês interessariam aos psicanalistas justamente por convocarem a análise e a reflexão sobre a prática clínica e a *experiência psicanalítica* (Birman, 2000b). Um chacoalho que se assemelharia à maneira de repensar e escapar de determinada tradição médica, reafirmando a ética postulada pelo próprio pensamento psicanalítico.

Outro elemento que se destaca como importante no reconhecimento da aproximação do pensador francês com a psicanálise parte da diferenciação proposta entre ciência e saber. O pesquisador Marcio Mariguela (1995), no texto *A psicanálise na arqueologia das ciências humanas*, localiza essa diferenciação com base na compreensão de Foucault sobre a história, que impulsionou seu projeto arqueológico. Segundo o autor, o trabalho de Foucault poderia ser definido “[...] como sendo o de fazer da história uma contramemória e de desdobrar conseqüentemente toda uma outra forma de tempo” (Mariguela, 1995, p. 104). Para ele, a posição de Foucault sobre a psicanálise é ambivalente, partindo desde a temática da loucura e da sexualidade, passando pelas críticas sobre as ciências humanas, até a aproximação entre a prática analítica e a confissão.

Arthur Arruda Leal Ferreira (2016) situa seu interesse nessa relação em um momento pontual da obra foucaultiana. Ao abordar a presença da psicologia e da psicanálise no trabalho realizado por Foucault, Ferreira circunscreve períodos específicos, dispensando os textos anteriores à década de 1960 e os cursos ministrados no *Collège de France*. A perspectiva apresentada sobre a relação entre Foucault e a psicanálise é referente ao percurso cuja largada situa-se na discussão sobre o exame das condições de surgimento da psiquiatria – em especial, no livro *A história da loucura* – e chega até a arqueologia das ciências humanas, em *As palavras e as coisas*. Na argumentação construída por Ferreira (2016), a psicanálise ganha a mira de Foucault no que diz respeito ao protagonismo do sujeito como objeto empírico em torno do qual as ciências humanas encontrariam seu eixo fundamental. Essa, portanto, seria uma das maneiras de relacionar o pensamento foucaultiano com a teoria psicanalítica, partindo daquilo que a caracterizaria como uma *contraciência*. A consideração que Foucault faz

sobre a psicanálise se destaca pela possibilidade de apresentar uma análise do sujeito em que o ser humano se dissolve. O que está em jogo em tal discussão é a concepção de razão nas elaborações decorrentes da filosofia do sujeito. Nesse ponto específico, as formulações sobre o inconsciente são compreendidas como algo que indicaria a contramão da razão.

Já Oswaldo Giacoia Junior (2017), no texto *Para revisitar o tema: Foucault e a psicanálise*, recorre às reflexões de Deleuze e Guattari na obra *O anti-Édipo* para salientar a crítica que compreende a psicanálise como elemento que corrobora o dispositivo da sexualidade. Deste prisma, a psicanálise seria parte de uma mecânica que teria por função “[...] regular e normalizar o conjunto de prazeres, sensações e atividades que constituem o ‘sexo’ [...]” (Giacoia Junior, 2017, p. 148).

Uma articulação que também se destaca na discussão em pauta é apresentada pela psicanalista Nina Virgínia de Araújo Leite (2009), que tece considerações sobre a influência de Foucault na obra de Jacques Lacan, em especial no que tange à teoria dos quatro discursos. O eixo fundamental de sua argumentação concentra-se em uma das expressões de forte impacto na obra lacaniana: a ideia de *um retorno a Freud*.

Outro exemplo de discussões que investem no ponto de contato entre Foucault e a teoria psicanalítica é a argumentação articulada por Ernani Chaves (1988). O autor constrói sua reflexão via uma interlocução com a conferência de Renato Mezan – psicanalista brasileiro e professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) – no *Colóquio Foucault*, realizado pela Universidade de São Paulo (USP), em 1985. Chaves (1988) destaca as considerações de Mezan em relação ao primeiro volume de *História da sexualidade*, intitulado *A vontade de saber*, partindo do que se entende como um problema na argumentação de Foucault sobre o inconsciente. Nas palavras do autor: “É como se, não tratando em nenhum momento da questão do inconsciente, Foucault se mantivesse apenas no limiar da Psicanálise, sem, contudo, adentrar no edifício psicanalítico” (Chaves, 1988, p. 134).

Na discussão sustentada nos argumentos de Mezan, a problemática apresenta-se na aparente desconsideração de Foucault quanto aos conceitos da seara psicanalítica, ou seja, quanto à sua conceituação. Nesse sentido, sobre a sexualidade ter-se-ia de considerar a forja teórica de Freud assentada na dimensão simbólica do corpo, em uma compreensão estritamente psíquica e, especificamente, no bojo dos conceitos *fantasia* e *inconsciente*. Tais formulações, somadas à de *pulsão*, diriam respeito à sustentação do entendimento

freudiano sobre a sexualidade, sendo ele fundamentalmente distante do discurso médico-psiquiátrico.

De acordo com Chaves (1988), ainda em diálogo com as ideias do psicanalista brasileiro, as concepções freudianas sobre a sexualidade implicavam descentralização do domínio orgânico, recusando as fronteiras definidas entre o que é compreendido como normal e como patológico.

Desse modo, diferentemente de Joel Birman (2000b) – que, como vimos, afirma a materialidade da psicanálise na relação com o contexto, por ser mais uma formação discursiva –, a argumentação proposta por Renato Mezan clama pelo reconhecimento da psicanálise no que diz respeito às ideias que a compõem no âmbito teórico. Nesse aparente fogo cruzado, Chaves (1988), embora conteste a crítica feita por Mezan em relação às considerações presentes na crítica foucaultiana, entende que,

[...] por não se situar, preferencialmente, ao nível dos conceitos ou por nem sequer tocar nele, Foucault ignora a especificidade do projeto freudiano e, em consequência, o desfigura. Poderiam objetar-nos que não é o propósito de Foucault situar suas análises ao nível dos conceitos e sim ao nível das condições de existência dos discursos. Entretanto, se faz necessário assinalar que, se este nível das condições de existência não consegue explicitar os meandros e as singularidades do nível dos conceitos, há que se desconfiar de sua precisão. No caso específico da Psicanálise, não se trata nem de afirmar sua impermeabilidade ao nível das práticas sociais, como se fosse possível fazer sua “arqueologia” ou sua “genealogia”, nem de, ao contrário, tomar o nível das práticas como uma instância decisória. (Chaves, 1988, p. 143).

Além de tal questão manter-se em aberto, o autor acrescenta que seria importante questionar o motivo pelo qual Foucault, mesmo quando reconheceu a importância política presente nos deslocamentos operados pela psicanálise e por Freud em sua obra, continuou afirmando a “[...] insuficiência da Psicanálise para se tornar foco de resistência nas malhas do poder” (Chaves, 1988, p. 144), retirando-a, portanto, de uma possível virtualidade de rompimento das práticas de dominação.

Partindo da exposição realizada, é possível reafirmar o que antes anunciamos em relação ao diálogo frequente e, sobretudo, movente entre Foucault e a psicanálise. Adiante nos debruçaremos sobre alguns pontos que pretendem delimitar a presença que nos interessa do autor em tela, partindo de alguns momentos em que o diálogo se estabeleceu em torno da psicanálise.

1.2.1. *A psicanálise e a mirada foucaultiana*

Sabemos que há várias maneiras de relacionar o pensamento foucaultiano à teoria psicanalítica. Sabemos também que não são poucas as menções do autor à psicanálise ao longo de seu trabalho. Nos textos reunidos na coleção de seus *Ditos & Escritos*, as menções de Foucault à psicanálise ocorrem desde 1954, especificamente no texto *Introdução (in Binswanger)*. Nas décadas que seguem, de 1950 até 1980, é possível encontrar momentos – ora mais, ora menos intensos – em que ele lança mão da psicanálise.

Foucault tece considerações sobre a teoria psicanalítica desde seu âmbito discursivo, interroga suas formulações conceituais, destaca as descobertas realizadas por Freud e seus modos de lidar com elas, bem como mobiliza análises importantes para seu trabalho, evocando a tragédia de *Édipo Rei* e tecendo diversas relações com o entendimento psicanalítico do personagem. Assim, pode-se dizer que há uma série de conexões com a psicanálise estabelecidas pelo próprio Foucault ao longo de seu pensamento e registradas em sua obra.

Em entrevista a Alain Badiou, em 1965, por exemplo, Foucault define a descoberta freudiana do inconsciente como fator fundamental na racionalidade do Ocidente: Freud teria contribuído para mudanças no curso das transformações que se deram no domínio da psicologia e das ciências humanas. Segundo o pensador, o inconsciente também teria sido um dos elementos responsáveis pela produção que vigorou ao longo do século XX de um tipo de relação com a loucura.

Foucault chama a atenção para um duplo giro que decorre da compreensão de que o inconsciente funcionaria por meio de várias camadas e que sua linguagem deveria ser investigada. Acrescenta, ainda, que a premissa de tornar a mensagem inconsciente relevante contribuiu para a promoção de determinado lugar para a loucura. Em sua análise, a descoberta freudiana teria sido capaz de enlaçar dois pontos em concomitância, partindo de “[...] um certo número de mecanismos que existiam ao mesmo tempo no homem em geral e em tal homem em particular” (Foucault, 2014b, p. 224). A psicanálise, assim, teria promovido uma forma de relação com a verdade de todos e, também, de cada um. Tal fundamento tornou-se crucial para motivar a busca de significações próprias da loucura, pois sua linguagem, assim como no caso do inconsciente, guardaria uma chave particular passível de ser decodificada.

Há outros momentos, porém, em que Foucault é absolutamente crítico à psicanálise. A associação desta às práticas cristãs – operando à moda de um tipo de poder pastoral –, sua parcela partícipe na vulgarização da ideia que interioriza a repressão sexual, bem como sua vizinhança próxima com a psiquiatria, são mostras de articulações críticas da teoria psicanalítica segundo o pensador francês, as quais são apontadas sem reservas.

Um claro exemplo desses momentos pode ser encontrado em uma entrevista de 1975. Diante da pergunta sobre sua opinião em relação ao trabalho de um psicanalista e a ligação entre tal prática e o poder repressor, Foucault afirma que a psicanálise é uma prática em continuidade àquelas realizadas pela pedagogia, pela psiquiatria, pela direção de consciência e pela confissão do século XIX. Defendendo que não haveria como a psicanálise não ser permeada pelas relações de poder, ele assevera:

[...] atraiu minha atenção o fato de que, quando os psicanalistas falam da prática analítica, há uma série de elementos sempre ausentes: o preço da sessão, o custo econômico global do tratamento, as decisões quanto ao tratamento, a fronteira entre o aceitável e o inaceitável, o que deve ser curado e o que não necessita sê-lo, a questão da retomada ou do modelo familiar como norma, a utilização do princípio freudiano, segundo o qual é doente aquele que não consegue fazer amor nem trabalhar. Tudo isso está presente na prática analítica e tem efeitos sobre ela. Trata-se de um mecanismo de poder veiculado por ela sem, contudo, questioná-lo. Um exemplo simples: a homossexualidade. Os psicanalistas só abordam a homossexualidade pela diagonal. Trata-se de uma anomalia? De uma neurose? Como a psicanálise maneja essa situação? Para dizer a verdade, ela endossa algumas fronteiras que fazem parte de um poder sexual constituído fora dela, cujos traços principais ela valida. (Foucault, 2011, p. 353).

Outro momento em que Foucault se opõe às questões relativas a um apaziguamento dos efeitos produzidos pela psicanálise e seu engajamento em diversas outras dimensões que ela mesma não considera é um debate de 1977 – *O jogo de Michel Foucault*. Entre idas e vindas da discussão, Jacques-Alain Miller pergunta:

A. Miller: Estou vendo que você procura quais operadores vão lhe permitir apagar o corte que se coloca para Freud. Você se lembra, na época em que Althusser fazia valer o corte marxista, você já tinha chegado com sua borracha. E, agora, Freud que vai passar por isso; enfim, penso que é seu objetivo, em uma estratégia complexa, como você diria. Você acha realmente que vai conseguir apagar o corte entre Tertuliano e Freud? (Foucault, 2014d, p. 60).

Mediante a questão, que afirma certo consenso histórico acerca da diferença produzida pelo pensamento freudiano, Foucault mobiliza três importantes elementos que

queremos destacar, mas antes lembremos que o que está em jogo nesse debate é sua análise sobre a sexualidade. O primeiro elemento é relativo à sua postura diante das ideias que são admitidas como únicas e incontestáveis. Diz ele: “[...] tentemos fazer girar o cenário, e partamos de algo que é tão constatável quanto o corte [histórico], com a condição de pegar outras referências” (Foucault, 2014d, p. 61).

Outro elemento é, justamente, seu horizonte de investigação: a relação entre os discursos e a verdade. Afirma Foucault (2014d, p. 60-61): “[...] meu problema era saber quais eram os grupos de transformações necessários e suficientes no interior do próprio regime dos discursos para que se pudessem empregar essas palavras mais do que aquelas [...]”.

Por fim, com destaque, o terceiro elemento corresponde ao lugar discursivo não privilegiado que o pensador atribui à psicanálise quando seu propósito é analisar um objeto delimitado – no caso dessa argumentação, a confissão: “[...] vê-se aparecer essa formidável mecânica, maquinaria da confissão, na qual, com efeito, a Psicanálise e Freud aparecem como *um dos episódios*” (Foucault, 2014d, p. 61, grifo nosso). O pensador advoga, então, em favor de localizar as ideias freudianas como parte de um processo que já estava em curso em *História da sexualidade*.

Dessa maneira, Foucault perspectiva a teoria psicanalítica como parte de um jogo, sem admiti-la como inaugural e, tampouco, original; sua análise a recoloca como parte, e não como todo. Os três elementos destacados, em nosso olhar, são suficientes para afirmar que o tipo de relação que Foucault estabelece com a psicanálise – nesse momento específico – volta-se aos jogos que a posicionam e, conseqüentemente, a configuram no tabuleiro das disputas entre o verdadeiro e o falso, isto é, uma prática conectada com a dimensão de concorrência que se constitui em torno da verdade. Um pouco adiante na conversa com o psicanalista, sua argumentação é clara quanto à relação discursiva que estabelece o sexo e a sexualidade como guarda secreta da verdade dos sujeitos (Foucault, 2014d).

Na primeira conferência da série intitulada *A verdade e as formas jurídicas*, em 1973, Foucault apresenta os objetivos norteadores do trabalho. De partida, é interessante notar a postura que assume diante do conteúdo que iria abordar. O argumento inicial de sua fala destaca o traço provisório de todo material da apresentação; adverte, então, que, como a pesquisa ainda estava em andamento, as coisas que apresentaria ali poderiam ser “[...] inexatas, falsas, errôneas [...]” (Foucault, 2005, p. 7). Seu argumento é arrematado

no final da primeira conferência e ganha cada vez mais nitidez ao longo das demais. Trata-se de um exercício de pensamento acerca da construção histórica da verdade.

Ainda nessa conferência, ao delinear seu objetivo, Foucault destaca a hipótese de que duas histórias da verdade se constituem. A primeira seria via mobilizações no campo das ciências e a partir dele, ou seja, o conhecimento científico como regulador e constituinte da verdade (Castro, 2016). A segunda partiria de uma série de regras promotoras de diferentes tipos de saberes provenientes das práticas sociais. A história da verdade nessa dimensão implicaria admitir as práticas sociais como possibilidades que inauguram novos domínios de saber, novas técnicas e, também, diferentes formas para as coisas e para os sujeitos (Foucault, 2005).

O pensador convoca para um tipo de investigação que contaria com a feitura de sujeitos radicalmente inscritos na história. Diz ele:

Seria interessante tentar ver como se dá, através da história, a constituição de um sujeito que não é dado definitivamente, que não é aquilo a partir do que a verdade se dá na história, mas de um sujeito que se constitui no interior mesmo da história, e que é a cada instante fundado e refundado pela história. É na direção desta crítica radical do sujeito humano pela história que devemos nos dirigir. [...] Ora, a meu ver isso é que deve ser feito: a constituição histórica de um sujeito de conhecimento através de um discurso tomado como um conjunto de estratégias que fazem parte das práticas sociais. (Foucault, 2005, p. 10-11).

É nesse sentido, pois, que compreendemos a possibilidade de investigar as formas e os modos de existir forjados pelos discursos em voga em determinado tempo histórico. A companhia que nos interessa do autor se constitui partindo do que pudemos aprender com seu gesto investigativo, sua curiosidade e sua insistência sobre os modos e as condições que tornam legítimas certas ideias, coisas e maneiras de pensar que habitam o tempo presente. Localizamo-nos nessa mesma direção.

Evidentemente, as pesquisas de Foucault que esbarraram na teoria psicanalítica demandaram, muitas vezes, seu esforço em recolocar o problema que guiava suas indagações. Nas conferências há pouco mencionadas, é bastante claro o modo como Foucault se dirige às questões que lhe são dirigidas em relação à temática.

Ao ser questionado pelo psicanalista Hélio Pellegrino, na conferência de 1973, em relação à análise que havia exposto sobre a tragédia de Sófocles, Foucault afirma que o que estava em jogo era justamente uma retomada da peça, daquilo que ali se apresenta.

Dessa maneira, tratar-se-ia muito mais das práticas e dos procedimentos da verdade do que de uma representação do desejo incestuoso (Foucault, 2005).

A postura foucaultiana indicava uma atitude de desestabilização de consensos acerca das ideias, fossem eles quais fossem. Compreendemos que tal atitude permaneceu em operação durante todo seu trabalho, tanto nos períodos em que seu interesse se voltou para uma análise do poder, quanto, mais adiante, quando as relações entre verdade, governmento e subjetividade ganharam mais centralidade (Foucault, 2014a).

Outra passagem exemplar do que estamos ressaltando pode ser encontrada no curso *Em defesa da sociedade*. Neste, Foucault (2010a) sustenta sua análise sobre a relação entre o poder e a verdade, buscando percorrer *como* se estabeleceram as relações de poder que engendraram efeitos de verdade que, por sua vez, reconduziam às próprias relações de poder. Trata-se, portanto, de algo movente e estratégico, já que é por meio das relações de poder que se institucionalizou um tipo de busca pela verdade. Sob sua pena:

O poder não para de questionar, de nos questionar; não para de inquirir, de registrar; ele institucionaliza a busca da verdade, ele profissionaliza, ele a recompensa. Temos de produzir a verdade como, afinal de contas, temos de produzir riquezas. E, de outro lado, somos igualmente submetidos à verdade, no sentido de que a verdade é a norma; é o discurso verdadeiro que, ao menos em parte, decide; ele veicula, ele próprio propulsa efeitos de poder. (Foucault, 2010a, p. 22).

As relações entre o poder, a verdade e a subjetividade se enlaçam ao longo de seu trabalho, quando seu propósito mira as artes de governar que implicam o próprio sujeito, ou seja, que se estabelecem em torno do eu. No curso *Do governo dos vivos*, Foucault (2014a) interroga os modos pelos quais, em nossa sociedade, o poder se exerce partindo da manifestação da verdade na forma de processos de subjetivação ininterruptos. Para trabalhar os elementos de sua pergunta nesse curso, o autor dirige sua investigação para as práticas que se realizaram desde o advento do cristianismo. Nesse percurso, encontra, então, os fios que o ajudam a tecer as relações entre o poder, a verdade e o governmento no centro das práticas cristãs acerca da morte, do exercício de si sobre si, da salvação, da penitência etc.

É, portanto, na relação entre o indivíduo e o verdadeiro que determinados jogos discursivos promovem, em determinada formação histórica, as condições de possibilidade para que se possa dizer sobre o *si mesmo*. Trata-se de uma constante e irrefreável variação de forças, em alternância, territorializando e desterritorializando a

relação entre o sujeito e a verdade – se quisermos, entre subjetividade e verdade. Dessa maneira, a inscrição de processos de subjetivação pode ser, então, entendida segundo a equação articuladora do governo de si e do governo dos outros (Foucault, 2016).

A cada período, portanto, culminâncias incitariam certos modos de vida, certas formas de governmentação e certas posições constitutivas de formas do sujeito a se posicionar diante de si mesmo. Como efeito de tais formulações, o pensador aponta, então, a relação entre a verdade e o sujeito, entre os discursos e a subjetividade. Ou seja, o cruzamento inevitável entre os jogos de veridicção e os processos de subjetivação.

De maneira bastante precisa, Foucault (2014f, p. 286) define a governamentalidade como “[...] o encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si”. Tais técnicas, por sua vez, aproximar-se-iam de práticas pedagógicas de direção espiritual e de prescrição de modelos de vida (Foucault, 2016).

Admitindo os elementos destacados até agora, interessa-nos tomar a psicanálise segundo um diapasão específico. Não é nossa intenção, contudo, perspectivá-la a partir da obra foucaultiana a fim de extrair uma grelha de leitura apoiada em um horizonte conceitual. Se assim o fizéssemos, perderíamos, em nosso olhar, a possibilidade de aproveitar a potência do encontro com os elementos que caracterizam o diálogo estabelecido por Foucault com a teoria psicanalítica.

Não obstante, resgatar algumas situações em que o diálogo se constituiu aproxima-nos dos elementos que marcaram a postura de Foucault diante das interpelações relativas à psicanálise. Dessa maneira, o que aqui ganha relevo são menos os momentos em que a psicanálise é tema da discussão, e mais a argumentação levada a cabo por Foucault ao ser chamado a falar de tal temática.

Subjaz em nosso argumento, de certo modo, uma maneira específica de convocar a companhia teórica do pensador. Trata-se do esforço em buscar estabelecer a maior distância possível de uma apropriação ornamental do autor, para, oxalá, engatar-se com a potência movente de sua presença.

Foucault é, assim, inscrito nesta pesquisa desde seu gesto investigativo, e não via um modelo conceitual reproduzível, espelhável etc. Entendemos que, ao tangenciar a psicanálise, tratou-se de efeitos argumentativos que se produziram quando outros assuntos em jogo a tangenciavam.

Os elementos que caracterizaram a postura do pensador no diálogo com a psicanálise sustentaram seu argumento sem destoar do propósito fundamental de sua

pesquisa, sobretudo na fase final de sua obra: as relações entre verdade e sujeito. Dessa maneira, as aproximações entre os trabalhos de Foucault e a teoria psicanalítica são como esbarrões entre esses dois elementos.

Segundo Machado (1979), o interesse da pesquisa foucaultiana foi o de investigar *como* os saberes se constituíam e se transformavam. Sendo este o prumo desta investigação, nada que não se relacionasse de maneira direta ao objeto pesquisado poderia ser examinado por uma espécie de extensão conclusiva. Partindo desse princípio, compreendemos que a psicanálise não pode ser tomada como um objeto delimitado que estaria presente na pesquisa foucaultiana. Sua presença na obra do pensador se faz de maneira tangencial, porém intensa.

É considerando tais pontos que a questão desta pesquisa se constitui. As ideias de Foucault que enlaçam a verdade, o discurso e os modos de vida sustentam nosso argumento: os efeitos pedagogizantes provenientes da discursividade psicanalítica na cultura brasileira atual. Trata-se de admitir os efeitos de verdade ensejados por essa discursividade e os modos de vida deles provenientes. Dessa maneira, a indagação se dirige a nós mesmos: como nos tornamos o que somos? Como nos tornamos sujeitos mediados, ensejados e abalanchados pela discursividade psicanalítica que marca presença no domínio cultural? Interessa-nos, pois, escrutinar o discurso psicanalítico legitimado no campo social – especificamente, no jornal *Folha de S.Paulo*, por meio das colunas escritas por Contardo Calligaris entre 1999 e 2021.

Mais precisamente, nosso problema se delimita da seguinte forma: como o lastro pedagogizante da discursividade psicanalítica se mostra concretamente?

Não pretendemos, assim, privilegiar tematicamente a relação entre Foucault e a psicanálise, ou vice-versa. Não entendemos esta tese como uma arqueologia ou uma genealogia da psicanálise,⁹ como também não desejamos margeá-la na borda do trabalho do pensador francês.

Seguindo esse horizonte, apoiamo-nos na argumentação desenvolvida na tese de Cintya Regina Ribeiro (2006) acerca do lugar do pensamento no trabalho de Michel Foucault. Segundo ela, o pensamento foucaultiano desnaturaliza a relação entre o conhecimento e sua existência inerente aos sujeitos. Recolocando o conhecimento na ordem da invenção, Foucault, inspirado por Nietzsche, transviaria a relação entre o

⁹ Um exemplo desse tipo de abordagem da relação entre Foucault e a psicanálise é o trabalho realizado por Luiz Paulo Leitão Martins (2021), intitulado *Sujeitos de verdade: Foucault e uma genealogia da psicanálise*.

conhecimento e as coisas, pondo em xeque o sujeito em sua condição essencial e soberana. Para isso, toma o conhecimento como um conjunto de efeitos provenientes de um terreno conflituoso em que se dão as relações de poder em um tempo histórico. Assim, o conhecimento seria muito mais uma disputa própria das relações de poder, do que uma forma de representar os sujeitos, as palavras e as coisas (Ribeiro, 2006).

Acompanhando a argumentação da autora, podemos dizer que desnaturalizar a relação entre o pensamento e o conhecimento possibilita a admissão do exercício de pensar como um ato político. Pensar, então, exigiria, principalmente, um exercício de estranhamento de si e dos modos por meio dos quais o mundo se apresenta (Ribeiro, 2011).

Acessar a produção do pensador francês com esse foco vale como força para enfrentar a suspensão de formulações e sentidos mais óbvios e corriqueiros que nos acompanham. Vale, também, como inspiração para o trabalho do pensamento. É sob tal sustentação que se forja esta pesquisa: sem procurar uma solução de reserva, sem considerar as soluções como suficientes para todos os problemas, sem admitir implicitamente a viabilidade de dar cabo às problematizações (Foucault, 2014e).

Apostamos na possibilidade de nos inquietarmos com os discursos que moldam o presente e, por desdobramento, as convicções acerca de nós mesmos. Assim, diante de tais reflexões, a psicanálise aqui não comparece de maneira conceitual, teórica ou exclusiva. À moda foucaultiana, ela é uma mecânica discursiva que mobiliza, em diversos níveis, a produção da verdade, dos sujeitos e do mundo.

Em vista disso, debruçar sobre a extensão integral das colunas do psicanalista Contardo Calligaris na *Folha de S.Paulo* parece-nos uma oportunidade para observar os movimentos particulares da relação entre a difusão da psicanálise e um modo propositivo para a vida, à moda de uma educação de um público leitor específico e, *lato sensu*, da sociedade.

A hipótese que sustenta nosso problema de pesquisa, e que será destrinchada ao longo desta tese, aponta para uma espécie de pedagogização psicanalítica da cultura brasileira. É na montagem do conjunto de fontes veiculadas para o público, em um dos maiores jornais do País, que forjamos o arquivo da pesquisa; este, claro, como material empírico performador da discursividade em tela.

2. A CIRCULAÇÃO DAS IDEIAS PSICANALÍTICAS NO BRASIL

Aos loucos, o hospício – este foi o *slogan* que marcou a campanha que reivindicou a construção de um asilo para alienados, com base no projeto do português José Clemente Pereira (1787-1891), provedor da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, em 1838. À época inexistiam locais exclusivamente voltados para a recepção ou o tratamento dos chamados *alienados mentais*; estes ocupavam ruas, prisões e hospitais gerais, sem assistência médica. Foi em 1841, a partir de protestos da comunidade médica, que D. Pedro II, ao ascender ao trono, decretou a fundação do primeiro hospício do Brasil. Em 1852, o Hospício Pedro II foi inaugurado na Praia Vermelha, em um prédio que hoje abriga a Universidade Federal do Rio de Janeiro (Russo, 2002b).

A história da psicanálise em terras brasileiras está diretamente relacionada ao desenrolar da psiquiatria e da psicologia. As três disciplinas são definidas, em geral, como *práticas psi*; e se, por um lado, há uma generalização na nomenclatura, por outro, há também muitos esforços despendidos a fim de diferenciá-las. Trata-se de um campo de batalha, por assim dizer.

Na década de 1980, por exemplo, muito se refletiu sobre a relação entre a psicologia e a educação, e uma das críticas elaboradas foi, justamente, a respeito da necessidade de distinguir entre a atuação de psicólogos na escola e as práticas consideradas tradicionais – estas, em geral, análogas ao trabalho clínico e individual. A priorização de diagnósticos e tratamentos psicoterápicos foi alvo de numerosos questionamentos sobre as tendências normalizadoras e individualizantes da ciência psicológica em contato com a educação (Machado; Souza, 2010). No campo psicanalítico, um elemento-chave de distinção é o processo de formação. Na contramão da formação que legitima o exercício profissional de psicólogos e de psiquiatras, a formação do psicanalista não se faz por um processo previamente determinado. Não há, inclusive atualmente, um meio regulamentado, uniforme e obrigatório para formar um psicanalista, conforme veremos adiante.

A constituição das três áreas configura uma arena com diversas reivindicações que se fazem necessárias para definir os fundamentos norteadores e os propósitos de tratamentos práticos às questões psicológicas. Um terreno fundado na movimentação discursiva dedicada a delimitar e definir o que é psicanálise, o que é psicologia e o que é psiquiatria. É fundamental realçar esses detalhes, pois quando buscamos compreender os

elementos propulsores da entrada e da difusão da psicanálise no Brasil, tal terreno se evidencia.

Segundo a pesquisadora Jane Russo (2002a, 2002b), a velocidade com que as ideias do médico vienense atingiram a Europa e os Estados Unidos foi impressionante. Embora a data oficialmente registrada seja 1900, foi em dezembro de 1899 que se deu a publicação da obra considerada como marco inicial do pensamento psicanalítico: *A interpretação dos sonhos*. Em 1907, a Associação Vienense de Psicanálise e a Sociedade Freud, em Zurique, foram fundadas. Menos de dez anos depois foram também fundadas sociedades psicanalíticas em Berlim, Budapeste, Londres, Nova York e Boston. Nesse período também se instituiu a Associação Psicanalítica Internacional (IPA),¹⁰ órgão norteador de regras para a formação psicanalítica. Entre 1917 e 1926, outras cinco instituições especificamente psicanalíticas também se formaram do outro lado do Atlântico.

No discurso próprio dos psicanalistas há uma maneira particular de contar a vinda da psicanálise para as terras brasileiras, atribuindo a ela princípios revolucionários, opostos aos vigentes na época. Segundo advoga Elisabete Mokejcs (1993, p. 56), a relação entre psicanálise e psiquiatria é marcada pela transformação: “O conhecimento psicanalítico abalou sensivelmente os pilares da psiquiatria tradicional, reformulando os conceitos de saúde e doença mental, introduzindo uma nova metodologia para sua interpretação”.

Aquele período definiu-se por tendências próprias da modernidade, e o que já se veiculava era a admissão de um modo de conduta que encaminhasse “[...] o sujeito para dentro de si mesmo, para uma busca através de suas próprias escolhas, do caminho que o levará a uma vida mais plena e realizada” (Russo, 2002b, p. 9). Sendo algo revolucionário ou não, foi pela via da psiquiatria que a teoria psicanalítica encontrou vazão no País. Por um lado, destacava-se a tendência de um tempo; por outro, um suposto efeito das ideias psicanalíticas já em operação interventiva.

Não nos parece pertinente confrontar certa tendência na contracorrente da psicanálise a uma produção contínua às ideias daquele tempo. Vale destacar, contudo, a provocação de Russo (2002b, p. 54) sobre as condições então existentes para a adesão da psicanálise no Brasil.

¹⁰ A Associação Psicanalítica Internacional é conhecida pela sua sigla grafada em inglês, IPA, e constitui-se como importante instituição que outorga a legitimidade dos estudos psicanalíticos, como veremos adiante.

É interessante perguntar por que esses vetustos senhores [psiquiatras influentes], tão distantes da vanguarda modernista, vão se interessar por essa estranha teoria que tão incisivamente se contrapunha ao fisicalismo da psiquiatria de então. A saída mais fácil é dizer que eles distorceram a teoria psicanalítica, utilizando a psicanálise para fins não previstos pela teoria. Mas resta a pergunta: porque se deram ao trabalho de prestar atenção à Psicanálise, de utilizá-la seja lá de que jeito for? Por que não simplesmente descartá-la como bobagem inútil? Acredito que possamos achar uma resposta a tais questões examinando o problema apresentado para a elite acadêmica e intelectual de então – o de propor um projeto para a nação brasileira, de pensar a viabilidade da nação, seu desenvolvimento e seu progresso.

Observa-se que a provocação da autora põe em pauta as condições que possibilitaram a aceitação da psicanálise como plausível, recebida sem resistências evidentes. A teoria psicanalítica ganharia notoriedade e espaço, então, no bojo da especialidade médica que se dedicava a propor um projeto para o País.

O plano de desenvolvimento do Brasil e o fortalecimento do ideário científico são importantes elementos no jogo constitutivo das práticas psi. Como mencionado, a fundação do Hospício Pedro II, em 1852, marcou o início do processo de institucionalização da psiquiatria, mas foi somente em 1882 que a cátedra de Clínica Psiquiátrica e Moléstias Mentais foi criada na Faculdade de Medicina, no Rio de Janeiro. Em 1890, o Hospício, até então ligado à Santa Casa e à ordem religiosa, passava a ser capitaneado exclusivamente pela classe médica, transformando-se no Hospício Nacional dos Alienados. Tal passagem ocorreu a partir dos esforços de José Carlos Teixeira Brandão, que ali ocupou o cargo de direção entre 1890 e 1903. Seu sucessor foi Juliano Moreira (Russo, 2002b).

Moreira era negro, de origem pobre e natural da Bahia – características certamente pouco encontradas nos personagens considerados protagonistas daquele período no Brasil. Médico, conquistou o título de doutor aos 18 anos, tendo sido reconhecido “[...] como o responsável pelo ingresso da psiquiatria brasileira na era científica” (Russo, 2002b, p. 13). Suas influências teóricas provieram de uma viagem à Europa para o tratamento de tuberculose, ocasião em que participou de laboratórios e cursos, conectando-se a Emil Kraepelin, médico alemão responsável pelo desenvolvimento de diagnósticos – reconhecidos como mais modernos – no campo dos distúrbios mentais.

A vertente de Kraepelin se caracterizava por um tratamento que buscava as causas orgânicas das doenças mentais. Nesse sentido, uma alternativa surgia em relação ao

tratamento antes encaminhado nos moldes franceses e inspirado na abordagem de Pinel (Russo, 2002b).

Juliano Moreira, além de ser considerado figura exponencial da psiquiatria brasileira, é também um dos precursores da psicanálise no País. Em 1899, o jovem médico já mencionava ideias freudianas na Faculdade de Medicina da Bahia, embora não tenham sido encontrados registros certificando que ele atuou como psicanalista. Moreira foi escolhido presidente da seção carioca da Sociedade Brasileira de Psicanálise, fundada mais tarde no Rio de Janeiro, em 1929.

Na pesquisa de Jurandir Freire Costa (1980) publicada sob o título *A história da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*, Moreira é apresentado como uma forte referência no processo de transformação dos padrões psiquiátricos praticados à época. Mesmo sem mencionar o envolvimento do médico com a psicanálise, as palavras do autor referendam sua relevância no meio psiquiátrico:

Até Juliano Moreira, a Psiquiatria tinha-se limitado a reproduzir o discurso teórico da Psiquiatria francesa e a seguir a prática ditada pelo pessoal leigo ou religioso, encarregado da administração dos hospitais. Juliano Moreira e seus discípulos tentaram transformar esta situação, inaugurando uma Psiquiatria cujos fundamentos teóricos, práticos e institucionais instituíram um sistema psiquiátrico coerente. (Costa, 1980, p. 23).

Em terras paulistas, a entrada e a difusão da psicanálise também encontravam seu curso nas práticas realizadas no âmbito da medicina. Franco da Rocha foi autor do primeiro livro escrito no Brasil sobre a teoria freudiana – *A doutrina pan-sexualista de Freud* –, publicado em 1920. O médico foi fundador do Hospício de Juqueri, responsável pelo ensino da psiquiatria em São Paulo e professor de Durval Marcondes, um dos principais entusiastas e divulgadores da psicanálise no estado.

O processo de institucionalização e difusão da psicanálise em São Paulo contou com a participação intensa de Durval Marcondes. Em 1927, o jovem médico fundou uma Sociedade de Psicanálise, e, segundo Russo (2002b, p. 18), “[...] a recém-fundada sociedade conheceu um grande sucesso junto à elite paulista. Suas reuniões eram um verdadeiro acontecimento social, frequentadas por artistas, intelectuais e *socialites* da época”. Trata-se de uma mostra, portanto, da receptividade da teoria em certo âmbito naquele tempo.

Marcondes também teve papel relevante na vinda da primeira *analista didata* ao Brasil: Adelheid Koch, médica judia com formação em psicanálise na Alemanha. Koch

foi responsável pela criação de um grupo de estudos que se vinculou à IPA e que posteriormente constituiu a Sociedade Brasileira de Psicanálise, em 1951. A recepção da médica foi uma das importantes ações de Marcondes, pois proporcionaria o processo de formação de psicanalistas. Conforme Mokrejs (1993), esse acontecimento se deu partindo da indicação de Freud sobre as qualificações profissionais necessárias para ser um analista. A autora resgata, a esse respeito, o argumento freudiano que dispensa uma formação acadêmica específica para a prática da psicanálise.

Com relação ao tema da formação, vale uma breve digressão. Conforme as indicações de Freud (1996), o tratamento proposto por um psicanalista deve ser resultado de uma compreensão específica dos aspectos psíquicos e inconscientes, distinta daquela ancorada na concepção médica sobre os sintomas. Para que isso fosse possível, não seria por meio dos livros que o aspirante a psicanalista deveria aprender a técnica psicanalítica, mas sim no contato com aqueles que já exercem domínio sobre a prática. Seria por meio da experimentação do procedimento de tratamento psicanalítico que o futuro analista começaria a se constituir. Essa ideia é fortemente defendida por Freud (2017) em texto publicado em 1926, intitulado *A questão da análise leiga*. Segundo ele, os fundamentos da psicanálise não podem ser elemento de convencimento de um indivíduo; em vez disso, aqueles que desejassem tornar-se psicanalistas encontrariam o início de sua formação na experiência vivida no próprio corpo, em sua alma. Residiriam nesse processo – a sua própria análise – as condições iniciais que guiariam indivíduos decididos a exercer a psicanálise (Freud, 2017).

Anos antes, em 1910, a argumentação teórica sobre o tema se desenvolveu dando destaque às consequências do uso do método psicanalítico de maneira inadequada ou equivocada. Os enganos e os erros poderiam resultar na intensificação das resistências contra os métodos psicanalíticos e em danos ao paciente em tratamento; aliás, as preocupações voltavam-se mais ao primeiro do que ao segundo caso. No texto de Freud (1996, p. 238), o argumento aparece da seguinte forma:

Nem eu nem meus amigos e colaboradores achamos agradável reclamar um monopólio desse modo no uso de uma técnica médica. Mas, em face dos perigos para os pacientes e para a causa da psicanálise inerentes à prática que se pode antever de uma psicanálise ‘silvestre’, não tivemos outra escolha. Na primavera de 1910, fundamos a International Psycho-Analytical Association (Associação Internacional de Psicanálise), a que seus membros declaram aderir, pela publicação de seus nomes, de maneira a serem capazes de repudiar a responsabilidade por aquilo que é feito pelos que não pertencem a nós e no entanto chamam a seu procedimento ‘psicanálise’. Pois, em verdade, os analistas ‘silvestres’

desta espécie causam mais dano à causa da psicanálise do que aos pacientes individualmente.

As palavras de Freud sugerem que as normas pelas quais se fundamenta a formação de um psicanalista têm como princípio a *causa* da psicanálise.

A expressão *psicanálise silvestre* seria utilizada, portanto, para designar uma prática que se diz psicanalítica, mas que não é acompanhada das premissas definidas pela IPA. As demandas oriundas das exigências a respeito da formação do psicanalista foram responsáveis pela vinda de muitos profissionais estrangeiros, constituindo, pouco a pouco, um campo de psicanalistas reconhecidos e com a formatação exigida pela teoria.

É em torno da formação que o debate se intensifica, justamente no sentido de admitir como legítima, ou não, a prática da psicanálise por aqueles denominados *leigos* (Mokrejs, 1993) – ou, se quisermos, praticantes de uma *psicanálise selvagem*. Nesse sentido, as discussões sobre a prática psicanalítica tinham o objetivo de formar psicanalistas brasileiros. Seria impossível, portanto, atingir uma posição legítima de psicanalista sem corresponder às exigências estabelecidas pelo próprio Freud.

Embora seja compreensível que a história da psicanálise no Brasil esteja envolta por argumentos acerca da formação forjados no interior da própria teoria, para nosso propósito parece mais relevante dedicarmo-nos aos enlaces entre a psicanálise e a psiquiatria. Afinal, foi no campo médico que ela se estabeleceu como fundamento para a prática no tratamento de indivíduos. Além disso, nosso foco se define muito mais pelas condições que possibilitaram a difusão da psicanálise no Brasil, ou seja, pelos componentes que viabilizaram a adesão às ideias psicanalíticas. Nesse sentido, então, além dos pontos de contato entre a psiquiatria e a psicanálise, apontados por Juliano Moreira e Durval Marcondes, destaca-se também o clamor da época em torno da ideia de cientificidade, ou seja, a busca por uma compreensão sistematizada do conhecimento sobre o funcionamento dos indivíduos. Foi no bojo da procura por razões e explicações científicas que se fortaleceram os propósitos eugênicos entre o final do século XIX e o início do século XX.

As ideias eugenistas estavam presentes no contexto brasileiro mesmo antes de se tornarem um eixo central na psiquiatria. Conforme aponta Costa (1980), tais ideias foram importadas dos meios intelectuais europeus e chegaram ao Brasil via historiadores, sociólogos, antropólogos e literatos. Em linhas gerais, a eugenia propagava uma relação íntima entre os aspectos observáveis dos sujeitos e sua formação biológica. Desenvolvida por Francis Galton no final do século XIX, fundamentava-se no estudo de aspectos que

se manifestam socialmente nos indivíduos e que podem ser compreendidos – supostamente, claro está – como propulsores de qualidades ou defeitos da raça humana.

Após Galton, um elevado número de intelectuais europeus e norte-americanos procurou explorar sistematicamente os efeitos físicos e culturais produzidos pela miscigenação das raças humanas. Estas pesquisas originaram toda uma série de trabalhos sociológicos e etnológicos, alguns dos quais com conteúdos francamente racistas. Este movimento intelectual alcançou uma profunda repercussão sobre a intelectualidade brasileira das três primeiras décadas do século XX, que começou, então, a preocupar-se com a constituição étnica do povo brasileiro. (Costa, 1980, p. 30-31).

De acordo com a análise realizada por Costa, os ideais eugênicos foram uma maneira de se desviar das tensões sociais e econômicas de então, redirecionando a gênese dos problemas para as condições *naturais*. No bojo dessa argumentação, a distinção entre as raças aparecia hierarquizada: “O brasileiro não tinha podido promover o desenvolvimento harmônico do país porque o calor e a mistura com ‘raças inferiores’ tinham-no tornado preguiçoso, ocioso, indisciplinado e pouco inteligente” (Costa, 1980, p. 31).

Em 1923 foi fundada no Brasil a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), que incluía entre seus membros os principais nomes associados à psicanálise da época. Conforme Costa (1980), a LBHM é elemento crucial para o entendimento da história da psiquiatria no Brasil, além de possibilitar uma reflexão crítica sobre os riscos presentes em assumir a ciência de maneira universalizada. O principal deles, segundo o autor, seria o despreendimento do contexto histórico-social na admissão da ciência como pura e inquestionável. Conforme essa perspectiva, a LBHM é entendida como expressão da confluência de diversos princípios que forjaram o contexto da época, incidindo sobremaneira na prática psiquiátrica e produzindo preconceitos de cunho racista e xenofóbico.

[...] a Liga também nos alerta para o risco que o psiquiatra corre sempre que se imagina “homem da ciência”, sem antes dar-se conta que é homem de seu tempo. Os psiquiatras da Liga acreditaram no mito da ciência psiquiátrica universal. Eles se concebiam habitantes do hermético reino das ciências, portanto impermeáveis às influências culturais. Por isso mesmo, esqueceram que eram indivíduos pertencentes a determinada classe social, com opiniões e valores próprios a determinado período histórico. Esse preconceito levou-os a elaborar programas de higiene mental baseados na noção de “prevenção eugênica” nascida na psiquiatria nazista. Para eles a eugenia era um conceito científico, logo inquestionável. Uma vez aceito este

pressuposto, restava impor aos brasileiros as receitas da psiquiatria nazista. (Costa, 1980, p. 15-16).

Os princípios norteadores da Liga não se mantiveram os mesmos ao longo do tempo, sendo possível destacar dois momentos de mudanças expressivas no que diz respeito à relação da psiquiatria com a prática voltada para os doentes. Em 1923 criou-se o estatuto da LBHM, fundamentado no princípio de aperfeiçoar a assistência aos doentes. Fundada no Rio de Janeiro por Gustavo Riedel,¹¹ a instituição tinha como objetivo inicial “[...] melhorar a assistência aos doentes mentais através da renovação dos quadros profissionais e dos estabelecimentos psiquiátricos” (Costa, 1980, p. 27). Porém, em 1926 algumas mudanças apareceram no que concernia ao seu objetivo principal.

Naquele momento, os projetos voltaram-se para práticas cujo propósito central residia na prevenção e na educação, em âmbitos que extrapolavam o território tido como propício para a prática psiquiátrica, ou seja, os estabelecimentos psiquiátricos. Passou-se, então, a buscar no domínio social e cultural a possibilidade de propagar a ideia do tratamento preventivo: “A ação terapêutica deveria exercer-se no período pré-patogênico, antes do aparecimento dos sinais clínicos. Esta concepção leva-os a dedicar um maior interesse à saúde mental” (Costa, 1980, p. 28). Desse modo, o foco de interesse se deslocou: não mais se encarava o doente, mas sim o indivíduo normal.

Em tal contexto, segundo Russo (2002a, 2002b), Júlio Porto-Carrero era figura emblemática: primeiro médico a se autointitular psicanalista, ele fundou, também em 1926, a Clínica Psicanalítica da LBHM, tendo sido reconhecido por seu intenso apoio às ideias eugênicas. Não obstante, Porto-Carrero foi também porta-voz de uma transformação da moral tradicional, apoiando-se nos princípios modernos e científicos. O médico defendia uma nova organização da família contra a ordem patriarcal vigente, “[...] a favor dos filhos e da mulher, além de colocar em questão, até certo ponto, a moral diferenciada entre homens e mulheres” (Russo, 2002b, p. 21).

Embora não mencionado por Costa (1980), Porto-Carrero pode ter sido uma figura expressiva na mudança que se desencadeia em 1926. Aqui cabe conjecturar que a composição com a psicanálise pode ter impulsionado a ampliação da prática psiquiátrica como meio de intervenção visando ao domínio cultural e social, de maneira mais ampla.

¹¹ Russo (2002b) considera Renato Kehl como fundador da LBHM, ao passo que Costa (1980) atribui a fundação da Liga a Gustavo Riedel. Embora esta não seja uma informação que interessa ao presente texto, julgamos pertinente apontar a discordância.

Não seria absurdo supor, portanto, que as ideias psicanalíticas tenham fornecido sentido para a ampliação da intervenção psiquiátrica.

A respeito dessa hipótese, Cristiana Facchinetti nos auxilia na compreensão da função psicanalítica nas aspirações do médico:

[...] além de um diagnóstico, há uma terapêutica. Vale dizer, sua esperança advinha, segundo ele, do “hino ao futuro”, da “utopia psicanalítica” (Porto-Carrero 1929, p. 21), como ele denomina *O futuro de uma ilusão*, obra escrita por Freud em 1927. Nessa utopia freudo-carreriana, a sociedade reconstruída seria fundamentada na nova ciência: a partir do conhecimento científico acerca da “trama sexual dos impulsos”, seria possível varrer “os tabus milenares” e arquitetar, sobre seus fundamentos, “esse mundo ideal com que sonhou Freud no seu livro” (Porto-Carrero, 1929, p. 186). (Facchinetti, 2012, p. 48).

Com propósitos cada vez mais voltados para o fortalecimento do viés científico e dos progressos decorrentes da teoria eugenista, a higiene mental ganhou espaço no campo social. Houve, portanto, um deslocamento do indivíduo doente como alvo principal, representado pela higiene psíquica individual, para o campo social, representado pela higiene social da raça.

A educação, no sentido dessas proposições, foi território profícuo na produção do indivíduo preparado em conformidade com o progresso. No esteio das ideias higienistas, principalmente representadas por Porto-Carrero, o tratamento pertinente à educação proporcionaria “[...] a subida dos brasileiros aos mais altos patamares da evolução da humanidade” (Facchinetti, 2012, p. 48). O que caucionaria tal frente interventiva seria a possibilidade de atuar no inconsciente dos sujeitos a partir do recalque e da sublimação, ou seja, trabalhar com base em conceitos psicanalíticos.

A partir de 1930 delineou-se, então, uma ampliação da prática psiquiátrica para as esferas educacionais e culturais. Nesse período, a psicanálise ganhava profusão via os escritos de Arthur Ramos – médico baiano radicado no Rio de Janeiro, adepto das ideias de Nina Rodrigues¹² –, especialmente em seus trabalhos sobre o povo negro e sua religião. Ramos foi professor de Psicologia Social na Universidade do Distrito Federal e chefiava a Seção Técnica de Ortofrenia e Higiene Mental da Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal (Russo, 2002b).

Sendo responsável por compreender as inadequações decorrentes dos modos exigidos pela escola, Arthur Ramos foi um dos defensores da higiene mental e um

¹² Nina Rodrigues é considerado o fundador da medicina legal brasileira.

importante representante da noção de *aluno-problema*.¹³ A psicanálise operada por ele possibilitou um rumo para as aspirações civilizatórias no campo educacional. Foi via a cura do inconsciente que se impulsionou uma forma interventiva plausível e, evidentemente, caucionada na teoria psicanalítica (Rito, 2009).

Ainda sobre a propagação da psicanálise na esfera educacional, em 1938 destaca-se a criação do Serviço de Higiene Mental Escolar (SHME), por Durval Marcondes, em São Paulo. Ali se oferecia tratamento para alunos provenientes da rede pública de ensino que apresentassem problemas no processo de escolarização. Naquele contexto, os alunos e os obstáculos identificados eram compreendidos e tratados por profissionais da saúde, de modo que a psicanálise comparecia como norteadora das intervenções voltadas a problemas “[...] percebidos na esfera da educação pública, relacionados a uma suposta debilidade mental e nas inaptações do comportamento de crianças” (Lima, 2012, p. 82-83).

Lima (2012), em um trabalho dedicado a analisar a concepção de criança na psicanálise de Durval Marcondes, apresenta uma reflexão sobre a utilização das ideias psicanalíticas no estabelecimento da relação entre o campo da saúde e a educação, corroborando os princípios higienistas e a normalização da conduta dos participantes do campo educacional: alunos, professores e famílias. Foi pela via da normalização e do disciplinamento dos comportamentos desajustados que a higiene mental escolar passou a operar com as ideias psicanalíticas.

A passagem que acontece nesse momento é do comportamento castigável ao comportamento “terapeutizável”. Nesse circuito, a Psicanálise se insere como moral substituta que se impõe à autoridade paterna para informá-la e, assim, controlá-la por meio da ciência. (Lima, 2012, p. 99).

Diante das diferentes maneiras existentes para abordar os temas aqui expostos, é curioso constatar a presença da teoria psicanalítica em cada uma das argumentações. Se, como vimos há pouco, a psicanálise compunha intensamente com os propósitos de normalização e disciplinarização dos indivíduos por meio da intervenção de queixas educacionais, ela seria também um dos elementos que ajudavam a perceber a forte tendência ideológica em jogo naquele tempo. É pela sua presença, mas não pelo seu uso,

¹³ Tais ideias são resgatadas e analisadas na tese intitulada *Aluno-problema e governo da alma: uma abordagem foucaultiana*, do pesquisador Marcelo Rito (2009).

que Costa (1980, p. 59-60) afirma a tendência preconceituosa que imperava na ordem psiquiátrica, como podemos constatar a seguir:

Escolhendo a esterilização, a segregação etc. como instrumentos terapêuticos, os psiquiatras deixavam transparecer o gosto que tinham pelo uso de medidas de força no tratamento da doença mental. Todos eles conheciam as concepções psicossociogenéticas, em particular as psicanalíticas, da origem das perturbações psíquicas. Portanto, a escolha que fizeram não se devia à ignorância de outros meios de abordagem da doença mental. É porque previamente à seleção dos meios terapêuticos, eles concebiam os indivíduos como animais, que lhes parece possível sacrificá-los legitimamente, em proveito da raça ou da sociedade. Para os psiquiatras da LBHM era natural que o povo brasileiro se curvasse às suas convicções pessoais.

Como não nos interessa propriamente deslindar a história da psiquiatria, mas caminhar por linhas que conduziram a entrada da teoria freudiana no Brasil, enveredaremos para outra frente de propagação. Observamos em uma esfera macropolítica que as intenções da classe médica afinavam-se, hegemonicamente, com princípios do desenvolvimento do País, sendo a educação tomada como meio para a realização desse projeto. No esteio dessa discussão, maneiras de promover um povo civilizado e produtivo ganhavam relevo, e o pensamento psicanalítico serviu, mesmo que em diferente escala, como aliado naquele propósito. Aqui, nota-se um deslocamento do alvo central das intervenções: do *locus* educacional para o *locus* social.

Nesse cenário, discussões em torno da sexualidade funcionavam como uma espécie de catalisador de elementos propícios para realizar os propósitos desenvolvimentistas em voga. A sexualidade se mostrou fundamental quando o problema da miscigenação entre os sujeitos oferecia uma ameaça ao projeto firmado pelas ideias higienistas. Tendo sido tomada como eixo, foi alvo de muitos esforços destinados ao seu enquadramento prévio. Assentada em certa métrica, pois, demarcava uma justa medida adequada que tornava possível inferir julgamentos sobre tendências naturais do povo brasileiro. Logo, nutria-se a concepção de que os brasileiros, se mirados sob o foco das relações sexuais, mostravam-se excessivos e desregrados, o que indicaria uma índole claramente primitiva.

Somada a essa visão em relação à sexualidade, destaca-se a compreensão da psicanálise como uma espécie de meio pelo qual se poderia sustentar os motivos e as causas de desajustes, bem como a pertinência do tratamento (Russo, 2002b). Assim, a teoria freudiana teria servido como justificativa e possibilidade para fundamentar diferentes concepções e objetivos em torno da sexualidade e por meio dela. Sendo

admitida como aspecto inerente aos humanos, a sexualidade pôde ser encarada como objeto de tratamento: a sexualidade *tratável*, pois. Sobre tal reflexão, Russo (2002b, p. 55) afirma, referindo-se àquele tempo:

A sexualidade, ou seu excesso, não precisa mais ser percebida como um problema em si já que não é nem boa nem ruim em si mesma, sendo responsável tanto pelos piores distúrbios da alma humana, quanto pelas nossas realizações mais sublimes. Inútil negá-la ou reprimi-la. Inicialmente, é necessário reconhecer sua real força e sua presença lá onde parece estar ausente – nos recônditos da alma, nos comportamentos mais simples e inocentes. Em seguida, deve ser aproveitada, controlada, canalizada para fins ‘superiores’ através da sublimação. A ideia de *sublimação* fornece uma teoria da ‘perfectibilidade’ ou ‘educabilidade’ eficientíssima. Tem-se aí uma espécie de saída civilizadora para esse país mestiço: o primitivismo dos instintos, das paixões, o sensualismo excessivo das raças inferiores não são empecilhos insuperáveis para o progresso da nação. A civilização, a educação dos instintos e das paixões é possível.

Além da inserção da psicanálise nas questões referentes à psiquiatria, tal compreensão sobre a sexualidade promoveu o espraiamento da teoria freudiana no tecido social, via cultura. Destaca-se, a título de ilustração, o imenso volume de materiais informativos sendo divulgados àquela época, incluindo revistas, livros e programas de rádio.

É possível admitir que, desde sua entrada no Brasil, a psicanálise acompanhava os movimentos realizados pelas aspirações psiquiátricas características da primeira metade do século XX, mesmo que tal empreitada tenha ocorrido de maneira contrastante à narrativa reconhecida no interior da própria psicanálise atualmente.

A seguir, tomaremos três personagens para mobilizar a presença da psicanálise em seu formato de propagação na cultura, compreendendo que o alastramento do pensamento psicanalítico no tecido cultural nos oferece pistas fundamentais diante do objetivo geral desta pesquisa. Os três personagens funcionam como atores privilegiados, entendidos como agentes expressivos dos modos de apropriação e de difusão da psicanálise, como operadores que agem segundo um discurso em intenso movimento e ascensão em determinado tempo, discurso este proponente e produtor de um modo de compreensão sobre nós mesmos. São eles: Gastão Pereira da Silva, Virgínia Leone Bicudo e Contardo Calligaris.

2.1. Gastão Pereira da Silva

Um importante nome que conjuga a articulação entre a psicanálise e o público não especializado é Gastão Pereira da Silva, e as discussões sobre a sexualidade talvez tenham sido um dos principais eixos que tornaram possível essa ligação. Seus esforços dirigiam-se a articular a teoria psicanalítica com as histórias recolhidas de pessoas comuns e, apesar de não ter se vinculado aos movimentos existentes no processo de surgimento de instituições psicanalíticas, chegou a se corresponder com Freud,¹⁴ relatando o trabalho que desenvolvia no Brasil.

Sua frente de intervenção era ampla. Pereira da Silva teve livros publicados, participou de programas de rádio e escreveu colunas temáticas em várias revistas. A esse respeito, relata Russo (2002b, p. 58):

Além dos livros, Gastão manteve intensa atividade na imprensa escrita. Em 1934, criou na revista *Carioca* a coluna Psicanálise dos sonhos, ilustrada por uma fotografia de Freud (que dá origem ao *Conhece-te pelos sonhos*). Na revista *Vamos Ler*, manteve uma coluna intitulada Página das mães (da qual nasceu o livro *Conheça seu filho*). Posteriormente colaborou na revista *Seleções Sexuais*, com a seção ‘Confidências’.

No rádio, ele trabalhou durante três anos no programa intitulado *No mundo dos sonhos*, cujo conteúdo constituía-se pelas histórias enviadas por ouvintes (Russo, 2002b). Por meio da oferta de um tipo de espaço para a escuta dos sonhos, seria possível admitir que a função do psicanalista foi deveras importante para, além de divulgar as ideias freudianas, deslindar o que ali se afirmava em relação a um jogo concernente à concepção de si que ganhava força e intensidade naquele tempo.

Outro elemento de destaque era o fato de Pereira da Silva ser reconhecido pelos jornais da época como um escritor ou intelectual, de modo que, embora a psicanálise estivesse mencionada em seus trabalhos, ela não era posta em relevo no modo como ele era apresentado. Segundo Marcondes (2015), seus estudos e trabalhos não correspondiam às tendências em voga, já que distanciavam o psicanalista do pertencimento ao campo científico especializado. Não obstante, o traço modernizante que permeava suas produções estava subentendido na ênfase em promover a construção de certo tipo de

¹⁴ Pereira da Silva promoveu a tradução de dois trabalhos seus para o idioma alemão – *Para compreender Freud e Psicanálise em 12 lições* – e obteve, em 1934, uma resposta do pai da psicanálise agradecendo a dedicação em promover a divulgação de suas ideias (Marcondes, 2015).

cultura e identidade brasileiras, tendo como campo propositivo a extensão de todo o território brasileiro.

As revistas que contaram com a participação de Gastão, embora fossem publicadas no Rio de Janeiro, tinham alcance de circulação nacional. De acordo com Marcondes (2015, p. 104), tal fato deveu-se aos propósitos do governo federal de então, que buscava “[...] expansão e nacionalização em várias esferas, como nos meios de comunicação, na saúde e na educação”.

Dessa maneira, por meio do trabalho de Gastão Pereira da Silva, a psicanálise se fortaleceu, no sentido de diminuir a distância entre o público leigo e as discussões pertinentes à esfera intelectual do País. Essa é uma das formas da denominada *vulgarização científica* (Marcondes, 2015), que tem a intenção de informar o público considerado ignorante, via uma fonte que detém o saber. Gastão poderia, no esteio dessas considerações, ser reconhecido como *cientista do povo*; sua função se consolidava na medida em que realizava a mediação entre saberes específicos e o interesse comum, traduzindo para o âmbito cultural ideias e sentidos decorrentes da esfera científica. Sobre isso, Marcondes (2015, p. 105) argumenta:

[...] embora possa ser dito que ele tenha atingido segmentos sociais que antes não tinham acesso a informações sobre psicanálise, [o público] era colocado na dependência de um mediador, do divulgador, do “cientista do povo”: mesmo quando respondia a cartas vindas de todas as partes do Brasil, era Gastão quem era encarregado de fornecer as respostas, de dar seu parecer a respeito do problema apontado. Deste ponto de vista, seu público era colocado em uma posição de espectador, seja como leitor, ouvinte de programas radiofônicos ou audiência de peças teatrais. Porém, o objetivo de divulgadores científicos da época, como Gastão, era que esse espectador também adquirisse conhecimentos importantes, mesmo sem perceber, sendo educado e requintado “à sua própria revelia”.

É nesse sentido que a prática desenvolvida por Pereira da Silva poderia ser caracterizada como pedagógica, mesmo sem que se possa recolher em seus escritos formas imperativas de indicar atitudes corretas ou incorretas (Russo, 2002b). Tal análise nos parece bastante plausível, considerando o modo como ele veiculou certo formato interpretativo sobre as questões psíquicas, ligando-as ao interesse das pessoas. Aliás, a importância de Pereira da Silva no processo de difusão da teoria psicanalítica fundamentar-se-ia, justamente, na distância que imprimia com relação à classe acadêmico-científica. Sem dúvida, seu modo de transmitir conhecimento e divulgar a

teoria do inconsciente para o público em geral almejava como efeito o espraiamento da psicanálise no campo cultural e social.

Os textos que evidenciavam sua relação com o público – cartas e relatos de ouvintes sobre seus sonhos – priorizavam uma linguagem mais acessível ao leitor comum, que, por sua vez, parecia aderir às explicações e interpretações oferecidas pelo psicanalista. Desse modo, o princípio pedagógico encontrava-se no ato de divulgar, sobremaneira, “[...] um certo modo de se autoproblematizar, que, uma vez realizado, leva à forma ‘correta’ de nomear, circunscrever e interpretar os próprios conflitos. E, claro, à necessidade de falar de si, desvelar seus sentimentos mais íntimos, a um especialista” (Russo, 2002b, p. 59). Foi por sustentar-se numa abordagem que tinha como alvo o *si mesmo* que a prática de Pereira da Silva portava um intenso teor pedagógico.

O trabalho de Gastão com o público gerou uma série de materiais que depois foram publicados no livro intitulado *Conhece-te pelos sonhos*, de 1937. Sobre essa obra, Heloísa Seelinger (s.d., p. 12) – autora da pesquisa *Entre vilões e mocinhas, leitores e ouvintes: a difusão da psicanálise por Gastão Pereira da Silva na Era Vargas*, desenvolvida na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) – afirma que já na “[...] capa percebe-se o propósito de convidar o leitor a reconhecer a existência de sentido nas manifestações oníricas. Ilustrar o seu livro com um homem por detrás de uma máscara evocava a necessidade do autoconhecimento”.

Além dos programas de rádio e da publicação de vários livros, Pereira da Silva criou um curso de psicanálise via correspondências na década de 1950. Supunha-se que tal estratégia seria uma das formas mais eficazes de disseminar a psicanálise e prestar algum auxílio para pessoas que declaravam seus sofrimentos (Russo, 2002a, 2002b; Marcondes, 2015).

Assim, pode-se dizer que o trabalho de Gastão Pereira da Silva figurou como um elemento muito importante para a psicanálise no Brasil, principalmente no que concerne à produção de uma adesão fundamental, *a posteriori*. Enquanto a institucionalização da psicanálise anunciava a forja de novos psicanalistas via a formação nos moldes da IPA, a difusão das ideias freudianas circulava a todo vapor na construção de um público afeito à teoria.

Mesmo que Gastão tivesse amplitude em sua ação e trabalhasse a fim de propagar a teoria psicanalítica, não houve unanimidade nas opiniões sobre seu trabalho. Em seu

escrito publicado na revista *O Malho*,¹⁵ em 1941, isso fica evidente. Pereira da Silva afirma que os trabalhos realizados, os quais promoviam a circulação das ideias freudianas de maneira menos especializada, eram considerados sem valor ou “cousa de charlatão” (Marcondes, 2015, p. 100). Para o *cientista do povo*, seu trabalho contribuía para orientar as pessoas, partindo da oferta de conhecimento sobre os problemas fundamentais da vida. As acusações de charlatanismo endereçadas a ele primavam por um saber concentrado no território específico da ciência, e apenas nesse contorno se conceberia a legitimidade.

Segundo Marcondes (2015), a intenção de atrair e aproximar o público do material científico é intensa nos textos escritos por Gastão. Buscava-se o interesse das pessoas e, com essa estratégia, tornava-se possível uma forma de educar, sem que o processo em andamento fosse explícito. A tarefa de popularizar a psicanálise e proporcionar um novo modo de vida para os brasileiros parecia ser algo relevante para Gastão, e, nesse sentido, as resistências que enfrentava pareciam compensar.

A pesquisa de Seelinger (s.d.) apresenta a trajetória do médico e advoga em favor de sua importância no campo psicanalítico. A autora se posiciona firmemente em relação à falta de interesse do próprio campo pelos modos de divulgação da teoria para camadas específicas da população. Em seu entendimento, não há investigações que puderam levar a cabo a função e as estratégias utilizadas pelos meios de comunicação social ao longo do século XX. O desinteresse, segundo a autora, mantém-se e é fruto de uma posição que considera “[...] essa forma de transmissão da psicanálise menos nobre ou constituída de apropriações distorcidas, de modo a torná-la inconsistente e estereotipada” (Seelinger, s.d., p. 1). A autora acrescenta que os meios de comunicação social foram fundamentais à produção de demanda para as profissões psi, salientando que a crítica realizada dentro do próprio campo psicanalítico ignora e, no limite, desqualifica os meios pelos quais Pereira da Silva trilhou seu percurso. Entretanto, argumenta:

Ao se resgatar a memória do processo de popularização da psicanálise, cabe analisar a trajetória de Gastão (1897-1987), médico, psicanalista, escritor e jornalista atuante, com espaço nas revistas *Carioca*, *Vamos Ler*, *Dom Casmurro* e *Seleções Sexuais*. Sua militância jornalística se pauta pela defesa da disseminação do saber psicanalítico. Além de ser autor de mais de cinquenta livros, escritos de modo a tornar a leitura de

¹⁵ A Revista começou a ser publicada em 1902, no Rio de Janeiro, com periodicidade semanal. O conteúdo privilegiava discussões sobre política e apresentava leituras críticas sobre os costumes vigentes. Em 1930, a revista se posicionou contra Getúlio Vargas e, por conseguinte, teve sua sede incendiada e sua veiculação interrompida. O período total de publicação da Revista se estendeu de 1902 a 1954, sendo que ao longo desse tempo diferentes características ganharam relevo. Gastão Pereira da Silva publicou seus primeiros escritos para a revista em 1934.

seus pressupostos teóricos acessível ao leitor leigo, como radialista criou programas de radioteatro e radionovela na Rádio Nacional, tornando-se um nome de referência na introdução da psicanálise no dia a dia de nossa população urbana. (Seelinger, s.d., p. 1).

À parte dessa argumentação, outro elemento destacado pela autora é o fato de Gastão ter confrontado os moldes de formação instituídos pela IPA. Julgando-os elitistas e tendo atuado fortemente na direção da defesa da análise leiga, Gastão não buscou nenhum tipo de aproximação com grupos cujos esforços se voltassem para a institucionalização da doutrina (Seelinger, s.d.).

Marcondes (2015) soma-se ao questionamento de Seelinger, mesmo que não estabeleça relação direta com a institucionalização da psicanálise, afirmando o seguinte sobre Gastão Pereira da Silva:

Sua trajetória deveria ter sido mais estudada pela historiografia brasileira da psicanálise, uma vez que a partir dela podemos compreender de modo mais amplo o *boom* dos anos de 1970 como um processo sedimentado, tijolo por tijolo, na divulgação da psicanálise em todos os campos do social, desde a década de 1930. (Marcondes, 2015, p. 107).

Se é plausível reconhecer que o psicanalista midiático foi uma figura singular na história da psicanálise no Brasil e que a direção de seu trabalho tenha sido permeada por diversas ressalvas pertinentes à época, há outra personagem que também representa grande importância no processo de divulgação do pensamento freudiano no século XX: Virgínia Leone Bicudo.

Vale destacar, já de partida, que a história de Virgínia Bicudo, conquanto seja bastante similar à do médico, é encarada de maneira absolutamente diferente no interior da psicanálise. Na incursão realizada sobre essa temática, não encontramos, por exemplo, nenhuma ocorrência que inter-relacionasse os nomes dos dois nos trabalhos consultados. Entretanto, no percurso que temos traçado aqui, muitas semelhanças podem ser encontradas.

2.2. Virgínia Leone Bicudo

Nascida em 1910, no estado de São Paulo,¹⁶ filha de uma imigrante italiana e de um pai descendente de negros escravizados, Virgínia Bicudo participou dos primórdios da institucionalização da psicanálise – inicialmente em São Paulo e posteriormente em escala nacional –, tendo atuado intensamente na divulgação da teoria em meios culturais.

Cursou o bacharelado na Escola Livre de Sociologia Política, em 1938, e a vertente temática que sempre a acompanhou dizia respeito à questão racial. Com foco nessa temática, defendeu sua dissertação de mestrado – a primeira sobre o tema no País – em 1945, sob o título *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. Ainda no campo da sociologia, Bicudo também realizou uma pesquisa sobre a relação de cor contida nas atitudes de alunos em grupos escolares na cidade de São Paulo, em um trabalho publicado no livro *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*, de 1955.

É evidente que seu interesse pelo campo social se destacava, já que sua formação foi diretamente ligada às ciências sociais. Todavia, mesmo antes dos eventos mencionados, Virgínia Bicudo, desde 1936, já criava intersecções com o pensamento psicanalítico. Sendo assim, o eixo no qual ela orbitava posicionava-a em uma perspectiva de utilização da psicanálise via uma problemática do campo social.

Em uma entrevista concedida em 1989 para a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), Bicudo contou sobre sua trajetória e sobre seu primeiro contato com um texto de Freud, que versava sobre o conceito de sublimação. Segundo ela, foi naquele momento que reconheceu em si a vontade de dedicar-se ao estudo da teoria. Em suas palavras: “Percebi que o problema que estava me causando sofrimento era de dentro para fora e não de fora para dentro. Não é sociologia que tenho que fazer, e sim psicanálise” (*apud* Giansesi, s.d., n.p.).

Regina Lacorte Giansesi (s.d.), psicanalista, historiadora e coordenadora do Centro de Documentação e Memória da SBPSP, em texto que resgata o caminho percorrido por Virgínia, defende que a trajetória pessoal e profissional desta foi visivelmente influenciada pela busca por desenvolver as ideias psicanalíticas.

Ademais, conforme Maria Helena Indig Teperman e Sonia Knopf (2011), autoras do artigo *Virgínia Bicudo: uma história da psicanálise brasileira*, o contato com a

¹⁶ Nos textos consultados, não foi possível encontrar com precisão a cidade em que a psicanalista nasceu: conforme Dunker (2018), teria sido em Ribeirão Preto; a partir de Teperman e Knopf (2011), porém, subentende-se que ela seria natural da cidade de São Paulo, o que também é sugerido por Maio (2010).

doutrina foi fundamental no processo de enfrentamento do racismo. Ainda de acordo com as pesquisadoras, a participação de Virgínia na construção de uma *escola psicanalítica* teria sido deveras relevante, sendo que em 1936 ela teria se ligado ao grupo de Durval Marcondes e participado das discussões que viabilizaram a vinda da primeira analista didata ao Brasil. Sobre esse percurso, que implicou sua participação na institucionalização da teoria, Teperman e Knopf (2011, p. 71) relatam:

Em 1936, este grupo [capitaneado por Durval Marcondes], convencido da necessidade de haver no país um analista didata, consegue, com a ajuda de Ernest Jones, trazer para São Paulo a Dra. Adelheid Koch, psicanalista alemã credenciada pela IPA como didata, que poderá iniciar aqui uma real formação analítica. Virgínia conta: “Eu fui a primeira pessoa a deitar no divã da Dra. Koch. E ela com seu chapéu preto de abas largas era muito elegante, uma jovem e linda mulher”. Daí em diante, desenvolverá paralelamente por alguns anos, as carreiras de socióloga e de psicanalista; depois abraçará integralmente a psicanálise.

O grupo referido foi responsável pela criação da atual SBPSP e bastante reconhecido pelos esforços em legitimar a prática de psicanalistas nos moldes da IPA. Não obstante, Virgínia Bicudo também foi uma figura que enfrentou críticas em relação ao seu trabalho: além de ser uma mulher negra em um território prioritariamente habitado por homens brancos, foi acusada de charlatanismo por ocasião do Congresso de Saúde Mental em 1954. Tal acusação foi proveniente de médicos psiquiatras que labutavam contra a prática em saúde por profissionais que não tinham a formação médica (Teperman; Knopf, 2011).

Embora ela tenha sofrido o mesmo tipo de acusação que Gastão Pereira da Silva, não nos parece incorreto admitir que, no caso de Bicudo, a situação se delineou de maneira absolutamente distinta. Talvez o fato de ter participado de processos tidos como legítimos para a formação em psicanálise afastou-a da impregnação contida na ideia de charlatanismo. Nesse sentido, apesar de os textos que contam a história de Virgínia Bicudo mencionarem tal aspecto, eles o fazem localizando-o nos embates relacionados às críticas à psicanálise por parte da medicina e da psiquiatria, como uma espécie de recusa à psicanálise. Em certas narrativas da história psicanalítica no Brasil, Virgínia Bicudo aparece muito mais como um exemplo do que teria sido a resistência dos médicos em relação ao pensamento psicanalítico do que como uma charlatã. Já no caso de Gastão Pereira da Silva, parece-nos que tal elemento tem um sentido muito mais pejorativo desde a perspectiva psicanalítica. Colocam-no num lugar característico, como uma espécie de *segunda classe*, tal como buscamos demonstrar no início dessa seção. Não obstante, a

atividade de ambos em relação à propagação da psicanálise no meio cultural é análoga, como veremos a seguir.

Em 1940, Bicudo assumiu a cadeira de psicanálise e higiene mental na Escola Livre de Sociologia e Política. O ensino atribuído a ela propunha cuidados preventivos aos âmbitos familiar e escolar, buscando a saúde psicológica das crianças (Gianesi, s.d., n.p.).

Em 1956, a psicanalista publicou o livro *Nosso mundo mental*, cujo conteúdo foi organizado a partir de seu programa homônimo na rádio *Excelsior* e de colunas veiculadas no jornal *Folha da Manhã*. Sobre o livro, Marcos Chor Maio (2010, p. 330-331) considera tratar-se “[...] de uma obra de divulgação científica utilizando meios de comunicação de massa, algo inédito no campo da psicanálise no país”.

De modo algum nos interessa enrodilharmo-nos no problema da veracidade desses fatos, contestar o que *verdadeiramente* ocorreu ou, ainda, indagar qual das figuras em tela *realmente* inaugurou a difusão da psicanálise nos meios de comunicação de grande circulação. Entretanto, parecem-nos curiosas a forma como tais elementos são descritos e a relação de forças que compõem os modos como as narrativas se constituem. Em nosso entendimento, estamos lidando diretamente com os movimentos de legitimação da discursividade psicanalítica no âmbito da cultura.

Ainda sobre a temática, Teperman e Knopf (2011) afirmam que o programa *Nosso mundo mental* é *antológico* e que naquele tempo era possível observar o crescente interesse na divulgação das atividades das instituições científicas via a mediação dos meios de comunicação. As autoras defendem:

[...] já com conhecimentos teóricos e clínicos ampliados e consolidados, Virgínia, que tem uma grande facilidade de se expressar e comunicar com paixão o que pensa e sabe, dedica-se a divulgar a psicanálise e também se preocupa em transmitir conhecimentos básicos que possam auxiliar pais e educadores na compreensão das necessidades emocionais da criança em seu desenvolvimento. [...] na técnica de radio-teatro, monta episódios com temas do cotidiano das famílias, que ficam assim conhecendo conceitos como inconsciente, agressividade, inveja, ciúme, culpa, fantasia, amor, ódio, de maneira compreensível para elas, e recebem noções sobre como lidar com a dinâmica desses fatores. Ela é, então, uma grande comunicadora, precursora na utilização de recursos da mídia. (Teperman; Knopf, 2001, p. 72).

Sobre o programa de rádio, Gianesi (s.d.) advoga em nome de sua fundamental importância, não apenas pelo sucesso que alcançou ao veicular o pensamento psicanalítico, mas também por ter proporcionado à psicanálise grande credibilidade

perante o público. Um último elemento destacado pela autora a respeito do programa é a ação de Bicudo no enfrentamento da resistência de psiquiatras com relação à teoria.

Além de ter trabalhado fortemente em solo brasileiro com o objetivo de institucionalizar a psicanálise, Virgínia Bicudo concluiu sua formação como psicanalista em Londres, na Sociedade Britânica de Psicanálise. Na oportunidade, ocorrida na década de 1950, manteve contato com psicanalistas renomados, como Melanie Klein, psicanalista austríaca responsável por desenvolver as ideias freudianas na clínica com bebês; Wilfred Bion, teórico inglês responsável por alguns estudos de grupos em psicanálise; e Donald Winnicott,¹⁷ médico psicanalista que desenvolveu métodos e conceitos para o tratamento de crianças e bebês em psicanálise. Com Bion, aliás, teve um contato muito mais próximo, tendo sido posteriormente responsável pela vinda do psicanalista ao Brasil.

Da década de 1960 em diante, após retornar ao País, Bicudo seguiu trabalhando intensamente no estabelecimento da psicanálise nas escolas especializadas. No início de 1970, foi professora da Universidade de Brasília e acompanhava aspirantes a analistas como analista didata, conforme nos informa Maria Ângela Gomes Moretzsohn (2013), em seu artigo *Uma história brasileira*. Nas palavras da autora:

Os próximos dez anos serão de intensa atividade no consultório, agora como didata, na instituição, onde participará de todas as diretorias até 1973, na maior parte do tempo como diretora do instituto, e como autora de inúmeros trabalhos. Entre 1967 e 1970 será a diretora editorial da Revista Brasileira de Psicanálise, colaborando ainda no Jornal de Psicanálise como redatora. Presença constante em congressos, jornadas, seminários, também se envolverá com o movimento psicanalítico da América Latina, tornando-se correspondente assídua de vários colegas da região. (Moretzsohn, 2013, p. 325).

Como pudemos observar, na trajetória da difusão da psicanálise no Brasil, há dois elementos consideráveis: sua propagação via classe médica e via tecido cultural. Ambos, parece-nos, forjaram-se impregnados de um ideário educacionalizante acerca da nação brasileira. Salvo as disputas sobre a legitimidade do sujeito enunciador da teoria, parece possível afirmar que nunca a teoria psicanalítica ocorreu alheia a um projeto socioeducacional, seja em termos de sua institucionalização, seja em termos de inaugurar certa maneira de encaminhar os esforços dos sujeitos para a reflexão de si. Como um

¹⁷ Klein, Bion e Winnicott são três importantes nomes associados à psicanálise pós-freudiana. Atualmente, cada um deles é estudado como representante de uma escola específica de psicanálise: kleiniana; bioniana; winnicottiana.

duplo golpe de forças de timbre educacional, a psicanálise, em primeiro lugar, devota-se à formação dos seus – os futuros psicanalistas – e à formação dos outros – a divulgação de um modo de vida que implica o *si mesmo*.

As informações acerca de Virgínia Bicudo e a legitimidade a ela atribuída seguem um caminho bastante curioso. Mesmo que seu primeiro contato com a teoria tenha se dado via o campo social, sua formação e seu engajamento na institucionalização da psicanálise, correndo em paralelo aos movimentos de divulgação nos meios de comunicação, parecem ter contribuído para a consolidação e o reconhecimento da trajetória de uma grande analista.

Sigamos adiante com o terceiro operador eleito, talvez um sucessor ou herdeiro histórico dos dois personagens já descritos.

2.3. Contardo Calligaris

Em 30 de março de 2021, o psicanalista, escritor e dramaturgo Contardo Calligaris foi, aos 72 anos, vencido pelo câncer, depois de diversas tentativas de tratamento para a doença. Nascido na Itália, na cidade de Milão, em 1948, Calligaris percorreu um amplo campo de estudos: estudou epistemologia genética, em Genebra; escreveu sobre Italo Calvino em uma monografia de sua primeira licenciatura; foi orientando de Roland Barthes, em Paris; estudou psicanálise com Jacques Lacan, na década de 1970, para citar alguns de seus caminhos (Calligaris, 2021).

A primeira vinda do italiano ao Brasil aconteceu na década de 1980, na divulgação de um de seus livros, intitulado *Hipótese sobre o fantasma na cura psicanalítica*, de 1986. Calligaris estabeleceu-se no País depois de um tempo alternando idas e vindas da Itália e dos Estados Unidos. Seu percurso pelo continente americano rendeu-lhe, ainda, períodos de residência em Nova York, local em que atendia como psicanalista. Também nos Estados Unidos, foi professor na New School, de Nova York, e na Universidade da Califórnia, em 1994. Permaneceu alternando-se em terras norte-americanas de 1994 a 2004, quando pretendia encaminhar um projeto de duplicar o trabalho que havia feito sobre o Brasil – no livro *Hello, Brasil!: notas de um psicanalista europeu viajando pelo Brasil* –, com o olhar voltado, agora, para os Estados Unidos.

Calligaris é considerado um nome decisivo para o campo psicanalítico nacional, tendo publicado livros estritamente relacionados à psicanálise e à psicologia, como o já mencionado e *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*, em 1989, além de

Cartas a um jovem terapeuta, em 2004, obra que propõe um diálogo com jovens profissionais interessados em construir carreira na área psi. Não obstante, Calligaris também enveredou pela escrita de obras ficcionais: *Crônicas sobre o individualismo cotidiano* (1996); *O conto do amor* (2008); *A mulher de vermelho e branco: uma história de Carlo Antonini* (2011).

Sua trajetória como psicanalista e escritor foi marcada – também e sobretudo – pelos textos que escreveu como articulista do jornal *Folha de S.Paulo*. Sua estreia como colunista semanal ocorreu em abril de 1999, com o texto *Adolescentes, testosterona, espinhas e crimes*. Entretanto, segundo o acervo digital do Jornal, Calligaris já se relacionava com a *Folha* desde antes. Em 1994, por exemplo, publicou um texto no caderno *Mais!*, em *Crônicas americanas 2*, que consistia em uma série de textos publicados de modo não regular, aos domingos. Nomeado como colaborador da *Folha de S.Paulo*, o psicanalista foi responsável por sugerir e desenvolver discussões sobre temas específicos. É o caso da publicação de um conjunto de textos, também no caderno *Mais!*, apresentado da seguinte forma:

O reino encantado chega ao fim. A criança vira paródia dos devaneios adultos na era pós-industrial. A infância talvez tenha sido a mais duradoura das utopias concebidas pela modernidade. Como tantos outros ideais imaginados nos últimos 200 anos, o do mundo maravilhoso das crianças também entra em crise na era pós-industrial e pós-moderna. O aumento da violência contra crianças e o da criminalidade infantil, o abandono e o sacrifício a que estão sujeitas no centro e na periferia do capitalismo, o excesso de produtos tecnológicos destinados ao seu consumo não fazem hoje mais do que explicitar o outro lado deste sonho: uma caricatura perversa do próprio mundo adulto. Qual será o futuro desta idéia, a infância, e que criança é esta que aí está? Estas são as questões tratadas neste “Mais!” pelos psicanalistas Alfredo Jerusalinsky e Eda Estevanell Tavares, pelo filósofo Olivier Mongin, editor da revista francesa “Esprit”, pela antropóloga norte-americana Nancy Scheper-Hughes e pelo também psicanalista Contardo Calligaris, colaborador da *Folha*, que ajudou na concepção deste número. (*Folha de S.Paulo*, 1994, n.p.).

Antes disso,¹⁸ Calligaris colaborou com o jornal *L’unità* – publicação do Partido Comunista italiano criada por Antonio Gramsci –, com a revista *Utopia* e com o jornal *Rinascita*, também italianos, ligados aos ideais comunistas (Calligaris, 2021).

¹⁸ Nas fontes consultadas não foi possível encontrar datas precisas referentes ao percurso de Calligaris fora do Brasil. Grande parte dessas informações está distribuída nos textos do próprio Contardo, especialmente no prefácio à segunda edição de *Hello, Brasil!* (Calligaris, 2021).

Segundo a *Folha de S.Paulo*, os textos do autor apresentam temáticas bastante diversas “[...] de política nacional à estrangeira, da alta literatura à mais nova série do streaming, de momentos do passado a impasses e reflexões da contemporaneidade” (Angiolillo, 2021). Foram duas décadas de presença no jornal paulista, e seu trabalho como colunista rendeu uma compilação dos textos mais relevantes, resultando em dois volumes publicados pela Publifolha: *Terra de ninguém*, em 2004, e *Quinta-coluna*, em 2008. Mais tarde, lançou o livro *Todos os reis estão nus*, publicado em 2013 pela editora Três Estrelas.

Em 2000, o psicanalista lançou o livro *A adolescência*. Trata-se de um dos volumes da série denominada *Folha Explica*, apresentada como um conjunto de obras que “[...] ambiciona explicar os assuntos tratados e fazê-lo em um contexto brasileiro”, de modo que cada livro tinha a função de oferecer ao leitor informações que o levassem a refletir sobre cada tema abordado, partindo de uma “[...] perspectiva atual e consciente das circunstâncias do país” (Folha de S.Paulo, 2009, n.p.).

Alguns dias após a morte de Calligaris, o texto de Tatiana Sugui (2021), psicanalista e paciente do italiano, foi publicado na *Folha de S.Paulo* sob o título *No divã com Contardo*. Sugui relata sua experiência com o psicanalista, inicialmente como leitora de sua coluna e posteriormente como paciente em processo de análise. Sua admiração e seu interesse por Contardo revelam o reconhecimento reputado ao trabalho clínico do psicanalista.

Calligaris manteve-se ativamente presente em certo nicho ao qual era creditada legitimidade para dizer sobre o mundo, as coisas, as pessoas, o Brasil etc. Sua produção, em especial na *Folha de S.Paulo*, é digna de espanto e admiração. São 22 anos de permanência como autor de uma coluna semanal, o que significa 1.147 semanas. Calligaris não era jornalista, mas escrevia sobre os acontecimentos em voga, com atenção bastante voltada aos mais recentes. Considerando o intervalo de tempo em que escreveu as colunas, é possível constatar um trabalho árduo: poucas vezes o espaço reservado ao seu texto ficou sem sua assinatura. Em tais casos, o Jornal anunciava, em pequenas notas, as férias do colunista (em geral, duas semanas por ano), ocasiões específicas (mas não explicitadas) e o tratamento de saúde nos últimos meses de sua vida. O número total de colunas publicadas no caderno *Ilustrada*, sempre às quintas-feiras, é de 1.102.

Sua participação em programas, matérias e entrevistas – hoje transformadas em *podcasts* – é imensa. Nas ocasiões em que ele era apresentado em tais programas, as palavras que acompanhavam seu nome davam a ver a importância de sua figura no

cenário brasileiro. Um exemplo disso foi sua participação no programa *Roda Viva*, da *TV Cultura*, para o qual foi convidado três vezes – em 2008, 2010 e 2017. Vejamos a sequência:¹⁹

Ele pensa que, se as pessoas refletirem mais, vão poder viver melhor, por isso gosta de provocar reflexões. Utiliza os acontecimentos do dia a dia para analisar a cultura contemporânea. No noticiário, aponta conflitos que a cultura encobre e, às vezes, desvenda aspectos da vida do mundo de hoje. É escritor e colunista da *Folha de S.Paulo*. O que diz traz a marca da psicanálise, sua profissão de origem. Contardo Calligaris: um inquieto observador da cultura brasileira. (Roda Viva, 2008).

[...] o psicanalista Contardo Calligaris, um intelectual antenado com tudo que acontece no mundo, não só aquilo que ouve entre as quatro paredes do seu consultório, [...] escreve sobre política, economia, sobre cultura e sobre os conflitos da nossa sociedade. Ele vem aqui para falar também dos seus assuntos preferidos: as peculiaridades do relacionamento entre homens e mulheres. (Roda Viva, 2010).

Escreveu vários livros, entre eles *A adolescência*, *Cartas a um jovem terapeuta* e *A mulher de vermelho e branco*. Desde 94²⁰ assina semanalmente artigos para a *Folha de S.Paulo*; mais recentemente criou e assumiu o roteiro da série *Psi*, para a *HBO*, na qual um psiquiatra convive com personagens atormentados que parecem ter saído de um divã; a terceira temporada da série estreia em abril. O psicanalista e escritor Contardo Calligaris [...]. (Roda Viva, 2017).

Calligaris era reconhecido, portanto, como uma voz do nosso tempo que se permitia refletir sobre a vida, as relações e os diversos assuntos que atravessam o mundo contemporâneo. No site do projeto denominado *Fronteiras do Pensamento*, cujo objetivo é promover a compreensão da conjuntura social, econômica, cultural e política da atualidade, o autor é posicionado ao lado de diversos pensadores em destaque, tendo sido um dos convidados para a sétima edição do evento homônimo, em 2019. Na ocasião, o psicanalista discorreu sobre a existência humana e o sentido da vida, iniciando sua exposição com experiências de sua infância e lembranças de seu pai. A conferência foi descrita da seguinte maneira:

Estudioso de temas como cultura e psicanálise, em especial sobre a suposta obrigatoriedade da felicidade, do gozo, da beleza e dos excessos, o conferencista afirmou que existe hoje uma crítica ao hedonismo, quando se coloca o prazer acima de tudo: “Para aproveitar os ditos prazeres da vida, é preciso atenção. Somos uma cultura bastante desatenta”, alertou, lembrando da importância de se apreciar a vida

¹⁹ Transcrição nossa.

²⁰ A data anunciada no programa, segundo as fontes pesquisadas, está equivocada. Entretanto, optamos por transcrever *ipsis litteris* o que foi dito pelo apresentador.

concreta, pequenos momentos da rotina. Mais adiante em sua exposição, exemplificou acrescentando que, ao visitar museus, elege três obras para apreciar. Durante algumas horas, fica observando aqueles exemplares e não visita outros dentro do mesmo local, não perdendo assim o foco do que realmente importa para ele. (PUCRS, 2019, n.p.).

Contardo tem 13 livros publicados,²¹ sem contar aqueles escritos em parceria. Em uma das entrevistas concedidas ao programa *Roda Viva*, em 2017, declarou que gostaria de reeditar alguns de seus livros antigos, como *Hello Brasil!* e *Cartas a um jovem terapeuta*. Sobre o último, disse ter muitas histórias para acrescentar. De fato, o livro dedicado ao Brasil foi reeditado anos mais tarde.

Segundo a jornalista da *Folha de S.Paulo* Francesca Angiolillo (2021, n.p.), em *Cartas a um jovem terapeuta* é possível contemplar aspectos da vivência do autor. Para ela, é algo “[...] natural que sua própria experiência permeie essas cartas; afinal, esse gênero de livros, em que um mestre se dirige a discípulos, trata justamente dessa transmissão. Mas a recorrência à biografia está em boa parte de seus escritos” (Angiolillo, 2021, n.p.). Conforme sua percepção, a vida do autor e o que é publicado por ele se inter cruzam frequentemente. Ademais, é intensa a produção de Calligaris no período em que colaborou com o Jornal brasileiro, de modo que, por isso, os temas se tornaram cada vez mais amplos e variados:

Basta espiar a lista de temas numa das coletâneas para comprovar que ele cobriu de tudo, de A até quase Z – de aborto a vergonha, passando por reflexões sobre filmes, livros e séries, sexo, casamento, filhos e o próprio exercício da psicoterapia, sempre fazendo elos com a política e a sociedade. (Angiolillo, 2021, n.p.).

A obra de Contardo rendeu outros trabalhos, além do âmbito da ciência e da literatura, e alcançou o mundo do cinema, vide o interesse do canal de televisão por assinatura, *HBO Brasil*, que transformou Carlos Antonini – personagem central de dois de seus livros de ficção – em protagonista do seriado *Psi*. A direção geral da série foi uma parceria do próprio psicanalista com Marcus Baldini, diretor de cinema conhecido pelo filme *Bruna Surfistinha*. Os episódios foram exibidos desde março de 2014 em 23 países, em inglês e espanhol.

De acordo com Angiolillo (2021), seria possível afirmar que o protagonista seria o *alter ego* de Calligaris, pois o roteiro está impregnado de elementos semelhantes aos da biografia do psicanalista, como a profissão e as diferentes cidades em que morou. Não

²¹ No início de 2023, o livro *O sentido da vida* foi publicado pela Editora Paidós.

obstante, a jornalista destaca a trama, em si, como a principal aproximação do autor com sua obra. Vejamos:

Em ambos os romances, os personagens se debatem com a busca por cumprir o desejo do pai ao mesmo tempo em que se constitui, pelo seu próprio desejo, sua identidade. Embora isso não esteja enunciado literalmente, os enredos de suas aventuras ficcionais ilustram de certa forma o conceito de “mandato paterno”, que denota a formação do autor na escola de Jacques Lacan. (Angiolillo, 2021, n.p.).

Na última entrevista concedida ao programa *Roda Viva* (2017), um dos entrevistadores perguntou-lhe qual sentido ou mensagem desejaria passar com o roteiro de *Psi*. Ao responder-lhe, Calligaris afirmou que se tratava de não transmitir nenhuma mensagem que não passasse pela diversidade das vidas humanas, contando uma boa história. E explicou que este seria, justamente, o trabalho da terapia: fazer as pessoas contarem a sua própria história de outra maneira, ou seja, que tivessem histórias interessantes para contar sobre a vida vivida.

A temática da psicoterapia ou *análise* – como o processo terapêutico é denominado no campo psicanalítico – é um dos vários assuntos abordados em suas colunas de jornal. Na coluna intitulada *O que é um psicoterapeuta?*, Contardo explora diferentes modos de explicar a função e a especificidade do trabalho psicológico. Um dos argumentos que utiliza é, justamente, referente ao processo de reflexão que o psicoterapeuta tem diante de si mesmo. Todavia, é interessante notar a proximidade pela qual o colunista cria o diálogo com o leitor. Nesse sentido, o trecho a seguir é exemplar:

Volta e meia, me perguntam: “Por que pagar a um profissional, se posso conversar de graça com o pastor ou com a mãe-de-santo? Não é lógico que os amigos do peito me entendam melhor que um desconhecido? Qual é a diferença entre um psicoterapeuta e um padre que escuta, aconselha e pode nos absolver dos pecados?”
A diferença é simples: o psicoterapeuta é formado em (alguma) psicoterapia, os outros não. (Calligaris, 2003*32, p. E10).

Ainda nesse texto, é perceptível como a teoria psicanalítica é ponto central na argumentação construída. Inicialmente é oferecido um panorama geral da psicologia, para então abordar as especificidades que concernem à psicanálise. Sendo mencionada como uma das práticas que intervêm no inconsciente, a psicanálise torna-se, no restante da coluna, a referência da discussão. O argumento utilizado para referenciar a atitude de um psicoterapeuta é intensamente marcado pelo processo analítico de si mesmo. Calligaris

distingue os termos *psicoterapia* e *análise* apenas uma vez e, como podemos observar, sua escrita é bastante enfática:

Aqui a formação pede que o terapeuta se submeta ao mesmo processo que é proposto a seus pacientes. Mais: pede que, de alguma forma, ele permaneça sempre nesse processo. O psicanalista, por exemplo, não pára de analisar-se. (Calligaris, 2003*32, p. E10).

Eis uma mostra da sacralização da difusão da psicanálise, tanto de sua impregnação no meio social, quanto da legitimação de sua ordem educacional e pedagógica interna. É nessa direção que Calligaris, como agente da discursividade psicanalítica na cultura, é o sucessor exemplar de Gastão Pereira da Silva e Virgínia Bicudo. Parece-nos, assim, que os problemas que distinguiram a trajetória do primeiro *cientista do povo* e de Bicudo são conjugados nesse terceiro operador do discurso psicanalítico.

Além dessas considerações, Calligaris manteve, durante um intervalo de tempo considerável, uma interlocução com o público em sua coluna no Jornal, além de participar ativamente de conferências, entrevistas e eventos, conquistando uma dimensão amplificada no território da circulação de ideias e pensamentos. Por esse motivo, a proposta de montagem do arquivo empírico desta pesquisa se ancora nesse personagem, em nosso entendimento, histórico.

3. A PESQUISA ARQUIVÍSTICA E A BASE PROCEDIMENTAL

Assumindo que o capítulo anterior tenha justificado de maneira suficiente a escolha das colunas de Contardo Calligaris, no caderno *Ilustrada*, como fonte empírica para esta investigação, resta-nos dar a conhecer o tipo de uso endereçado a elas. A fim de cumprir essa tarefa, faremos agora uma incursão teórico-metodológica cujo ponto central se dá em torno da noção de arquivo como procedimento fundamental para a pesquisa.

O percurso construído neste capítulo assemelha-se a um caminho que começa bifurcado para depois se reencontrar em uma mesma estrada. Isso porque nos debruçaremos sobre a discussão teórica a respeito do arquivo como procedimento de pesquisa para, posteriormente, descrever o modo como organizamos as fontes recolhidas e construímos o *arquivo Calligaris*. Um primeiro momento teórico, portanto, prepara o subsequente, de caráter metodológico.

Com o objetivo de mobilizar teoricamente a noção de arquivo presente na investigação de base ou inspiração foucaultiana, partiremos de uma aproximação possível entre o gesto de dicionarizar e o gesto arquivístico. Em nosso entendimento, o esforço de listar, descrever e definir as palavras que existem, como se faz na produção de um dicionário, assemelha-se à busca que se empreende em uma pesquisa de teor arquivístico, cujo cerne se constitui em um fio problematológico. Ou seja, ambas as tarefas exigem que se assuma uma posição em que as próprias ideias figurem em segundo plano, dado que o material mobilizado – tanto as palavras quanto o arquivo – é o elemento focal *per se*.

Pretende-se, então, que ao final deste capítulo seja possível compreender o norte teórico-metodológico que guiou a presente investigação. Ainda nele, estarão descritas as etapas de montagem do arquivo empírico: o arquivamento das fontes.

3.1. As ideias e as práticas, as arbitrariedades e as concordâncias: o arquivo

No prefácio do *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*, publicado em 1986, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira relaciona traços da trajetória de Émile Littré, criador do *Dictionnaire de la langue française* (1872), aos da de três organizadores do *Dicionário da língua portuguesa* da Academia das Ciências de Lisboa. Littré, segundo o lexicógrafo brasileiro, dedicava-se 14 horas por dia à sua labuta e encerrava a jornada às 4 horas da manhã, após ingerir um par de potes de geleia, sofrendo em seguida de

indigestão e medo da morte. Ainda que por outras vias, José da Fonseca, Bartolomeu Inácio Jorge e Agostinho José da Costa, organizadores do referido dicionário português, teriam colhido algo semelhante com o trabalho lexicográfico: “[...] por vezes o super-humano esforço de um dicionarista pode terminar com as mais indesejáveis consequências físicas, compensação intelectual bem pouco aliciante” (Ferreira, 1986, p. VII). O primeiro deles, José da Fonseca, morreu alvo de moléstias de ritmo vagaroso, decorrentes da tarefa que se havia atribuído; já Bartolomeu e Agostinho ficaram cegos (Ferreira, 1986).

Para Ferreira (1986), parece que o resultado dessas histórias se resume a um processo injusto: “[...] o público, esse lhes deu ‘o mais ingrato esquecimento’; e a Academia ofereceu a cada um dos três mártires da lexicografia – ‘como suprema e única remuneração de sua inglória fadiga’ – um exemplar do Dicionário” (Ferreira, 1986, p. VII). Tal processo, todavia, não desvia a escolha do autor.

Um elemento curioso presente nessas histórias relatadas por Ferreira (1986) é, justamente, o fato de serem lembradas e recontadas na abertura de um novo dicionário. Ainda mais curioso é perceber a proximidade entre o autor que escreve e aqueles que o antecederam, já que todos se entregaram à mesma tarefa: construir um dicionário. Se, por um lado, podem ser qualificados como mártires que viveram um processo sem qualquer espécie de sucesso garantido, por outro lado, é propriamente o fato de terem sido esquecidos que os faz serem lembrados e mencionados no *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Daí porque admitir que a tarefa implicada na construção de um dicionário não seja nada além do próprio gesto de listar, descrever, definir, inventariar, mostrar as palavras que existem.

Dessa maneira, poderíamos admitir que ali mesmo se declara o começo e o fim de um gesto: construir um dicionário e nada mais. O encontro com essas cinco figuras consignadas no prefácio do *Novo dicionário Aurélio* – o autor e os outros quatro dicionaristas por ele mencionados – possibilita refletir sobre dois elementos. O primeiro se refere ao caráter trágico da própria vida; vidas que existiram em meio à arbitrariedade, à imprevisibilidade, sem garantias, sem destinação. Há aí certa tragicidade inexplicável e, talvez, inerente ao fato de estar vivo. O outro elemento é o próprio trabalho, mais especificamente, as agruras presentes em um trabalho que exige o esforço incansável para ser realizado e que, ao fim, não rende nada além de sua própria realização.

Poder-se-ia pensar que os dois elementos enlaçam um modo de vida que leva a cabo um tipo de esforço cujo resultado persiste muito adiante da concretude de si próprio

ou de sua materialidade: rende algo para o mundo e, por isso, constrói o mundo. O gesto de dicionarizar, no sentido que estamos apontando, encontraria permanência no tempo *per se*. O trabalho empenhado, nesse sentido, custaria a vida. Construir um dicionário seria, em si, o gesto de disparar um tiro certo em direção a um lugar no mundo, a despeito de si mesmo. Nesse sentido, uma relação intrínseca se estabelece entre o que se fez durante a vida e a vida, afinal, que se viveu.

Destoando de suas produções acadêmicas mais frequentes, Sandra Mara Corazza e Julio Groppa Aquino (2011) também se deram a tarefa de construir um tipo de dicionário, intitulado *Dicionário das ideias feitas em educação*. Para eles, o intento é definido como “[...] texto ambicioso e debochado [...]” (Corazza; Aquino, 2011, p. 44). Seguindo as pistas da dupla de autores, encontramos nesse dicionário termos relacionados a ideias frequentemente entoadas no território educacional.

Nesse outro modo de inventariar as palavras, trabalhar se define por contraste: “[...] a vida é ganha matando-se de trabalhar [...]” (Corazza; Aquino, 2011, p. 143). Nesse sentido, há certa convergência entre as histórias contadas por Aurélio e a definição paradoxal de Aquino e Corazza (2011), quando estes admitem que o que se faz trabalhando é justamente algo que se deixa da vida no mundo, como um escoamento da própria existência. Para além do contexto das pesquisas envolvidas na elaboração de um dicionário, tal circunstância pode ser extrapolada para refletirmos sobre o que restaria de uma vida: seria o registro daquilo que pôde ser feito dela, o testemunho de uma ação possível.

Quando recorremos a um dicionário, deparamo-nos não apenas com uma abundância de palavras acompanhadas de seus significados, em um repositório da língua escrita e falada. Além de um encontro material, o que aí se dá é também um encontro temporal, já que um universo de ideias, cruzamentos, histórias e acontecimentos se produziu e continua a se produzir ali. A materialidade que resulta daquele trabalho indica, além das palavras que ocupam o mundo, as vidas que não se deixaram escoar pelo tempo, como a dos dicionaristas. Trata-se, portanto, de vidas que, de certa maneira, driblaram a morte.

É justamente por meio de um destaque à vida que Carlos Alberto de Macedo Rocha e Carlos Eduardo Penna de M. Rocha (2011), também autores de um dicionário, anunciam o trabalho por eles realizado e dialogam com um interlocutor inapreensível. Em suas palavras: “É assim que apresentamos esta obra, caro leitor – como uma provocação para, através do uso da língua, ampliar nossos horizontes de conhecimento

sobre nosso país e nossos hábitos; sobre a cultura, a história e, por que não, sobre a vida” (Rocha; Rocha, 2011, p. X).

Em 684 páginas elaboradas ao longo de uma década, Rocha e Rocha (2011) apresentam o *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa*. Com seu trabalho, entregam a todos o que é de todos. Na obra, estão contidas diversas expressões presentes no linguajar do povo brasileiro, conectando, além de palavras, significados e, no limite, pessoas desconhecidas situadas em tempos não sincronizados. Tais expressões, se tomadas isoladamente, sequer indicariam o universo curioso que, quando unidas, acabam por compor. Trata-se de um apanhado de palavras que indicam o significado de algo que foi ou pode ainda ser vivido (Rocha; Rocha, 2011).

Os enfileirados de poucos vocábulos são a evidência de algo compartilhado; cada expressão carrega consigo uma constelação de histórias independentes de quem ou do quê. Só existem por seu movimento e circulação. Cada expressão é, pois, “[...] resultante de uma experiência em comum, modelada no tempo por centenas de pessoas” (Rocha; Rocha, 2011, p. IX). Além de apontar para o vivido, as expressões dão a ver pensamentos que sequer se sabe de onde vieram, que não têm proprietário ou autoria e que tampouco, talvez, tinham a pretensão de ser aquilo que vieram a se tornar. De maneira semelhante, trata-se de uma obra realizada por dois Carlos empenhando um trabalho fastidioso que finda no desaparecimento da autoria. Senão o trabalho, nada ali é deles.

Um dicionário constituído por diversas sequências de palavras, cujo significado se encontra no exterior delas, prescinde de interpretações. Um dicionário construído em dez anos que, por esse mesmo motivo, já nasce velho. Um dicionário de palavras cujo significado não importa, se considerado isoladamente. Um dicionário que existe a despeito de si mesmo. Um *dicionário-tempo*; um *dicionário-povo*; um *dicionário-vida*.

Na apresentação dos fundamentos da obra, os autores escrevem a acepção do rebento e, certos, afirmam, em diálogo com o leitor, que a conexão em jogo ali são as palavras, as vidas. Com palavras que performam conexões entre acontecimentos esparsos, delimitados apenas pelo solo do país e pelo tempo presente, algumas definições do próprio material aparecem no simples folhear das páginas. Letra C: “*cavar a própria cova* Expressa uma ação que prejudica ou pode prejudicar seu próprio autor”. Em seguida: “*cavar a vida* Procurar meios de subsistência; trabalhar muito para viver”. Um tanto antes: “*causa final* O fim último das coisas” (Rocha; Rocha, 2011, p. 80-81). Eis, então, um outro resumo de nós: *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa*.

Seguindo essa reflexão, teríamos encontrado no *Dicionário 'Mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade'* (2000) outra perspectiva do trabalho que envolve o gesto de dicionarizar. Uma perspectiva radicalmente oposta, por sinal. Entretanto, na apresentação da referida obra os organizadores já se previnem de qualquer conclusão apressada do leitor, alegando entregar uma obra “[...] aberta e viva – incompleta porque ainda faltaram muitas mulheres” (Schumacher; Brazil, 2000, p. 10). Desejam, ainda, que o dicionário seja a primeira de muitas outras edições aprimoradas pelo retorno dos leitores e das leitoras. Embora fique claro que os organizadores do dicionário tiveram em mente a condição de incompletude da obra, há ainda um *ponto cego*.

A própria materialidade do dicionário o trai, já que evidentemente seria impossível listar as mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade. Nesse sentido, o dicionário realiza menos aquilo que indica em seu título e mais um modo de afirmar como, em certa medida, o assunto é construído na atualidade. Poderíamos, ademais, interrogar sobre as necessidades e os propósitos de elaborar um dicionário em que as mulheres devem ser reconhecidas, lembradas, listadas e daí afora. Trata-se de uma obra que apresenta, em si, uma necessidade do presente.

Entendido dessa maneira, talvez o dicionário nos ofereça elementos que nos aproximam da necessidade de declarar as posições e as realizações de indivíduos a partir da distinção de gênero, por exemplo. Se essa possibilidade for plausível, a obra aponta, assim, para uma pista sobre os modos de vida de um tempo histórico, ou seja, as exigências, as demandas e os problemas em torno dos quais os sujeitos orbitam e vivem.

Embora não seja nosso objetivo analisar o conteúdo que o dicionário apresenta, no esteio de nossa reflexão é possível perceber uma diferença crucial em relação aos exemplos anteriormente mencionados. Se os demais tratavam de palavras, expressões, ideias que circulam livremente em determinado campo, um dicionário que diz de pessoas aposta no reconhecimento do indivíduo. Enquanto nos primeiros casos a vida permanece no interior das palavras, no segundo a vida permanece na representação de cada uma das personagens listadas. Vemos aí, talvez, algo bastante distante do que está em jogo quando o gesto de dicionarizar mira as palavras – estas, sem nome ou sobrenome.

Ainda no esforço de evidenciar as linhas que aproximam o gesto de dicionarizar e o gesto arquivístico, deparamo-nos com o texto escrito pelos editores²² para apresentar o *Dicionário 28: léxico e enciclopédico da Língua Portuguesa*, de 1970. Datado de um

²² Não há, na fonte, a assinatura dos autores.

tempo mais distante que o de agora, o texto pode até provocar certa simpatia. Composto por quase mil páginas e medindo um por dois palmos de largura, esse dicionário, com uma materialidade quase impraticável para consulta atualmente, é, segundo seus editores, “[...] uma obra de consulta fácil e prática” (Dicionário 28, 1970, n.p.).

Além da facilidade e da praticidade a ele atribuídas, esse dicionário teria sido a expressão de uma obra moderna para “[...] maior conhecimento da língua e das matérias de todos os campos do conhecimento” (Dicionário 28, 1970, n.p.). Assim, em contato com o livro, temos uma experiência de *rir-se o sujo do mal-lavado* – “[...] zombar alguém de outrem, embora tenha tantos defeitos ou maiores do que a pessoa criticada. *Var.* ‘rir-se o roto do esfarrapado’” (Rocha; Rocha, 2011, p. 385). Se tomarmos a própria materialidade do dicionário como um observatório de práticas, conforme nosso argumento principal, a definição redigida em 1970 faz-nos perceber que nos afastamos dos sentidos outrora atribuídos às ideias de praticidade e facilidade. Tais ideias, na atualidade, dispensariam inclusive a existência física do livro.

Na esteira dessa reflexão, a distância entre um tempo e outro nos chama a atenção para uma parcela de transitoriedade das coisas, dos sentidos e das ideias. Se já se foi de um modo, nada nos garantiria qualquer certeza em relação ao que se é, no momento exato do tempo. Desde este ponto argumentativo, o dicionário arquiviza o tempo: um torvelinho de passado, presente e futuro.

É, portanto, em um complexo arranjo temporal que se pode encontrar e acessar as produções que foram possíveis de se realizar. Assim, o mundo das coisas, das práticas e dos modos de viver conjuga-se naquilo que, em determinado tempo, pôde-se fazer. Entendemos que essa é, justamente, a conjugação própria do arquivo: um arranjo temporal cuja dobra propicia um tipo de encontro com o que somos e, em um giro, com o que não seremos mais. O dicionário é, pois, um repositório de práticas, a expressão de diversas vidas, um pedaço do tempo passado, tal como o arquivo.

Entendemos que este é o sentido apontado por Achille Mbembe ao afirmar que os elementos que habitam o mundo transformam-se em certo saldo de uma existência. Um arquivo que tem o mundo como abrigo é matéria que “[...] adquire, assim, o estatuto de prova” (Mbembe, 2002, n.p., tradução nossa). Por essa perspectiva, o dicionário afirma-se como uma possibilidade de contato com uma lógica produzida por determinadas condições: aquilo que pôde ser admitido e dito.

Em contato com os discursos produzidos em determinado tempo, somos observadores e testemunhas que se postam diante do passado, mirando um

acontecimento. Sobretudo, estamos diante de marcas que carregam histórias e evidências visíveis e subjacentes, sendo que o papel de observador/testemunha nos demanda o esforço para ver uma vez, ver outra vez, e mais outra. Ou seja, de um lado, a história que se tornou possível, justamente, por aquelas outras que a sustentaram; de outro, as passagens, os desvios e as aberturas que a constituíram.

Desse modo, estar perante uma materialidade é embater-se com o possível que existiu; é, talvez, visualizar maneiras de compreender o mundo de um novo modo, com outros *sabores*. Tal experiência causa-nos, portanto, sensações de diferentes naturezas:

O arquivo impõe logo de início uma enorme contradição; ao mesmo tempo em que invade e imerge, ele conduz, por sua desmesura, à solidão. Uma solidão em que pululam tantos seres “vivos” que parece quase impossível dar conta deles, ou seja, fazer sua história. Milhares de vestígios... é o sonho de todo pesquisador [...]. Se a história é a ressurreição intacta do passado, a tarefa é impossível; porém esse aglomerado persistente parece uma súplica. Diante dela, talvez se esteja tão sozinho e um pouco fascinado. Porque se pressente ao mesmo tempo a força do conteúdo e a impossibilidade de decifrá-lo, a ilusão de restituí-lo. [...] é entre a paixão e a razão que se decide escrever a história a partir dele. (Farge, 2017, p. 20-21).

O excerto de Arlette Farge (2017) assemelha-se a um convite que indica uma posição a ser ocupada quando se quer pesquisar. Os materiais, as fontes, os registros que nos interessam arfam diante de nós. Sua disposição, sua montagem e sua composição formatam-se de acordo com o trabalho de contato do próprio pesquisador, que, como contrapartida, aproveita a possibilidade de acessar elementos que não se apresentavam naturalmente.

O arquivo, nesse sentido, seria o resultante do trabalho de um pesquisador marcado por intensa atenção e dedicação aos materiais que utiliza em sua investigação; atenção esta dirigida por uma curiosidade em saber o que ali se apresenta, desprendida, certamente, de uma leitura hermenêutica. Trata-se de uma posição à espreita, animada por uma escuta e por uma leitura obstinadas, organizadora do que ali pede passagem.

O método funcionaria, assim, motivado por um gesto investigativo cujo molde não serviria a mais ninguém; constituiriam, pois, mais uma tentativa do que uma forma generalizável. O arquivista, nesse sentido, estaria sempre se dedicando à montagem de outro plano *sujo, roto e raro* (Albuquerque Jr., 2013) a ser escavado. Entendemos que tais gestos são necessários para uma pesquisa que pretenda investigar um acontecimento que, sobretudo, tenha como procedimento, além do que se recolhe da labuta arquivística, uma distância de impregnações dos jogos discursivos atuantes no presente.

Um belo exemplo de operar em conformidade com o procedimento arquivístico pode ser encontrado no texto *Cascas*, de Georges Didi-Huberman (2019). Nele, o autor nos torna companhia e testemunha de suas reflexões sobre a ação do tempo nos campos de concentração, na Polônia. Deixando-nos emaranhados na complexa relação entre passado e presente, Didi-Huberman (2019) interroga os tantos elementos que expressam a relação das coisas que ali estão com aquelas, que, embora ainda lá, já não são mais as mesmas de antes: as paredes desgastadas, o campo de flores, o caminho de terra, os arames farpados, os vestígios de um acontecimento que permanece agindo mais de meio século depois.

Considerar Auschwitz sem remeter a nada do que ali se passou seria atualizar a materialização do sentido mais corrente e mais radical do termo *barbárie*; a remissão proposta pelo historiador em nada abandona o que se poderia chamar de *história*, mas, sobretudo, perspectiva-a com o que dela, no tempo presente, persiste. É com o olhar voltado às filigranas, sem dúvida presentes e acessíveis, que Didi-Huberman (2019) compartilha suas reflexões. Na tessitura desse exercício de pensamento, escancaram-se aspectos que nos põem em contato com os processos incessantes e constitutivos de algumas condições de nossa existência.

A possibilidade de visitação de um espaço que abrigou práticas de extrema violência contra a Humanidade torna-se o pavimento do gesto do autor; ao leitor resta uma inquietação sobre a forja atual daquilo que genericamente se denominaria *subjetividade*. Ao observar uma espécie de manutenção e preservação dos elementos concretos – a parede de fuzilamento, por exemplo –, Didi-Huberman (2019, p. 19) nos provoca ao afirmar: “A questão toda está em saber de que gênero de cultura esse lugar de barbárie tornou-se espaço público exemplar”. Ao assumir a posição de acompanhantes do historiador, somos convocados a refletir sobre a forma dessa suposta subjetividade, que equivaleria a uma definição de nós mesmos. Um golpe cujo efeito dificilmente deixaria de trazer a percepção da efemeridade e da movência do que somos quando perspectivados na ação do tempo.

Nota-se, portanto, que aquilo que um dia foi um campo de concentração e extermínio, ou a sua reminiscência, torna-se, na atualidade, uma possibilidade para expressões atualizadas. O que agora é museu opera como uma armação, uma montagem, uma composição performativa de práticas condizentes com os princípios que modulam as coisas e o mundo, no tempo exato em que vivemos. A transformação de Auschwitz em lugar de cultura passa a ser admitida, então, como constituição de um espaço em que se

busca produzir efeitos no presente ancorados em eventos do passado. A cultura, desde essa perspectiva, é um horizonte grávido de disputas, de conflitos. É nessa dimensão, nesse território onde a batalha se dá que “[...] a própria história ganha forma e visibilidade no cerne mesmo das decisões e atos, por mais ‘bárbaros’ ou primitivos que estes sejam” (Didi-Huberman, 2019, p. 20).

Pasmos, já não podemos mais afirmar que somos análogos ou, de outro modo, tão diferentes daqueles que nos antecederam. A essência evanesce, rareia, afugenta-se. No encontro desconfortável com o tempo e na recusa em admitir a estabilidade das formas, os objetos diante de nós exigem cautela e parcimônia perante certezas já muito bem aprumadas. Tais objetos, coisas, lugares e práticas não só registram o mundo, como também se tornam, acontecem e constroem o mundo. São, portanto, arquivo do mundo que nos aguarda.

O arquivo é o impulso, o trampolim para essa posição; é o eixo, o leme, o norte a guiar questões que nem sequer ainda pudemos formular; o porvir de algo que foi e, por esse motivo, ainda não acontece na condição de ser dizível por nós. Exige-nos, pois, cautela e uma posição assemelhada à da testemunha. Uma mirada que possa oferecer algo relativo à verdade, na recusa mesma de imaginá-la essencializada.

O arquivo, nesse sentido, estaria na contramão de um tipo de tratativa análoga a uma plataforma de revelação da verdade. Em oposição radical à concepção de desvelamento do não dito, o que ali se encontra são justamente as formas delineadas pelas relações de força vincadas no verdadeiro. Um arranjo de discursos de determinado período que indicam um funcionamento em operação. É composição de arbitrariedades, encontro com permanências que possibilitam certo trabalho de produção no mundo.

Ressalta-se que tais reflexões e o problema apresentado inserem-se no trabalho mais amplo de um grupo de pesquisa dedicado a estudar os diferentes modos de efetuação do (auto)governo da vida na atualidade. Coordenado pelo professor Julio Groppa Aquino, o referido grupo de pesquisa tem como mote a investigação do viés pedagógico/pedagogizante presente em práticas atuais diversas, para muito além do espaço escolar educacional.

Com a intenção de tensionar a indefectível presença do discurso psicanalítico no presente, na cultura e na vida contemporâneas, esta pesquisa se desenvolve em torno da difusão de tal discursividade em um importante jornal do País e de sua relação com a educação dos sujeitos. A organização do texto busca, fundamentalmente, apresentar uma

montagem dos elementos constitutivos da articulação entre psicanálise e educação sob o mote da circulação das ideias psicanalíticas na cultura.

A argumentação construída orienta-se em torno de uma reflexão sobre a impossibilidade de desenredar a discursividade psicanalítica – que circula a céu aberto – de um desígnio educacional/pedagógico. Ou seja, trata-se de evidenciar uma relação irreduzível entre psicanálise e educação, do ponto de vista de sua movimentação no âmbito cultural.

Para tanto, a pesquisa apresenta uma espécie de panorama da difusão cultural do pensamento psicanalítico, tomando como fonte empírica as colunas publicadas por Contardo Calligaris (1948-2021) no caderno *Ilustrada* do jornal *Folha de S.Paulo*, entre 1999 e 2023.

A escolha por abordar essa parte da produção de Calligaris se sustenta na consideração de sua trajetória pública, sendo sua atuação como articulista um nicho específico que equivale a um importante materializador de seu pensamento. Ao todo, foram 1.102 textos produzidos e publicados semanalmente, durante 23 anos²³. Vale mencionar que, além desse trabalho, Calligaris participou de programas de televisão, foi roteirista de uma série televisionada no Brasil e no exterior, publicou livros sobre diversos temas e gêneros – teóricos e ficcionais – e foi, sobretudo, um pensador identificado como alguém que se propôs a tematizar diferentes aspectos da cultura brasileira. Ele se constituiu, enfim, como um profissional de grande reconhecimento entre psicanalistas e psicólogos.

Assim, este estudo se define pelo esforço de levar a cabo uma reflexão sobre a circulação da discursividade psicanalítica, focalizando sua ação e sua presença na cultura brasileira, por meio de atuação específica de um de seus maiores expoentes.

3.2. O arquivo, o procedimento, a montagem

Considerando as reflexões apresentadas, concordamos com Aquino (2018, 2020) ao afirmar a improdutividade de qualquer espécie de contribuição ou projeto a ser seguido como um crivo teórico *stricto sensu* na obra foucaultiana. Segundo o autor, restar-nos-ia unicamente a possibilidade de testemunhar “[...] uma maneira inédita de pensar” (Aquino, 2018, p. 174). O tipo de procedimento implicado no gesto investigativo enlaça-se

²³ Uma tabela discriminando data e título das colunas (e suas respectivas formas de identificação ao longo da tese) encontra-se no Anexo desta tese. Na tabela constam 1.103 itens, incluindo as 1.102 colunas escritas por Calligaris e, também, a coluna em sua homenagem, publicada logo após seu falecimento, em abril de 2021.

inevitavelmente ao arquivo, como território a ser perscrutado, jamais interpretado. A pesquisa foucaultiana, vista por esse prisma, não poderia render conceitos aplicáveis a outras fontes materiais ou a perguntas diferentes daquelas formuladas pelo próprio pensador.

A companhia de Michel Foucault é equivalente a uma lembrança insistente e cortante sobre as certezas, uma afirmação cabal de dúvidas sobre quem somos. A inspiração em seu legado nos leva a trabalhar com documentos, registros de um mundo passado, enfrentando sua expressão como fruto da superfície do dito, e não de conteúdos latentes ou encobertos. Não se trata de uma representação de um modo de vida que se vê espelhado. Nada há para ser dito previamente.

O trabalho do arquivista e do pesquisador inspirado pela obra foucaultiana talvez demande duas convocações análogas: um silêncio hermenêutico em relação àquilo que se investiga e um silêncio reflexivo, fruto do encontro com seu próprio evanescimento. Ambas as convocações se transformam, então, em um impulso que nos lança em *queda livre*. Nas precisas palavras de Aquino (2018, p. 177):

[...] a tarefa dos estudos foucaultianos passa a ser o desconfinamento cognitivo de enquadres interpretativos saturantes, demonstrando que o que hoje nos soa verdadeiro, ou mesmo necessário, abriga uma enorme porção de contingência e de arbitrariedade. Daí, inclusive, a recusa a qualquer espécie de rendição seja ao plano das representações, seja ao das mentalidades, abdicando-se, assim, da busca por uma essencialidade universal ou por uma lei única capaz de reger os modos de vida aí em curso.

Admitir o arquivo como um braço forte de indagação sobre as regularidades e os códigos próprios de um tempo exige um trabalho que não se faz sem o esforço e a coragem de enfrentar a descosedura de si mesmo. Inspirado pelo gesto investigativo de Foucault, Aquino (2020, 2023) sistematiza a noção de arquivo em três estratos que se articulam. O primeiro diz respeito ao delineamento de racionalidades possíveis e relativas a determinado tempo histórico, à moda das asserções arqueológicas. O segundo refere-se aos elementos que perduraram em certa duração histórica e que foram conservados mesmo diante de deslocamentos e transformações. E o terceiro, decorrente dos anteriores, compreende “[...] o arquivo como um labor, ou seja, o trabalho propriamente de construção/reconstrução [...]”, cujo propósito pressupõe a existência de um problema delimitado (Aquino, 2020, p. 347).

O alicerce teórico-metodológico que sustenta esta pesquisa se constrói em um entrelaçamento irreduzível aos três estratos mencionados: as condições de possibilidade de uma racionalidade circundada por batalhas veridictivas; os traços cravados ao longo do tempo – os quais, embora à disposição, não são de ordem natural –; e a batuta de um norte *problematológico*. Uma vez que se assume tal lógica na relação com as coisas, o gesto endereçado ao arquivo é, por si só, um trabalho mais de invenção do que de descoberta.

Nessa perspectiva, *grosso modo*, o arquivo é, justamente, o que resulta da construção de um conjunto de documentos, coisas, discursos dispostos e vistos sob o diapasão de um problema; repositórios cuja montagem exige esforço em “[...] constituí-los ponto a ponto, embrenhando-se por múltiplas frentes documentais conexas à problemática sob exame” (Aquino, 2023, p. 157). A montagem do arquivo é, pois, proveniente da elaboração de uma pergunta investigativa. Esta, por sua vez, deve-se à construção de um problema que se recusa a assentar-se tanto nas verdades correntes do presente, quanto naquelas imputadas ao passado. Uma pergunta constituída por um tónus *problematológico* do mundo atual, digamos.

Trata-se, assim, de lançar-se na relação entre as coisas, as palavras, as regularidades presentes em uma gramática organizada em determinado tempo. Em suma, trata-se de buscar as palavras que, como as listadas por um dicionarista, insistem em existir e persistem insinuando mais-vida.

Partir de tais reflexões sobre o arquivo e outros ensinamentos de Michel Foucault leva-nos a um procedimento norteador de um *modus operandi* e um *modus faciendi*. No âmbito teórico, nada nos resta como replicável ou reproduzível; o contrário, porém, acontece se considerarmos seu gesto procedimental como pesquisador. É no bojo dessa argumentação que nos filiamos à produção conduzida por Julio Groppa Aquino nos últimos anos. Nesse sentido, embora nos pareça quase impossível separar os âmbitos teórico e metodológico, algumas etapas são fundamentais para organizar as fontes que constituirão a plataforma arquivística de trabalho e de análise para o problema ora em tela.

Nada nos fará defender as ideias que seguirão com uma postura que indique qualquer certeza procedimental, afinal, tudo o que se refere à mobilização do material em pauta poderia ser diferente. A dúvida se instala, justamente, pela certeza de que, sobretudo, o arquivo arrasta consigo vidas incessantes que pululam quando com ele nos defrontamos.

Apresentaremos a seguir as etapas organizativas do material que constitui o arquivo empírico desta pesquisa, destacando, antes, três vetores centrais. O primeiro diz respeito à montagem de uma plataforma arquivística que proporcione acessar os modos como se articula a teoria psicanalítica em seu caráter discursivo; o segundo implica a profusão de tal discursividade em um jornal, compreendendo-o como *locus* privilegiado de circulação e mobilização de jogos de veridicção em permanente disputa; o terceiro consiste em uma composição experimental de ordenamento dos enunciados contidos nas colunas escritas por Contardo Calligaris ao longo de 23 anos.

Como já mencionado, o material selecionado é proveniente da produção do referido psicanalista em um veículo jornalístico durante mais de duas décadas. Nossa escolha tem em vista, justamente, a oportunidade de flagrar movimentos da discursividade psicanalítica endereçada ao meio social e cultural, focalizando sua intencionalidade de cunho pedagógico. Nesse sentido, é importante lembrar que o problema subjacente a essa escolha supõe que a produção propriamente teórica de Calligaris, no âmbito específico de seu campo, não será abordada aqui, uma vez que, vale frisar novamente, o problema-chave de nossa pesquisa organiza-se em direção distinta.

Não privilegiaremos o psicanalista nem em sua trajetória individual, nem em âmbito especificamente acadêmico. A escolha de sua figura como elemento de investigação associa-se à difusão contemporânea da psicanálise em um nicho difusor ao qual Calligaris sempre se manteve fiel. Tal argumento condensa nossos esforços na montagem de um arquivo que, por corresponder a uma massa discursiva veiculada em um intervalo de circulação considerável, possibilite adentrar suas nuances veridictivas.

Ao todo, são 23 anos de trabalho de Calligaris como articulista na *Folha de S.Paulo* que estão aqui em pauta – de 8 de abril de 1999 até o dia 1º de abril de 2021 –, os quais equivalem, segundo nosso levantamento, a 1.148 semanas de vínculo constante entre o psicanalista e o Jornal. Dessa série, recolhemos 1.102²⁴ textos publicados e constatamos que houve 46 semanas/quintas-feiras em que o psicanalista não esteve entre as publicações do Jornal.

Conforme já visto, as justificativas da ausência de sua coluna são, em geral, relativas a férias ou excepcionalidades não declaradas. No dia 25 de março, cinco dias antes de seu falecimento, os editores justificaram a ausência da coluna por motivos referentes ao tratamento de saúde de Calligaris.

²⁴ Não se considerou, nesse montante, a última coluna que foi destinada ao psicanalista, contendo uma ilustração em sua homenagem.

2021 é o ano em que se constatam mais ausências, totalizando oito semanas. A última aparição de Calligaris na coluna que costumava escrever foi no dia 1º de abril: o espaço do Jornal destinado ao seu texto está em branco, trazendo uma ilustração de seu retrato feita por Luciano Salles, como uma homenagem. Na semana seguinte, no dia 8 de abril, há um texto de Maria Lúcia Homem, psicanalista e companheira de Calligaris, sobre a relação dos dois. Na quinta-feira subsequente, o espaço da coluna já não consta na página do Jornal. Atualmente, em 2023, o caderno *Ilustrada* não conta com nenhum substituto de Contardo.

O procedimento relativo à coleta do material se deu primeiramente por meio da captura de imagens de cada uma das colunas disponíveis no acervo eletrônico da *Folha de S.Paulo*. A busca pelo nome e pelo sobrenome de Calligaris não foi bem-sucedida, pois uma série de outras informações apareciam, deflagrando a intensa relação que o psicanalista estabeleceu com a *Folha*. Seu nome foi mencionado em diversos momentos, suas atividades foram divulgadas em outras matérias, e vários jornalistas valeram-se de seus escritos publicados.

Dessa maneira, o que se mostrou mais eficiente foi enveredar pelos exemplares disponíveis dentro do intervalo temporal selecionado, sempre nas edições de quinta-feira, preenchendo o campo de busca do sítio eletrônico com dados cronológicos: data por data, semana a semana, ano por ano. Assim foi possível identificar, inclusive, as semanas em que o colunista esteve ausente. As colunas foram arquivadas com as imagens dos textos: o início de uma biblioteca em construção.

A primeira publicação localizada é datada de 8 de abril de 1999 e intitulada *Adolescentes, testosterona, espinhas e crimes* (Calligaris, 1999*1, p. E8); já a última é de 18 de fevereiro de 2021, publicada sob o título *Nosso estilo de governo preferido* (Calligaris, 2021*5, p. B14). A decisão inicial que guiou a coleta foi por fazê-la em ordem cronológica crescente. Entretanto, um primeiro problema se apresentou: por se tratar, na versão digital, de cópias do original em papel, algumas das colunas mais antigas tiveram que ser transcritas manualmente a partir do documento digital extraído do acervo do Jornal. Isso porque era necessário que a montagem serial das fontes possibilitasse que cada uma das palavras pudesse ser reconhecida em formato legível de texto.

Nas referências das fontes, cada uma das colunas figura em ordem cronológica, com um asterisco (*) como marcador inicial, seguido de uma numeração em modo

crescente²⁵. Outra observação importante refere-se aos meses de setembro e outubro de 2000, em que o colunista cobriu as Olimpíadas de Sidney. As 15 colunas escritas a propósito do evento não foram recolhidas, pois mantivemos a ideia inicial de recolher apenas as matérias publicadas às quintas-feiras, mesmo que excepcionalmente nesse período a publicação tenha sido feita no caderno *Esporte*.

Embora o *site* da *Folha de S.Paulo* disponibilize a maioria das colunas em texto, foi fundamental conhecer os títulos antecipadamente, já que a ordem oferecida na busca específica não rendia os resultados esperados, além de não fornecer todas as informações que precisávamos recolher. Foi assim que nos relacionamos com as colunas em formato de imagens, primeiramente, e, somente depois, no formato textual propriamente dito. O processo foi concluído quando, finalmente, catalogamos²⁶ as informações imprescindíveis para a referência formal das fontes – data, ano e número do Jornal, página, coluna, título e texto. Agora, sim, uma biblioteca em estado mais avançado.

Nesse momento, a biblioteca sistematicamente constituída passou a estar alinhada ao próximo gesto procedimental executado: o arquivamento. Estávamos diante de uma massa discursiva pronta para ser manuseada, aguardando um trabalho duplo de reconhecimento de enunciados, de repetições, de movimentos ordenados de maneira particular, de premissas fundamentais e, concomitantemente, de certo encontro por vir com um acontecimento. A totalidade de colunas e o diapasão subjacente ao problema norteador transformaram nosso olhar para a biblioteca em uma “[...] atividade avizinhada a um quebra-cabeça ou, em alguma medida, a um caleidoscópio” (Aquino; Val, 2018, p. 49).

Na etapa do arquivamento, operacionalizamos a construção de um mapa discursivo, movimento apoiado na descrição de Aquino e Val (2018, p. 49) quanto ao início do trabalho arquivístico:

O processo inicia-se com o manuseio de um amplo conjunto de documentos e, em seguida, de classificações dos enunciados, a fim de que seja possível isolar peças-chave e elementos adjacentes [...]. A mirada do pesquisador passa a funcionar, então, como uma bússola que permite destacar alguns pontos cegos enunciativos, traçar relações entre eles, delinear um *leitmotiv* analítico [...].

²⁵ Por exemplo, a primeira coluna de 1999 está identificada como 1999*01, ou seja, trata-se de uma publicação da primeira semana daquele ano; 1999*02, por sua vez, refere-se à segunda semana do mesmo ano, e assim por diante. Uma tabela completa com a correspondência entre cada referência simplificada e a coluna referida encontra-se no Anexo desta tese.

²⁶ Após o trabalho inicial de catalogação realizado no programa de tabelas *Excel*, optamos por utilizar um *software* desenvolvido para pesquisas qualitativas (*MAXQDA*), para a mobilização dos textos. Tal escolha foi baseada nas ferramentas e no modo organizativo oferecidos pelo referido programa.

Tendo em mente as pistas oferecidas pela dupla de autores, a montagem do *arquivo Calligaris* demandou-nos movimentos de idas e vindas no que se refere à lida operacional de trabalho. Durante a catalogação das colunas, pequenos elementos foram se tornando cada vez mais visíveis, de modo que o reconhecimento deles provocou uma série de efeitos bastante curiosos. A esse respeito, é deveras instigante perceber o que decorre do trabalho com o arquivo: é como se estivéssemos de fato muito perto de algo que, no mesmo instante, nos escapa e se distancia. As movências e as gradações são impressionantemente infinitas: uma série de perguntas pode ser dirigida a ele, ao passo que outra série de reflexões pode provir dele. Curiosamente, enquanto uma potência incalculável de vida prolifera, sentimo-nos cada vez menores e mais perto da morte.

Nesse sentido, entendemos como bastante precisa a analogia de Aquino e Val (2018) sobre o processo decorrente do arquivamento. Para eles, o segundo gesto perante o arquivo, descrito como uma operação de arquivização, é como a “[...] composição de um *thriller* policial [...]” (Aquino; Val, 2018, p. 50), o qual, ao passo que nada ali está encoberto, requer que uma teia de conexões seja tecida e, ao mesmo tempo, posta em ato. Segundo os autores, o processo de arquivização conjuga dois fatores fundamentais: uma visão, digamos, panorâmica dos enunciados, proveniente da construção de uma série constitutiva de um conjunto discursivo; e o caráter acontecimental, referente a um jogo de forças que resulta na possibilidade de o dizível existir, mais uma vez.

4. DA SISTEMATIZAÇÃO DAS FONTES AO *ARQUIVO CALLIGARIS*

O trabalho que resultou na composição deste capítulo se fez em torno do nosso problema central: investigar os modos como a maquinaria discursiva da psicanálise funciona na cultura, tendo em vista um desígnio educacional irreduzível seu. Conforme mencionado anteriormente, as 1.102 colunas publicadas por Contardo Calligaris entre 1999 e 2021 no caderno *Ilustrada*, da *Folha de S.Paulo*, compõem o eixo empírico desta pesquisa.

Para examinar os elementos constitutivos da massa discursiva produzida pelo articulista e iniciar o arquivamento das fontes, o primeiro gesto investigativo se fez guiado por dois objetivos: identificar os assuntos mencionados, observando de perto uma prática. Se a partir do primeiro objetivo tivemos condições de saber sobre *o que* Calligaris escreveu em tais textos, para cumprir o segundo, qualquer condição de saber teve de ser posta de lado. Isso porque entendemos que olhar para o material admitindo sua dimensão de prática é nada menos que testemunhar algo em funcionamento. Em suma, é atentar-se para observar as forças que ali são performadas.

Assim, conhecer os elementos componentes dessa massa discursiva é uma tarefa que se fez de maneira interessada, pois nela também está implicada a oportunidade de visualizar diversas montagens outras que anunciam expressões latentes do arquivo por vir, como pretendemos esclarecer adiante.

Diante dessas considerações, o presente capítulo se divide em duas partes e tem por objetivo descrever o processo de arquivamento, a título de constituição do arquivo empírico sobre o qual nos debruçamos. A primeira parte refere-se a uma apresentação temática geral do que foi discutido por Calligaris nas colunas. Para isso, realizamos um sobrevoo por toda a extensão do material, a fim de conhecer suas diferenças. Seguimos por um trajeto guiado pela própria produção do psicanalista, apresentando os temas discutidos e os eventos comentados, em ordem cronológica, bem como descrevendo algumas características sobressalentes.

Já a segunda parte refere-se tanto à montagem do arquivo quanto à análise inicial dos modos de composição do discurso e das racionalidades afirmadas no jogo veridictivo em funcionamento. Trata-se ainda de um momento de arquivamento, em que apresentaremos uma sequência de excertos desabrigados de sua posição original, isto é, de modo distinto da ordenação inicialmente proposta por Calligaris. A partir da exposição dos excertos, pretendemos efetuar uma edição do discurso em outro formato organizativo,

de modo que a direção norteadora dessa montagem equivaleria, no mesmo golpe, ao processo constitutivo do próprio arquivo. O *arquivo Calligaris* é, assim, a combinação de dois elementos: as diferentes formas relativas às verdades em circulação, no âmbito das fontes; e a materialização do processo pedagógico que ali se instaura.

Nas estratégias adotadas, prevaleceu o princípio de recusar qualquer tipo de disputa pela legitimação ou confirmação do que ali se afirmava. Uma vez que a extensão temporal do próprio material já lhe outorga um lugar de intensa legitimidade, nossa tarefa se circunscreveu a acoplar uma espécie de caixa amplificadora das flutuações de sentido que já estavam lá.

A primeira e a segunda parte deste capítulo, portanto, voltam-se ao esforço de traçar acessos e forjar aproximações por meio das quais seja possível examinar as produções afirmativas da discursividade psicanalítica, circunstanciadas pela voz de Contardo Calligaris.

4.1. O sobrevo: uma apreciação temática das colunas de Calligaris

Ao percorrer as colunas escritas pelo psicanalista em busca de conhecer as tematizações presentes e as estratégias utilizadas em seu discurso no Jornal, é possível perceber que os assuntos tratados são, hegemonicamente, acerca da atualidade. Calligaris escreveu mediante a quentura dos acontecimentos.

À primeira vista, não é possível notar um padrão temático nas colunas. A sequência dos temas mobilizados já no primeiro ano dá pistas do tipo de atenção do psicanalista a assuntos variados e bastante distantes entre si, com proximidade pouco provável. Há colunas em que ele anuncia estar atendendo ao pedido de algum leitor que lhe escreveu sugerindo temas ou fazendo perguntas. Todavia, quando vistas em sequência, não se pode notar qualquer intervenção externa ao seu interesse no trabalho de escrita, ou seja, Calligaris aparentemente escolhia os temas livremente.

Quando olhamos para o formato, encontramos sempre a mesma extensão: o tamanho de cada coluna é de meia página do Jornal, o que, quando transferido para um documento de texto no computador, transforma-se em uma página e meia. Para se ter uma ideia, a junção de todas elas em sequência – com letra tamanho 12 e espaçamento simples – totalizou 1.358 páginas no editor de texto *Word*. Na *Folha de S.Paulo*, sua coluna ocupava a primeira metade da página do Jornal, em qualquer um dos lados – frente ou verso –, e era sempre acompanhada de uma ilustração.

Mariza Dias Costa assinou os desenhos de 1999 até 2019. Sua última participação na coluna de Calligaris foi no final de março daquele ano – a artista faleceu no dia 29 do mesmo mês. Em abril de 2019, as ilustrações passaram à responsabilidade de Luciano Salles, cujo trabalho acompanhou a escrita de Calligaris até sua última coluna. Como já dito anteriormente, no caderno *Ilustrada* do dia 1º de abril de 2021, vemos uma ilustração de Calligaris feita por Luciano Salles, sem nenhum texto escrito. A coluna, intitulada *Contardo Calligaris (1948-2021)*, é claramente uma homenagem do Jornal ao psicanalista, após seu falecimento.

Entre 16 de junho de 2011 e 19 de novembro de 2020, ao final de cada coluna vinha informado o endereço de *e-mail* do autor. O endereço de sua conta na rede social *Twitter* também era divulgado. Após essa última data, as duas informações deixaram de aparecer. Vale mencionar, ainda, que, ao final de alguns textos, Calligari registra pedidos de desculpa por erros cometidos na coluna da semana anterior, como no exemplo a seguir: “Correção da coluna passada: ‘Goldfinger’ não é o primeiro James Bond com Sean Connery; é o segundo. Agradeço os leitores que me assinalaram o erro” (Calligaris, 2007*28, p. E12).

A partir de maio de 2006, passa-se a destacar, no centro da coluna – e, mais tarde, após o título –, um trecho do texto ou uma pergunta. A composição título, ilustração e pergunta (ou afirmação) consiste na primeira vista do material empírico.

As publicações de Calligaris contam com diversas frentes temáticas sobre a atualidade, o cotidiano da vida e da cidade (São Paulo). Há comentários sobre a política nacional e internacional, bem como sobre as relações econômicas entre países. Diversos eventos históricos, por sinal, podem ser ali recordados pelos leitores mais velhos.

Ao longo dos textos fica evidente o constante diálogo que Calligaris estabelece com seus leitores. A esse respeito, a seguir destacamos três momentos:

P.S.: A coluna da semana passada, “Crianças do Divórcio”, suscitou um número inusitado de e-mails. Agradeço aos leitores. É impossível responder a todos. Na próxima quinta, retomarei o tema, debatendo algumas das questões levantadas pelos comentários recebidos. (Calligaris, 2000*42, p. E10).

Não conseguirei responder a todos os leitores que me escreveram comentando a coluna da semana passada. Peço desculpas e agradeço pelos dissensos, pelas observações e pelos parabéns. (Calligaris, 2003*40, p. E10).

Reagindo à minha coluna da semana passada, Álvaro de Campos, um leitor com quem dialogo com frequência, notou que, ao escrever sobre

percalços amorosos, eu me ocupo raramente daquela “maioria que não está mesmo casada e que nem por isso deixa de sofrer por amor”. (Calligaris, 2006*12, p. E12).

Além desse tipo de menção, o articulista frequentemente agradece as correções enviadas pelos leitores em relação a enganos seus e informações equivocadas que repassou sem perceber.

Em geral, os países mais mencionados por Calligaris são os Estados Unidos, o Brasil e alguns da Europa; São Paulo, Rio de Janeiro e Nova York são as cidades citadas mais frequentemente. A Itália, país em que ele nasceu, aparece em geral nos comentários que faz relembrando sua infância, sua juventude ou sua família. A atenção do psicanalista não ignorou fatos que produziram efeitos imediatos na população, como é o caso de ataques de violência, crimes e assassinatos que chocaram a opinião pública. Calligaris escreveu sobre vários deles tanto imediatamente após seu acontecimento, quanto na forma de exemplos em suas argumentações, em momentos posteriores.

Se os fatos violentos e bárbaros não são negligenciados, a oferta cultural composta pelo cinema, pelo teatro, pela literatura e pela arte tampouco o é. As menções a filmes, livros, peças e exposições são incontáveis. Grande parte das colunas mencionam algum tipo de experiência sobre tais atividades: ora como tema protagonista, ora como uma breve passagem que abre espaço para uma reflexão sobre quem somos ou sobre o mundo e a sociedade. A seguir, três breves exemplos do que estamos destacando:

O cinema, como qualquer ficção, pode nos fazer descobrir realidades que desconhecíamos ou preferíamos ignorar. Ele pode nos deixar indignados, apavorados e, como se diz, mais “conscientes” do drama social ao redor de nós. Mas isso acontece quando, primeiro, o filme nos conquista, ou seja, banalmente, quando ele nos conta uma história em cujos conflitos, dramas e alegrias reconhecemos os percalços de nossa própria vida. (Calligaris, 2007*33, p. E12).

O cinema é uma arte maravilhosa: um filme consegue nos envolver numa história e num mundo (semelhantes ao nosso ou radicalmente diferentes dele, tanto faz) muito mais rapidamente que a leitura de um romance. Além disso, o cinema conseguiu ensinar sua linguagem a seus espectadores de maneira, por assim dizer, indolor: todos entendem e reconhecem campos e contracampos, inversões temporais e deslizamentos da realidade ao sonho. Ninguém precisou estudar dicionário, gramática e sintaxe: a narrativa era imediata e magicamente acessível. (Calligaris, 2006*42, p. E14).

As ficções são mais que um amontoado de casos e histórias: elas são outras dimensões do mundo. E os romances, a tela da TV e a do cinema são frestas, janelas e portas entre essas dimensões. Servem para

enxergar o que acontece lá; e, às vezes, servem também para transitarmos de uma dimensão à outra. (Calligaris, 2015*51, p. C8).

Só ao longo das 39 colunas que compõem o primeiro ano de contribuição do psicanalista ao Jornal, já é possível encontrar considerações sobre: as fases da vida; a vida de brasileiros imigrantes nos Estados Unidos; os traços da identidade nacional; a ciência e os medicamentos psiquiátricos; o mercado financeiro; a sexualidade; as diferenças entre os gêneros; as patologias da cultura; as relações políticas internacionais etc. Diante de tal variedade de temáticas, para que fosse possível conhecer os assuntos tratados, identificar as recorrências e as demais características presentes nas colunas, adotamos um recorte de tempo e agrupamento dos textos. Assim seguiremos adiante com a apresentação geral do material, respeitando a ordem cronológica e agrupando-o em intervalos de cinco anos.

De 1999 a 2003, há uma presença marcante de assuntos referentes aos Estados Unidos. As discussões de Calligaris abordam desde as violências cometidas contra imigrantes, até as movimentações da bolsa de valores. As eleições americanas e seus efeitos também comparecem na pauta, assim como as manifestações populares de Seattle em 2000, e os perigos de ataques químicos em Nova York em 2003, por exemplo.

A explosão das torres gêmeas do *World Trade Center* ocupa grande parte das reflexões realizadas em 2001. Os EUA então se tornam tema por meio de diversas associações, tais como: a relação com o Afeganistão; a Al-Qaeda; a busca por Osama Bin Laden; a imigração; a Corte Americana; o turismo em torno do ataque; e a assistência médica coletiva.

No que concerne ao contexto brasileiro, Calligaris escreveu sobre relações políticas e econômicas entre o Brasil, a Europa e os Estados Unidos. Eventos ocorridos na história do País e as características do *brasileiro* – sua cordialidade e sua retórica, por exemplo – são elementos frequentemente comentados. Há colunas que discutem as eleições ocorridas ao longo do período, como: a disputa pela presidência, no segundo turno de 2002, entre os candidatos Luís Inácio Lula da Silva e José Serra (Calligaris, 2002*23), bem como a disputa pelo governo do estado de São Paulo em que concorriam três candidatos principais: José Genoíno, Geraldo Alckmin e Paulo Maluf (Calligaris, 2002*20).

Em relação à temática das eleições, é interessante notar as opiniões que o autor faz questão de explicitar. A exemplo disso, destacamos a coluna intitulada *Maluf na cabeça* (Calligaris, 2002*20), em que, após apresentar o resultado da pesquisa sobre as intenções de voto nas eleições para governador de São Paulo, ele destaca o papel do

político Paulo Maluf. O texto se desdobra a partir da seguinte questão: “Como entender, então, que mais de um paulista em cada três planeje votar em Maluf?” (Calligaris, 2002*20, p. E8). Retomam-se algumas questões presentes na relação entre política e corrupção, e, após algumas voltas, o autor responde à sua própria pergunta:

[...] Na escolha eleitoral do candidato corrupto, o cinismo contemporâneo parece coincidir com os piores restos culturais da exploração colonial. Em suma, a pesquisa de quinta-feira revela que um candidato acusado de corrupção está na cabeça das pesquisas. Nenhum problema: ele é inocente até decisão judicial. Mas é extraordinário que, para alguns de seus eleitores, ele pareça ser preferido justamente por ser (presumivelmente) corrupto. Na cabeça desses cidadãos, não pode estar o sonho de uma comunidade, mas a esperança de encontrar um líder para suas próprias ambições predatórias. Detalhe engraçado: alguns desses eleitores prometem que seu candidato devolverá a segurança às nossas ruas. Vai ser complicado. Pois a criminalidade é uma versão armada do espírito de saque o mesmo espírito que fomenta a escolha eleitoral de quem deseja ser governado por um corrupto. (Calligaris, 2002*20, p. E8).

As colunas que tratam do contexto brasileiro trazem discussões também acerca de temas como: o Carnaval; a captura de Fernandinho Beira-Mar e o narcotráfico; o caso Suzane von Richthofen, em 2002. Diversos acontecimentos podem ser recordados pelas colunas. Em geral, algumas questões vão sendo elaboradas e algumas respostas vão sendo oferecidas.

Como veremos adiante na apresentação dos conteúdos de cada quinquênio, há uma série de colunas que orbitam em torno de temas próprios da vida. Estes são frequentemente associados a um filme, a um romance ou a uma peça de teatro. Nessas associações com as produções artísticas, Calligaris conecta aspectos comumente vividos pelas pessoas. O sofrimento humano, os mal-entendidos presentes nas relações interpessoais e os sentimentos individuais são pontos usualmente comentados em suas argumentações.

Os textos são de ordens bastante distintas. Muitos deles se dedicam, por exemplo, aos acontecimentos do cotidiano do Brasil, de São Paulo e do mundo. No quinquênio formado pelos anos de 2004 a 2008, a primeira observação aqui relatada se afirma mais uma vez. Nesse período é possível relembrar eventos como: o casamento do Príncipe de Gales e a inauguração da loja Daslu, em 2005; a exposição de Yoko Ono, na cidade de São Paulo; o massacre que ocorreu na Universidade Estadual da Virginia, nos Estados Unidos, em 2007; a vinda do Papa Bento XVI; o aniversário de Martin Luther King; a morte da menina Isabela Nardoni, em São Paulo; as eleições da presidência dos EUA e

da prefeitura de São Paulo, em 2008. Ainda estão presentes temas como o tsunami que ocorreu em 2004 e a chacina no Rio de Janeiro, em abril de 2005.

As menções que Calligaris faz ao cinema e à literatura são muitas, como mencionado anteriormente. Muitas vezes, ao anunciar a estreia de um filme ou documentário, Calligaris emite críticas e considerações, não se furtando de marcar suas opiniões em relação à obra em análise. É bastante explícito o modo como o autor se posiciona diante das produções que o atraíram e das que o desagradaram.

Um bom exemplo do primeiro caso é a coluna dedicada ao filme de João Moreira Salles, *Santiago*, em 2007. Nesse texto, Calligaris se alonga ao contar sobre o que o filme retrata e inclui a seguinte história:

Walter Salles me contou uma anedota bem anterior ao filme: uma manhã, Walter Moreira Salles, seu pai (e pai de João, claro) abriu as cortinas de seu apartamento de Copacabana junto com Santiago. Era um primeiro de maio ensolarado. Walter Moreira Salles comentou: “Que dia lindo”. E Santiago, imediatamente, em portunhol, olhando para a praia já cheia: “Em cem años, estarán todos muertos”. (Calligaris, 2007*29, p. E14).

Logo após a composição entre o filme que estava então estreando e a conversa que teve com o amigo, Calligaris propõe uma reflexão acerca da morte, para, em seguida, afirmar:

Mas Santiago não é cínico. E seu remédio contra a morte não é apenas sua prodigiosa memória. No filme, Santiago toca as castanholas, canta, dança com as mãos e, sobretudo, está sempre preocupado com a beleza. Inclusive com a beleza da morte, “la gran partita”, o “bel morir” que pode dignificar a vida inteira [...]. Como um arranjo, uma vida não se justifica por sua duração, nem pela lembrança, nem pelo aplauso dos outros, ela se justifica por sua harmonia intrínseca [...]. Hoje, preferiria justificar minha vida tocando Beethoven, de fraque, numa casa deserta, com Santiago. (Calligaris, 2007*29, p. E14).

Já quando a obra não lhe agrada, seu texto é composto, em grande medida, pela defesa de sua crítica. É o caso das colunas intituladas *Filme do cão* e *Volta a Dogville*, que foram publicadas em semanas seguidas com comentários sobre o filme *Dogville*, de Lars Von Trier, em 2004. Ao iniciar a discussão, Calligaris apresenta brevemente o contexto do lançamento do filme e algumas declarações do diretor dinamarquês. Logo em seguida, escreve:

O filme é pretensioso, o cenário e os diálogos gritando: “Sou o novo Godard, olhem como sou brilhante”. Apesar dos esforços admiráveis dos atores, a complexidade das personagens é escassa. Se o filme fosse

uma meditação geral sobre a perversidade humana, ele seria só cínico. E o cinismo é o disfarce mais barato para simular inteligência: “revelar” que os homens são todos ruins é (quase sempre) apenas uma maneira de proclamar que a gente não é burro. (Calligaris, 2004*05, p. E12).

Os argumentos que seguem costumam a história do diretor do filme em relação ao seu passado; Calligaris então retoma acontecimentos históricos da ocupação dos nazistas na Dinamarca, em 1940. Ao finalizar a coluna, a relação estabelecida entre o filme e a história do diretor se traduz em uma forma exemplar de estruturação do preconceito, segundo o autor. Nos últimos parágrafos do texto, ele afirma:

Acontece que os pais de Von Trier eram comunistas militantes. Não sei como eles e seus camaradas viveram essa época. Mas duvido que tenha sido um momento feliz. Será que houve comunidades dinamarquesas que abusaram de seus comunistas escondidos como o vilarejo de Dogville abusa de Nicole Kidman, se não pior? O mecanismo é banal: pelo preconceito, atribuo ao outro alguns traços meus ou de minha história que prefiro ignorar. Apontar a podridão alhures é mais simples que lidar com minhas tripas malcheirosas. E, no reino da Dinamarca, aconteceu algo podre que talvez Von Trier prefira silenciar. Por isto, o filme, apesar de medíocre e desonesto, é interessante: porque é um exemplo esclarecedor de como nasce e funciona um preconceito. O título, “Dogville”, significa cidade do cão, e, de fato, há um cachorro na história. Mas, considerando que o filme fala das dificuldades de Von Trier com sua própria história e que Dogma é o nome do grupo que o diretor fundou, “Dogmaville” teria sido um título mais apropriado. (Calligaris, 2004*05, p. E12).

A coluna seguinte inicia-se pelo agradecimento do colunista às manifestações enviadas por leitores sobre o texto da semana anterior. Uma espécie de diálogo se instaura, tendo como pauta alguns elementos elencados por Calligaris, os quais estavam presentes nos comentários recebidos:

1) Alguns perguntam por que, ao avaliar um filme, daríamos peso às declarações do diretor: “Não seria melhor considerar a obra em si, sem interessar-se pelas intenções do autor?”. No caso, pouco importaria que Von Trier anunciasse estar apresentando a “realidade” americana. [...] 2) Outros leitores observam: “O filme repreende os EUA que Von Trier afirma não conhecer, e você parece concluir que “Dogville” é a expressão de um preconceito. Será que produzimos preconceitos a cada vez que falamos de algo que não conhecemos concretamente?”. [...] 3) Um colega me dá a lição: o psicanalista não deveria, ele diz, interpretar, mas ajudar o sujeito a interpretar-se sozinho. É bem o que espero que Von Trier faça. [...] 4) Outros leitores acham que minha apreciação negativa de “Dogville” seria um efeito de filoamericanismo. É o contrário. A crítica de Von Trier pratica o oitavo pecado capital, que consiste em atribuir aos outros as mazelas da gente. Não diz nada contra os outros e nos mantém na ignorância do que deveríamos criticar em

nós mesmos. Seu maior defeito é de ser ineficaz. (Calligaris, 2004*06, p. E10).

Outro momento em que é possível identificar a opinião do colunista é a coluna em que escolhe dialogar com o apresentador de TV, Silvio Santos, sobre a disputa do imóvel que abriga o famoso teatro coordenado pelo ator, diretor e dramaturgo brasileiro Zé Celso, o *Teatro Oficina*. Nessa coluna, Calligaris escreve uma carta a Silvio Santos, inicialmente recuperando o debate sobre a construção de prédios no entorno do *Teatro Oficina*. Sua argumentação segue realçando as qualidades da construção estrutural do teatro e suas características particulares, tais como o telhado retrátil, a parede de vidro, a indistinção entre os espaços dos bastidores e do público.

Acrescenta, ainda, seu reconhecimento do *Oficina* como um centro de estudos e lazer, “[...] uma sala de teatro aberta para o mundo” (Calligaris, 2004*16, p. E.12). Em um momento seguinte, seu diálogo com Silvio Santos se volta para os acontecimentos de sua infância e lembranças relacionadas ao teatro e ao circo. Calligaris é engenhoso e gracioso. Ao finalizar sua carta, ainda sob a perspectiva de um menino, escreve:

Insistia tanto que meus pais achavam graça e deixavam que eu fosse a mais de uma representação do mesmo circo. Nunca souberam que o espetáculo, para mim, era duplo. Certo, admirava os corpos magicamente bonitos em suas roupas furadas de paetê; comovia-me com o drama do pateta, vítima do clown branco; gritava quando a trapezista voava no céu. Mas, no intervalo e depois do espetáculo, gostava de passear, meio às escondidas, entre os reboques que serviam de casa ao povo do circo. Tinha cheiro de sopa caseira, de roupa lavada e de malhas suadas, risos, gritos de brigas, portas entreabertas que mostravam espelhos, maquiagens e painéis. As duas coisas juntas, o espetáculo e os bastidores, eram, para mim, uma única experiência: foi ali que aprendi para sempre, acho, que é possível sonhar sem deixar de gostar da vida concreta. Ora, quando vou para o Oficina, sinto a mesma alegria de quando era dia de circo na cidade. Não frequento os bastidores do teatro. Não é preciso, porque o Oficina é construído para que não haja muita diferença entre cena, platéia e bastidores e porque a magia de seus espetáculos é esta: transformar em teatro a fúria, a euforia, a miséria e a paixão da vida concreta. Em suma, caro Silvio Santos, receba este escrito como se fosse a carta de uma criança que lhe pede ajuda para que nosso melhor circo continue e cresça. Obrigado e um abraço, Contardo. (Calligaris, 2004*16, p. E.12).

Logo no início de 2006, o psicanalista oferece uma reflexão sobre a moralidade, dividida em duas colunas: *Culpa e vergonha (moralidade I)* (Calligaris, 2006*05, p. E10) e *Dois tipos de vergonha (moralidade II)* (Calligaris, 2006*06, p. E10). Ambos os textos tratam da conjuntura política do Brasil, relacionando a vergonha, a culpa e a moral como elementos característicos de organizações sociais em diferentes culturas. A característica

de retomar colunas anteriores para permanecer no mesmo fio reflexivo é algo que se manifesta no decorrer de alguns textos. Entretanto, intitular as colunas com a intenção de estender a discussão, como nesse exemplo, não é algo frequente, pelo que podemos notar.

Avançando para os anos referentes ao terceiro quinquênio de textos – 2009 a 2013 –, algumas considerações aqui já destacadas vão se afirmando. A estratégia de lançar um tema por meio de um disparador inicial se mantém, assim como a presença frequente de assuntos relativos a aspectos psicológicos – relações amorosas em namoros e casamentos, por exemplo. Os disparadores são, em geral, fatos concretos que aconteceram naquele tempo: um filme, um livro, uma pesquisa científica etc.

Um dos temas mobilizados intensamente em 2009 refere-se à masculinidade e aos efeitos produzidos por ela. Já na segunda coluna daquele ano, Calligaris escreve sobre dois casos de assassinatos em massa, na Alemanha e nos Estados Unidos, ocorridos na semana anterior. Conectando-os a outros casos – que, embora ocorridos no passado, seriam muito semelhantes –, relaciona a questão da criminalidade às ideias de identidade e de masculinidade. Essa coluna, em especial, desemboca em uma reflexão acerca da relação entre a necessidade de provar a masculinidade – cometendo atitudes criminosas e violentas – e os valores difundidos culturalmente sobre ser *homem* (Calligaris, 2009*10).

Tal assunto é retomado na ocasião em que uma estudante foi hostilizada em uma universidade privada, em São Bernardo do Campo, por ter sua vestimenta condenada pelas pessoas (Calligaris, 2009*41). Na ocasião, Calligaris reinsere a questão da masculinidade, agora via discussão sobre condutas sociais que naturalizam concepções historicamente difundidas acerca da sexualidade da mulher. O estupro é, por exemplo, uma das temáticas abordadas no texto.

No período de 2009 a 2013, uma série de relações se estabelece em torno da sexualidade. Essa discussão marca presença em duas direções distintas. Uma delas se refere às relações amorosas e à vida conjugal; a outra aponta para discussões especificamente voltadas à homossexualidade – pela afirmação de direitos, pela tematização em um roteiro de filme, pelos diversos episódios violentos que ocorriam com homossexuais. As colunas dedicadas à violência sexual são bastante constantes, incluindo comentários e menções que relacionam a violência ao fanatismo religioso, ao preconceito e a necessidades e desejos individuais. Os episódios ocorridos naquele período são relatados por Calligaris e acompanhados de algum tipo de interpretação.

Calligaris menciona: agressões entre jovens por homofobia; o caso do menino acorrentado pela mãe e pelo padrasto dentro de casa, no Paraná; a necessidade de

intervenções militares na Líbia; o regime democrático e o trabalho realizado pelos políticos naquele tempo; a aparição de novos remédios e analgésicos; o crime organizado no Brasil; a visita do papa Francisco ao Rio de Janeiro. Sua escrita se dá de uma maneira que aproximava cada um desses temas, por mais distintos que fossem. Ao comentar os elementos particulares dos assuntos que aborda, ele conduzia uma discussão que simultaneamente construía um território sobre o qual se pudesse refletir.

Na coluna *Menino acorrentado* (Calligaris, 2012*35), por exemplo, discorre sobre o mencionado caso da criança de 9 anos que foi acorrentada pela mãe e pelo padrasto, sem ter acesso a comida e água. Calligaris reproduz as falas dos responsáveis, divulgadas em noticiários do País, dando destaque ao esforço dos adultos em tentar conter o menino e educá-lo. A condução do texto propõe uma reflexão sobre autoridade e educação, ao mesmo tempo em que destaca as variações relativas à interpretação do ocorrido. Nesse momento, fica bastante evidente o tipo de diálogo que o colunista estabelece com o leitor e suas considerações sobre a educação contemporânea. Calligaris escreve:

Foi assim que, em um dia, passamos da indignação pela violência dos pais à perplexidade (humilde) diante da tarefa impossível de educar. [...] Infelizmente, ninguém sabe o que faz que uma educação dê certo. E pais e filhos, perdidos (os primeiros no desespero e os segundos no desafio), acabam acreditando, um dia, como no caso do menino do Paraná, que o fundamento da autoridade e da rebeldia seja a força – eu te acorrento, e você vem com gilete. [...] Seja como for, a criação dos filhos é uma experiência menos satisfatória do que todos queremos acreditar que seja. O que foi? Será que, de repente, na modernidade, perdemos a mão, e ninguém sabe mais ser pai direito? Por que, na hora de educar, nossos avós pareciam se sair melhor do que a gente – com menos questionamentos e menos dramas? É uma questão de expectativas: eles não esperavam nem um pouco que criar filhos lhes trouxesse a felicidade. E é uma questão de lugar: para eles, as crianças não eram o centro da vida dos adultos. (Calligaris, 2012*35, p. E12).

Depois de percorrer quinze anos de publicação, é possível atestar que há distinções entre os caminhos argumentativos por meio dos quais as colunas se construía. Grande parte das articulações se voltava totalmente para a reflexão direta de dois eixos: reflexões sobre a vida e a subjetividade humana; considerações sobre a cultura e a sociedade.

O quinquênio referente aos anos de 2014 a 2018 é iniciado com temas ligados à infância. Há diversas colunas escritas no início de 2014 que se concentram na educação das crianças, nos diagnósticos médicos, na relação com a morte e com a sexualidade. Também em 2014 pode-se encontrar discussões sobre assuntos que diziam respeito aos

acontecimentos da época, tais como: o início da Copa mundial de futebol, no Brasil; o jogador uruguaio que mordida seus adversários; e a morte do artista José Wilker. Ainda nesse ano, em publicações veiculadas em dois meses seguidos, Calligaris mobiliza a relação entre pais e filhos em três colunas: *Os pais e a escola* (Calligaris, 2014*29); *Como falar com nossos filhos* (Calligaris, 2014*30); e *A arte da fuga* (Calligaris, 2014*31).

Compondo um momento inaugural, em 2015, o espaço da coluna de Calligaris é ocupado por uma convidada também psicanalista. No dia 5 de novembro daquele ano, Maria Rita Kehl assina a coluna, materializando o apoio do colunista ao movimento denominado *#AgoraÉQueSãoElas*, em protesto a um projeto de lei do então deputado Eduardo Cunha, sobre o aborto e as condições legais que o delimitam. O mesmo tema perdurou em algumas das colunas seguintes, por meio da discussão sobre a sexualidade feminina e o machismo.

Calligaris dedica colunas inteiras às ocasiões de morte do escritor italiano Umberto Eco e do líder político de Cuba, Fidel Castro, em 2016. Em 2017, o mesmo ocorre com relação à morte do jurista brasileiro Teori Zavascki, com o acréscimo de comentários sobre a relação entre a morte do juiz e o cenário político daquele momento.

A propósito, a conjuntura política do Brasil é mencionada algumas vezes, e os argumentos utilizados se tecem a partir dos seguintes temas: a presença de políticos evangélicos no governo brasileiro; as primeiras ações da operação *Lava Jato*; a violência no estado do Rio de Janeiro; a redução ou não da maioria penal; os embates envolvendo questões da sexualidade – transgeneridade e homossexualidade – e os pressupostos religiosos, por ocasião da *Parada Gay*, em São Paulo.

Os anos de 2016, 2017 e 2018 também são intensos em relação aos assuntos referentes à política estatal. Calligaris menciona Donald Trump, desde sua aparição na candidatura do partido republicano para a presidência dos Estados Unidos e sua intensa força no cenário político, no período em que venceu as eleições presidenciais, até os aspectos de sua personalidade, que, segundo o colunista, poderia ser denominada narcisista. Estabelece relações de equivalência entre os atos corruptos característicos de alguns políticos brasileiros e a vida cotidiana, a pobreza e a desigualdade social. O *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff também é um dos tópicos discutidos nesse período, assim como as relações internacionais e os ataques terroristas na França e em Manchester.

Os assuntos que tocam em questões ligadas às emoções humanas e à subjetividade são trazidos no bojo de considerações sobre a sexualidade. Fala-se das relações entre

homens e mulheres, dos desejos e anseios das pessoas idosas, dos atos violentos contra indivíduos que mantêm comportamentos sexuais distintos dos padrões heterossexuais. A família e os laços emocionais entre pais, mães e filhos também são abordados.

O sofrimento na adolescência e a temática do suicídio são discutidos na coluna *Suicídios adolescentes*, a pedido de leitores. Logo no início do texto, Calligaris (2017*17, p. C8) anuncia: “Você que é terapeuta de adolescentes, por que não comenta a *Baleia Azul*? Recebo essa pergunta a cada dia”. Criado em uma rede social da internet, o jogo denominado *Baleia Azul* foi naquela época um acontecimento, cujo objetivo constituía-se em estimular adolescentes a cometerem suicídio. A reflexão do colunista se desdobra a partir do desejo de morte como ponto central, argumentando com base em três frentes que se articulam: o seriado *13 reasons why* – então lançado na *Netflix* – bem como o livro *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, e as concepções de Durkheim que articulam o suicídio aos níveis de integração social. Ainda nessa coluna, ao final, temos um exemplo de como Calligaris relaciona e divulga outros trabalhos que faz. Vejamos:

[...] diante do propósito suicida, não há cura milagrosa, e o primeiro passo é reconhecer o desejo de se matar e levá-lo a sério – porque é um desejo sério, não menos fundamentado do que nossa posição em favor da vida. Podemos discordar e nos opormos à vontade de se suicidar de alguém que nos importe, mas só seremos escutados se primeiro reconhecermos seu direito de querer morrer. Nota: logo nesses tempos de inquietudes pela Baleia e pelo seriado “13 Reasons Why”, foi ao ar, pela HBO, a primeira história de “Psi” sobre o suicídio assistido de uma adolescente. A história, que resume minha atitude diante de um outro que prezo e que quer morrer, está agora na *Net Now*. (Calligaris, 2017*17, p. C8).

Em 2018, vê-se acontecer um fenômeno bastante interessante: as primeiras colunas do ano se dedicam intensamente a pautar a discussão sobre as mulheres. Calligaris reflete sobre questões que permeiam o protesto que ficou conhecido como *#MeeToo* nas redes sociais, dividindo o assunto em duas colunas seguidas: *Estupros, assédios e paqueras* (Calligaris, 2018*03) e *Ódio pelas mulheres* (Calligaris, 2018*04). Na coluna seguinte, o psicanalista mantém-se no mesmo contexto temático, articulando o que entende como recusa dos indivíduos em reconhecer o desejo sexual feminino e as letras das músicas de *funk*. Ainda em 2018, encontram-se frequentemente colunas que tocam em problemáticas morais de ordem conservadora, com discussões envolvendo a religião e as verdades que aí são admitidas, bem como outras características provenientes da cultura da atualidade.

Ao mirarmos as colunas de 2018 em perspectiva, é possível reconhecer as temáticas acima mencionadas em diálogo, principalmente quando a discussão aponta nos acontecimentos daquele tempo. Nas colunas do final do primeiro semestre, Calligaris se posiciona intensamente quanto às ocorrências machistas de grupos de torcedores brasileiros na Copa do Mundo na Rússia. Escreve seguidamente as colunas: *Os boçais são perigosos* (Calligaris, 2018*25), *Mais sobre os boçais* (Calligaris, 2018*26) e *O amor contra a boçalidade* (Calligaris, 2018*27). Com o intervalo de uma semana, a coluna subsequente, *Trotes de boçais* (Calligaris, 2018*29), retoma o assunto. O termo *boçal* e a discussão sobre a *boçalidade* voltam no meio do segundo semestre nas seguintes colunas: *Os boçais* (Calligaris, 2018*41) e *Os toscos e os boçais* (Calligaris, 2018*42). O restante dos textos daquele ano é preenchido com assuntos sobre as eleições; o patriotismo; a educação e as diferenças de gênero; ainda, as temáticas envolvendo a sexualidade, a mulher e a ordem moral retornam como protagonistas.

Os três últimos anos em que Calligaris escreveu na *Folha de S.Paulo* seguem a mesma linha de algumas temáticas já propostas em 2018. Há uma concentração de colunas que questionam os princípios ideológicos veiculados pelo então governo federal, capitaneado pelo político Jair Bolsonaro.

Os tópicos relacionados à educação ganham o centro de diversas discussões, em especial no que se refere à possibilidade de inaugurar o senso crítico nos cidadãos e às convicções produzidas em torno da proteção das crianças. Calligaris questiona insistentemente as declarações dos representantes do governo e, em uma das colunas, escreve dialogando com uma declaração de Bolsonaro em uma rede social. Escreve ele:

[...] ao ler, mais tarde, o tuíte do presidente Bolsonaro, em que ele escreveu: “Uma das metas para tirarmos o Brasil das piores posições nos rankings de educação do mundo é combater o lixo marxista que se instalou nas instituições de ensino”. Quem dera fosse tão fácil. Infelizmente, uma mudança ideológica não vai melhorar o ranking do Brasil em matéria de educação. Para isso, precisaria estender o calendário escolar, aumentar a carga horária dos estudantes, esperar deles muito, mas muito mais do que é exigido hoje e, claro, melhorar significativamente a formação e os salários dos professores. Dessa lista não faz parte a reza de nenhuma cartilha. Nosso ensino não é ruim porque haveria professores marxistas e não vai melhorar só porque os professores no futuro serão carolas. Desse ponto de vista, aliás, daria para argumentar que, com o domínio dos carolas, o ensino piorará. Explico: em regra geral, qualquer visão do mundo ou ideia, quando ela é dominante (ainda mais quando ela é expressão do poder político instituído), torna-se lixo. (Calligaris, 2019*01, p. C8).

A argumentação que se segue retoma diversos eventos históricos em que se destaca a possibilidade de analisar o contexto por outras vias, em olhares múltiplos. O colunista acrescenta elementos que reconhece como sendo fundamentais para que se ensine uma forma de pensar que extrapole o próprio conteúdo em pauta. Diz ele:

O ponto de vista crítico, que questiona a ordem estabelecida e o conteúdo que está sendo ensinado, é a atitude que mais leva o estudante a pensar, investigar, estudar um pouco além do que é óbvio e prescrito. [...] A cultura oficial e de governo é lixo porque só é ciosa de sua reprodução igual na consciência de todos. O que se opõe a ela pode valer pouco como conhecimento, mas tem a função de fomentar o senso crítico dos estudantes. (Calligaris, 2019*01, p. C8).

Outro momento em que a discussão aborda a temática educacional é na coluna em que sua reflexão se refere a um projeto de lei apresentado por três deputadas estaduais na tentativa de tornar exclusiva a presença da mulher nos cuidados íntimos das crianças: *Abusos e traumas* (Calligaris, 2019*42). Nessa coluna, Calligaris recorre à definição do termo *trauma* para ponderar a ideia subjacente de que os homens seriam responsáveis por abusos e traumas na vida das crianças. Em sua argumentação, há uma reflexão que dilui a diferença entre os gêneros – masculino e feminino –, informando a impossibilidade de evitar situações de abuso convertidas em experiências traumáticas, no que se refere ao desenvolvimento da sexualidade do indivíduo. A alternativa que ele lança, na finalização do texto, consiste em refletir sobre o contexto em que vivemos. O argumento é apresentado da seguinte forma:

[...] todos nós, mulheres ou homens, construímos nossas orientações, fantasias e desejos sexuais a partir de pequenos ou grandes “abusos” sofridos ao longo da nossa infância. Isso significa que o sexo, para todos nós, nasce de traumas? Não exatamente. Os abusos que acontecem na infância só se transformam em traumas quando eles são despertados na memória por novas experiências. (Calligaris, 2019*42, p. C6).

Ao delimitar o contorno do problema acerca do qual a proposta das deputadas se referia, Calligaris mencionou as falas de Jair Bolsonaro endereçadas a uma parlamentar como exemplo explícito da expressão do machismo na sociedade brasileira. Sua conclusão é a seguinte:

Em outras palavras, homens e mulheres são todos vítimas de abuso sexual na infância – é claro, alguns de abusos mais violentos, e outros, menos –, mas, na vida adulta, no caso das mulheres, a estupidez do machismo ambiente transforma os abusos da infância em traumas. O problema que preocupa as legisladoras paulistas, em suma, não se resolverá afastando os professores (ou as professoras) dos cuidados

íntimos das crianças, mas acabando com o machismo e a misoginia que esperam qualquer menina, uma vez adulta. (Calligaris, 2019*42, p. C6).

As discussões acerca da sexualidade permanecem em pauta e, nesse período, os assuntos se conectam às posições públicas de Jair Bolsonaro e Damares Alves, à época responsável pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. O atravessamento e a imposição de governantes na produção do medo proveniente de regras e valores religiosos são intensamente discutidos. Calligaris ainda retoma os princípios de igualdade, almejados nos anos 1960, e a desigualdade social, abordando pautas sobre a educação dos filhos e os desejos dos pais.

No que diz respeito às questões sobre saúde, dois momentos são interessantes. O primeiro é relativo à coluna que o psicanalista escreve sobre o câncer. Nela, a relação entre a vida e a doença é articulada a partir de um livro cuja autora é Nise Yamaguchi. O segundo momento é disparado pelo filme *Coringa* e consiste em discutir a desigualdade social destacando os efeitos que se expressam na dimensão psicológica dos sujeitos. Calligaris afirma, ainda, opiniões sobre o desarmamento, as relações políticas entre esquerda e direita, assim como as características dos jovens da atualidade.

Como já pontuado, o governo federal marca presença nas discussões desse período, e as discussões se voltam à relação entre religião, o governo brasileiro e o totalitarismo. Calligaris destaca as falas de Bolsonaro sobre o casamento do presidente da França, Emmanuel Macron; as censuras do governo federal aos materiais que ofereciam conteúdos relativos à sexualidade para crianças; os efeitos da ideologia nos modos de vida.

No ano de 2020, a pandemia de Covid-19 e o confinamento dela decorrente aparecem mencionados no final do mês de abril, na coluna *Estado de exceção* (Calligaris, 2020*09). As colunas seguintes também discutem os mesmos temas, sob os títulos: *Saúde mental em tempo de pandemia* (Calligaris, 2020*10) e *Coronavírus como metáfora* (Calligaris, 2020*11). A desigualdade no Brasil, muitas considerações sobre o governo de Jair Bolsonaro e os eventos envolvendo seus apoiadores retornam à pauta das temáticas tratadas nos textos.

Em 2021, as cinco colunas publicadas se dedicam a reflexões sobre a própria vida – Calligaris põe-se a pensar sobre a escrita e, para isso, recupera memórias de sua experiência familiar – e as formas de governo na política da atualidade, além de tecerem considerações sobre o futuro do Brasil, relacionando os modos típicos dos tempos da exploração colonial, a política e as formas de corrupção.

Longe de imaginar que a exposição aqui realizada daria conta de esgotar os tantos assuntos que Calligaris mobilizou ao longo daqueles 23 anos de publicação, acompanhar as discussões propostas pelo psicanalista constituiu uma primeira chance de conhecer alguns elementos que configuraram seu pensamento. Tomar todas as colunas como um repositório de argumentações de diferentes ordens possibilita que o trabalho com esse material possa enveredar por várias direções. Seria possível, entre outros caminhos, reconstruir uma espécie de sequência de acontecimentos, de encadeamentos de ideias, de foco em temáticas com as quais Calligaris trabalhou. A seguir, apresentaremos algumas reflexões que acompanharam a montagem proposta para a construção do *arquivo Calligaris*.

4.2. Do arquivamento ao arquivo: desafios da montagem

Como já mencionado ao longo desta tese, nossa principal sustentação metodológica baseia-se no trabalho arquivístico inspirado por Michel Foucault. Nesse sentido, tanto a concepção de arquivo como o procedimento investigativo dela decorrente implicam determinada atitude, cujo objetivo é dar a ver as práticas produzidas no bojo da relação entre verdade e subjetividade.

Em nosso entendimento, é essa relação que assume as coordenadas da montagem do arquivo, e o *tom foucaultiano* define-se por um gesto guiado pela interpelação dos modos como o discurso funciona ao dizer sobre o presente e os sujeitos. Trata-se, assim, de um gesto ancorado na desnaturalização das funções veridictivas do discurso que performam o/no arquivo. Não obstante, o movimento necessário para realizar tal gesto não se define *a priori*, pois seu aparecimento é equivalente ao efeito produzido pelo encontro com direções outras que puderam ser antevistas no material; é, talvez, a volta do fôlego perdido entre as aleatoriedades, as infinitas associações de palavras, as conexões impossíveis de prever, o *sem fim* de sentidos, o tumulto de direções, as ideias nauseadas, os pensamentos fortuitos. Enfim, o gesto se faz simultaneamente ao arquivo por vir. Ele consiste, então, em um movimento insurgente que possibilita o aparecimento da capacidade performativa da própria palavra mobilizada nas discursividades.

Dessa maneira, o arquivamento que resultou no *arquivo Calligaris* é fruto de diversas experimentações que puderam ser feitas. De largada, é importante destacar que o trabalho de mobilização das fontes rendeu percepções que se fizeram fundamentais no processo de construção e delimitação do arquivo.

O principal elemento percebido de partida é referente à forma do texto. As colunas são estruturadas de uma maneira regular, ou seja, seguem um formato constante no modo como se apresentam. Como estratégia, Calligaris utiliza um disparador que aquece a discussão a ser desenvolvida, argumenta sobre a ideia em pauta em torno de aspectos favoráveis ou contrários a ela, e finaliza o texto apontando considerações gerais.

Os disparadores são os elementos que fazem o leitor conectar-se aos eventos que ocorreram naquele período. Nem sempre o tema que se anuncia no disparador segue como central no andamento da coluna; muitas vezes, a discussão construída na sequência é, justamente, um contraponto ao anúncio oferecido pelo disparador utilizado. Ao serem lidos em perspectiva, os disparadores se organizam em três grandes frentes: dizem respeito aos âmbitos cultural, psicológico e político-social.

Com relação ao primeiro, há uma constelação de menções a filmes lançados, livros publicados, peças de teatro em cartaz e diferentes possibilidades de experimentar formas de entretenimento e cultura na cidade de São Paulo e no mundo.

No que se refere ao âmbito psicológico, há uma maioria de eventos relativos aos efeitos produzidos pelas relações humanas. Muitos desses disparadores apontam para problemas provenientes das relações afetivo-sexuais – as separações e a vida dos casais, por exemplo – e das relações familiares – como os desafios na educação dos filhos e a autoridade.

Já quanto ao âmbito político-econômico, os eventos se referem a contextos mais coletivos, como eleições, disputas partidárias, negociações entre países, discussão de projetos de leis, acontecimentos relacionados à violência civil etc.

A parte correspondente ao desenvolvimento da ideia central mobilizada em cada coluna se constitui por diversas fontes teóricas de que Calligaris lança mão no processo de construção de seu posicionamento. Jacques Lacan, Umberto Eco, Michel Foucault, Sigmund Freud, Jean-Jacques Rousseau, Karl Marx, Roland Barthes, Melanie Klein, Zygmunt Bauman, Charles Baudelaire e muitos outros nomes são citados e servem como amparo para desenvolver as ideias em jogo. Há uma sustentação teórica acontecendo no desenvolvimento do texto, cuja base se fundamenta no campo de saber das ciências humanas, em especial. Além disso, nesse momento do texto é possível identificar a ideia central a que a coluna se dedica.

Ao longo do trabalho com as fontes, constatamos que a maioria dos textos não cita a psicanálise, fato que nos leva a considerar que a função de Calligaris no Jornal não é, de maneira alguma, a de ser um porta-voz da psicanálise. O elemento fundamental que

alinha todos os 1.102 textos é, tão somente, a opinião de um psicanalista. Essa é a posição que Calligaris assume na autoria das colunas, já que sua função é, inegavelmente, de cunho opinativo.

Não obstante, a psicanálise é o viés argumentativo principal, o componente que atravessa e legitima a perspectiva proposta pelo colunista. Se, por um lado, a psicanálise encontra-se subsumida na massa discursiva das colunas, por outro, há momentos de franca aparição. Fazem parte do material comentários de Calligaris sobre atendimentos que fez, ou sobre algo que pensou durante seu trabalho como psicanalista, na clínica. Há, ainda, algumas colunas dedicadas explicitamente ao pensamento psicanalítico. São elas: *Feliz aniversário e sonhe com os anjos, Freud!* (Calligaris, 1999*32), *Em companhia de Freud* (Calligaris, 2006*20), *Para que serve a psicanálise?* (Calligaris, 2010*31) e *A vida com Lacan* (Calligaris, 2017*38).

Como terceira e última parte da estruturação discursiva identificada nas colunas, a conclusão é composta tanto por posicionamentos assertivos, quanto por indagações sem respostas. Nos parágrafos finais, as palavras se endereçam ao sujeito que lê, e há uma espécie de síntese da crítica ou provocação que enredou o tema central apresentado. Nessa parte do texto, em geral, Calligaris escreve de modo bastante direto: fala do mundo, dos homens, das mulheres, das crianças, dos adolescentes, da economia, da cultura etc.

Além das tantas considerações que o psicanalista fazia sobre as necessidades e os desejos humanos, ali estavam também declaradas suas preferências, seus valores, suas esperanças – enfim, um modo de ser. As passagens conclusivas do texto, todavia, não podem ser tomadas como uma indicação para o fechamento ou encerramento da ideia que ali se desenvolveu. Ao contrário, a finalização da maioria das colunas sugere o acréscimo de uma última ideia: a necessidade de refletir.

Ainda a respeito da mobilização do arquivo, observamos que, nesse conjunto de textos, fala-se muito das relações entre casais, das expectativas, das dificuldades e dos benefícios que lhes são próprios; também são frequentemente citados elementos presentes nas relações familiares e os efeitos produzidos por essa rede vincular. Tal temática é proposta, amiúde, nas colunas das festas de final de ano, sobretudo.

Ademais, é possível notar que, ao refletir sobre as relações amorosas, o psicanalista oferece elementos que conectam o amor e o sentido que cada indivíduo atribui à própria vida, como se pode observar nos seguintes títulos: *Vida divertida ou vida interessante?* (Calligaris, 2002*49); *A vida faz sentido A) Muito B) Nenhum C) Um pouco* (Calligaris, 2003*42); *O segredo da vida de um casal* (Calligaris, 2007*35).

A mesma intensidade característica da presença de temas que destacam os aspectos psicológicos dos sujeitos se apresenta em relação à sociedade. Calligaris repete inúmeras vezes as características da sociedade atual, denomina-a como moderna e explica as significações que lhe são próprias. Por vezes, sua leitura é distanciada: ele escreve sobre a *sociedade ocidental* ou a *cultura moderna* de modo bastante geral e teorizante. Os títulos das colunas a seguir são bons exemplos disso: *O ocidente inimigo de si mesmo* (Calligaris, 2005*22); *Impasse de um sonho moderno?* (Calligaris, 2009*42); *Liberalismo e teocracia* (Calligaris, 2019*36).

Já em outros momentos, a distância diminui, aproximando o autor do tema em debate. Quando isso ocorre, a denominação já não aponta para o geral; a reflexão se propõe em torno da primeira pessoa do plural. Nesses momentos, o cenário descrito se constrói a partir dos sujeitos que habitam o presente, que agem em certa direção, que desejam certas coisas, que vivem certas vidas. Ou seja, por meio do olhar lançado a *nós mesmos*, extrai-se uma espécie de diagnóstico. Trata-se de um olhar sobre o presente, como se pode ver claramente nos seguintes exemplos: *Sou de esquerda ou de direita?* (Calligaris, 2011*02); *Estamos entre os mais imorais* (Calligaris, 2020*33); *Nosso estilo de governo preferido* (Calligaris, 2021*05).

Se, por um lado, o movimento de apreciação de todas as colunas ofereceu a possibilidade de conhecer uma sequência cronológica de fatos que foram discutidos por Calligaris, bem como uma forma organizativa dos escritos, por outro, provocou um efeito marcante de dispersão em relação aos passos seguintes a serem percorridos no processo da pesquisa. Diante desse desafio, retomamos nossa leitura partindo de um olhar que pudesse estabelecer um corte problematológico em torno da questão construída por esta investigação.

O retorno ao material se fez com vistas a se debruçar sobre o cerne constitutivo da relação entre a psicanálise, a educação e o presente. Nosso horizonte, daí em diante, estabeleceu-se na busca pelos modos de movência do caráter pedagogizador da discursividade psicanalítica; a montagem que construiu o arquivo se fez, portanto, de modo distinto daquele já existente na fonte original.

Tal trabalho resultou em uma espécie de traquitana de sete vetores discursivos. Dessa maneira, entendemos que o que aqui denominamos *arquivo Calligaris* é, então, uma invenção decorrente da reorganização editorial, por assim dizer, dos modos expositivos das ideias veiculadas nas colunas. O que doravante está em jogo é um

processo analítico que tem como propósito pôr em foco as relações que informam os sujeitos sobre eles mesmos.

Nesse sentido, a montagem proposta seguiu as premissas definidas por Aquino (2021, p. 13) no que se refere ao trato arquivístico: “[...] jamais representar, jamais falar em nome de outrem, jamais submetê-lo a qualquer grilhão hermenêutico [...]”. Na expectativa de evidenciar os modos como a discursividade psicanalítica operou no Jornal, extraímos alguns vetores temáticos que pudessem pôr em relevo o lastro pedagógico em operação.

A montagem do *arquivo Calligaris* buscou, assim, dar destaque às ideias e aos componentes do jogo veridictivo ali em ato. Na próxima seção descreveremos as diferentes nuances que configuram cada um dos vetores escolhidos e o trabalho que resultou na seleção de excertos componentes do arquivo.

4.2.1. *A traquitana de sete vetores*

A estratégia principal que guiou o processo de construção do *arquivo Calligaris*, tal como já dito, visou promover um tipo de montagem que possibilitasse o mapeamento das ideias que compõem o jogo veridictivo sobre os sujeitos e o tempo presente. Dessa maneira, apostamos em uma direção que abrisse caminho para os ruídos que escutamos durante o tempo de convívio com o material e, claro, que seguisse o tom dado pelo diapasão do nosso problema de pesquisa.

No intuito de destrinçar os tantos elementos constitutivos da massa discursiva eleita, chegamos a sete vetores que têm o objetivo de oferecer uma perspectiva outra da discursividade produzida por Calligaris. Tal gesto arquivístico, ressalta-se, poderia se realizar de várias maneiras, já que há ali uma infinidade de possibilidades acontecendo. Especificamente no que se apresentou a partir de nossa mirada, destacamos os seguintes vetores: *Eu, Calligaris; Psicanálise/psicanalista; Subjetividade; Sociedade; Brasileiros/as; Educação; Máximas.*

Todos os excertos selecionados afins a tais vetores são resultado de posicionamentos que o próprio colunista expressava na coluna. O cuidado maior na seleção, para a montagem do arquivo, foi o de não incluir trechos em que Calligaris explicava ideias de outrem, como comumente acontecia quando comentava livros, filmes e pesquisas, por exemplo.

A própria extensão do material empírico exigiu que escolhas fossem feitas, como a especificação de uma quantidade razoável de linhas para a edição dos textos. A extensão final definida foi de três a onze linhas. Optamos, ainda, por suprimir elementos textuais intermediários, com a finalidade de apresentar a argumentação central mobilizada. Ademais, não houve repetição de colunas em um mesmo vetor; e, no que se refere aos anos de publicação, buscou-se equilibrá-los de modo a contemplar toda a extensão temporal relativa aos 23 anos.

A primeira experiência de edição e montagem do arquivo resultou em uma seleção que variou entre 27 e 50 excertos por vetor; daí por diante, novos recortes foram feitos, até chegarmos a 16 excertos alocados em cada um dos vetores, como veremos a seguir. É importante sublinhar que, durante esse processo, alguns descritores pesquisados renderam muito mais do que outros. No caso de *Brasileiros/as*, por exemplo, diversos trechos apenas mencionavam rapidamente o termo que buscávamos – evidentemente, descartamos essas aparições, pois elas se relacionavam a outros assuntos, de modo que o descritor selecionado referia-se a uma informação primária, digamos.

Os vetores *Psicanálise/psicanalista*, *Sociedade*, *Subjetividade*, *Brasileiros/as* e *Educação* foram compostos a partir da seleção de trechos resultantes da busca por descritores específicos. Em *Sociedade* e em *Subjetividade*, a procura mirou a própria palavra no título definido, escolha que se fundamentou na precaução de não incorrer em qualquer tentação do tipo interpretativa. Já nos vetores *Psicanálise/psicanalista* e *Educação*, os trechos foram extraídos do total de aparições da busca pelos termos *psican* e *educ*. Tal decisão visou contemplar os momentos em que também aparecem termos adjacentes: *psicanalista* e *psicanalisar*, no caso de *Psicanálise/psicanalista*; *educadores/as*, *educativo*, *educacional*, no caso de *Educação*.

Os vetores denominados *Máximas* e *Eu, Calligaris* se constituíram de uma forma diferente: já que não havia uma palavra que poderia servir para guiar a busca, a alternativa que encontramos exigiu um trabalho mais artesanal. Os fragmentos selecionados no vetor *Máximas*, em sua grande maioria, foram retirados dos finais das colunas, momentos em que os textos se encaminhavam para uma consideração final. Já em *Eu, Calligaris*, a seleção se deu ao longo das diversas vezes em que as colunas foram lidas. Tal disparador, por sinal, liderou em quantidade se comparado aos demais vetores no processo de montagem.

O vetor *Psicanálise/psicanalista* é constituído de trechos em que *Calligaris* menciona diretamente as ideias psicanalíticas ou o trabalho de psicanalistas. O vetor

Educação objetiva apresentar os trechos em que Calligaris se refere tanto a processos educativos formais, quanto à educação de maneira mais ampla.

O vetor denominado *Sociedade* é composto pelas menções a efeitos produzidos pela formação histórica da sociedade e da cultura. No vetor *Subjetividade*, procuramos sequenciar verbetes que mobilizam enunciados sobre a noção de sujeito e as relações que a ela se associam. Entendemos que ambos – *Sociedade* e *Subjetividade* – definem-se pela função de propiciar acesso aos modos como o discurso se forja na relação com o presente.

Seguindo a mesma linha dos anteriores, o vetor *Brasileiros/as* explora um contínuo discursivo acerca do que é atribuído à identidade do Brasil e de seu povo. Interessa aí aproximarmo-nos dos modos como a discursividade delimita o coletivo e as relações que passam a ser nele estabelecidas. Ainda na esteira desses objetivos, o vetor *Máximas* pretendeu destacar excertos em que Calligaris afirmou ideias como plausíveis de serem adotadas, sobre as quais ele julgava ser importante pensar. Esse vetor se constituiu como uma espécie de conjunto de assertivas que claramente estão sendo empregadas no texto.

No vetor analítico *Eu, Calligaris*, o esforço se voltou a agrupar trechos em que o psicanalista refere a si mesmo, seja por meio de comentários sobre experiências vividas, seja por meio de afirmações sobre aquilo que pensa. Nosso objetivo por meio desse vetor foi acessar o que acontece quando o próprio Contardo Calligaris torna-se protagonista de suas afirmações.

A seguir, apresentaremos a montagem final do *arquivo Calligaris*, sem antes reiterar que a composição ora inventada é uma dentre tantas outras possíveis. Ela se forjou centrada no objetivo de tornar visíveis as propriedades veridictivas da discursividade psicanalítica, materializada pelo articulista, em seu caráter pedagogizador. O problema que está em jogo no *arquivo Calligaris*, portanto, é o viés educativo em curso, desde os movimentos performativos da argumentação utilizada pelo psicanalista.

Assim, o arquivo é resultado da edição e da montagem de enunciados segundo a ordenação de uma pergunta específica que a ele devotamos, ou seja, um problema central. Trata-se, oxalá, da abertura para um campo de práticas que se produzem na relação entre verdades veiculadas sobre os sujeitos e o mundo, inscritas em um tempo histórico determinado – o que também existiu ali e que não pôde ser imediatamente visto. Por fim, o arquivo é, se quisermos, uma caixa amplificadora que possibilita ouvir a música a embalar a dança de um tempo; uma oportunidade – por que não? – de romper com a ideia de uma distinção natural entre passado e presente.

4.2.2. O arquivo Calligaris

Eu, Calligaris

Quando era criança, eu brincava com três tipos de devaneio. Havia os sonhos de aventuras solitárias, que idealizavam a liberdade do indivíduo. Havia os sonhos de ser Pancho Vila ou um de seus companheiros, que pareciam sonhos sociais, mas, de fato, exaltavam o heroísmo do indivíduo que se sacrifica pelo bem da revolução. E havia os sonhos de fim do mundo, que terminavam assim: minha família, com um grupo de amigos, sobreviveria no meio do nada. Juntos, reconstruiríamos o mundo. (Calligaris, 2002*40, p. E14).

Por ter um irmão mais velho, soube cedo que não eram o Papai Noel e o menino Jesus que traziam presentes. Mas essa descoberta não fez vacilar minha fé no Natal. O abalo veio mais tarde, aos 13 anos, quando, na noite do 24 de dezembro, o pai de Alessandro, meu melhor amigo daqueles tempos, morreu de repente. Meu próprio pai, cardiologista, acorreu para encontrá-lo já morto [...]. Por contraste, os Natais antes dos meus 13 anos aparecem, na lembrança, como momentos de absoluta certeza do amor e da proteção dos adultos. (Calligaris, 2001*51, p. E10).

Quando eu tinha 12 anos, um tio meu se suicidou. Era um tio de quem eu gostava e que gostava de mim. Ele enfiou a cabeça no forno e abriu a torneira do gás. Deixou uma nota, sucinta, que dizia: “Suicídio por razões profissionais e amorosas”. Meus pais não esconderam de mim as circunstâncias da morte do tio e me mostraram seu bilhete. Mesmo assim, imaginei perceber, em meus pais, uma certa vergonha. Isso, porque, no fundo, eu os culpava. Foi a grande crise na minha idealização dos meus pais e, por conseqüência, na tranquilidade de meu mundo: aparentemente, a amizade e o amor que eles ofereciam não tinham sido suficientes para dar a meu tio a vontade de continuar vivendo. [...] Foi assim que o luto pelo suicídio do meu tio foi também o fim de minha infância. (Calligaris, 2007*31, p. E12).

Quando criança, eu tinha medo do escuro. A porta do quarto (meu e de meu irmão) era de vidro jateado. Meus pais deixavam a luz do corredor ligada até eles irem para cama. Aí, supondo que eu estivesse dormindo, apagavam tudo. Suposição errada: eu ficava acordado, esperando o momento fatídico em que perderia minha luz. Na minha lembrança, aliás, eu não dormia nunca. Enquanto havia luz, ficava esperando que apagassem. Depois disso, era um pavor crescente e insone. (Calligaris, 2017*34, p. C8).

Na adolescência, participei da fundação de um pequeno círculo liberal “extremista”, em que a gente praticava o costume jacobino de chamar os outros de “cidadão” ou “cidadã” (título que era para nós uma honra suprema), acompanhado da função de cada um: cidadão professor, cidadã estudante, cidadão carpinteiro. Um pouco mais tarde, sonhei com um mundo em que nos chamaríamos um ao outro de “companheiro” ou “companheira”. (Calligaris, 2005*16, p. E12).

Lembranças. Meu pai não fez nunca um esforço para me propor uma diversão que ele supusesse apropriada à infância. No máximo, ele me incluía nas diversões dele: cinema, teatro, leituras, visitas a igrejas, museus e monumentos. Eu só entendia que a vida devia ser uma coisa muito séria. Ele nunca sentou para me dizer o que ele queria da vida, mas, lá pelos meus oito anos, num sábado, eu o acompanhei nas visitas que ele fazia a seus pacientes hospitalizados. No caso, o paciente estava num hospital psiquiátrico. Fiquei no carro esperando que meu pai voltasse. Alguém, ao lado do carro, aparava uma cerca viva com enormes tesouras de jardineiro. (Calligaris, 2014*30, p. E12).

Especialmente em Veneza, para mim, os mortos não estão separados dos vivos. Claro, Napoleão chegou até aqui e instituiu os cemitérios (entre eles San Michele), proibindo que os mortos fossem sepultados perto dos vivos. Mas meu pai pensava diferente de Napoleão; para ele, a presença dos mortos não tinha por que ser pavorosa ou insalubre – ao contrário, ela só enriquecia nossa vida. Meu pai queria que eu me interessasse pelas pedras da cidade, por sua arte e por sua história. O jeito que ele encontrou foi me seduzir com histórias (algumas verdadeiras, outras – suspeito – inventadas). (Calligaris, 2013*45, p. E10).

Até os meus sete ou oito anos, a cada vez que meu pai atendia o telefonema de um de meus colegas da escola, ele declarava, seriíssimo: “Só um instante, Contardo está preparando a comida para a girafa” ou “Vou ver se pode, estava dando banho no hipopótamo, talvez tenha terminado”. Mais de uma vez, tive que lidar com amigos furiosos, convencidos de que eu escondia um zoológico em casa e inconformados com meu egoísmo. [...]. Na época, eu detestava essas brincadeiras do meu pai. Hoje, acho que ele tentava me transmitir um pouco de sua capacidade de temperar a existência com pitadas de fantasia. [...]. Quando meu pai morreu, fiquei com seus diários. Leio de vez em quando. Não procuro informações sobre sua vida, apenas o segredo de sua paixão de viver e de amar. (Calligaris, 2004*09, p. E10).

Preciso esclarecer: assisto “Terra Nostra” sem pretextos. Não planejo nenhum pós-doutoramento sobre a Rede Globo e a ideologia da classe média brasileira. Nada disso. Se fico um tempo com Gumerindo, Francesco, Paola, Giuliana, Matteo etc., não é na esperança de surpreender um novo aspecto da cultura de massa. Ao contrário, faço parte da massa: [...]. Torço e comento com amigos e parentes. (Calligaris, 2000*09, p. E8).

Ora, sou pai de três rapazes. Gostaria de lhes transmitir uma paixão pela vida que não dependesse da realização de sonho algum, ainda menos de um sonho meu. Gostaria que eles encontrassem sua razão de viver não alhures (numa obrigação ou mesmo nos grandes princípios que dirigem suas ações), mas na própria experiência da vida que levam, em seus momentos felizes ou tristes, jocosos ou duros. Mas como transmitir uma paixão pela vida em si? (Calligaris, 2004*09, p. E10).

Depois da morte de minha mãe, meu pai declarou que não estava mais interessado em viver. Não tomou nenhuma medida concreta; apenas foi definhando, esperando que a coisa acabasse. Amava-o também por essa última obstinada coerência. Ao mesmo tempo, sua decisão testemunhava minha insuficiência, minha incapacidade de lhe dar vontade de continuar. Naquele inverno, meu irmão e eu passamos com ele todo o tempo de que dispúnhamos, como se nossa presença pudesse motivá-lo a seguir vivendo. (Calligaris, 2005*06, p. E8).

No sábado passado, no aeroporto de Chicago, esperava o voo que me levaria de volta a São Paulo. Diante de mim, uma longa parede de vidro mostrava, além dos aviões estacionados, um pôr do sol glorioso e dilacerante. Por alguma sabedoria (consciente ou não), meus companheiros de espera estavam quase todos sentados de costas para a janela. Alguns poucos, pela posição de seus assentos, teriam condição de contemplar o pôr do sol, mas não levantavam os olhos de seu notebook. (Calligaris, 2010*01, p. E12).

A leitura prolongada de Sade me produz sempre uma espécie de enjoo. Não é efeito de horror ou de reprovação; acho que meu mal estar tem duas causas: a sensação de que não há como fugir da insistência das fantasias eróticas e a constatação de que, no erotismo moderno (que Sade propriamente revelou), sexo e poder são indissociáveis, como se fosse impossível desejar um corpo sem querer prendê-lo, atormentá-lo e, em última instância,

supliciá-lo ou (dá na mesma) sem querer ser preso, atormentado e supliciado por ele. (Calligaris, 2009*21, p. E16).

Estudando filosofia (kantiana), aprendi que criticar não significa apenas aprovar ou reprovar, mas sobretudo entender como uma obra se tornou possível e, para seu autor, necessária. Estudando psicanálise, adotei uma idéia de Lacan: quem mais se engana é quem emprega sua energia para evitar ser enganado. Quando, apesar de meus esforços, não consigo gostar de uma obra nem um pouco, prefiro me calar. Os comentários negativos dariam, eventualmente, prova de minha argúcia, mas não diriam nada que prolongasse a obra de maneira a torná-la mais rica, para mim e para os outros. Uma exceção: quando o lugar para onde o autor me leva ou seu jeito de me pegar me indignam, aí grito. (Calligaris, 2006*16, p. E12).

No dia do enterro de meu avô, que eu adorava, voltando do cemitério, meus sobrinhos e eu (todos pré-adolescentes) fomos despachados para o cinema perto de casa. Eu hesitei. Como assim, ir ao cinema depois do funeral? Meu pai me lembrou que o avô era quem mais me levava ao cinema: assistir a um filme naquele dia talvez fosse o melhor jeito de honrar sua memória. (Calligaris, 2015*46, p. C8).

No primeiro ano de ensino médio, minha classe aturou um camarada que, sentado na última fileira, mostrava e masturbava seu pênis, gozando duas ou três vezes por dia. Talvez o espetáculo fosse “engraçado” para algumas e alguns, mas era traumático para outras e outros. Ainda hoje, não sei se, para mim, a experiência foi só risível. (Calligaris, 2018*03, p. C6).

Cuidado, não acho que os viadutos sejam a solução à falta de moradias praticáveis. E não penso apenas nos moradores de rua: também sou solidário com os vizinhos que contemplam com um misto de medo e nojo a concentração de uma vila de sem-teto perto de sua casa. Mas há uma malvadez perversa no ato de destruir aqueles semblantes de casas. Na manhã de quinta, eu só conseguia pensar nos cretinos que, quando eu era criança, passeavam pela praia e, de propósito, demoliam os castelos de areia que a gente construía. (Calligaris, 2018*34, p. C8).

Passei a aurora de minha idade da razão no cinema Pacini, assistindo a qualquer filme que não me fosse proibido (e a vários proibidos, graças a um lanterninha amigo). Muitos filmes dos anos 1950 eram western, ou, como se diz no Brasil, banguê-banguê, em que todo mundo estava fora da lei, inclusive a maioria dos xerifes. (Calligaris, 2018*37, p. C8).

Em geral, quando tento me definir – por exemplo, no diálogo com um leitor – começo declarando que sou liberal e sempre fui, até quando, nos anos 1960-70, eu era um militante de esquerda. O adjetivo tem sentidos diferentes segundo as culturas, portanto, explico: para mim, liberal significava (e ainda significa) que 1) o indivíduo é um valor maior do que qualquer coletividade ou grupo (nação, partido, família, religião, torcida etc.), 2) não acredito que uma sociedade igualitária seja possível ou mesmo desejável, mas me parece certo que a sociedade garanta que todos tenham oportunidades comparáveis. [...] O segundo adjetivo que me qualifica, depois de liberal, seria reformista – sempre na direção da maior liberdade individual possível e da solidariedade necessária para que haja oportunidades comparáveis para todos. Mas, como qualquer reformista, eu também sou conservador, pois há e sempre houve coisas que eu quero preservar. (Calligaris, 2019*27, p. C8).

Na reunião de fim de ano, que seja uma festa ou não, talvez eu queira reafirmar que, contra as aparências, é possível conviver. Na rua, num bar, na casa de um amigo, é como se quisesse celebrar a obstinação com a qual continuamos apostando que a vida em

sociedade é possível – apostando que a barbárie não é um destino inevitável. [...] É isso, a festa de fim de ano, para mim, é um jeito de celebrar a possibilidade de conviver. [...] A minha celebração de Ano-Novo, além de uma festinha com amigos no dia 31, será no dia 3, sábado, a partir das 14 horas. Se alguém estiver em Nova York, que apareça. (Calligaris, 2015*01, p. C6).

Psicanálise/psicanalista

A vulgarização da psicanálise foi responsável, em parte, pela idéia de que seríamos todos patologicamente amnésicos. “Doutor, sofro de vertigem e não sei por quê; me ajude.” “Pois é”, responde o doutor, “está dito em seus sonhos (em linguagem misteriosa) que sua mãe, irritada, um dia deixou cair esse nenê que não parava de chorar”. Bingo!” Lembre-se e cure-se. [...], Mas as verdadeiras questões são outras. Não esqueci que a mãe me deixou cair. Agora será que ela quis me jogar no chão? Foi falta de amor? Foi vontade repentina de agarrar o pai? De agarrar o carteiro? Ou o acidente foi o efeito do excesso de Hipoglós, que me tornou escorregadio como um sabonete? O fato é sempre bem lembrado. Nossos transtornos (e nossa vida) dependem das respostas que encontramos para as perguntas que acabo de evocar e para outras análogas. (Calligaris, 2003*24, p. E12).

Pelo mundo afora, todos indivíduos, grupos, famílias, sociedades sofremos de passivos herdados. É ótimo investigar esses passivos, para melhor ultrapassá-los. Essa é, por exemplo, uma das funções de qualquer psicanálise. (Calligaris, 2000*7, p. E8).

[...] um princípio da prática da psicanálise: somos vítimas de violências e imposições, mas só tomamos conta de nossa vida quando, ao contar nossa história, deixamos de lado a contabilidade dos golpes recebidos para dar destaque a nossas reações, a nossas cumplicidades, a nossas escolhas diante da adversidade. É dessa forma que a história se torna história da gente: autobiografia. (Calligaris, 2005*28, p. E12).

Melanie Klein, uma das grandes figuras da psicanálise depois de Freud, mostrou que cada um pendura nas costas alheias alguns elementos (mais ou menos incômodos) de sua própria personalidade. Pensamos lidar com os outros e com suas exigências, enquanto lidamos, de fato, com exigências que são nossas e que preferimos atribuir aos outros. (Calligaris, 2001*52, p. E6).

[...] a psicanálise não só orienta (e tenta suavizar) nossa procura louca de um sentido mas também deve, um belo dia, permitir que a gente encare a brutalidade do mundo. No fim de uma análise, espera-se que alguém possa sair do consultório de seu analista e levar, por exemplo, um vaso de flores na cabeça sem que lhe ocorra, nem por um instante, que se trate de um complô, de uma punição merecida por ousar se aventurar no mundo sozinho ou mesmo de uma vingança do próprio terapeuta abandonado. (Calligaris, 2005*1, p. E10).

A psicanálise chama de castração (esqueça por um instante qualquer associação açougueira) o ato pelo qual um gênero é atribuído ao sujeito, geralmente pelo pai: você é mulher ou você é homem. Quando o ato não funciona direito, o sujeito pode querer que essa “castração” seja perpetrada de novo e de vez, para que a designação seja enfim clara e, se possível, concorde com o que diz a anatomia de seu corpo. (Calligaris, 2004*44, p. E14).

Os psicoterapeutas e os psicanalistas simpatizarão com a experiência. Freud recomendava que os pacientes fossem escutados com uma atenção “flutuante”, ou seja, aberta, não-focalizada [...]. Ele também aconselhava que os psicanalistas não se entregassem ao furor

de curar. Qualquer terapia se propõe a melhorar a vida dos pacientes, mas o anseio de sarar pode funcionar como uma atenção excessiva consagrada ao número dos passes do time branco. (Calligaris, 2000*49, p. E8).

Na aurora do século 20, a psicanálise, estraga-prazeres, veio lembrar que viajamos sempre com mais malas do que é preciso e que não adianta jogá-las pela janela. Para diminuir o excesso de peso, melhor abri-las, repertoriar o conteúdo e decidir o que fazer com ele. (Calligaris, 2004*1, p. E8).

Os psicanalistas e os psicólogos constatarem há tempos que existe uma relação direta entre a sociedade de consumo e o uso de drogas. Esperamos que a felicidade venha dos objetos que consumimos, mas descobrimos repetidamente que não é bem assim: nenhum objeto de consumo é conclusivo. Ao contrário, cada objeto nos remete ao seguinte, como uma bebida que aumentasse a sede. A droga parece prometer uma satisfação final: graças a ela, dispensaremos todos os outros objetos – seu consumo nos apaziguará, enfim. De fato, ela apenas transforma a frustração consumista banal numa privação dolorosa, mas que tem a vantagem de ser unívoca: o drogado, ao menos, sabe o que lhe falta. (Calligaris, 2002*37, p. E12).

A psicanálise explica que, no declínio do Édipo, o que é pedido à menina é que ela renuncie ao pênis do pai: com isso, ela poderá ter acesso a todos os pênis do mundo. Certo, mas a mãe não é boba: como assim, a filha pode ter todos, e ela fica só com o marido? Não é raro que a mãe tenha um estranho (e escuso) prazer em ver a filha fracassar amorosamente. (Calligaris, 2017*32, p. C6).

Enfim, odiamos mais os irmãos do que os primos ou outros parentes mais distantes. Na própria Bíblia, a irmandade é protótipo de ciúmes, discórdia e ódio. E a psicanálise confirmou a Bíblia, pois o afeto “natural” da irmandade (se é que ele existe) é a rivalidade – nada de amizade “espontânea” entre irmãos. Dia 24 é noite de Natal, uma festa da irmandade. Para um olhar cristão, Jesus é o irmão que todos gostaríamos de ter – o irmão que vem ao mundo para sacrificar sua vida por nós. (Calligaris, 2020*48, p. A24).

Certo, enxergo o mundo pelo prisma do consultório, que é o pronto-socorro das relações mal resolvidas. Agora, como psicanalista, acredito que os bons sentimentos, quando existem, servem para estancar e esconder outros sentimentos, menos nobres. Também acredito que descobrir em nós mesmos esses sentimentos mais envergonhados seja o melhor jeito de evitar que nossa convivência (familiar, por exemplo) provoque transtornos desnecessários. (Calligaris, 2017*33, p. C8).

[...] me pergunto se o que a psicanálise deveria explicar é a vontade de potência (ou de poder) em todos nós ou quase, ou então a vontade e algum prazer perverso de mentir aos outros – também em todos ou quase. Sei que parece um pouco paradoxal, mas a pergunta é: as pessoas mentem porque a mentira ajuda seu projeto de poder? Ou perseguem um projeto de poder para ter um bom pretexto para mentir? (Calligaris, 2020*16, p. B16).

Retomando o trabalho depois dos feriados, os psicoterapeutas e os psicanalistas também costumam atender os feridos da estação. São as vítimas de rojões tão explosivos quanto os outros: os encontros de família das festas de fim de ano. (Calligaris, 2004*2, p. E10).

Somos crédulos, queremos acreditar que, a cada encruzilhada, exista sempre uma saída mais malandra, pela qual nos daremos bem. Em sua maioria, as alternativas nos seduzem e funcionam, justamente, quando elas exaltam nossa falsa fé em soluções que não sejam totalmente perdedoras. Jacques Lacan, o grande psicanalista francês, para ilustrar nossa “alienação” diante das “escolhas forçadas” (palavras dele), recorria ao exemplo do assaltante que nos mandaria decidir: “A bolsa ou a vida!”. Basta pensar um instante para

constatar que a alternativa é furada, visto que, se eu decidir ficar com a bolsa, não vou perder só a vida – vou perder também a bolsa, pois o assaltante não vai deixá-la com meu cadáver. (Calligaris, 2013*9, p. E14).

Como evitar a sensação de estarmos sempre vivendo o mesmo dia? Jacques Lacan, o psicanalista francês, considerava que os atos, numa vida e na história coletiva, são raros. De fato, o que domina a vida e a história é a repetição. Um ato não é apenas algo inédito (muitas novidades são repetições disfarçadas), mas algo que nos transforma radicalmente, que produz (inclusive em nós mesmos) um novo sujeito. (Calligaris, 2014*21, p. E12).

No sábado retrasado, Freud teria feito 150 anos. A data está sendo celebrada – com aplausos e algumas vaias. Mas, seja qual for nossa opinião sobre a eficácia da psicanálise ou o valor de sua teoria, o fato é que Freud mudou de maneira irreversível nossa experiência de nós mesmos. Em particular, graças a ele, o foro íntimo, onde fazemos nossas escolhas, tornou-se para sempre um lugar mais complexo e atormentado. Com isso, mesmo se a psicanálise for relegada um dia no museu das terapias ultrapassadas, Freud continuará sendo um luminar da consciência moral ocidental. Um ditado diz que os inimigos de nossos inimigos são nossos amigos. Ele não é sempre verdadeiro, mas, no caso, nesse começo de século, fico satisfeito de estar em companhia de Freud. (Calligaris, 2006*20, p. E10).

Freud recomendava que os pacientes fossem escutados com uma atenção “flutuante”, ou seja, aberta, não-focalizada – justamente para não perder a entrada dos gorilas. [...]. Ele também aconselhava que os psicanalistas não se entregassem ao furor de curar. (Calligaris, 2001*27, p. E8).

O problema, como Freud constatou, é que a gente se culpa mais do que é necessário: enxergamos crimes onde não há, consideramos que nossas vagas intenções e nossos sonhos noturnos já são delitos e nos castigamos para aliviar os tormentos de nossa culpa. Seja como for, até os anos 60, o sentimento de culpa – necessário ou patológico e excessivo – parecia ser só isto: o arrependimento por ter desrespeitado uma norma ou uma autoridade. Em seu seminário (um pouco críptico) de 1959-60 (“A Ética da Psicanálise”, Zahar), o psicanalista francês Jacques Lacan propôs algo diferente: a culpa mais relevante e mais sofrida surgiria não por termos desobedecido a uma norma, mas por termos negligenciado nosso próprio desejo, por termos desistido de agir como queríamos. Podemos nos arrepender de nossas transgressões, mas lamentamos, mais amargamente, as ocasiões perdidas. Era uma pequena revolução no mundo da clínica. (Calligaris, 2007*14, p. E14).

Por isso, talvez, muitos cheguem aos consultórios de terapeutas e psicanalistas com o projeto explícito de “descobrir” seu desejo, como se sua ambição fosse apenas reconhecer a “sina” de sua vida para conformar-se com ela. O terapeuta, em geral, espera que o paciente se autorize a inventar a vida, apesar de sua “sina” e contra ela. (Calligaris, 2005*20, p. E14).

Subjetividade

A explicação cultural tem algo em comum com a explicação pela subjetividade. Ambas apontam para o espelho. [...] A história explica pelo passado e pelo anseio de um projeto. Ou seja, aconteceu como momento de um processo, de uma evolução. Ora, cultura e subjetividade, nossas explicações contemporâneas preferidas, pretendem explicar pelo que somos. Furo fila, não paro no farol, não pago imposto, sou propinador porque sou brasileiro. Ponto. Ou então: não levanto de manhã, não faço café para meus filhos porque expresso minha depressão. Normalmente era Deus quem respondia: eu sou quem eu sou. Agora, a criatura se apoderou deste pleonasma: somos quem somos. E isso vale como

explicação. Poderíamos explicar nossos atos pela cultura ou pela subjetividade e mesmo assim querer mudar. Mas não é o que acontece geralmente. (Calligaris, 1999*10, p. E10).

É o mesmo cansaço que alimenta nossa confiança excessiva nas pílulas da felicidade ou nas drogas: balas para não esquentar a cabeça. A modernidade é o tempo da subjetividade inquieta, angustiada e insatisfeita. Por isso, ela cansa. Agora, o cansaço é apenas uma tendência. As inquietudes políticas não estão mortas, longe disso. Mas deixo isso para outra coluna, talvez a próxima. (Calligaris, 2000*21, p. E8).

Nossa subjetividade é dificilmente dissociável deste sentimento que se instala desde o começo da modernidade, quando os homens passam a ser definidos não por nascença, mas por suas potencialidades futuras. Desde então, o presente é sempre prosaico se comparado às esperanças do futuro. Desde então, habitamos nosso cotidiano como se fosse uma sala de espera de dentista: lugar penoso, temporário e certamente inautêntico. Não somos bem daqui. Seremos nós mesmos só nos próximos capítulos. (Calligaris, 1999*08, p. E10).

Voltei do sono e sou o mesmo. Não virei barata, nem príncipe encantado. Que droga. Essa sensação não me surpreende: há poucos traços tão relevantes na subjetividade moderna quanto a paixão pela mudança – e, por consequência, a ojeriza da mesmice. O gosto pela novidade é crucial em nossas vidas. Ele preside, por exemplo, à insaciável variedade dos objetos oferecidos a nossos apetites. Com isso, funciona como incentivo essencial para o sistema de produção e consumo no qual vivemos. A paixão pelo novo e a ojeriza da mesmice não comandam apenas nossa relação com os objetos. Elas dominam também nossa experiência íntima. Queremos novidades não só nas ruas e nas vitrinas, mas em nossas vidas. Chegamos a medir a qualidade de uma existência pela variedade das experiências que ela proporciona. Lamentamos uma vida definida pelo tranquilo preenchimento de uma função. Preferimos a aventura. (Calligaris, 2001*23, p. E11).

No fim do século 19, as riquezas tornaram-se conspícuas: diferenças de consumo, e não só de carteira. Essa nova ostentação era o primórdio de uma mudança da subjetividade que seria exigida poucas décadas mais tarde, quando a época do “ter” entrou em crise, em 1929. Até então, numa exuberância parecida com a nossa nos anos 90, acreditava-se numa expansão ilimitada. Os ricos se tornariam mais ricos e mais numerosos. Graças a isso, todos trabalharíamos e produziríamos cada vez mais. Mas a coisa enalhou. O esbanjamento dos endinheirados não era suficiente para motivar a máquina produtiva. A saída da crise, depois da imediata intervenção dos governos e da guerra, veio por uma transformação que se impôs nos anos 60 e deu seus frutos nos anos 80 e 90. (Calligaris, 2002*31, p. E9).

Dificilmente reconhecemos que a liberdade das fantasias eróticas é um traço irrenunciável de nosso jeito de ser. Ora, nossa subjetividade não é possível sem a liberdade de fantasiar sexualmente. Montesquieu, Locke e Rousseau não existem sem Sade. Cultuamos a liberdade política e prezamos a autonomia também porque nossa fantasia erótica se arrisca a enlouquecer, imaginando e desejando coisas impossíveis ou proibidas. É com a liberdade de fantasiar que nasce a culpa moderna: paramos de ser culpados por não respeitar proibições e normas e passamos a sentir culpa sobretudo por deixar de perseguir o que desejamos. (Calligaris, 2002*48, p. E10).

Não sairemos tão cedo de uma sociedade organizada pela esperança de que os outros nos queiram. E, se sairmos, certamente não será promovendo a auto-estima como remédio. Por esse caminho, só aumentamos nossa dependência do amor dos outros. E eternizamos uma subjetividade complacente e fraca, que nos condena a viver entre euforia e depressão, como se estivéssemos desfolhando a margarida: bem me querem, mal me querem. A socialização-margarida, aliás, produz margens (sobretudo em adolescentes) dolorosas e

perigosas. Ficam perdidos tanto os demais-queridos quanto os malqueridos. (Calligaris, 1999*17, p. E8).

[...] verifica-se que as crianças (sempre muito mais atentas e menos ignoras do que os adultos imaginam) sabem o que aconteceu realmente e entendem a mentira dos pais pelo que ela é: uma palavra que desconhece e menospreza a subjetividade delas. Pior, uma palavra que, desconsiderando as crianças, acaba acuando-as, forçando-as a ficar para sempre sob tutela, privadas da verdade. Uma parte relevante do discurso dos políticos (que não tem nada a ver com o discurso político) produz o mesmo efeito. Sob o pretexto de nos tratar “com carinho”, os políticos se esquecem de nos tratar como adultos. (Calligaris, 2005*26, p. E12)

[...] qualquer um (ou quase) pode se esquecer de sua humanidade não por convicção nem por crueldade ou por medo, mas, simplesmente, pelo descanso que ele encontra na obediência, no sentimento de fazer parte de uma máquina da qual ele pode ser uma pequena engrenagem. Desejar, pensar e agir como indivíduo é penoso; muito mais fácil é renunciar à subjetividade (sempre atormentada) para transformar-se em burocrata do mal. (Calligaris, 2007*44, p. E14).

A moda do trabalho escolar em grupo evoca, aos meus ouvidos, a fala de colegas que, nos anos 70, improvisavam grupos terapêuticos. Os tempos são duros, eles diziam, e o paciente pagará a metade do que custa uma sessão individual. De fato, a terapia de grupo não é uma espécie de excursão de ônibus (mais barata para os turistas e mais rentável para o cicerone): ao contrário, ela é uma forma específica de terapia, na qual a dinâmica do grupo mobiliza aspectos da subjetividade que seriam de acesso e manejo árdios numa terapia individual. Ou seja, na terapia de grupo, a existência do grupo permite algo que aconteceria mais dificilmente numa terapia individual. (Calligaris, 2011*07, p. E12).

As revoluções do fim do século 18 produzem um homem novo, de quem ainda somos os herdeiros. Esse homem novo é levado a “apreender a ordem do mundo através de sua subjetividade”: ele “se identifica com os personagens do romance psicológico”, “funda a introspeção como meio de conhecimento” e, sobretudo, ele é obrigado a reconhecer que a autoridade não é mais um atributo dos padres, dos nobres ou dos anciões. Ele mesmo, esse homem novo, deve decidir no que acreditar, seguindo seu foro íntimo e suas convicções. Uma parte dos transtornos modernos derivam da incerteza de quem abandonou sua confiança tranquila nas tradições laicas ou divinas. Mas talvez esses não sejam os transtornos mais graves. (Calligaris, 2012*47, p. E12).

Sugestão diferente: se você soube que seu filho ou sua filha fez algo que não devia, diga no que foi que errou, deixe pouco espaço de discussão e dê a punição adequada. Depois disso, amigos como antes. Quase sempre, quando uma confissão é exigida, as crianças mentem com obstinação diretamente proporcional à de seu acusador. Elas fogem assim de uma humilhação radical, em que renunciariam à sua própria subjetividade: desistiriam de ter segredos e aceitariam que a versão do acusador substituísse a versão que elas gostariam de contar como sendo a história delas. Claro, se você insistir, ameaçando a criança com punições cada vez mais requintadas, a criança talvez “confesse”, mas a confissão será apenas um ato de desistência, em que mesmo o inocente se dirá culpado do jeito que o acusador pede. Em suma, a tortura para obter confissões é um desastre. (Calligaris, 2013*08, p. E14).

É quase trivial rezear que a intimidade que conquistamos possa se perder hoje com o novo espaço de socialização que são as redes sociais. Não sou catastrofista e, até aqui, tendia a pensar que as redes sociais são uma extensão da subjetividade moderna. Sem elas ou com elas, de qualquer forma, a imagem do indivíduo moderno é a que aparece na retina dos outros, apreciada (ou não) pelos “likes” da vida. Só que, descubro agora essa banalidade,

as redes sociais estão invadindo o último e crucial baluarte da esfera da vida privada, que é o foro íntimo, o lugar interior no qual julgamos questões morais com a nossa cabeça, embora nossa imagem seja sempre pública. (Calligaris, 2017*46, p. C10).

Mais honesto seria assinalar que há uma esperança datada (dos anos 1960) segundo a qual a revolução sexual e a revolução formal nas artes mudariam a cara do mundo, acabariam com a exploração do homem pelo homem e inventariam uma nova subjetividade. Em suma, pensávamos que a revolução seria ganha nas camas, nos ateliês e nos sets de cinema: fomos desmentidos repetidamente. (Calligaris, 2015*32, p. C10).

Mas, no trabalho e na vida social, devemos ser todos intercambiáveis. Talvez seja essa a fonte da repressão na modernidade: para que o trabalho e a sociedade se organizem entre cidadãos iguais em direito, é necessário reprimir o que há de mais concreto e singular na subjetividade de cada um. Duro preço para o progresso. (Calligaris, 1999*37, p. E10).

Na nossa percepção da subjetividade humana, acontece uma coisa análoga. Posso saber que minhas escolhas são o efeito de meus genes, de meu passado, da forma e da quantidade de minha matéria cerebral, mas nada disso altera o sentimento fundamental de que estou agindo livremente. Isso vale também para os outros: reconheço tudo o que os determina, mas lhes atribuo a mesma liberdade com a qual imagino agir. (Calligaris, 2006*44, p. E14).

Os famosos são objetos de fascinação (ou de repulsa, dá na mesma) por serem a caricatura fiel do traço dominante de nossa subjetividade. Somos todos frágeis e perigosamente suspensos à aprovação de nossos semelhantes. Os mais frágeis são os que mais procuram o olhar satisfeito dos outros, os que mais precisam dele: os famosos, ameaçados de anulação pela suspeita de que os outros não gostem deles ou, pior, os esqueçam. Por isso talvez os famosos sejam casamenteiros: não podem parar de acreditar num amor perfeito, num amor em que eles seriam o objeto que faz o outro plenamente feliz. (Calligaris, 2005*21, p. E12).

Talvez em 2015 eu publique minha tese. Fiquei a fim de explicar este fato um pouco assustador: há algo na dinâmica de nossa subjetividade normal que faz com que parar de pensar seja uma tentação constante, como se qualquer desculpa (ideológica, por exemplo) fosse boa para fugir da solidão, que é a condição do diálogo moral de cada um com sua consciência. O coletivo (a nação, o partido, o sindicato, a torcida, a gangue, o grupo adolescente de amigos, a própria família) não oferece apenas ideologias e desculpas: ele fornece uma função para cada um de seus membros. Com isso, não preciso pensar para decidir minha vida – preciso apenas preencher minha função. É bom o que é funcional ao grupo – ruim, o que não é. (Calligaris, 2013*29, p. E10).

Quase sempre, quando uma confissão é exigida, as crianças mentem com obstinação diretamente proporcional à de seu acusador. Elas fogem assim de uma humilhação radical, em que renunciariam à sua própria subjetividade: desistiriam de ter segredos e aceitariam que a versão do acusador substituísse a versão que elas gostariam de contar como sendo a história delas. Claro, se você insistir, ameaçando a criança com punições cada vez mais requintadas, a criança talvez “confesse”, mas a confissão será apenas um ato de desistência, em que mesmo o inocente se dirá culpado do jeito que o acusador pede. Em suma, a tortura para obter confissões é um desastre. (Calligaris, 2013*8, p. E14).

Além disso, a arte contemporânea pede que o artista prefira expressar sua “subjetividade” a “imitar” o mundo. Pois é, mas parece que perdemos a capacidade de enxergar, na arte realista em geral, os mil jeitos pelos quais o artista (clássico, acadêmico ou moderno) SEMPRE expressou sua subjetividade e SEMPRE questionou a tradição e os meios de

sua arte. A novidade é que, frequentemente, a arte contemporânea é devorada por uma paixão pedagógica, uma vontade de explicitar. (Calligaris, 2009*29, p. E14).

Sociedade

[...] o combustível de uma sociedade do “ter” é uma mistura de cobiça com vaidade. Por cobiça, preferimos os bens materiais a nossas eventuais virtudes, mas essa cobiça está a serviço da vaidade. A riqueza que acumulamos não vale “em si”, ela vale para ser vista e reconhecida pelos outros: é a inveja deles que afirma nossa desejada “superioridade”. Em outras palavras, os bens que desejamos são indiferentes; o que importa é o reconhecimento que esperamos receber graças a eles. Por consequência, nenhum bem pode nos satisfazer, e a insatisfação é parte integrante de nosso modelo cultural. (Calligaris, 2015*22, p. C10).

[...] numa sociedade vaidosa e exibicionista, a falta de meios e perspectivas encoraja “vacilações” morais: tentações e condutas criminosas. Nessa direção, aliás, é quase sempre proposta uma distinção entre 1) pobreza (que, por si só, não “explica” nada), 2) miséria (extrema necessidade que quase justifica o crime) e 3) exclusão social (em que a lei e os princípios da comunidade não valem para mim porque, se não faço parte da comunidade, não tenho por que obedecer às suas regras). (Calligaris, 2016*02, p. C8).

Esse paradoxo nos define. Estamos em conflito permanente entre nossa aspiração individual e nossos sonhos amoroso e comunitário. Em matéria de amor, a consequência parece chata (nunca dá certo).

Mas em matéria de sociedade, sorte nossa: de vez em quando, podemos nos acomodar, mas nunca somos satisfeitos com a sociedade que conseguimos construir. Melhor assim. (Calligaris, 2013*25, p. E8).

Por anarquismo de temperamento, considero que a sociedade é sempre mais importante que o Estado e seus governos. Na mesma linha, tento nunca me esquecer de que, em última instância, a autoridade de qualquer governo ou Estado sempre provém do povo. Por isso, não aceito facilmente que um governo ou um Estado esconda suas ações do povo, que é a única fonte da autoridade deles. (Calligaris, 2016*12, p. C10).

É fácil imaginar porque as sociedades com alto nível de confiança seriam mais prósperas. Assim como é fácil imaginar como a falta de confiança recíproca condena uma sociedade (o que sobrar dela sem confiança recíproca) à estagnação na pobreza. (Calligaris, 2019*08, p. C8).

Nosso status não é uma qualidade intrínseca nem de nosso ser nem de nossas posses: ele depende do olhar dos outros. Portanto guardar riqueza no silêncio de um cofre não basta mais: integrar uma classe social implica exhibir o padrão de consumo esperado. Uma extravagância narcisista toma conta de nossa subjetividade por ser necessária ao nosso funcionamento social: é preciso alimentar um crescimento econômico infinito, fomentando a inveja que dá fôlego à corrida de todos. Sem extravagância, acaba a sociedade de consumo. (Calligaris, 2003*40, p. E10).

A pedagogia do silêncio sugere: não digam às crianças que existem transgêneros, intergêneros etc., porque elas vão se extraviar. Francamente, as crianças não são burras a ponto de se engajarem sem necessidade num caminho no qual constatam, pelo bullying de cada recreio, que é árduo e sofrido. As crianças sabem que é doloroso viver com um

corpo que a gente estranha – ainda mais se for numa sociedade que não quer entender bulhufas de quem você é. (Calligaris, 2018*46, p. C8).

A ideia é que o livro de Freud, sombrio e sem ilusões, tentando entender as dificuldades insurmontáveis da vida dos humanos em sociedade, talvez seja o texto que mais possa nos ajudar a resistir contra o pior. Não sei se Freud acreditava mesmo que fosse possível uma sociedade em que um superego menos intolerante nos deixasse viver com menos culpa, mais prazer e mais tolerância pelo prazer do vizinho. De qualquer forma, não se trata de concordar com Freud ou discordar dele. O que importa é celebrar, com ele, nossa capacidade, humilde e desesperada, de entender quem somos e talvez de mudar um pouco o rumo de uma história cujo balanço anual não é (nunca) dos melhores. (Calligaris, 2015*01, p. C6).

Hoje, podemos ser infratores e incômodos, mas raramente somos “ruins” e irrecuperáveis: seremos emendados pelos bons cuidados da sociedade, pois, de fato, éramos (ou melhor, estávamos) apenas “doentes”. Será que este modelo nos deixa mais livres? Engano. Atrás da face indulgente do poder que se inspira no modelo da peste (o infrator estava doente, não fez por querer, está “desculpado”), esconde-se uma face especialmente tirânica: qualquer ato dissonante é reconhecido não como fruto de rebeldia ou originalidade, mas como efeito de uma patologia. Você é contra? Você é diferente? Pois bem, você está doente. Não há mais dissenso -só enfermos e loucos. (Calligaris, 2012*03, p. E8).

É fácil imaginar porque as sociedades com alto nível de confiança seriam mais prósperas. Assim como é fácil imaginar como a falta de confiança recíproca condena uma sociedade (o que sobrar dela sem confiança recíproca) à estagnação na pobreza. (Calligaris, 2019*08, p. C8).

Além de prender e punir, podemos inventar uma sociedade em que ninguém esteja a fim de matar a cacetadas o futuro que ele receia. E podemos lembrar que, nessa sociedade, alguém pode perder casa, renda, endereço, identidade e até o nome, mas nem por isso será esquecido, nem por isso parará de ser dos nossos. (Calligaris, 2004*32, p. E8).

Esse saco de gatos, que se chama cultura, é também um saco de normas, hábitos e costumes que praticamos sem perceber. A sociedade é complexa, e ninguém saberia compilar o código dessas regras, mas, sem elas, viveríamos num pesadelo, em que só a repressão nos defenderia da barbárie. O professor que cativa seus alunos pela qualidade de sua aula está cultivando-os, fornecendo-lhes o necessário para uma convivência social possível. (Calligaris, 2004*30, p. E12).

Vejam só: em qualquer sociedade moderna, o pacto social mínimo é comprometido quando as classes se encontram divididas, como se fossem castas. O contrato democrático implica a idéia de que a mobilidade social seja, em princípio, possível. E, para que a sociedade acredite neste contrato, é preciso que as classes não sejam segregadas em mundos distintos, casas-grandes e senzalas. É preciso que, em alguma medida, elas coabitem. (Calligaris, 1999*23, p. E8).

Claro, o espetáculo da corrupção dá raiva, mas a vontade de condenar todos a alguma pena de morte (e, por que não, sem processo) é no mínimo uma alerta: em geral, quando queremos punir mais do que é preciso e mais do que exige a lei, é porque queremos punir a nós mesmos. Não é nenhuma surpresa: odeio os corruptos porque vivo numa sociedade que me corrompeu há tempos. Quero tal ou tal outro político na masmorra para me punir de ter pagado um despachante para conseguir minha carteira de volta. O mesmo vale no caso dos estupradores. Mas não é porque, “no fundo”, seríamos todos estupradores em potencial. De fato, são pouquíssimos os que têm fantasias de estupro e desejam estuprar

quem quer que seja. Mas muitos são cúmplices de uma cultura do estupro. (Calligaris, 2016*25, p. C6).

A sociedade que nos parece certa, que desejamos, existe na mágica do encontro e do sonho [...]. Como acontece com o amor, a realização dessa sociedade é sempre insatisfatória – claro, às vezes ela é um pesadelo absoluto e totalitário, outras vezes ela é parecida com aqueles casamentos que continuam porque ninguém acredita que a coisa possa melhorar e porque ninguém está a fim de ficar sozinho. [...] o desejo, na nossa cultura, aparece quase sempre como uma coisa da qual desistimos, que fugimos, que reprimimos, ao menos em parte. (Calligaris, 2012*18, p. E16).

[...] numa sociedade individualista realizada e composta por agentes sociais iguais em princípio e direito – a mentira produziria uma confusão social intolerável. Se as pessoas não se definem por nascença, sangue etc., sinceridade e autenticidade se tornam valores cruciais, pois sem eles nunca saberíamos direito com quem estamos lidando. Quanto mais uma sociedade for moderna, tanto mais a sinceridade e a autenticidade serão suas obrigações morais. (Calligaris, 2000*02, p. E8).

Enquanto os policiais não forem incluídos concretamente no tecido de nossa sociedade, enquanto eles não forem parte de nossa classe média, eles permanecerão, por assim dizer, estrangeiros “econômicos” à nação cujas leis eles deveriam defender. Não pode nos surpreender, portanto, que os piores entre eles ajam como bandos de capangas: afinal, por que reconheceriam a legalidade de uma comunidade que os exclui? (Calligaris, 2005*14, p. E12).

Neste começo do século 21, em qualquer sociedade mediantemente modernizada, nenhum pai tem condição de vigiar, selecionar e limitar o acesso à informação de seus filhos. Isso vale especialmente em matéria de sexualidade. A oferta é gigantesca -30% do tráfico de dados é pornografia, 25% das procuras na internet são sobre um tema sexual, os sites de pornografia recebem mais visitas que Netflix, Amazon e Twitter todos juntos. Essa oferta encontra inevitavelmente as maiores curiosidades infantis -desde “de onde vêm as crianças?” até a “como será que gozam os adultos?”. Nenhum pai proibirá totalmente o uso da internet, por medo (justificado) de isolar seus filhos. A rigor, aliás, essa posição implicaria a decisão de educar os filhos em casa, sem escola. (Calligaris, 2014*15, p. E12).

[...] os beats e os hippies não sonhavam com as coisas com as quais sonhava a imensa maioria da classe média americana e europeia: acumulação de patrimônio, consumo, ostentação... Não tinham um projeto de sociedade para todos. Apenas tinham vontade de desejar diferente. E o fizeram, ou pelo menos tentaram. Não é pouco. (Calligaris, 2019*37, p. C8).

Perdoamos facilmente, mas não é por misericórdia ou compreensão, é porque respeitamos e desculpamos doentes e vítimas de anomalias genéticas. É um progresso? Acima de seu sistema jurídico, cada sociedade produz e alimenta um sistema de crenças, regras e expectativas que facilita a coexistência mais ou menos harmoniosa de seus cidadãos. Para essa função, a modernidade escolheu a medicina (do corpo e das almas). Com isso, o controle sobre nossas vidas seria aparentemente mais suave, mais “liberal”. Mas é só uma aparência. (Calligaris, 2012*06, p. E12).

Brasil/brasileiros/as

Descendo a [rua] Pamplona, o engarrafamento de sempre. Comento sobre a estupidez dos que avançam no cruzamento entupido. O motorista do táxi faz exatamente o que acabo de criticar. Logo bloqueado no meio de um concerto de buzinas, ele se vira, pisca o olho

e me diz: “A gente é brasileiro, não é?”. Em menos de 30 segundos são brigas de carro a carro. Aproveito para observar que ser brasileiro desse jeito talvez seja perigoso. E o motorista responde: “O pessoal é nervoso, tem que soltar mesmo”. Em suma, ser brasileiro e nervoso são propriedades que têm virtudes explicativas. Não foi sempre assim. De fato, cada época tem suas explicações preferidas. (Calligaris, 1999*10, p. E10).

Mesmo assim, na saída do estádio, um torcedor brasileiro enrolado numa enorme bandeira interrompe a conversa com um grupo de australianos, exclamando: “Vocês ainda têm tudo o que aprender sobre futebol!”. Subentendido: aprender com a gente. Antes, na arquibancada, dois australianos param um brasileiro de camiseta da seleção. Perguntam: “Brazil?”. O torcedor confirma e logo convida seus interlocutores a contar as quatro estrelinhas azuis, “quatro vezes campeão do mundo”, ele explica. Em suma, esse esporte é nosso. (Calligaris, 2000*38, p. D12).

Guias para aventureiros

Tenho uma relação quase erótica com os instrumentos dos quais me sirvo para escrever. Festejo, portanto, a chegada ao Brasil dos cadernos e blocos da legendária marca Moleskine. A Moleskine começou a publicar também “guias” das principais cidades do mundo. São cadernos quase normais, cujas primeiras páginas apresentam mapas detalhados da cidade e uma lista das ruas. Depois disso, só há espaço em branco para anotações: “Eis o mapa, percorra-o, viva sua aventura e escreva seu próprio guia”. Quer um bom restaurante? Nada de Michelin, converse com os nativos. (Calligaris, 2008*17, p. E20).

Aqui, se escolhermos ficar com a vida e entregarmos a bolsa com docilidade, há uma boa chance que mesmo assim o assaltante nos mate, pegando, com a bolsa, nossa vida também. Em suma: escolha zero. No exterior, “A bolsa ou a vida!” significa “Passa a bolsa, e ponto”. E, no Brasil, considere-se sortudo que não signifique “Passe a bolsa E a vida, E ponto” – como dizem os bandidos, “Você perdeu geral”. O exemplo de “A bolsa ou a vida” sugere (com pertinência) que qualquer um que tente nos impor uma escolha forçada seja provavelmente um bandido, interessado sobretudo em afirmar e consolidar seu poder sobre nós. (Calligaris, 2013*09, p. E14).

No Brasil, a desigualdade social é maior do que nos EUA (da Europa nem se fala). E ela é constantemente invocada como uma razão da infelicidade nacional. Não paramos de medir quantos salários mínimos e quantas cestas básicas cabem no custo de qualquer luxo de classe alta. A falta de segurança de nossas cidades nos parece ser um efeito “merecido” da desproporção entre ricos e pobres. A distância entre os mais e os menos favorecidos é “a” praga nacional. [...] No Brasil, a mobilidade social, por mais que seja efetiva, não faz parte da experiência social cotidiana. Por isso ela não aparece no cartão-postal do país. Por isso também as desigualdades permanecem intoleráveis. (Calligaris, 2001*24, p. E8).

[...] o dinheiro no Brasil compra uma cidadania VIP, na qual não só escola, saúde e segurança são serviços particulares, mas a própria relação com a administração pública é filtrada por um exército de facilitadores e despachantes. A sensação de injustiça é exacerbada pela constatação de que muitos representantes procuram ser eleitos para ganhar acesso à dita cidadania VIP. Por isso, hoje, circulam aos borbotões, na internet, propostas de reforma política em que, por exemplo, 1) os membros do Legislativo e do Executivo seriam obrigados a recorrer, para eles mesmos e para seus filhos, aos serviços da educação e da saúde públicas, 2) os congressistas não teriam nenhum regime privilegiado de aposentadoria, 3) os congressistas não poderiam votar o aumento de seus próprios salários etc. (Calligaris, 2013*26, p. E10).

Por ignorância ou por não admitir que há coisas que são de todos e para todos, o Brasil avança como os elevadores do meu prédio – no desperdício e na irracionalidade, como

quem acha que ganhou terreno, mas de fato só ganhou os metros suficientes para obstruir um cruzamento ou tornar impossível o atravessamento da rua. Moral da história: à força de querermos ser malandros, acabamos sendo todos otários. (Calligaris, 2019*16, p. C8).

Aplausos para os brasileiros, que não se deixaram capturar por uma alternativa forçada. Entendo assim a posição dos entrevistados: a democracia não respondeu a nossas esperanças básicas, mas nem por isso entregaríamos o país ao despotismo. Sobretudo, não aceitamos uma alternativa excludente, do tipo: “De um lado, há stalinistas, fascistas ou militares e, do outro, a democracia. Olhe, escolha e pule”. Os brasileiros pareceram responder: não pulo coisa nenhuma, a escolha não é essa. (Calligaris, 2002*34, p. E08).

Hoje, Lupin é uma nova série da Netflix de notável sucesso, e não só no Brasil, o que é surpreendente porque Lupin é incrivelmente brasileiro. É um entretenimento perfeito para o Brasil – mais uma manifestação das ideias fundamentais expressas por Sérgio Buarque de Holanda desde “Raízes do Brasil”: o país sofre de uma confusão radical entre público e privado. Não se deixem iludir: Lupin não rouba para os outros, aliás, no fundo ele nem sequer rouba. O que lhe interessa é resgatar a honra de seu pai. Ou seja, trazer de volta a decência depois de ter revelado que a corrupção impera. (Calligaris, 2021*04, p. B15).

Um ano, dois anos, três anos e o Brasil morre afogado numa mistura de incompetência e interesses (explícitos e escusos). É preciso ter uma confiança infinita no Brasil, na sua capacidade de encarnar um futuro que não chega, para não soltar a mão do balão nem as amarras que prendem os navios. Mas talvez não. Talvez essa capacidade de nos enganar seja o charme último, o engano supremo. Talvez a facilidade com que o Brasil nos prende e nos engana seja mesmo o seu charme definitivo – o que esperamos dele: me engana, que eu gosto. (Calligaris, 2021*03, p. B11).

Quanto à redução da maioria penal, posso concordar com a maioria dos brasileiros, pela razão que já expus: minha fé na possibilidade de reeducar é limitada, seja qual for a idade do assassino. A adolescência é uma invenção cultural graças à qual nossa sociedade prolonga o tempo de “formação” de seus membros até os 20 anos. Essa convenção social não demonstra que a adolescência seja uma época em que um sujeito estaria mais disposto a ser reformado. (Calligaris, 2003*47, p. E14).

Na situação de casa-grande-e-senzala que ainda caracteriza muitas famílias brasileiras, não causa escândalo que o filho da casa faça sua iniciação sexual com uma das empregadas. Se a moça engravidar, será demitida sem assistência. Por justa causa. E o que dirão as famílias se ela recorrer a um aborto clandestino? E se ela, como quer o novo projeto de lei, for à polícia dar queixa do estupro: quem lhe dará ouvidos? Todas nós sabemos o que estamos sujeitas a ouvir nas delegacias, ao denunciar assédio, estupro ou outras violências praticadas por parceiros: ‘Foi você quem provocou’. Nas delegacias de periferia a falta de respeito é ainda pior. (Calligaris, 2015*44, p. C10).

Nossa realidade social talvez corresponda apenas a uma caricatura do ser brasileiro. Tanto faz, pois nos alegramos sempre que reconhecemos qualquer imagem no espelho. Olha só! Somos nós! Por isso, cultuamos traços patológicos de caráter como se fossem jóias de família. E tristes heranças culturais como se fossem bandeiras gloriosas. (Calligaris, 1999*10, p. E10).

No caso da alta tecnologia, parece haver mais um problema: quase “uma sensação de inferioridade quanto ao trabalho intelectual”. Às vezes, os brasileiros desistiriam ou fracassariam, apesar da qualidade de sua produção, por serem atrapalhados pela sensação de que os produtos da inteligência não são coisa de brasileiro. Questão de baixa autoestima, dirão alguns, culpando-se. Questão de imagem, dirão outros, responsabilizando a

caricatura exótica do Brasil, na qual o país é ótimo para matérias-primas, biquínis e parangolés, mas certamente não para tecnologia. (Calligaris, 2003*2, p. E10).

[...] o que importa não é tanto descobrir de onde vêm os fascistas, mas ter a coragem de perguntar de onde pode vir o fascista em nós. No Brasil, esse é o momento de reler e meditar o admirável conjunto de textos dos ditos intérpretes do Brasil (do começo de século 20 a hoje) – e, lendo, de admitir que o bolsonarismo talvez não seja um acidente bizarro na nossa história mas, ao contrário, um de seus desfechos “naturais” possíveis. (Calligaris, 2020*38, p. B16).

Aos poucos, me dei conta de que havia algo, sim, na minha escuta do cotidiano, que me dava a estranha impressão de não valer a pena. Desde o ano retrasado, a atualidade é ocupada por uma vulgaridade inculta, grossa, violenta e idiota, que é imperativo escutar e comentar [...]. É o que mais detesto e desprezo no Brasil de hoje: a necessidade de passar estes anos me dedicando a contemplar e tentar explicar sua boçalidade. (Calligaris, 2020*25, p. B11).

Nestes dias, no Brasil, além dos entusiastas do novo governo, há as cassandras e os esparadrapos. As cassandras preveem, no mínimo, um regresso cultural que produzirá mais uma geração perdida: elas se perguntam se não é o caso de desistir do país. Os esparadrapos acham que, no fim, dá para medicar qualquer ferida, vai dar tudo certo, a economia melhorará e a estupidez ideológica será jogada fora, junto com os cartazes da campanha eleitoral. Não sou nem cassandra nem esparadrapo. Mas a experiência da psicanálise me ensinou a nunca dizer “não se preocupe, vai dar tudo certo”. (Calligaris, 2019*03, p. C8).

[...] no Brasil, praticamos uma assídua retórica do prazer: queremos cervejinha gelada, caipirinha na praia e bunda gostosa. Mas é por que sabemos aproveitar a vida ou para confirmar a identidade nacional? O prazer é nossa experiência ou é um estereótipo que carregamos a tiracolo, como um mexicano passearia de sombrero ou um francês de bague? Brasileiros ou não, vivemos entre os abusos desregrados do prazer (desprazerosos, como bebedeiras, comilanças, overdoses e esfoladuras genitais), mil códigos de fruição que se tornam poses sociais e a incapacidade de justificar a experiência cotidiana pelos prazeres discretos que ela pode proporcionar. (Calligaris, 2002*28, p. E08).

Por vontade de fazer bonito ou por medo da punição, muitos pararam de jogar lixo na rua ou nos parques. Mas esse é um exemplo que vale pouco para o Brasil; aqui seria preciso que vigessem leis no estilo Singapura. Sujou? Dez chibatadas agora mesmo, pode baixar as calças ou o que mais for preciso baixar. Assim que evocamos um exemplo, surgem no pensamento rigores extremos. Rachadinha no escritório? Chibatadas, cem. Isso, até esbarrar em casos em que seríamos os eventuais infratores, os empecilhos de a vida coletiva funcionar. Faz anos que me divirto com as considerações de brasileiros que sonogam porque nada viria de volta do governo. Sobre eles, não tem efeito a observação de que, para algo voltar, seria preciso que, primeiro, algum dinheiro chegasse lá. (Calligaris, 2020*34, p. B11).

Lembra das pedras em Regina Duarte quando ela apareceu na propaganda de Serra? Não era apenas animosidade partidária. Era por ela ser atriz. A Viúva Porcina, namoradina do Brasil, se preocupa com governo e eleições? É uma cidadã como a gente? Schwarzenegger governador da Califórnia? O exterminador do futuro tomaria o poder, mas isso é o de menos. O problema é que, se Schwarzenegger se eleger governador, perderemos o exterminador. (Calligaris, 2003*38, p. E12).

Educação

De fato, o projeto de educação sexual das crianças serviu sobretudo para os adultos. Ou seja, usamos as crianças para tentar educar nossos próprios desejos confusos e erráticos (se não “errados”) e para tentar juntar, em nós, amor e sexo. [...] hoje, as crianças não só sabem que seus desejos não são restos infantis aos quais eles deveriam renunciar para crescer, mas que eles são o tecido mesmo do desejo dos adultos. Elas também sabem que os adultos, quando lhes falam de sexo, quase sempre, estão mentindo. Isso é bom ou é ruim? E, sobretudo, bom ou ruim para o quê? (Calligaris, 2014*15, p. E12).

O sexo anal é trivial, nas relações hétero e homossexuais; crianças pequenas brincam com seu dedo e o seu ânus quando começam a se masturbar. Quanto ao xixi, é suficiente ter tentado ajudar uma criança com enurese noturna para saber que a micção tem um valor erótico desde muito cedo. Enfim, tanto o “fingering” (não é preciso perguntar no Twitter: significa “a dedada”) quanto o golden shower são práticas sexuais tão comuns que já foram temas de artigos de revista feminina, entre elas a *Cosmopolitan*. Diante da ingenuidade de quem se escandaliza ou não entende do que se trata, só resta concluir que é preciso mesmo aprofundar e detalhar as cartilhas de educação sexual distribuídas nas escolas. Mas talvez esse seja um problema de velhos que cresceram na censura ou sem internet. (Calligaris, 2019*11, p. C10).

O que foi? Será que, de repente, na modernidade, perdemos a mão, e ninguém sabe mais ser pai direito? Por que, na hora de educar, nossos avós pareciam se sair melhor do que a gente – com menos questionamentos e menos dramas? É uma questão de expectativas: eles não esperavam nem um pouco que criar filhos lhes trouxesse a felicidade. E é uma questão de lugar: para eles, as crianças não eram o centro da vida dos adultos. (Calligaris, 2012*35, p. E12).

Ora, ao longo do filme, ri repetidamente, e não foi “de nervoso”. Os outros espectadores devem ter achado que havia um louco na sala. Mas era incontrolável: a incompetência da diretora da escolinha, do psicólogo que vai “ajudá-la” e dos pais eram verídicas, terríficas e criminosas, mas estúpidas a ponto de ser cômicas.

O filme, aliás, deveria ser matéria de ensino nas faculdades de psicologia e nas escolas de polícia, com o pedido de que os alunos reparem os erros primários de educadores e outros adultos. (Calligaris, 2013*20, p. E12)

A família e a escola são os maiores instrumentos de reprodução social: ambas instruem, formam e deformam os jovens; por isso mesmo, é desejável que elas não estejam sempre “concordando”. A discordância entre as duas cria um espaço de conflito em que o jovem pode inventar sua autonomia possível. [...] Enfim, assim era, até que um crescente narcisismo levou os pais a exigir que a escola ensinasse a mesma cartilha da família. Afinal, a classe média paga a escola: por que ela escolheria programa e ideologia? Se a escola não tiver a função de apresentar conteúdos que entrem em conflito com as ideologias dominantes nas famílias, eis que a educação será apenas a reprodução do mesmo: tais pais, tais filhos. (Calligaris, 2018*39, p. C8).

Os cidadãos sabem que algumas profissões devem ser especialmente valorizadas aos olhos de todos. Por exemplo, é importante que os encarregados de educar as crianças sejam vistos como sujeitos que se deram bem na vida. Pois as crianças mal confiariam em pessoas que a sociedade julgasse fracassadas. Por isso a comunidade remunera e honra especialmente seus professores (não é?). A mesma coisa vale para a polícia. Que a profissão de policial apareça como uma escolha de sucesso é um fundamento relevante da autoridade do policial. (Calligaris, 2001*29, p. E10).

É provável que, nas últimas décadas, no mundo inteiro, os gastos com publicidade sejam maiores do que os gastos com a educação básica. Faz sentido: adquirir e consumir é hoje o caminho pelo qual somos convidados a inventar nossas identidades. Sem isso, o neoliberalismo pára. (Calligaris, 2000*30, p. E12)

Os meninos não eram mal-educados. Eles eram educados mal, que é pior. Digo isso porque eles gritavam? Não, claro. Eles eram educados mal porque eram privados da autonomia de tirar chinelos e camiseta. E porque ninguém lhes mostrava que é possível se sentir livre respeitando as regras básicas de uma piscina. Mas, sobretudo, eram educados mal porque nada lhes sugeria que eles pudessem ser apenas uns entre outros. Para os cuidados e os olhares extasiados das quatro mulheres, eles precisavam manter uma cansativa e barulhenta encenação de sua unicidade. (Calligaris, 2016*03, p. C8).

Ao procurarmos nossas falhas educativas (que sempre existem), seria bom não buscá-las só na falta de proibições e limites, mas também na falta de autorizações. Pois, ao educar, o mais difícil talvez não seja impor limites e interdições. O mais difícil talvez seja transmitir às nossas crianças a coragem de desejar. Proibir as saídas noturnas e o uso prolongado de computador é ótimo e necessário, mas a autoridade que forma o caráter de um jovem não é só a que diz não às suas vontades; é também a que o autoriza a dizer sim na hora daquelas escolhas de vida que são custosas e decisivas e diante das quais é fácil amarelar. (Calligaris, 2010*47, p. E14).

Infelizmente, uma mudança ideológica não vai melhorar o ranking do Brasil em matéria de educação. Para isso, precisaria estender o calendário escolar, aumentar a carga horária dos estudantes, esperar deles muito, mas muito mais do que é exigido hoje e, claro, melhorar significativamente a formação e os salários dos professores. Dessa lista não faz parte a reza de nenhuma cartilha. Nosso ensino não é ruim porque haveria professores marxistas e não vai melhorar só porque os professores no futuro serão carolas. Desse ponto de vista, aliás, daria para argumentar que, com o domínio dos carolas, o ensino piorará. Explico: em regra geral, qualquer visão do mundo ou ideia, quando ela é dominante (ainda mais quando ela é expressão do poder político instituído), torna-se lixo. (Calligaris, 2019*01, p. C8).

Uma boa notícia não faz mal: no Estado de São Paulo, começa agora o programa “O Cinema Vai a Escola” para o ensino médio. Os educadores já receberam uma primeira caixa com 20 filmes em DVD (outra virá) e dois volumes do “Caderno de Cinema do Professor” (um terceiro também chegará mais tarde). O primeiro lote inclui o DVD “Luz, Câmera... Educação”, que mostra um pouco os artifícios e recursos do cinema, mas o projeto do programa aparece sobretudo no primeiro caderno dos professores. Trata-se de um guia para conversas possíveis com os alunos, depois de cada filme. (Calligaris, 2009*12, p. E12)

Pois bem, é uma loucura absolutamente banal, uma loucura própria de nossa cultura. Se não fosse por ela, aliás, a tarefa dos pais e dos educadores seria imensamente mais fácil. Explico. Todos queremos que filhos ou alunos respeitem nossa autoridade. Agora, todos também consideramos que nossa tarefa de pais ou educadores só será cumprida quando filhos e alunos pensarem por conta própria, ou seja, quando eles sejam capazes de desconsiderar nossos conselhos e desobedecer a nossas ordens. (Calligaris, 2010*15, p. E16).

Enfim, incapazes de manter um projeto comum de educação, rivalizando pelo amor dos filhos, muitos pais divorciados só tentam seduzir os rebentos. Sua mãe cuida de sua alimentação? Vem para cá, que a gente come só porcarias, o dia inteiro. Sua mãe verifica que você leia? Vem para cá, que a gente só passeia no shopping. A criança que deveria ser educada foi substituída pela criança que deve ser seduzida – à força de promessas,

concessões, permissivismo e, em última instância, pela desistência educativa dos pais. (Calligaris, 2015*17, p. E6).

Conselho básico entre parênteses: para educar uma criança ou um adolescente, é melhor renunciar ao estilo paranoico. “Os professores não gostam de mim”, ou “a aula não estava clara”, ou “não disseram direito sobre o que seria a prova” etc., nada disso interessa. O que importa é (versão autoatributiva) que você não estuda o suficiente. O estilo paranoico é infinitamente mais popular do que o autoatributivo. (Calligaris, 2016*32, p. C8).

A família é quase sempre disfuncional: ela mal se aproxima de seus próprios ideais educativos (por exemplo, o de produzir sujeitos autônomos, confiantes e que não sejam condenados a repetir padrões emocionais de sua infância). Agora, quando tentamos inventar algo novo e “melhor”, nos totalitarismos ou na contracultura dos anos 1960, produzimos consequências piores. Ou seja, a família educa pela neurose e distribui boas doses de sofrimento na vida adulta de todos. Boa mesmo, ela é só para criar clientes de psicoterapeutas e psicanalistas. Mas, até aqui, é o melhor jeito que encontramos para criar filhos. (Calligaris, 2017*33, p. C8).

Um pilar de minha educação moral foi minha avó, que era católica devota e moralmente preconceituosa, mas dotada de senso prático – se eu fosse homossexual, ela provavelmente se tornaria antipapal (talvez anglicana) na hora. O outro pilar foi meu pai, para quem a própria ideia de “anormalidade” era uma bizarrice. Embora fosse especialista, tinha uma prática de médico de família: de manhã, ele visitava seus pacientes a domicílio. Quando eu estava de férias, ele pedia que eu o acompanhasse. Dizia que era para lhe fazer companhia. Suspeito que ele quisesse me ensinar a reconhecer meus semelhantes na diversidade do mundo, das casas, dos quartos e das vidas. Enfim, divago. (Calligaris, 2013*33, p. E10).

De onde vem a educação que dispensamos aos nossos filhos? Freud pensava que a educação familiar tende a ser sempre fundamentalmente conservadora. Pois tentamos educar não como nossos pais nos educaram, mas como nossos pais teriam gostado de nos educar, ou seja, como nossos pais imaginavam que seus próprios pais (nossos avós) teriam gostado de educá-los. E por aí vai. Também, educando nossos filhos, tentamos compensar as “falhas” que sentimos na nossa educação – seja mentindo (para melhor ou para pior), inventando na nossa memória uma educação que é diferente da que recebemos; seja tentando dar a nossos filhos o que achamos que nós não recebemos de nossos pais. (Calligaris, 2017*32, p. C6).

Que tal aplicar essa hipótese no campo da educação? O que é mais “educativo” para as crianças? A diversão? Ou a chance de se entediar? Umberto Eco atribui ao filósofo Benedetto Croce uma frase que ele cita com frequência: “O primeiro dever dos jovens é o de se tornar velhos”. Esse slogan não tem como ser muito popular numa época em que o primeiro dever dos velhos é o de eles parecerem jovens. De fato, nesta nossa época, os adultos não ajudam os jovens a envelhecer; eles preferem mantê-los na mesma criancice que eles desejam para si. (Calligaris, 2014*20, p. E12).

[...] aqui surge um problema: ao redor da educação dos enteados, o padrasto quase sempre descobre que há, entre ele e sua nova mulher, diferenças de valores – que só aparecem na hora de cada um mostrar seus dotes pedagógicos. No eventual conflito, o padrasto está, de fato, quase impotente. [...] educar implica correr o risco de ser detestado – risco que um pai deve correr sem hesitação; mas o padrasto precisa e quer conquistar a simpatia dos enteados, sob pena de ouvir o fatídico: “Você não é meu pai!”. (Calligaris, 2012*33, p. E14).

Alguém, na burocracia da Educação Nacional francesa, já atribuiu notas boas a meus desenhos, tanto de tema livre (mais “artísticos”) como figurativos (uma banana, uma laranja, uma maçã ou, mais difícil, uma alcachofra). De qualquer jeito, não tenho do que me gabar. As notas foram decididas pensando que o autor dos desenhos fosse meu filho, que na época tinha dez anos.
Não havia outro jeito. (Calligaris, 2014*29, p. E12).

Máximas

Em suma, não deveríamos estranhar demasiado esses jovens sádicos e assassinos. Eles batem exatamente no que nossa cultura lhes ensina a detestar: o fracasso e sua própria rebeldia. (Calligaris, 2000*01, p. E8).

A nova economia se distingue porque nela o valor de uma ação não está ligado à previsão de lucros da empresa. Ora, ela não vai acabar tão cedo, pois é nossa filha legítima. Em nossa cultura, vale o que é desejado, invejado, procurado. Isso é o caso dos produtos e dos sujeitos. (Calligaris, 2000*14, p. E10).

Há palavras que acarretam conseqüências nefastas, mas cuidado: seu sentido e seu alcance dependem da situação, ou seja, dependem da intenção de quem fala, do lugar que a pessoa ocupa no momento em que abre a boca e, sobretudo, do lugar onde, falando, relega os que o escutam. (Calligaris, 2005*26, p. E12).

O migrante é aquele que não precisa mais da casa que perdeu; sua morada não é um país nem uma cultura: ele está em casa no exílio, pois é no exílio que aparece a universalidade da inquietação moral moderna. O internacionalismo proletário marxista, assim como a globalização capitalista, talvez seja apenas epifenômeno fracassado do universalismo cristão que fundou a cultura moderna: somos indivíduos, sem morada fixa, e por isso mesmo cada um de nós é responsável não apenas por seus conterrâneos mas por todos, mundo afora. (Calligaris, 2007*19, p. E10).

Poderíamos dizer assim: os eventos da “História” são aqueles que interferem na vida de muitos, enquanto nossas histórias só concernem a nós e a um número restrito de próximos. Agora, por mais que sonhemos, às vezes, com o progresso da razão, o fim da luta de classe ou a marcha providencial para o juízo final, “A História” não tem dinâmica própria. Ela é só a resultante das infinitas pequenas histórias da gente. (Calligaris, 2007*26, p. E12).

Não acredite nas alternativas excludentes (pão OU liberdade) e peça alegremente o “impossível”: pão COM liberdade. Não se preocupe: na maioria dos casos, entre os dois, não há contradição alguma. (Calligaris, 2009*13, p. E14).

[...] preferiríamos não ter de invocar apenas nosso desejo como razão de nossa escolha. Portanto pedimos tempo para pensar (e justificar). O diabo é que, freqüentemente, quem quer encontrar argumentos que autorizem todas as suas escolhas transforma a vida numa série de extenuantes reflexões preliminares. Resumo: parodiando Hamlet, o tempo para pensar nos torna, às vezes, um pouco covardes. (Calligaris, 2005*29, p. E12).

Brincadeira à parte, na nossa cultura, a condição básica de uma educação que não seja demasiado danosa é: os pais não devem querer que os filhos sejam seus clones. Quando desejamos que nossos filhos sejam a cópia da gente, é para encarregá-los de compensar nossas frustrações: quero um filho igual a mim para que tenha o sucesso que eu não tive ou para que viva segundo regras que eu proclamo, mas nunca consegui observar. Pois bem, para criar e educar no interesse dos menores, é necessário fazer o luto dessas

esperanças, que tornam as crianças escravas de nossos devaneios narcisistas. (Calligaris, 2010*16, p. E15).

Hoje, para eu ser pai ou mãe, é preciso que os filhos me reconheçam como tal, ou seja, sem o amor e o respeito de meus filhos, eu não serei nem pai nem mãe. Consequência: todo pai moderno é condenado à bipolaridade, entre a felicidade de ser genitor e uma consternadora queda do alto dessa nuvem. Se ele tenta educar, corre o risco de não ser mais amado e, portanto, de não ser mais pai. Se desiste de educar para ser amado, corre o risco de não ser mais respeitado – ou seja, novamente, de não ser mais pai. É isso: os pais são bipolares. (Calligaris, 2011*37, p. E12).

[...] os códigos de honra e as normas de conduta são substituídos, na modernidade, pelo olhar e pela consideração dos outros. Quando agimos errado, a vergonha não nasce do receio de perdermos nossa identidade, mas da previsão de que seremos malvistas, reprovados. O drama de quem vai para a lista negra do SPC não é que ele compromete sua identidade de comerciante ou consumidor, mas que ele “suja seu nome na praça”. Trata-se de experiências psicológicas distintas. (Calligaris, 2006*06, p. E10).

É fácil dizer que tanto faz, “deixa para lá: o passado está na gente, na nossa lembrança”. Fácil e um pouco falso: nossa identidade é sempre dispersa aos quatro ventos. Ela está nas pedras, nas coisas e nos outros. A clínica constata que as vítimas das grandes catástrofes, quando erram pelos entulhos, entre corpos e restos, não sabem mais direito quem elas são. O que elas procuram é sua própria identidade, que estava nas coisas, nas pedras e nos outros que se perderam. (Calligaris, 2012*23, p. E12).

No dia a dia corriqueiro da relação pai-filho, o narcisismo dos pais e dos adultos produz uma falsa e incurável infantolatria: parecemos adorar as crianças, mas mal as enxergamos – apenas amamos nelas a esperança de que elas realizem nossos entediados sonhos frustrados. (Calligaris, 2013*43, p. E10).

Cuidado: quase sempre, nós idosos nos servimos da saudade para “viver”, numa lembrança inventada, algo que, de fato, não conhecemos – e agora é tarde. Nossa vida não foi o que queríamos, e ela não vai mudar mais, no entanto “tivemos” (na lembrança) uma infância de conto de fadas, não é? Também nos servimos da saudade para amenizar nossa inveja (filhos e netos vão viver mais tempo, mas não terão uma infância incrível, como a nossa) e para mendigar algumas migalhas da inveja dos jovens. Se não tivéssemos vivido na Idade de Ouro, quem nos invejaria, sabendo que nossa morte é próxima e o corpo já falha? (Calligaris, 2016*26, p. C10).

O vínculo entre pais e filhos sempre foi complicado: por exemplo, os filhos garantem uma certa continuidade da existência dos pais, mas, por isso mesmo, eles nos lembram que vamos morrer um dia. Com “Rei Lear”, surge a relação moderna entre pais e filhos, em que um vínculo já muito complicado recebe a complexidade (e a volatilidade) suplementar de uma relação amorosa. Pense nisso antes de declarar “te amo” a seu filho ou filha. Nem sempre o amor é um bom negócio. Nota. A importância dos sentimentos transformou a educação dos filhos numa tarefa impraticável. Como é possível se impor a alguém de quem queremos, antes de mais nada, que nos ame? (Calligaris, 2014*33, p. E10).

Às vezes, a vida de família (por exemplo, a exigência de ser pai e mãe antes de ser homem e mulher) domestica e extingue o desejo sexual dos dois. Às vezes (e isso é pior ainda), as supostas exigências do casal acabam também com o amor dos dois, quando um deles ou os dois se esquecem de seu desejo silvestre para se tornarem cães ou gatos. É intolerável (e paradoxal) descobrir que eu mesmo posso ser a razão da domesticação do

desejo do outro – ou seja, que por minha causa o outro pode renunciar ao que eu mais amava nele. (Calligaris, 2017*10, p. C6).

O cristianismo implantou nas nossas mentes uma sólida representação de punições e recompensas na vida após a morte: quem renuncia ao prazer aqui e agora receberá muito mais, depois. Ao contrário, será punido para sempre quem cedeu aos impulsos e procurou o prazer já. Com isso, renunciar aos prazeres se tornou meritório. É da renúncia que esperamos milagres: se não como mais chocolate, minha mãe vai se curar (pois alguém reconhecerá o mérito de meu sacrifício). Aqui um paradoxo: sem saber bem o que isso significaria, declamamos que queremos ser “felizes”, mas desprezamos os prazeres. Nosso pensamento moral é doente. (Calligaris, 2020*06, p. C6).

O foro íntimo é o lugar em que cada indivíduo moderno deve fazer suas escolhas na privacidade do seu quarto: a dificuldade dessa solidão é, aliás, a condição absoluta da moralidade. Sem escolha solitária, não há moralidade – assim como não há moralidade sem vida interior. Esse extraordinário critério moral inventado na modernidade está sendo substituído por linchamentos ou aclamações em praça pública – na praça das redes sociais. (Calligaris, 2017*46, p. C10).

Sem a culpa interna e a vergonha que ela produz, o poder de uma lei repressora é mínimo – ele acaba valendo apenas como um exercício de força, sem autoridade simbólica. A culpa, em suma, não é o efeito de nossas transgressões da regra social. Ao contrário, a regra social aproveita a culpa para poder se impor. Ou seja, a culpa interna é uma condição, não um efeito, da repressão. (Calligaris, 2016*04, p. C8).

A inveja é, por assim dizer, uma emoção abstrata: o privilégio não precisa dar acesso a uma fruição especial da vida (sensual ou espiritual, tanto faz), ele só precisa suscitar inveja. Ou seja, privilégio não é o que faço ou o que acontece de extraordinário em minha vida, mas o olhar invejoso dos outros. Nesse mundo, em que a inveja é um regulador social, as aparências são decisivas porque elas comandam a inveja dos outros. [...] Nesse mundo, o ter é mais importante do que o ser apenas porque, à diferença do ser, o ter pode ser mostrado facilmente. É simples mostrar o brilho de roupas e bugiganga aos olhos dos invejosos. Complicado seria lhes mostrar vestígios de vida interior e pedir que nos invejem por isso. O Facebook é o instrumento perfeito para um mundo em que a inveja é um regulador social. (Calligaris, 2013*34, p. E12).

Agora, para romancear a vida, não é preciso encontrar destinos grandiosos. Basta enxergar o detalhe que sempre está presente num canto escuro da realidade cotidiana, ao alcance de uma ampliação fotográfica. (Calligaris, 2007*27, p. E12).

5. AS REGRAS DO DISCURSO E O ÉTHOS PSICANALÍTICO

Este último capítulo se refere a uma terceira etapa procedimental de endereçamento às fontes. A primeira etapa, vale lembrar, correspondeu a um gesto de sobrevoos, cujo objetivo foi identificar as características do material empírico. Naquele momento, tivemos condições de criar proximidade com cada uma das colunas e, também, com a presença de Contardo Calligaris. Conversamos por horas, dias, meses.

A experiência proveniente do trato cotidiano dos textos foi, por assim dizer, exuberante. A leitura de cada uma das colunas proporcionou uma abertura incrivelmente nova, se comparada a qualquer outra que vivi na formação acadêmica. O trabalho com o material, por vezes exaustivo, em várias ocasiões deslocou minha memória para o salão da casa de meus pais, onde eram guardadas as enciclopédias durante minha infância. Além de sediar consultas aos livros enormes e um pouco empoeirados nos meus tempos da escola, aquele salão foi onde escrevi grande parte de minha dissertação de mestrado e também trechos desta tese.

As ideias, as pessoas, os eventos, as ilustrações, as histórias do psicanalista são de tirar o fôlego. As mais de três mil páginas correspondentes ao conjunto das colunas pesaram como um livro da coleção *Mirador*. Coisas do passado do mundo que eu não conhecia cruzadas com as lembranças do que eu vivia: a cintilância de um tempo desordenado. Um verdadeiro supetão provocado pelo encontro com a imensidão de elementos que o psicanalista dispôs nos 23 anos de sua escrita jornalística. Um efeito produzido pelo encontro com o arquivo enciclopédico – e, por sinal, admirável – de Contardo Calligaris.

A segunda etapa procedimental foi realizada com o objetivo de acessar o discurso em movimento. Assim, os elementos que vieram à tona no trato inicial com as fontes foram sendo pouco a pouco deslocados, passando a ocupar um lugar secundário.

Remontar o discurso, concentrando as ideias em torno de cada um dos vetores, fez com que os acontecimentos vividos e narrados por Contardo Calligaris já não mais se mostrassem como um valor em si. Intervir no discurso, reposicionando os enunciados que já se acomodavam de determinada forma, provocou um verdadeiro curto-circuito no encadeamento das ideias ali existentes, permitindo a emergência de forças que agem na produção de sentidos propagados no discurso, as quais não era possível perceber de imediato. Trata-se de um efeito do arquivo: desnaturalizar a ordem das coisas ditas. Dessa

maneira, a segunda etapa procedimental consistiu em mobilizar o discurso em seu caráter acontecimental, em seus traços práticos, digamos.

Os vetores, extraídos da categorização, alinharam-se diretamente à intenção de dar a ver o modo como a discursividade psicanalítica age na batalha do dizível. O reordenamento do material empírico e a montagem do *arquivo Calligaris*, por um lado, possibilitaram avistar o deslocamento de sentidos operado pela discursividade psicanalítica ao longo do tempo; por outro lado, provocaram um estranhamento absoluto produzido não mais pelos ditos em si, mas por seu modo de funcionamento, sua força persuasiva. Outro efeito do arquivo, portanto: mostrar a discursividade que nos atravessa.

Assim, quanto aos deslocamentos operados, temos: no lugar de Contardo Calligaris, uma posição enunciativa; no lugar da teoria psicanalítica, uma discursividade, cuja ordem se estabelece por meio de um conjunto de regras e técnicas que define objetos; no lugar das colunas, enunciados organizados em fluxos intermináveis de definições fundamentadas em um modo de pensar; no lugar da escuta clínica, uma prática pedagógica; no lugar da cultura, um tipo de educação.

A montagem segundo os sete vetores tornou visível o movimento de uma massa discursiva que circula sem qualquer intencionalidade de véspera. Sua existência consiste em sua circulação e, não obstante, esta depende de uma adesão que a legitima em um processo ininterrupto de oferta de um tipo de relação com a verdade. No esteio da reflexão, pôde-se ter contato com um jogo de territorialização e desterritorialização da verdade sobre os sujeitos e as coisas. Ou seja, os vetores evidenciaram a visão de mundo que a discursividade psicanalítica propõe: sua ação produtora de verdade.

Durante as diversas edições realizadas no trato analítico da fonte, o vaivém de afirmações foi se tornando mais cheio de graça e menos provido de sentido, proporcionalmente. Como em um desordenado ringue de batalhas em torno da interpretação sobre as coisas, o discurso que circula no interior do arquivo funciona espargindo e, em alguma medida, dissolvendo proposições, sentidos e valores.

Nos vetores *Eu*, *Calligaris* e *Máximas*, tivemos condição de avistar, sob outra perspectiva daquela oferecida pelas colunas, o jogo de uma posição enunciativa engendrada pela discursividade psicanalítica. Como um arranjo discursivo montado em imperativos categóricos sobre o mundo e sobre o si mesmo, esses vetores possibilitaram flagrar a ação de um sujeito orientado por um conjunto de regras e técnicas discursivas específicas. Em tais vetores, foi possível observar um modo de vida ordenado segundo determinadas condições, o que chamamos de *éthos* psicanalítico.

Na combinação entre cada um dos vetores e o modo como a discursividade psicanalítica se comporta na batalha do dizível, cumprimos a terceira etapa procedimental do trabalho arquivístico. A partir dela, na próxima seção apresentaremos uma reflexão sobre os componentes que fazem funcionar a maquinaria discursiva que pôde ser flagrada em ato no *arquivo Calligaris*, mirando como o discurso psicanalítico incita, em um gesto pedagogizante, determinado modo de vida na atualidade.

5.1. O jogo veridictivo: a verdade, o presente e a subjetividade

Se, por um lado, a traquitana de sete vetores possibilitou organizar o arquivo de acordo com termos específicos, por outro, fez aparecer uma organização própria do discurso: suas regras veridictivas. Ainda que vistos sob a reordenação proposta, não é possível dizer que os elementos temáticos que habitam o arquivo podem ser resumidos àqueles que definimos em cada um dos vetores. A montagem, que avizinha termos comuns, deflagra uma constelação muito mais ampla de elementos que impulsionam o discurso em sua força produtiva.

Como um caleidoscópio que se move constantemente, ordenando e reordenando as pequenas partículas que lhe constituem, o jogo de palavras que paira no *arquivo Calligaris* apresenta três grandes movimentos. O primeiro refere-se à afirmação de um conjunto de conhecimentos e técnicas lastreado na teoria psicanalítica: um campo hermenêutico constituído por regras e limites bem delineados. O segundo equivale ao modo de propagação enunciativa que circula no discurso, ou seja, os gestos que instrumentalizam objetos em torno dos quais a argumentação se desenvolve. O terceiro demarca sua ação produtiva, que põe em causa a relação entre o sujeito e sua própria interioridade. Ao longo das próximas seções destacaremos em *itálico* palavras e enunciados que se apresentam no arquivo.

5.1.1. A demarcação de uma lógica: o locus psicanalítico

Avistar o *arquivo Calligaris* pela perspectiva do termo *psicanálise* permite identificar uma peça móvel no jogo discursivo e, de partida, uma função de caráter explicativo se destaca. As explicações se desenvolvem diante de questões específicas – por exemplo, “Como evitar a sensação de estarmos sempre vivendo o mesmo dia?” (Calligaris, 2014*21, p. E12) – e, também, formando um conjunto teórico e técnico que *explica, ilustra, constata, confirma e recomenda*.

O cumprimento de tal função se vê na própria condição de aparecimento de uma gramática conceitual que circula de três maneiras. A primeira corresponde ao chamamento de certos personagens, como *Melanie Klein*, *Jacques Lacan* e, principalmente, *Freud*. A segunda indica referências mais gerais da teoria, sem apresentar grandes especificidades. A terceira expõe termos como *clínica* ou *escuta cotidiana*, nos quais o referencial psicanalítico nos pareceu subsumido.

Outra função se mostra quando a psicanálise é admitida como um modo de pensar que, embora *estraga-prazeres* (Calligaris, 2004*1, p. E8), está entre os mais legítimos que já se pôde testemunhar historicamente. O discurso põe em marcha um movimento que impulsiona as ideias psicanalíticas pelo avesso, ou melhor, pelo efeito de sua contestação. A comemoração dos 150 anos de Freud, afinal, foi celebrada não apenas com *aplausos*, mas com *vaias* também (Calligaris, 2006*20, p. E10).

Sob a égide da contestação, o discurso cumpre a função de posicionar a teoria psicanalítica na batalha de sentidos em torno das coisas e do mundo; justamente por isso, recusa-se a se identificar como uma hermenêutica absoluta. A questão toda está na montagem de um campo delimitado por regras outras e limites outros.

As menções a Freud são indícios do ordenamento desse campo; suas recomendações técnicas equivalem a regulações que conduzem um modo de olhar fundamentado na topologia inconsciente/consciente. Dessa maneira, esclarecem-se os princípios norteadores da ordem do discurso, se quisermos. Sob a prerrogativa do inconsciente, o sujeito psicanalítico é aquele que deve analisar seu próprio desejo, ao passo que o psicanalista não pode entregar-se ao *furor de curar* e sua escuta deve ser *aberta, não focalizada* (Calligaris, 2001*27, p. E8). Nesse sentido, segundo Calligaris, cabe saber que

[...] somos vítimas de violências e imposições, mas só tomamos conta de nossa vida quando, ao contar nossa história, deixamos de lado a contabilidade dos golpes recebidos para dar destaque a nossas reações, a nossas cumplicidades, a nossas escolhas diante da adversidade. (Calligaris, 2005*28, p. E12).

Os aspectos teóricos explicativos e os aspectos técnicos são formas como a teoria psicanalítica performa no jogo do discurso, como se justificam certas conclusões afirmadas e propagadas ali – elementos fundamentais e, portanto, propulsores da circulação e da propagação das ideias psicanalíticas.

O jogo que se estabelece não se dá, de modo algum, em torno de algum tipo de consenso teórico. Em vez disso, presume-se que o debate deve ocorrer também no próprio interior do referido discurso, uma vez que se trata de um campo hermenêutico e, inclusive, passível de *vulgarização*. Assim, tratar-se-ia de propagar, de expor a psicanálise, de fazer o pensamento psicanalítico circular.

De qualquer forma, não se trata de concordar com Freud ou discordar dele. O que importa é celebrar, com ele, nossa capacidade, humilde e desesperada, de entender quem somos e talvez de mudar um pouco o rumo de uma história cujo balanço anual não é (nunca) dos melhores. (Calligaris, 2015*01, p. C6).

Os baluartes teóricos aparecem como informações conceituais que ressaltam a peculiaridade do discurso. Não são quaisquer associações que definem o Édipo, a castração, o desejo. As verdadeiras questões seriam outras, ou seja, trata-se de saber que:

[...] a psicanálise chama de castração [...] o ato pelo qual o gênero é atribuído ao sujeito, geralmente pelo pai; o problema, como Freud constatou, é que a gente se culpa mais do que é necessário; a psicanálise explica que, no declínio do Édipo, o que é pedido à menina é que ela renuncie ao pênis do pai. (Calligaris, 2004*44, p. E14).

A presença da psicanálise, nesse sentido, está absolutamente relacionada a princípios e fundamentos. Há limites, há errâncias, há mal-entendidos e há repercussões reativas que, no mesmo instante em que são ditas, pavimentam um campo próprio para a circulação do pensamento orientado pela psicanálise.

A recusa explícita de identificar-se como uma hermenêutica absoluta produz, digamos, um modo específico de oferecer-se: menos como uma verdade incontestável e única, e mais como um conjunto de conhecimentos e técnicas – uma *expertise*. Nesse sentido, a discursividade psicanalítica é pura força produtiva que se movimenta, afirmando, explicando e – por que não? – convidando-nos a refletir segundo suas próprias leis.

Como força produtiva, sua ação conceitual delimita um *locus* em que se pode pensar psicanaliticamente. Um *locus* em que certas verdades se legitimam e se comprovam segundo suas próprias credenciais:

Melanie Klein, uma das grandes figuras da psicanálise depois de Freud, mostrou que cada um pendura nas costas alheias alguns elementos (mais ou menos incômodos) de sua própria personalidade. (Calligaris, 2001*52, p. E6).

Jacques Lacan, o grande psicanalista francês, para ilustrar nossa “alienação” diante das “escolhas forçadas” (palavras dele), recorria ao exemplo do assaltante que nos mandaria decidir: “A bolsa ou a vida!”. (Calligaris, 2013*9, p. E14).

Jacques Lacan, o psicanalista francês, considerava que os atos, numa vida e na história coletiva, são raros. De fato, o que domina a vida e a história é a repetição. (Calligaris, 2014*21, p. E12).

O problema, como Freud constatou, é que a gente se culpa mais do que é necessário: enxergamos crimes onde não há, consideramos que nossas vagas intenções e nossos sonhos noturnos já são delitos e nos castigamos para aliviar os tormentos de nossa culpa. (Calligaris, 2007*14, p. E14).

A capacidade de *mostrar, ilustrar e constatar* é o que fortalece o discurso em seu caráter verdadeiro; equivale, em termos foucaultianos, ao regime de verdade: uma produção desprovida de legitimidade intrínseca que, não obstante, determina as ações dos sujeitos, relacionando-os às formas de manifestação do verdadeiro. Como uma prova de veracidade, afirma-se, também, a pavimentação do pensamento psicanalítico como participante de um processo histórico que nos antecipa, a despeito de nós mesmos. Assim, “[...] seja qual for nossa opinião sobre a eficácia da psicanálise ou o valor de sua teoria, o fato é que Freud mudou de maneira irreversível nossa experiência de nós mesmos” (Calligaris, 2006*20, p. E10).

Nessa perspectiva, o movimento do discurso sugere a visão de um sujeito antecipado pela psicanálise. Engendrados em um tipo de relação consigo marcada pelo saber psicanalítico, seríamos todos potencialmente capazes de inaugurar em nós *um novo sujeito* (Calligaris, 2014*21, p. E12). A despeito de qualquer escolha a nós reservada, estaríamos todos, *a priori*, diante da psicanálise, já que historicamente ela marca a *nossa experiência de nós mesmos*.

Assim, a construção de um campo em que a psicanálise se apresenta é, ao mesmo momento, o que define sua propagação no *arquivo Calligaris*. A partir das funções de explicação, de contestação e de veracidade, o arsenal teórico ganha livre passagem. O *declínio do Édipo*, a *atenção flutuante*, a *castração* e o *narcisismo* tornam-se termos comuns, incorporados a um arranjo que diz sobre o mundo e sobre os sujeitos.

Nesse sentido, no *arquivo Calligaris* as ideias associadas ao pensamento psicanalítico são, também, sua afirmação na disputa pela verdade. A delimitação do campo hermenêutico específico funciona como condição que possibilita analisar,

observar, concluir e contemplar o mundo e os sujeitos, ou seja, um campo de produção de verdades lastreadas por ideias psicanalíticas.

Partindo da legitimidade do saber produzido em um campo conceitual específico, o sujeito de enunciação do discurso no *arquivo Calligaris* assume uma posição de intérprete do presente.

Ao cumprirem a tarefa de pensar sobre o presente, os ditos do psicanalista fazem funcionar um fluxo incessante de afirmações sobre o mundo e as coisas. Sua posição enunciativa respalda-se em uma autoridade teórica, estabelecendo uma distância que possibilita ver o presente com nitidez, em seus mais específicos detalhes. A perspectiva de seu olhar engaja o leitor em um jogo enunciativo bastante eloquente sobre mundo e sobre as subjetividades que o habitam, formando uma rede de enunciados organizada pelo pensamento daquele que se põe diante do mundo e enxerga o que ele mostra.

O presente que se vê e sobre o qual se diz é, assim, constituído de temas específicos, eleitos e informados à moda da psicanálise. Ao dizer, explicar e argumentar sobre a *adolescência*, sobre os *jovens*, sobre o *Brasil* ou sobre o *caráter*, o intérprete do presente afirma os elementos constitutivos de sua análise, declarando escolhas e preferências. Assim, envolto por uma série de conclusões e definições, cada um dos temas funciona como objeto que faz circular os sentidos relevantes a partir de um ponto de vista crítico-analítico.

5.1.2. *Uma paixão pedagógica, uma vontade de explicar: o presente e a subjetividade*

Admitindo-se que o conteúdo abrigado no *arquivo Calligaris* corresponde a uma forma específica de dizer sobre as coisas e o mundo, avistar o presente que ali se produz é, em si, uma oportunidade de flagrar os modos de movência do discurso, isto é, suas matrizes veridictivas. Se a análise apresentada se fundamenta em um ponto de vista antecipado pelo conjunto de conhecimentos e técnicas fundamentadas na teoria psicanalítica, identificar as partes componentes de um quadro interpretativo do presente organizado à moda da psicanálise é o mesmo que vê-la produzir os objetos sobre os quais fala.

A adolescência é uma invenção cultural graças à qual nossa sociedade prolonga o tempo de “formação” de seus membros até os 20 anos. (Calligaris, 2003*47, p. E14).

Uma parte dos transtornos modernos derivam da incerteza de quem abandonou sua confiança tranquila nas tradições laicas ou divinas. (Calligaris, 2012*47, p. E12).

Quase sempre, quando uma confissão é exigida, as crianças mentem com obstinação diretamente proporcional à de seu acusador. (Calligaris, 2013*08, p. E14).

Aqui, se escolhermos ficar com a vida e entregarmos a bolsa com docilidade, há uma boa chance que mesmo assim o assaltante nos mate, pegando, com a bolsa, nossa vida também. (Calligaris, 2013*09, p. E14).

[...] usamos as crianças para tentar educar nossos próprios desejos confusos e erráticos (se não “errados”) e para juntar, em nós, amor e sexo. (Calligaris, 2014*15, p. E12).

Proibir as saídas noturnas e uso prolongado de computador é ótimo e necessário, mas a autoridade que forma o caráter de um jovem não é só a que diz não às suas vontades [...]. (Calligaris, 2010*47, p. E14).

Tal sequência de excertos, composta por afirmações extraídas aleatoriamente do arquivo, evidencia alguns elementos que funcionam como objetos em torno dos quais o discurso se desenvolve. A profusão de tais objetos constitui o meio operador para a produção e a propagação do discurso e, conseqüentemente, para a expansão do seu alcance. Dizem respeito, portanto, à sua disseminação.

A *adolescência*, os *transtornos*, as *crianças*, a *autoridade* e tantos outros temas tornam-se objetos apreensíveis que impulsionam a circulação de ditames específicos sobre a atualidade e as subjetividades que a habitam. São, em suma, os objetos instrumentalizados pelo discurso, os operadores de sua difusão. Indicando, por um lado, os conteúdos que ali se produzem e, por outro, os modos como o discurso abarca diferentes direções, os objetos apreendidos são elementos do quadro interpretativo do presente, oferecendo uma forma de dizer, uma forma de pensar.

Como demonstrado nos vetores *Brasil/brasileiros*, *Educação*, *Sociedade e Subjetividade*, uma série de definições se desdobra como territórios propícios de difusão, encorpando a consistência e a fluidez do discurso. Os temas e os objetos incorporados pela discursividade psicanalítica anunciam os conteúdos que garantem sua pertinência. Vemos a seguir, na remontagem composta por quatro trechos dos vetores mencionados, um exemplo desses conteúdos.

Em *Brasil/brasileiros*:

No Brasil, a desigualdade é maior que nos EUA (da Europa nem se fala) [...]. (Calligaris, 2001*24, p. E8).

[...] o dinheiro no Brasil compra uma cidadania VIP [...]. (Calligaris, 2013*26, p. E10).

Por ignorância ou por não admitir que há coisas que são de todos e para todos, o Brasil avança como os elevadores do meu prédio [...]. (Calligaris, 2019*16, p. C8).

Um ano, dois anos, três anos e o Brasil morre afogado numa mistura de incompetência e interesses (explícitos e escusos) [...]. (Calligaris, 2021*03, p. B11).

Em *Educação*:

[...] a família e a escola são os maiores instrumentos de reprodução social: ambas instruem, formam e deformam os jovens. (Calligaris, 2018*39, p. C8).

Os meninos não eram mal-educados. [...] Eles eram educados mal [...] porque ninguém lhes mostrava que é possível se sentir livre respeitando as regras [...]. (Calligaris, 2016*03, p. C8).

Enfim, incapazes de manter um projeto comum de educação, rivalizando pelo amor dos filhos, muitos pais divorciados só tentam seduzir seus rebentos. (Calligaris, 2015*17, p. E6).

[...] a família é quase sempre disfuncional: ela mal se aproxima de seus próprios ideais educativos. (Calligaris, 2017*33, p. C8).

Em *Sociedade*:

[...] o combustível de uma sociedade do “ter” é uma mistura de cobiça com vaidade. (Calligaris, 2015*22, p. C10).

[...] numa sociedade vaidosa e exibicionista, a falta de meios e perspectivas encoraja “vacilações” morais: tentações e condutas criminosas. (Calligaris, 2016*02, p. C8).

A sociedade é complexa [...]. (Calligaris, 2004*30, p. E12).

A sociedade que nos parece certa, que desejamos, existe na mágica do encontro e do sonho. (Calligaris, 2012*18, p. E16).

Em *Subjetividade*:

A modernidade é o tempo da subjetividade inquieta, angustiada e insatisfeita. (Calligaris, 2000*21, p. E8).

[...] nossa subjetividade não é possível sem a liberdade de fantasiar sexualmente. (Calligaris, 2002*48, p. E10).

[...] há poucos traços tão relevantes na subjetividade moderna quanto a paixão pela mudança – e, por consequência, a ojeriza da mesmice. (Calligaris, 2001*23, p. E11).

[...] há algo na dinâmica de nossa subjetividade normal que faz com que parar de pensar seja uma tentação constante, como se qualquer desculpa (ideológica, por exemplo) fosse boa para fugir da solidão, que é a condição do diálogo moral de cada um com sua consciência. (Calligaris, 2013*29, p. E10).

Em sua função operadora, os objetos apropriados pela discursividade acionam uma força produtiva que apresenta, explica e define. Uma força que viabiliza uma forma de dizer, que produz o próprio conteúdo e demarca os territórios que lhe são profícuos.

A *desigualdade*, a *disfunção*, a *ignorância* e todos os outros aspectos associados a cada uma das noções reunidas pelos quatro vetores performam o modo como o discurso ordena, organiza e apresenta cada um desses operadores. Trata-se, portanto, de um movimento que produz e propaga conteúdos organizados de acordo com uma lógica específica.

Considerando que toda produção afirmativa que se pode ver no *arquivo Calligaris* se organiza pelo conjunto de conhecimentos e técnicas da psicanálise, o modo como o discurso produz seus operadores de propagação é equivalente a como se arranjam as ideias psicanalíticas no jogo discursivo. Trata-se de um tipo de apropriação do mundo e das coisas que propaga, mostra e difunde um modo de pensar em que subjaz determinada política da verdade. O que se evidencia no jogo é, justamente, uma maneira de escolher objetos e apresentá-los de acordo com uma interpretação própria, forjando, portanto, os caminhos pelos quais as ideias psicanalíticas podem transitar. Assim, os objetos definidos e posicionados no quadro interpretativo dizem respeito ao arranjo específico da discursividade.

O *brasileiro nervoso*, o *brasileiro fanático por futebol*, o *brasileiro malandro*, o *brasileiro boçal* são exemplos de ideias relativas a uma análise da subjetividade que se afirma por diferentes componentes. Assim como os traços particulares da identidade brasileira, os conflitos em torno da educação, os desafios da própria vida e os problemas que acometem a contemporaneidade são todos, um a um, relacionados diretamente a características que dizem sobre os sujeitos, enredando-os em uma dimensão psicológica: suas ações, seus desejos, sua própria existência.

Crivada pela interpretação psicanalítica, a subjetividade toma o centro que organiza o conteúdo do discurso, constituindo, conseqüentemente, o núcleo de todas as

forças produtivas de verdades – um ponto de culminância, portanto. Trata-se do *leitmotiv* da discursividade em tela.

[...] dificilmente reconhecemos que a liberdade das fantasias eróticas é um traço irrenunciável de nosso jeito de ser [...]. (Calligaris, 2009*21, p. E16).

A sociedade que nos parece certa, que desejamos, existe na mágica do encontro e do sonho [...]. (Calligaris, 2012*18, p. E16).

Ora, nossa subjetividade não é possível sem a liberdade de fantasiar sexualmente [...]. (Calligaris, 2002*48, p. E10).

O gosto pela novidade é crucial em nossas vidas. Ele preside, por exemplo, à insaciável variedade dos objetos oferecidos a nossos apetites. (Calligaris, 2001*23, p. E11).

[...] nenhum bem pode nos satisfazer, e a insatisfação é parte integrante de nosso modelo cultural. (Calligaris, 2015*22, p. C10).

Definida por traços universalizantes que, não obstante, pautam a singularidade de cada sujeito, a subjetividade é tecida por aquilo que *cultuamos* ao longo da história como um componente cultural de nós mesmos, o qual corresponde a “[...] um saco de normas, hábitos e costumes que praticamos sem perceber” (Calligaris, 2004*30, p. E12).

O fluxo de afirmações sobre a subjetividade atual faz o discurso cumprir o importante objetivo de dizer o que somos. E, nesse sentido, esclarece os componentes que determinam as ações dos sujeitos, apreendendo seus sentimentos, suas intenções, seus desejos, seus medos etc. – enfim, todos os seus *traços*.

[...] cultuamos traços patológicos de caráter como se fossem jóias de família. (Calligaris, 1999*10, p. E10).

[...] a atualidade é ocupada por uma vulgaridade inculta, grossa, violenta e idiota [...]. (Calligaris, 2020*25, p. B11).

Não sairemos tão cedo de uma sociedade organizada pela esperança de que os outros nos queiram. E, se sairmos, certamente não será promovendo a auto-estima como remédio. Por esse caminho, só aumentamos nossa dependência do amor dos outros. E eternizamos uma subjetividade complacente e fraca, que nos condena a viver entre euforia e depressão. (Calligaris, 1999*17, p. E8).

Ao procurarmos nossas falhas educativas (que sempre existem), seria bom não buscá-las só na falta de proibições e limites, mas também na falta de autorizações. (Calligaris, 2010*47, p. E14).

[...] educando nossos filhos, tentamos compensar as “falhas” que sentimos na nossa educação [...], inventando na nossa memória uma

educação que é diferente da que recebemos [...]. (Calligaris, 2017*32, p. C6).

Em nossa cultura, vale o que é desejado, invejado, procurado. Isso é o caso dos produtos e dos sujeitos. (Calligaris, 2000*14, p. E10).

[...] ao educar, o mais difícil talvez não seja impor limites e interdições. O mais difícil talvez seja transmitir às nossas crianças a coragem de desejar. (Calligaris, 2010*47, p. E14).

No dia a dia corriqueiro da relação pai-filho, o narcisismo dos pais e dos adultos produz uma falsa e incurável infantolatria: parecemos adorar as crianças, mas mal as enxergamos [...]. (Calligaris, 2013*43, p. E10).

Os ditos sobre o que são, o que fazem e o que pensam *os pais*, *os padrastos*, *os policiais*, *os alunos*, *os professores* e a *classe média* funcionam como ditames que circulam no arquivo e performam o modo como a discursividade arranja e propõe significados específicos. Em suma, tais ditos referem-se ao modo como a discursividade analisa e traduz o mundo e a vida.

Assim, flagrar como o discurso disputa certos territórios e instrumentaliza certos operadores é o mesmo que testemunhar a ação de uma máquina produtora de verdades, de sentidos e de valores sobre quem somos. Trata-se da propagação de ditames que delineiam falhas e erros, problematizando o próprio sujeito constituído no interior da discursividade.

Olha só! somos nós! (Calligaris, 1999*10, p. E10).

Todos queremos que filhos ou alunos respeitem nossa autoridade. (Calligaris, 2010*15, p. E16).

[...] à força de quereremos ser malandros, acabamos sendo todos otários. (Calligaris, 2019*16, p. C8).

[...] somos vítimas de violências e imposições [...]. (Calligaris, 2005*28, p. E12).

[...] sem saber bem o que isso significaria, declamamos que queremos ser “felizes”, mas desprezamos os prazeres. (Calligaris, 2020*06, p. C6).

Somos crédulos, queremos acreditar que, a cada encruzilhada, exista sempre uma saída mais malandra, pela qual nos daremos bem. (Calligaris, 2013*9, p. E14).

[...] praticamos uma assídua retórica do prazer: queremos cervejinha gelada, caipirinha na praia e bunda gostosa. (Calligaris, 2002*28, p. E08).

[...] nos alegramos sempre que reconhecemos qualquer imagem no espelho. (Calligaris, 1999*10, p. E10).

[...] somos quem somos. (Calligaris, 1999*10, p. E10).

[...] desejamos que nossos filhos sejam a cópia da gente. (Calligaris, 2010*16, p. E15).

[...] somos os herdeiros. (Calligaris, 2012*47, p. E12).

[...] não deveríamos estranhar demasiado esses jovens sádicos e assassinos. (Calligaris, 2000*01, p. E8).

[...] nunca somos satisfeitos. (Calligaris, 2013*25, p. E8).

[...] nos servimos da saudade para amenizar nossa inveja [...]. (Calligaris, 2016*26, p. C10).

O que foi? Será que, de repente, na modernidade, perdemos a mão [...]? (Calligaris, 2012*35, p. E12).

5.1.3. *Gostaria que eles encontrassem sua razão de viver: o sujeito*

Além de oferecer um quadro interpretativo da atualidade, o *arquivo Calligaris* apresenta um verdadeiro parecer sobre a subjetividade e, no mesmo golpe, mostra a ação de um sujeito que performa um modo de pensar sobre si e sobre o mundo. Os enunciados relativos à subjetividade se apoiam em uma noção de sujeito psicológico, configurando uma matriz veridictiva que pauta e relaciona o sujeito à sua instância psicológica, ou seja, uma rede de afirmações que se entrelaçam sob o ramerrão psi. Assim, as proposições que explicam e, ao mesmo tempo, posicionam o sujeito diante de si mesmo são elaboradas em torno de elementos que deflagram sua composição interiorizada: seus sonhos, seus desejos, suas expectativas, seus delírios, seus enganos e suas frustrações.

É simples mostrar o brilho de roupas e bugiganga aos olhos dos invejosos. Complicado seria lhes mostrar vestígios de vida interior e pedir que nos invejem por isso. (Calligaris, 2013*34, p. E12).

Pelo mundo afora, todos indivíduos, [...] sofremos de passivos herdados. É ótimo investigar esses passivos, para melhor ultrapassá-los. (Calligaris, 2000*7, p. E8).

Pensamos lidar com os outros e com suas exigências, enquanto lidamos, de fato, com exigências que são nossas e que preferimos atribuir aos outros. (Calligaris, 2001*52, p. E6).

[...] viajamos sempre com mais malas do que é preciso [...]. Para diminuir o excesso de peso, melhor abri-las, repertoriar o conteúdo e decidir o que fazer com ele. (Calligaris, 2004*1, p. E8).

Esse paradoxo nos define. Estamos em conflito permanente entre nossa aspiração individual e nossos sonhos amoroso e comunitário. (Calligaris, 2013*25, p. E8).

Demarcando uma forma que se explicita no discurso, os componentes da subjetividade são sistematizados segundo um organizador específico: a relação do sujeito consigo. Fundamentado em sua interioridade, apresenta-se um sujeito psicológico que, dotado de um mundo interior, não deve cessar de perguntar-se sobre si mesmo. Trata-se de um tipo específico de relação que se dá, necessariamente, em torno do sujeito, no ponto exato de si mesmo. Assim, a ele *basta pensar um instante* (Calligaris, 2013*9, p. E14).

O sujeito, desde sua relação consigo, é convocado à consciência de si, com vistas a encontrar formas de ultrapassar-se. O movimento discursivo que tem o sujeito como eixo dá a ver um vórtice que rearranja os conteúdos propagados, performando um modo de pensar que é a manifestação de si mesmo.

Nossos transtornos (e nossa vida) dependem das respostas que encontramos para as perguntas que acabo de evocar e para outras análogas. (Calligaris, 2003*24, p. E12).

As ideias que circulam no arquivo indicam um movimento concêntrico que produz um problema em torno do qual o próprio discurso se constitui. Como ponto de culminância, o sujeito é o núcleo que arregimenta sua força de pertinência e de verdade. Trata-se, portanto, da produção de sua própria existência, já que o sujeito ali descrito é, inarredavelmente, forjado em um arranjo que o amarra nas inatingíveis profundezas de sua interioridade. Mostra da força produtiva de demanda do próprio discurso.

O sujeito que performa no arquivo é consciente de sua condição, reconhece em si mesmo o meio de acesso ao mundo, sabe de si. É um sujeito que tem consciência daquilo que lhe é inconsciente, agindo incessantemente na produção de sua profundidade, mergulhando nas profundezas de si mesmo, em seus *sonhos*, suas *lembranças* e seus *medos*.

Quando eu era criança eu brincava com três tipos de devaneio. Havia os sonhos de aventuras solitárias, que idealizavam a liberdade do indivíduo. (Calligaris, 2002*40, p. E14).

Quando eu tinha 12 anos, um tio meu se suicidou. [...] Meus pais não esconderam de mim as circunstâncias da morte do tio e me mostraram seu bilhete. Mesmo assim, imaginei perceber, em meus pais, uma certa vergonha. (Calligaris, 2007*31, p. E12).

Quando criança eu tinha medo do escuro. [...] eu ficava acordado, esperando o momento fatídico em que perderia minha luz. Na minha lembrança, aliás, eu não dormia nunca. Enquanto havia luz, ficava esperando que apagassem. Depois disso, era um pavor crescente e insone. (Calligaris, 2017*34, p. C8).

Lembranças. [...] Eu só entendia que a vida devia ser uma coisa muito séria. (Calligaris, 2014*30, p. E12).

Na época, eu detestava essas brincadeiras do meu pai. Hoje, acho que ele tentava me transmitir um pouco de sua capacidade de temperar a existência com pitadas de fantasia. [...]. Quando meu pai morreu, fiquei com seus diários. Leio de vez em quando. Não procuro informações sobre sua vida, apenas o segredo de sua paixão de viver e de amar. (Calligaris, 2004*09, p. E10).

Os ditos agrupados nos vetores analíticos evidenciam os gestos desse sujeito engendrado na discursividade, explicitando uma ação do sujeito guiado por si mesmo, na infinita construção de sua *autobiografia* (Calligaris, 2005*28, p. E12). Tal sujeito reflete sobre sua história, sobre sua infância, sobre as relações que estabeleceu ao longo de sua vida. Enfim, um sujeito que sabe de seus desejos, um sujeito perspectivado pelo mergulho infinito em sua própria interioridade. Trata-se, portanto, de um jogo performativo que incita um modo de viver, cujo cerne se constitui na afirmação de um sujeito infinitamente psicológico.

Nesse sentido, o movimento discursivo escrutina um jogo de veridicção e subjetivação que mostra o funcionamento próprio da discursividade, segundo uma política centrada na apreensão do sujeito em sua interioridade. Afirma-se, assim, um modo de vida governado pela exigência de produzir, em si mesmo, o sentido do mundo; um modo de vida que, conseqüentemente, investe sua força em um aprofundamento eterno; um modo de vida engendrado por *uma paixão pela vida em si* (Calligaris, 2004*09, p. E10).

Há, ainda, no bojo dessas coordenadas, um elemento fundamental: é preciso reconhecer-se. Produzindo uma refinada cosedura, a discursividade promove um modo de dizer que implica, irremediavelmente, a produção e o investimento de si mesmo.

Os sentidos atribuídos ao presente e à subjetividade, associados à força de circulação das ideias psicanalíticas, evidenciam, portanto, um sujeito que performa sua própria vida interior. Considera-se, assim, que, ensinando uma forma de admitir o mundo e a si mesmo, o *arquivo Calligaris* dá a ver a constituição de um *éthos* psicanalítico: um conjunto investido de técnicas e saberes que tecem sua própria existência na história do presente.

5.2. O *éthos* psicanalítico

Como dito anteriormente, as colunas de Calligaris no caderno *Ilustrada* apresentam um alcance temático impressionante. O articulista abordou em seus textos, muitas vezes, situações flagradas no calor da hora, proporcionando aos leitores um olhar sobre as discussões proeminentes à própria época. Não obstante, as 1.102 colunas, vistas a partir do problema desta investigação, constituem, também, uma intervenção organizadora sobre aquilo que vivemos cotidianamente.

Marcados pelo esforço de comentar os desafios da vida e das relações humanas, os 23 anos referentes às publicações semanais de Calligaris indicam o reconhecimento e a aceitação de suas ideias por um nicho social específico. Abordando questões relativas a acontecimentos sociais, políticos e culturais, o articulista produziu e consolidou um modo particular de narrar o mundo. Suas ideias circulavam por vários territórios; suas opiniões eram declaradas em cada uma de suas palavras. Em seus textos, há considerações que não cessam de afirmar seu pensamento.

Desse modo, a massa discursiva proveniente da reunião dos escritos de Calligaris no caderno *Ilustrada* equivale à atuação de um psicanalista em um território exterior ao seu campo profissional *stricto sensu*. Extrapolando os limites que determinam o alcance da prática clínica, os ditos de Calligaris indicam menos a atuação de um psicanalista e mais a condução das ideias psicanalíticas para fora de seu posto original, para além de uma fronteira teórico-prática. Trata-se de um conjunto documental que permite analisar como as ideias psicanalíticas se deslocam, produzindo sentidos em outros territórios que não aquele delimitado pela prática clínica.

Diante de tais considerações, a presença do psicanalista em um território exterior à sua prática é, em si, um acontecimento relativo à difusão de uma forma de pensar, dando a ver um jogo de forças e de sentidos que promovem, por efeito, sua disseminação. Evidenciam-se, assim, as nuances de uma força centrífuga que propaga ideias forjadas em um *locus* próprio, espalhando regras e sentidos particulares.

Dessa maneira, arquivar as colunas de Contardo Calligaris nos fez testemunhar um conjunto discursivo que, lastreado por ideias psicanalíticas, se volta à reflexão sobre as questões do presente e da subjetividade, expandindo seu raio de alcance: do âmbito clínico à cultura.

Se os discursos produzidos em determinado tempo histórico permitem acessar as práticas que efetivaram a ordenação de modos de vida e de conduta dos sujeitos, flagrar a ação proveniente dos enunciados é o mesmo que se deparar com formas que processam a vida sob o crivo de um ordenamento de nós mesmos, a partir de deslocamentos que configuram jogos estratégicos, convocando o sujeito de forma ativa.

Assim, o *arquivo Calligaris* torna visível um grande maquinário movido por um requintado jogo enunciativo que impulsiona a propagação de ideias forjadas no interior de um campo hermenêutico, evidenciando um intenso fluxo de forças que declaram sentidos verdadeiros. Funções, processos e estratégias se evidenciaram, dispondo o modo como a discursividade psicanalítica funciona em seu movimento de propagação.

A remontagem dos ditos que expõem a opinião do psicanalista em sete vetores promoveu um tipo de reverberação outra para os enunciados ali mobilizados, dando a ver movimentos de deslocamento, de alternância e de repetição, bem como deflagrando tanto os objetos que viabilizam a circulação da discursividade, quanto as funções a eles designadas.

Formando uma constelação de proposições, os objetos que, por algum motivo, ganharam a atenção do psicanalista são instrumentalizados como operadores que dão passagem a um tipo de interpretação submetida à ordem do sujeito psicológico. Quando vistos em perspectiva, os temas que antes possibilitaram conhecer os assuntos sobre os quais o psicanalista refletiu e opinou tornam-se problemas que impulsionam e acionam a circulação de imperativos, demarcando uma maneira de compreender o presente e os sujeitos.

Desse ponto de vista, o jogo enredado no/pelo discurso implica a produção de verdades inarredavelmente articuladas, à moda de uma matriz veridictiva que tem como centralidade o problema do sujeito psicológico, ou seja, processos de subjetivação regidos por esse horizonte veridictivo. Tem-se um jogo que arregimenta, portanto, uma relação indissociável entre verdade, subjetividade e tempo presente.

Dessa maneira, se, por um lado, a circulação de ideias psicanalíticas na cultura deflagra uma força centrífuga que encampa problemas externos ao seu campo prático, o delineamento de um sujeito psicológico intensifica uma força centrípeta que demarca o núcleo em torno do qual o discurso se desenvolve. Uma mão dupla, por assim dizer.

O jogo que se performa no arquivo move-se por gestos que fazem operar determinados objetos à luz do próprio discurso, redundando, assim, em sua propagação cíclica. Trata-se de problemas que se produzem a partir de um conjunto de conhecimentos

e regras que explicam as diferentes composições dos sujeitos a partir de suas características.

Irradiando um modo de pensar que movimenta conceitos e ideias forjadas no interior do campo hermenêutico psicanalítico, os enunciados que reconhecidamente fazem parte da teoria psicanalítica valem pelo arquivo atribuindo sentidos e significados ao mundo e à subjetividade, definindo e consolidando o pleito da discursividade psicanalítica na batalha do dizível.

Os filmes, as peças de teatro, as eleições, as disputas políticas, os eventos sociais e as questões relativas à vida cotidiana são, no arquivo, circunstâncias que impulsionam a circulação da discursividade. Avistá-los dessa maneira oportunizou situar cada um deles na superfície do discurso, evidenciando um tipo de admissão das coisas e do mundo que ali se propagava.

Nesse sentido, do ponto de vista da circulação, o movimento que arranja o jogo de veridicção/subjetivação se faz por meio de dois componentes. O primeiro delimita o campo hermenêutico, o conjunto de conhecimentos e de regras que engatam uma problematização da subjetividade sob o crivo da topologia do consciente/inconsciente. O segundo componente, por sua vez, equivale ao próprio conteúdo produzido pelo discurso, ou seja, sua oferta de mundo.

Se, por um lado, parte da ação do discurso que ordena, problematiza e define objetos inunda o arquivo com regras e contornos próprios, por outro, destina-se a produzir sua própria consistência, ensinando e demonstrando sua lógica operacional. Assim, ao longo dos sete vetores, a maquinaria discursiva funciona e determina os modos como os sujeitos da atualidade se relacionam (ou deveriam se relacionar) consigo e com o mundo. O discurso propagado afirma subjetividades e veicula uma interpretação do presente segundo uma razão pedagogizante, pois.

As forças que organizam os sentidos e as verdades são efeito de uma ação que, ao se efetivar, performa um gesto de natureza pedagógica. O regime cognitivo que circula no arquivo se faz de modo análogo a uma ação pedagógica: o discurso ensina.

Trata-se de um *modus operandi* cujo horizonte aponta para a instauração de um sujeito interiorizado que se antepõe ao mundo. Um sujeito que se faz a partir da suspeita de si mesmo, pois sabe de seu inconsciente; um sujeito apreendido por aquilo que ignora, conduzido por gestos de um aprofundamento infinito de si. Um sujeito cujo principal gesto redundava na desconfiança e na ininterrupta interpelação de si.

O discurso circula porque ensina. E ensina porque circula. Consubstanciado a uma prática pedagogizadora, o jogo veridictivo conjuga o ensino e o estabelecimento de verdades, propagando uma instância do sujeito que, passível de ser apreendida, é alvo e propósito da intervenção.

Incorporando a existência de um sujeito de profundidade sem fim, o gesto pedagógico é o ponto de giro que performa o teor psico-pedagógico do discurso. É a ação que viabiliza a produção de um sujeito pedagogizado, porque invariavelmente psicologizado. Demarca-se, assim, um *éthos* constituído pela apreensão do inapreensível.

Uma biografia antecipada que educa na mesma medida em que determina o próprio sujeito, conectando-o àquilo que sempre desconhece. Um *éthos* que, por sua vez, ensina os modos como os sujeitos devem se conduzir para dentro de si; um modo de governo da conduta de si e, por conseguinte, dos outros. Trata-se, portanto, da demarcação de um modo de vida reduzido à razão interna, porque psicológica.

Trata-se, ainda, de um *éthos* fundamentado em uma política veridictiva que engaja processos de subjetivação demarcados por imperativos que obrigam os sujeitos a enveredarem por uma espécie de profundidade psicológica infinita, indicando tanto uma lógica pedagogizante, que oferece um modo de vida ritmado por uma eterna volta a si mesmo, quanto um horizonte impossível de ser alcançado, porque sempre misterioso e singular. Um modo de vida cujo fim se constitui na/pela eterna busca de saber quem somos, condenando-nos à inescapável saga de produzir em si mesmo um mundo sem fim.

Aportada em uma matriz veridictiva psicológica e operacionalizada por uma ação pedagógica, a discursividade psicanalítica vista no *arquivo Calligaris* produz um modo de vida que corresponde à condição de possibilidade de sua própria existência, um motor infinito de permeabilidade: “[...] a experiência da psicanálise me ensinou a nunca dizer ‘não se preocupe, vai dar tudo certo’” (Calligaris, 2019*03, p. C8).

Assim, o arquivo analisado dá a ver as diferentes investidas do discurso psicanalítico na direção de firmar-se como uma forma legítima de traduzir a subjetividade e conduzir as condutas, fomentando, por conseguinte, sua própria necessidade. Constituem-se, nessa medida, uma política da verdade e um conjunto de prescrições, técnicas e exigências que, lastreadas no ideário psicanalítico, ensinam os sujeitos para/na relação consigo e com os outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegado o fim desta pesquisa, não seria absurdo afirmar que as explicações de teor psicológico são uma das formas mais bem acabadas de responder às perguntas dos sujeitos do presente. A força produtiva do discurso psi, que incide diretamente em um ordenamento da vida, incita o sujeito a estabelecer um tipo de contato com o mundo emocional, tornando-o sempre agenciável. Trata-se, justamente, da força de formulações afirmativas que tomam aspectos da vida dos sujeitos segundo um teor psicológico e subjetivo, convertendo-se em modos de governo da subjetividade (Rose, 1988), isto é, em uma forma específica de governo da conduta com base nas articulações dos campos de conhecimento psi.

Participando do embate de forças em litígio, os enunciados psicológicos que forjam o discurso psi geram uma oferta eficaz de apreensão de si mesmo. Sob tal prisma, aprender a dizer não e a controlar a ansiedade, as angústias, as frustrações e os medos redundaria na consciência e no controle, elementos que mediarium, por sua vez, uma vida mais equilibrada e saudável. Assim, em suma, teríamos no tempo presente o efeito de um discurso que perspectiva a ação mundana do sujeito por meio de sua própria condição de interioridade, posicionando-o como o principal e, talvez, único ator de seu próprio destino.

Na coluna intitulada *Presentes para as festas*, em 2007, Calligaris escreve sobre dois livros de Istvan Banyai: *Zoom* e *O outro lado*. Ambos são livros sem palavras, “[...] em que a série de imagens constitui uma história e, ao mesmo tempo, uma reflexão” (Calligaris, 2007*46, p. E15). O articulista aproveita a ocasião de final de ano e escreve sobre sua forma de presentear, abordando, simultaneamente, sua forma de pensar.

Nesta época de amigos secretos e de propósitos para o Ano Novo, esses dois pequenos livros são o brinde que mais gosto de oferecer. Além de agradar (espero) a adultos e crianças, eles dizem algo essencial sobre minha maneira de pensar e de viver, ou melhor, sobre como gostaria de conseguir pensar e viver. (Calligaris, 2007*46, p. E15).

De acordo com ele, o livro *O outro lado* carrega uma sabedoria que possibilita refletir sobre a mesma cena, perspectivando-a em variadas posições. Ao pensar sobre o livro e as cenas nele contidas, Calligaris reflete sobre os deslocamentos possíveis no encontro com o outro, destacando um caráter móvel daquilo que é percebido ao longo do tempo.

Segundo Calligaris, os livros impulsionam uma reflexão sobre a própria vida, as escolhas e as atitudes que tomamos. Ressaltando, em seu argumento, as diferenças que surgem quando um campo de percepção é alterado, o psicanalista reflete sobre a movência infinita implicada nas cenas que compõem ambos os livros, associando-a a cenas que compõem a vida.

Ao desenvolver seu raciocínio, ele acrescenta que o livro *Zoom* proporciona uma ampliação no campo de observação e a impossibilidade de capturar por completo uma cena. Em sua conclusão a esse respeito, Calligaris apresenta a necessidade de analisar com cautela o cenário observado, criando, portanto, um diálogo com o leitor. Diz ele: “Antes de decidir que esse seria, então, o cenário da história, espere: o zoom vai recuar de novo. E por aí vai” (Calligaris, 2007*46, p. E15).

O final do texto se amarra em torno do que Calligaris define como um efeito que *encolhe o narcisismo*, dando a ver seu esforço em questionar formas de compreender a vida por posições fechadas e imutáveis. Por fim, sua argumentação, inclusive, afirma a necessidade de refletir sobre uma tendência peremptória que caracteriza as relações estabelecidas na atualidade.

Vista isoladamente, tal coluna – que faz parte de um conjunto muito mais amplo de textos – apresenta pistas sobre a posição que Calligaris assumiu em seu gesto cotidiano, em sua força de escrita. Segundo esse ponto de vista, sua escrita caracteriza-se por apresentar análises e ponderações sobre a impossibilidade de capturar a vida por inteiro, provocando seu leitor a refletir sobre a necessidade de pensar as movências e as transformações que nos atravessam.

Assim, a atitude empenhada no referido texto – e em muitos outros que compõem o arquivo desta pesquisa – equivale a um gesto de afirmar a necessidade de analisar a vida, refletir sobre o que e como se vive. Ao tratar a vida como uma experiência móvel, Calligaris dispensa, digamos, qualquer determinação antecipada. Seu gesto aponta para uma proposta de diálogo com o leitor, considerando a força de nossa capacidade “[...] de enxergar sempre ‘o outro lado’” (Calligaris, 2007*46, p. E15).

Conforme mencionado ao longo desta tese, a maioria dos textos não cita a psicanálise, o que indica que a função de Calligaris no Jornal não é a de um psicanalista *stricto sensu*. O elemento fundamental que está em jogo nesse conjunto de sua produção é sua opinião, sua maneira de analisar e refletir. Entretanto, embora grande parte dos textos não cite diretamente os conceitos psicanalíticos, a fluidez com que as ideias psicanalíticas circulam indica um modo de pensar arrematado por tais pressupostos.

Ou seja, tais produções textuais evidenciam uma forma de difusão e espraiamento do discurso psicanalítico a céu aberto. Trata-se de uma massa discursiva que tem como uma de suas principais características a mobilização de ideias oriundas da teoria psicanalítica, demonstrando, por sua vez, um processo de consolidação e legitimação do próprio discurso psicanalítico.

De fato, ao longo do arquivamento das colunas publicadas, fica evidente o esforço do psicanalista em promover reflexões e aberturas outras para pensar a vida. Calligaris expõe claramente suas opiniões, escreve o que pensa e articula argumentos que objetivam promover reflexões. Essa é sua atitude em cada um dos textos. Uma atitude corajosa, em nosso entendimento.

Todavia, se, por um lado, é evidente o esforço do psicanalista em refletir sobre a vida que se vive, por outro, considerando o tempo e o volume de textos publicados na *Folha de S.Paulo*, também é evidente a produção de um compilado de enunciados que veiculam uma forma de pensar. Assim, sua força de escrita funciona como um conjunto discursivo que age na consolidação de verdades, apresentando uma série de sentidos que compõem e produzem os traços da cultura brasileira, bem como indicando a circulação de uma racionalidade que caracteriza nosso tempo. Em vista disso, a pesquisa aqui exposta objetivou analisar, por meio das colunas escritas por Contardo Calligaris, como tal processo acontece e como as ideias psicanalíticas são disseminadas no território cultural.

Nos dois primeiros capítulos, no esforço de produzir um distanciamento do ferramental teórico-técnico da teoria psicanalítica, apresentamos uma reflexão teórico-temática que reposicionou a referida teoria não como uma referência interpretativa, mas como um conjunto de práticas e de conhecimentos produtores de maneiras de dizer quem somos. Esse foi o primeiro movimento da abordagem do problema de pesquisa.

No âmbito teórico, cujo fundamento se constitui pelos pressupostos da pesquisa foucaultiana, apresentamos debates que lançam mão de diferentes maneiras de analisar a psicanálise. Tais discussões, que tomam o conjunto teórico psicanalítico como objeto, contribuíram para posicionar a psicanálise de modo desessencializado, com vistas a afirmá-la, nesta tese, unicamente como uma forma discursiva, ou seja, como um apanhado de práticas que efetivam modos de fazer e de dizer, tornando plausível compreender, no mesmo golpe, nós mesmos e o mundo em que vivemos.

Ainda na busca de perspectivar os modos de movência externa, no capítulo subsequente investigamos as primeiras formas de difusão da psicanálise no País. Vimos

que, atrelada à prática médica psiquiátrica, a história da difusão da psicanálise no Brasil se fez por meio de duas frentes distintas: tanto pelos esforços em criar grupos formativos para analistas quanto por sua difusão no âmbito da cultura. A primeira delas refere-se à própria institucionalização do campo por meio da circulação de determinações teórico-técnicas manejadas por analistas estrangeiros, com fim formativo. Nessa frente de circulação, os esforços se voltaram ao estabelecimento de uma escola psicanalítica no Brasil, sendo que as discussões que ali se deram visavam ao fortalecimento de um grupo psicanalítico brasileiro cuja prática se legitimava em conformidade com as regras estabelecidas por Freud.

A segunda frente refere-se à sua propagação na cultura. Sugerindo um olhar histórico atrelado à cultura praticamente desde a chegada da psicanálise no Brasil, os registros da presença de Gastão Pereira da Silva, em um primeiro momento, e de Virgínia Leone Bicudo, mais adiante, demonstram que a circulação de tal ideário já vem se dando há tempos no âmbito cultural do País. Fosse por programas de rádio, fosse por reportagens em revistas e jornais, as ideias psicanalíticas que circularam durante o século XX foram claramente marcadas por uma intencionalidade educativa.

Nesse sentido, temáticas como os sonhos, os desejos, o inconsciente, a educação dos filhos e o mundo psicológico, à época, operacionalizaram a difusão de ideias psicanalíticas na cultura, traduzindo as dúvidas e as histórias do público atingido. Em tal contexto, posicionados em lugares distintos no que diz respeito ao próprio referencial psicanalítico, os trabalhos de Gastão Pereira da Silva e Virgínia Bicudo tiveram repercussões diferentes, sendo que o primeiro foi marcado por uma espécie de marginalização se comparado à posição que se reputa a Bicudo.

A despeito de considerações que levam a cabo a efetivação de uma psicanálise verdadeiramente legítima – e não *silvestre* ou vulgarizada –, a investigação tentou evidenciar uma breve história da presença de ideias psicanalíticas na cultura brasileira. Sob o condão da difusão, Contardo Calligaris se mostrou um potente e longo herdeiro da tarefa de difundir a discursividade psicanalítica no tecido da cultura brasileira.

Dessa maneira, o problema geral desta pesquisa, marcado pela constatação da força disseminadora dos discursos psicológicos em territórios diversos, levou a uma reflexão sobre a relação irreduzível entre a difusão cultural das ideias psicanalíticas e a educação dos sujeitos. Ou seja, o problema de pesquisa aqui forjado apontou para um nexos operativo que correlaciona a circulação do discurso psicanalítico a uma prática pedagógica.

Considerar o alcance da circulação de ideias psicanalíticas é, sob um ponto de vista inspirado no pensamento foucaultiano, dar-se conta de uma tessitura discursiva que ordena, incita e conduz os modos de vida do presente. Dessa maneira, os movimentos particulares que forjaram esse trabalho resultaram do esforço de realização de uma leitura histórico-filosófica acerca da presença do discurso psicanalítico na cultura brasileira.

O percurso realizado na tese apresentou, a partir do âmbito investigativo proposto, uma análise dos modos como as ideias psicanalíticas compõem um jogo de produção de verdades atrelado a um modo de vida protagonizado pelo sujeito psicológico. Sob uma espécie de apelo convocatório ao exame incessante de um dado mundo interior, vimos, no *arquivo Calligaris*, um diagrama discursivo sustentado em uma matriz veridictiva protagonizada pela subjetividade, conduzindo o sujeito a um tipo de relação consigo cuja principal tarefa é indagar, conhecer, descobrir e viver em torno de si mesmo.

Agente de um campo intermediário entre o mundo e a vida, o sujeito que é performado por Contardo Calligaris é o mesmo que, ao aderir a uma série de ditames lastreados em ideias psicanalíticas, afirma e produz sua própria interioridade. Dessa forma, sendo o ponto de partida e o ponto de chegada do próprio discurso, o sujeito é, simultaneamente, seu principal alvo.

Apresentando uma infinidade de sentidos formalizados em um campo teórico específico, o arquivo investigado mostra o funcionamento de uma maquinaria que investe, ao fim e ao cabo, em sua própria legitimação, alimentando incessantemente sua própria circulação. Seu movimento centrípeto ininterrupto é o que lhe sustenta; é sua vontade de naturalização.

Vimos também que o enredamento do sujeito em si mesmo, por sua vez, alimenta o ciclo de produção e circulação da discursividade psicanalítica, instaurando e demarcando, *ad infinitum*, um ordenamento da vida balizado pelos problemas e pelas soluções ali formulados.

Se, ao longo da tese, diferentes plataformas permitiram flagrar o movimento da discursividade psicanalítica em nichos específicos, ao fim dela, o que nos parece mais curioso é a impossibilidade de diferenciá-la de quaisquer outras formas de governo que incitam os sujeitos do presente a um modo de vida que se produz a partir de si mesmo: um modo de vida psicologizado que, mesmo em larga escala, produz subjetividades igualmente singularizadas.

Ao recuperarmos o processo de investigação da sexualidade conduzido por Michel Foucault (1977) em *História da sexualidade I*, destaca-se o interesse do pensador

em torno dos efeitos do discurso no campo social e do tipo de maquinaria que se constituiu na ordem do dizível. Segundo autor:

Trata-se, em suma, de interrogar o caso de uma sociedade que desde há mais de um século fustiga ruidosamente por sua hipocrisia, fala prolixamente de seu silêncio, obstina-se em detalhar o que não diz, denuncia os poderes que exerce e promete liberar-se das leis que a fazem funcionar. (Foucault, 1977, p. 14).

O convite proposto pelo pensador impulsiona-nos a um exercício de reflexão – tão singelo quanto austero – sobre o mais ínfimo detalhe do chão que sustenta nossos corpos no presente, em um exercício que põe em relevo o mundo lavrado cotidianamente pelas mais sutis obviedades que engajam os pequenos gestos que nos caracterizam dia após dia, mês após mês, no repetido e ritmado passar dos anos. Trata-se de um exercício de reflexão sobre a vida pequena, digamos. Um convite que nos arremata em dois golpes, curto-circuitando tudo aquilo que nos parece fácil, insignificante e natural.

Convocando um esforço de desnaturalização radical das formas explicativas que nos conformam, o primeiro golpe é o tempo. Se pensarmos que se trata de nos desprendermos dos sentidos e das verdades que nos habitam, o golpe do tempo reivindica uma atitude apenas: empenhar a mesma força de nossas recusas para confrontar nossas certezas. Ou seja, desalinhar as verdades e os sentidos, remontando o pensamento segundo a dimensão do tempo, seria suficiente para colapsar qualquer rede de sustentação de certezas. Nada escapa, nem sequer nós mesmos: eis o segundo golpe.

Considerar que o tempo presente constitui a forma própria de entabulação dos sujeitos e interrogar as práticas que invocam, autorizam e legitimam determinadas formações discursivas supõe, de partida, um gesto de suspensão de si. Tal reflexão prescinde de qualquer gesto benfazejo de melhorar o mundo, como se este não fosse parte constitutiva de nós mesmos, como se fosse possível projetar-se para fora das formas que perpetuamos sem que sequer seja possível notá-las, vociferando a plenos pulmões certa reivindicação travestida de denúncia daquilo que não deveria acontecer. Nesse sentido, trata-se de um exercício de pensamento a interpelar os ditames que, de tempos em tempos, dizem quem somos, exercício este que consiste tão somente em um enigma, e nada mais. A tarefa exigida nesta parte final do trabalho é apenas fazer jus à superfície montada pela própria pesquisa.

Conforme brevemente anunciado na apresentação deste texto, a realização do trabalho que o sustenta foi norteadada por dois elementos centrais. O primeiro deles é

relativo ao processo de pesquisa que temos trilhado – profissionalmente, aliás – nos campos da psicologia e da educação. A intersecção desses dois territórios é onde pudemos reunir um conjunto de interlocutores por meio dos quais diversos diálogos puderam se estabelecer. Em vista disso, a presente pesquisa, inevitavelmente, teve a finalidade de reivindicar a inserção de algumas reflexões no debate acadêmico e, conseqüentemente, de participar do jogo de forças em litígio atuantes nesse campo de conhecimento.

O segundo elemento, impossível de não ser qualificado por sua grandeza, digamos, mais errante, é a experiência docente. As horas passadas em sala de aula – em cursos de Psicologia – possibilitaram refletir sobre as implicações ético-políticas inerentes ao trabalho pedagógico que se executa na formação, havendo aí outra frente da relação entre a psicologia e a educação.

A presente tese é nossa forma de honrar tanto a pesquisa quanto a sala de aula. O trabalho arquivístico levado a cabo nesta investigação é, de alguma maneira, o ponto de culminância entre os próprios gestos de pesquisar e de ensinar. Assim, o que aqui apresentamos é, também, uma forma de aliar a prática docente à pesquisa arquivística, ou seja, uma combinação entre a pesquisa, a educação e o arquivo.

Ao longo desse processo, uma espécie de estranhamento passou a ser companhia inevitável, tornando audíveis os diversos sons que habitam o espaço entre nós e o mundo, por meio da perturbação da ordem estabelecida entre o passado e o presente.

O objetivo subjacente a este trabalho, pois, foi o de apresentar um exercício de pensamento decorrente da premissa de que o presente não é apenas permeado por forças produtoras de verdades, mas também um grande mistério, assim como a vida. Trata-se, em nosso entendimento, da movência absoluta das diferentes maneiras por meio das quais se torna possível dizer de nós mesmos. Por fim, cabe pensar que talvez Calligaris tivesse razão ao sugerir que, na bagunça promovida pelos fragmentos que registram as formas de existir, o que diz quem somos “[...] está nas pedras, nas coisas e nos outros” (Calligaris, 2012*23, p. E12). No arquivo, pois.

FONTES

CALLIGARIS, Contardo. Ver 'Matrix' é mais divertido do que ler Baudrillard. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 79, n. 25.621, maio 27 (1999*08). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. É a época do fatalismo narcisista. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 79, n. 25.635, jun. 10 (1999*10). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. Auto-estima não existe. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 79, n. 25.684, jun. 29 (1999*17). Ilustrada, p. E8.

CALLIGARIS, Contardo. Os benefícios de acabar com castas sociais. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 79, n. 25.726, set. 9 (1999*23). Ilustrada, p. E8.

CALLIGARIS, Contardo. O sumiço do erotismo de cada dia. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 79, n. 25.824, dez. 16 (1999*37). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. Os jovens reduzem a cinzas das imagens. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 80, n. 25.845, jan. 6 (2000*01). Ilustrada, p. E8.

CALLIGARIS, Contardo. No ano novo, prometo parecer sincero e autêntico. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 80, n. 25.852, jan. 13 (2000*02). Ilustrada, p. E8.

CALLIGARIS, Contardo. Um custo-Brasil a mais. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 80, n. 25.887, fev. 17 (2000*07). Ilustrada, p. E8.

CALLIGARIS, Contardo. Walter Benjamin e 'Terra Nostra'. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 80, n. 25.901, mar. 2 (2000*09). Ilustrada, p. E8.

CALLIGARIS, Contardo. Atenção: homens e mulheres trabalhando. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 80, n. 25.936, abr. 6 (2000*14). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. Inquietações para baderneiros. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 80, n. 25.985, maio 25 (2000*21). Ilustrada, p. E8.

CALLIGARIS, Contardo. Os caça-propaganda, outras figuras da nova revolta. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 80, n. 26.048, jun. 27 (2000*30). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Se é proibido perder, jogar fica difícil. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 80, n. 26.104, set. 21 (2000*38). Esporte, p. D12.

CALLIGARIS, Contardo. Caro Papai Noel, gostaria que todos os psiquiatras.... **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 80, n. 26.195, dez. 21 (2000*49). Ilustrada, p. E8.

CALLIGARIS, Contardo. A paixão pelo novo e o casamento. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 81, n. 26.363, jun. 7 (2001*23). Ilustrada, p. E11.

CALLIGARIS, Contardo. Desigualdades intoleráveis. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 81, n. 26.370, jun. 14 (2001*24). Ilustrada, p. E8.

CALLIGARIS, Contardo. Gorilas entre nós. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 81, n. 26.391, jun. 5 (2001*27). Ilustrada, p. E8.

CALLIGARIS, Contardo. Polícia em greve. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 81, n. 26.405, jun. 19 (2001*29). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. O espírito de Natal. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 81, n. 26.559, dez. 20 (2001*51). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. Balanços, casais e um propósito para o ano novo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 81, n. 26.566, dez. 27 (2001*52). Ilustrada, p. E6.

CALLIGARIS, Contardo. A educação sexual e o uso do prazer. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 82, n. 62.409, jun. 18 (2002*28). Ilustrada, p. E8.

CALLIGARIS, Contardo. Crise do mercado ou crise do sujeito? **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 82, n. 66.210, ago. 8 (2002*31). Ilustrada, p. E9.

CALLIGARIS, Contardo. Por que não gosto de eleições. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 82, n. 70.011, ago. 29 (2002*34). Ilustrada, p. E8.

CALLIGARIS, Contardo. O sorriso de Fernandinho Beira-Mar. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 82, n. 73.812, set. 19 (2002*37). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Devaneios do primeiro turno. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 82, n. 77.613, out. 10 (2002*40). Ilustrada, p. E14.

CALLIGARIS, Contardo. Na passarela de Miss Mundo, lá vamos nós. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 82, n. 87.749, dez. 5 (2002*48). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. Made in Brazil. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 83, n. 26.944, jan. 9 (2003*02). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. O Trauma está na moda. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 83, n. 27.098, jun. 12 (2003*24). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Schwarzenegger Governador da Califórnia. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 83, n. 27.196, set. 18 (2003*38). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Ostentação. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 83, n. 27.210, out. 2 (2003*40). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. Os loucos, os delinquentes e a arrogância da razão. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 83, n. 27.259, nov. 20 (2003*47). Ilustrada, p. E14.

CALLIGARIS, Contardo. Adeus, ano Velho. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 84, n. 27.301, jan. 1 (2004*01). Ilustrada, p. E8.

CALLIGARIS, Contardo. Os feridos das festas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 84, n. 27.308, jan. 8 (2004*02). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. “Peixe Grande” e a paixão pela vida. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 84, n. 27.357, fev. 26 (2004*09). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. Preâmbulo sobre o projeto de fiscalizar cinema e audiovisual. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 84, n. 27.525, ago. 12 (2004*30). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Quem tem medo dos moradores de rua? **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 84, n. 27.539, ago. 26 (2004*32). Ilustrada, p. E8.

CALLIGARIS, Contardo. “Transex”. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 84, n. 27.623, nov. 18 (2004*44). Ilustrada, p. E14.

CALLIGARIS, Contardo. O tsunami, o câncer, a Aids e outras coisas que não têm sentido. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 85, n. 27.672, jan. 6 (2005*01). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. Viver por quê. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 85, n. 27.707, fev. 10 (2005*06). Ilustrada, p. E8.

CALLIGARIS, Contardo. A chacina da baixada Fluminense e o uso de mercenários. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 85, n. 27.763, abr. 7 (2005*14). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. A república dos doutores. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 85, n. 27.777, abr. 21 (2005*16). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Segurança e liberdade. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 85, n. 27.805, maio 19 (2005*20). Ilustrada, p. E14.

CALLIGARIS, Contardo. Os casamentos e as separações dos famosos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 85, n. 27.812, maio 26 (2005*21). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. O que é politicamente correto? **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 85, n. 27.847, jun. 30 (2005*26). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Londres com Edward Said. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 85, n. 27.861, jun. 14 (2005*28). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Um tempo para pensar e um tempo para concluir. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 85, n. 27.868, jun. 21 (2005*29). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Dois tipos de vergonha (moralidade 2). **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 86, n. 28.071, fev. 9 (2006*06). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. Meu jeito de ser crítico (e um pedido para “Filhos do carnaval”). **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 86, n. 28.141, abr. 20 (2006*16). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Em companhia de Freud. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 86, n. 28.169, maio 18 (2006*20). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. Psicopatas bem ou malsucedidos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 86, n. 28.351, nov. 16 (2006*44). Ilustrada, p. E14.

CALLIGARIS, Contardo. Somos culpados, mas de quê? **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 87, n. 28.505, abr. 19 (2007*14). Ilustrada, p. E14.

CALLIGARIS, Contardo. A liberdade de quem migra. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 87, n. 28.540, maio 24 (2007*19). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. As nossas histórias e “A História”. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 87, n. 28.610, ago. 2 (2007*26). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Antonioni. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 87, n. 28.617, ago. 9 (2007*27). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Tristeza e dignidade do suicídio. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 87, n. 28.645, set. 6 (2007*31). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. “A vida dos outros”. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 87, n. 28.736, dez. 6 (2007*44). Ilustrada, p. E14.

CALLIGARIS, Contardo. Guias para aventureiros. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 88, n. 28.890, maio 8 (2008*17). Ilustrada, p. E20.

CALLIGARIS, Contardo. Cinema na escola. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 89, n. 29.219, abr. 2 (2009*12). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Chávez com nhoque. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 89, n. 29.226, abr. 9 (2009*13). Ilustrada, p. E14.

CALLIGARIS, Contardo. De Lacoste a Veneza, com Sade. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 89, n. 29.296, jun. 18 (2009*21). Ilustrada, p. E16.

CALLIGARIS, Contardo. Imitar e mostrar as pombas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 89, n. 29.352, ago. 13 (2009*29). Ilustrada, p. E14.

CALLIGARIS, Contardo. Volta com pôr do Sol. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 90, n. 29.520, jan. 28 (2010*01). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Você prefere os obedientes ou os rebeldes? **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 90, n. 29.618, maio 6 (2010*15). Ilustrada, p. E16.

CALLIGARIS, Contardo. Adoção por casais homossexuais. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 90, n. 29.625, maio 13 (2010*16). Ilustrada, p. E15.

CALLIGARIS, Contardo. Educar frustrando? **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 90, n. 29.842, dez. 16 (2010*47). Ilustrada, p. E14.

CALLIGARIS, Contardo. Pesquisas de grupo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 91, n. 29.912, fev. 24 (2011*07). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Meus pais são bipolares. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 91, n. 30.122, set. 22 (2011*37). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Notas sobre a cracolândia. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 92, n. 30.241, jan. 19 (2012*03). Ilustrada, p. E8.

CALLIGARIS, Contardo. Os diferentes são todos doentes? **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 92, n. 30.262, fev. 9 (2012*06). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Faust Moderno. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 92, n. 30.346, maio 3 (2012*18). Ilustrada, p. E16.

CALLIGARIS, Contardo. As coisas, os outros e os escombros. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 92, n. 30.381, jun. 7 (2012*23). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. O menino acorrentado. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 92, n. 30.465, ago. 30 (2012*35). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. A menina que se achava 007. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 92, n. 30.549, nov. 22 (2012*47). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Para que serve a tortura? **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 93, n. 30.640, fev. 21 (2013*08). Ilustrada, p. E14.

CALLIGARIS, Contardo. Yoani e as falsas alternativas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 93, n. 30.647, fev. 28 (2013*09). Ilustrada, p. E14.

CALLIGARIS, Contardo. Abusos e incompetência. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 93, n. 30.724, maio 16 (2013*20). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Sonhos de calor humano. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 93, n. 30.759, jun. 20 (2013*25). Ilustrada, p. E8.

CALLIGARIS, Contardo. Qual baderna? **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 93, n. 30.766, jun. 27 (2013*26). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. Meu vizinho genocida. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 93, n. 30.787, jun. 18 (2013*29). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. Flores Raras'. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 93, n. 30.815, ago. 15 (2013*33). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. A inveja dos outros. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 93, n. 30.822, ago. 22 (2013*34). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Longe da árvore'. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 93, n. 30.885, out. 24 (2013*43). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. As crianças e o sexo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 94, n. 31.067, abr. 24 (2014*15). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Amar e punir. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 94, n. 31.102, maio 29 (2014*20). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Feitiços do Tempo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 94, n. 31.109, jun. 5 (2014*21). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Os pais e a escola. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 94, n. 31.179, ago. 14 (2014*29). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Como falar com nossos filhos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 94, n. 31.186, ago. 21 (2014*30). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Feliz Ano Velho. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 95, n. 31.319, jan. 1 (2015*01). Ilustrada, p. C6.

CALLIGARIS, Contardo. O novo abuso de criança. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 95, n. 31.431, abr. 23 (2015*17). Ilustrada, p. E6.

CALLIGARIS, Contardo. Ter mais e ter menos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 95, n. 31.466, maio 28 (2015*22). Ilustrada, p. C10.

CALLIGARIS, Contardo. Acochado. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 95, n. 31.536, ago. 6 (2015*32). Ilustrada, p. C10.

CALLIGARIS, Contardo. Abortemos o projeto de Cunha. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 95, n. 31.627, nov. 5 (2015*44). Ilustrada, p. C10.

CALLIGARIS, Contardo. Nossas futilidades. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 95, n. 31.641, nov. 19 (2015*46). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. Pobres meninos ricos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 96, n. 31.697, jan. 14 (2016*02). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. Mal-educados ou educados mal? **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 96, n. 31.704, jan. 21 (2016*03). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. Culpas e regras. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 96, n. 31.711, jan. 28 (2016*04). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. De que lado você está? **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 96, n. 31.767, mar. 24 (2016*12). Ilustrada, p. C10.

CALLIGARIS, Contardo. Repressão e cultura do estupro. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 96, n. 31.858, jun. 23 (2016*25). Ilustrada, p. C6.

CALLIGARIS, Contardo. A perigosa nostalgia dos idosos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 96, n. 31.865, jun. 30 (2016*26). Ilustrada, p. C10.

CALLIGARIS, Contardo. O paranóico e o otário. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 96, n. 31.907, ago. 11 (2016*32). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. Cada um ama seus bichos favoritos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 97, n. 32.117, mar. 9 (2017*10). Ilustrada, p. C6.

CALLIGARIS, Contardo. Como Nossos Pais?. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 97, n. 32.292, ago. 31 (2017*32). Ilustrada, p. C6.

CALLIGARIS, Contardo. Mães e filhas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 97, n. 32.299, set. 7 (2017*33). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. Medo da coisa. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 97, n. 32.306, set. 14 (2017*34). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. Qual escândalo? **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 97, n. 32.390, dez. 7 (2017*46). Ilustrada, p. C10.

CALLIGARIS, Contardo. Estupros, assédios, investidas e paqueras. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 98, n. 32.432, jan. 18 (2018*03). Ilustrada, p. C6.

CALLIGARIS, Contardo. O rapa. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 98, n. 32.656, ago. 30 (2018*34). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. Maria Bonita está entre nós. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 98, n. 32.677, set. 20 (2018*37). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. A família e a escola. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 98, n. 32.691, out. 4 (2018*39). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. Os fantasistas de gênero. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 98, n. 32.747, nov. 29 (2018*46). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. Educar é criar dissidentes. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 99, n. 32.782, jan. 3 (2019*01). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. As cassandras e os esparadrapos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 99, n. 32.796, jan. 17 (2019*03). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. Com ou sem confiança. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 99, n. 32.831, fev. 21 (2019*08). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. A família e o sexo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 99, n. 32.852, mar. 14 (2019*11). Ilustrada, p. C10.

CALLIGARIS, Contardo. O Brasil no elevador. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 99, n. 32.887, abr. 18 (2019*16). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. Quem é conservador? **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 99, n. 33.971, jun. 11 (2019*27). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. O espírito de 1966. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 99, n. 33.055, out. 3 (2019*37). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. Pregar abstinência sexual é ato imoral. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 100, n. 33.215, fev. 20 (2020*06). Ilustrada, p. C6.

CALLIGARIS, Contardo. Mas por que todos mentem para nós? **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 100, n. 33.269, abr. 9 (2020*16). Ilustrada, p. B16.

CALLIGARIS, Contardo. Valeu a pena? **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 100, n. 33.382, jun. 30 (2020*25). Ilustrada, p. B11.

CALLIGARIS, Contardo. Os vikings, os romanos e nós. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 100, n. 33.438, set. 24 (2020*34). Ilustrada, p. B11.

CALLIGARIS, Contardo. Natal, festa da fraternidade. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 100, n. 33.531, dez. 24 (2020*48). Ilustrada, p. A24.

CALLIGARIS, Contardo. Chove muito em São Paulo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 101, n. 33.559, jan. 21 (2021*03). Ilustrada, p. B11.

CALLIGARIS, Contardo. Lupin. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 101, n. 33.580, fev. 11 (2021*04). Ilustrada, p. B15.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. Raros e rotos, restos, rastros e rostos: os arquivos e documentos como condição de possibilidade do discurso historiográfico. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 15, n. 26, p. 7-28, jan./jun. 2013.
- ANGIOLILLO, Francesca. Contardo Calligaris, autor de 13 livros, cobriu de tudo, de A até quase Z. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 31 mar. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/03/contardo-calligaris-autor-de-13-livros-cobriu-de-tudo-de-a-ate-quase-z.shtml?origin=folha#>. Acesso em: 28 dez. 2023.
- AQUINO, Julio Groppa. O controverso lugar da psicologia na educação: aportes para a crítica da noção de sujeito psicopedagógico. **Psicol. Ensino & Form.**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 05-19, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612014000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 abr. 2024.
- AQUINO, Julio Groppa. Aprender a solidão: aula com Michel Foucault. *In*: HEUSER, Ester Maria Dreher; AQUINO, Julio Groppa, CORAZZA, Sandra Mara (org.). **Aula com... em vias de uma didática da invenção**. Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2018. p. 169-183.
- AQUINO, Julio Groppa (org.). **Foucault, arquivo, educação: dez pesquisas**. São Paulo: FEUSP, 2020.
- AQUINO, Julio Groppa. **Discurso educacional contemporâneo: inventário analógico**. São Paulo: FEUSP, 2021. Disponível em: www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/599. Acesso em: 14 dez. 2023.
- AQUINO, Julio Groppa. Modos outros de endereçamento ao arquivo: inventários, listas etc. *In*: MUCHAIL, Salma Tannus *et al.* (org.). **Michel Foucault: devir do pensamento e multiplicação de práticas**. Campinas, SP: Fontes Editores, 2023. p. 145-162.
- AQUINO, Julio Groppa; VAL, Gisela Maria do. Uma ideia de arquivo: contributos para a pesquisa educacional. **Pedagogía y Saberes**, Bogotá, n. 49, p. 41-53, 2018.
- BAREMBLITT, Gregorio. Ecletismo, sim, banalidade, não. **Jornal PSI**, São Paulo, ano 17, n. 105, maio/jun. 1997.
- BAULEO, Armando. Plataforma ou história de um projeto. *In*: LANGER, Marie (org.) **Questionamos 2: psicanálise institucional e psicanálise sem instituição**. Belo Horizonte: Interlivros, 1977. p. 17-23.
- BIRMAN, Joel. A psicanálise na berlinda? *In*: CASTELO BRANCO, Guilherme; PORTOCARRERO, Vera. **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro: Nau Ed., 2000a. p. 159-178.
- BIRMAN, Joel. **Entre o cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000b.

CALLIGARIS, Contardo. **Hipótese sobre o fantasma na cura psicanalítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

CALLIGARIS Contardo. **Introdução a uma clínica diferencial das psicoses**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

CALLIGARIS, Contardo. **Crônicas do individualismo cotidiano**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000a.

CALLIGARIS, Contardo. **Hello, Brasil**: notas de um psicanalista europeu viajando pelo Brasil. 6. ed. São Paulo: Escuta, 2000b.

CALLIGARIS, Contardo. **Cartas a um jovem terapeuta**: reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos. Rio de Janeiro: Campus, 2004a.

CALLIGARIS, Contardo. **Terra de ninguém**. São Paulo: Publifolha, 2004b.

CALLIGARIS, Contardo. **Quinta-coluna**. São Paulo: Publifolha, 2008.

CALLIGARIS, Contardo. **A mulher de vermelho e branco**: uma história de Carlo Antonini. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CALLIGARIS, Contardo. **Todos os reis estão nus**. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

CALLIGARIS, Contardo. **Hello, Brasil! e outros ensaios**: psicanálise da estranha civilização brasileira. São Paulo: Fósforo, 2021.

CALLIGARIS, Contardo. Adolescentes, testosterona, espinhas e crimes. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 79, n. 25.572, abr. 8 (1999*01). Ilustrada, p. E8.

CALLIGARIS, Contardo. Feliz aniversário e sonhe com os anjos, Freud!. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 79, n. 25.789, nov. 11 (1999*32). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. Efeitos colaterais. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 80, n. 26.146, nov. 2 (2000*42). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. Crise de confiança (para David Riesman). **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 82, n. 56.074, jun. 13 (2002*23). Ilustrada, p. E8.

CALLIGARIS, Contardo. Maluf na cabeça. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 82, n. 52.273, maio 23 (2002*20). Ilustrada, p. E8.

CALLIGARIS, Contardo. Vida divertida ou vida interessante? **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 82, n. 89.016, dez. 12 (2002*49). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. A vida faz sentido A) Muito B) Nenhum C) Um pouco. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 83, n. 27.224, out. 16 (2003*42). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. O que é um psicoterapeuta. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 83, n. 27.154, ago. 7 (2003*32). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. Ostentação. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 83, n. 27.210, out. 2 (2003*40). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. Carta aberta a Silvio Santos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 84, n. 27.406, abr. 15 (2004*16). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Filme Do Cão. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 84, n. 27.329, jan. 29 (2004*05). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. São Paulo 450. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 84, n. 27.322, jan. 22 (2004*04). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. Volta a Dogville. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 84, n. 27.336, fev. 5 (2004*06). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. Em companhia de Freud. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 86, n. 28.169, maio 18 (2006*20). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. Viva o cinema. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 86, n. 28.337, nov. 2 (2006*42). Ilustrada, p. E14.

CALLIGARIS, Contardo. A história de Querô. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 87, n. 28.659, set. 20 (2007*33). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. A vida de Santiago. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 87, n. 28.631, ago. 23 (2007*29). Ilustrada, p. E14.

CALLIGARIS, Contardo. Antidepressivos, aspirinas e urubus. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 87, n. 28.624, ago. 16 (2007*28). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. O segredo da vida de um casal. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 87, n. 28.673, out. 4 (2007*35). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Presentes para as festas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 87, n. 28.750, dez. 20 (2007*46). Ilustrada, p. E15.

CALLIGARIS, Contardo. A turba da Uniban. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 89, n. 29.436, nov. 5 (2009*41). Ilustrada, p. E15.

CALLIGARIS, Contardo. Coisa de homens. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 89, n. 29.205, mar. 19 (2009*10). Ilustrada, p. E13.

CALLIGARIS, Contardo. Impasse de um sonho moderno? **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 89, n. 29.443, nov. 12 (2009*42). Ilustrada, p. E13.

CALLIGARIS, Contardo. Para que serve a psicanálise? **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 90, n. 29.730, ago. 26 (2010*31). Ilustrada, p. E14.

CALLIGARIS, Contardo. A autoridade que espero. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 91, n. 29.870, jan. 13 (2011*02). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. As coisas, os outros e os escombros. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 92, n. 30.381, jun. 7 (2012*23). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. O menino acorrentado. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 92, n. 30.465, ago. 30 (2012*35). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Os solitários. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 86, n. 28.113, mar. 23 (2006*12). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. A arte da fuga. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 94, n. 31.193, ago. 28 (2014*31). Ilustrada, p. E10.

CALLIGARIS, Contardo. Como falar com nossos filhos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 94, n. 31.186, ago. 21 (2014*30). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Os pais e a escola. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 94, n. 31.179, ago. 14 (2014*29). Ilustrada, p. E12.

CALLIGARIS, Contardo. Natal nas Estrelas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 95, n. 31.676, dez. 24 (2015*51). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. A Vida com Lacan'. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 97, n. 32.334, out. 12 (2017*38). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. Suicídios adolescentes. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 97, n. 32.166, abr. 27 (2017*17). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. Estupros, assédios, investidas e paqueras. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 98, n. 32.432, jan. 18 (2018*03). Ilustrada, p. C6.

CALLIGARIS, Contardo. Mais sobre os boçais. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 98, n. 32.600, jun. 5 (2018*26). Ilustrada, p. C6.

CALLIGARIS, Contardo. O amor contra a boçalidade. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 98, n. 32.607, jun. 12 (2018*27). Ilustrada, p. C6.

CALLIGARIS, Contardo. O ódio pelas mulheres. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 98, n. 32.439, jan. 25 (2018*04). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. Os Boçais são perigosos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 98, n. 32.593, jun. 28 (2018*25). Ilustrada, p. C6.

CALLIGARIS, Contardo. Os boçais. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 98, n. 32.705, out. 18 (2018*41). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. Os toscos e os boçais. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 98, n. 32.712, out. 25 (2018*42). Ilustrada, p. C6.

CALLIGARIS, Contardo. Trotes de Boçais. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 98, n. 32.621, jun. 26 (2018*29). Ilustrada, p. C6.

CALLIGARIS, Contardo. Abusos e traumas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 99, n. 33.090, nov. 7 (2019*42). Ilustrada, p. C6.

CALLIGARIS, Contardo. Educar é criar dissidentes. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 99, n. 32.782, jan. 3 (2019*01). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. Liberalismo e teocracia. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 99, n. 33.048, set. 26 (2019*36). Ilustrada, p. C8.

CALLIGARIS, Contardo. Coronavírus como metáfora. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 100, n. 33.239, mar. 12 (2020*11). Ilustrada, p. C10.

CALLIGARIS, Contardo. Estado de exceção. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 100, n. 33.255, mar. 26 (2020*09). Ilustrada, p. B14.

CALLIGARIS, Contardo. Estamos entre os mais imorais. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 100, n. 33.389, ago. 6 (2020*33). Ilustrada, p. B11.

CALLIGARIS, Contardo. Saúde mental em tempo de pandemia. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 100, n. 33.247, mar. 19 (2020*10). Ilustrada, p. C6.

CALLIGARIS, Contardo. Nosso estilo de governo preferido. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, ano 101, n. 33.587, fev. 18 (2021*05). Ilustrada, p. B14.

CASTEL, Robert. **O psicanalismo**. Trad. Antônio Amaral Serra. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Trad. Ingrid Muller Xavier. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CHAVES, Ernani. **Foucault e a psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

COELHO, Wilson Ferreira. **Psicologia da educação**. São Paulo: Editora Pearson Education do Brasil, 2014. (Coleção Bibliografia Universitária).

COLL, César. **A psicologia da educação**: uma disciplina aplicada. Barcelona: Edicions de la Universitat Oberta de Catalunya, 1997.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante de ferrolhos. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: DPA, 2002. v. 1, p. 105-31.

CORAZZA, Sandra Mara. Manual infame... mas útil, para escrever uma boa proposta de tese ou dissertação. **Em Tese**, v. 22, n. 1, p. 95-105, nov. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/11157>. Acesso em: 19 abr. 2024.

CORAZZA, Sandra Mara; AQUINO, Julio Groppa (org.). **Dicionário das ideias feitas em educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. **Psicologia aplicada à educação**. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1986.

COSTA, Jurandir Freire. **História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

CUNHA, Marcus Vinícius. **Psicologia da educação**. Rio de Janeiro: DPA, 2000. (Coleção O que você precisa saber sobre...).

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Trad. Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O anti-Édipo**. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

DICIONÁRIO 28: **léxico e enciclopédico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Codex, 1970.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. Trad. André Telles. 1. reimp. São Paulo: Editora 34, 2019.

DUNKER, Christian. Virgínia Bicudo e a psicanálise como lugar de escuta. **Blog da Boitempo**, 2018. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/03/07/virginia-bicudo-e-a-psicanalise-como-lugar-de-escuta/>. Acesso em: 13 mar. 2023.

EDDINE, Eder Ahmad Charaf. **Desenvolvimento e aprendizagem em manuais didáticos da psicologia educacional**. São Paulo: Paco Editorial, 2013.

FACCHINETTI, Cristina. Psicanálise para brasileiros: história de sua circulação e apropriação no entre-guerras. **Culturas Psi**, Rio de Janeiro, v. 0, p. 45-62, 2012.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. Trad. Fátima Murad. São Paulo: EdUSP, 2017.

FERREIRA, Arthur Arruda Leal. A psicologia e a psicanálise na arqueologia Foucault: a invenção do homem como figura fundamentante na modernidade. *In*: SOLER, Rodrigo Diaz de Vivar; VAZ, Rafael Araldi; VOLACO, Gustavo Capobianco (org.). **Michel Foucault e as ciências humanas: transversalidades, leituras e aproximações**. Curitiba, PR: CRV, 2016. p. 21-40.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.

FOLHA DE S.PAULO. O jornal mais influente do Brasil. **Folha de S.Paulo** (online), s.d., n.p. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/institucional/o_grupo.shtml. Acesso em: 28 dez. 2023.

FOLHA DE S.PAULO. O rei encarado chega ao fim. **Folha de S.Paulo** (online), 24 jul. 1994. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/7/24/mais!/6.html>. Acesso em: 17 abr. 2024.

FOLHA DE S.PAULO. Contardo Calligaris explica a adolescência e seus desafios no mundo moderno. **Folha de S.Paulo** (online), 20 out. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/publifolha/351920-contardo-calligaris-explica-a-adolescencia-e-seus-desafios-no-mundo-moderno.shtml>> Acesso em: 17 abr. 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza de Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault explica seu último livro. *In*: FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 145-52 (Ditos e Escritos, v. 2).

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. Prefácio (Anti-Édipo). *In*: FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b. p. 103-106 (Ditos e Escritos, v. 6).

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, as respostas do filósofo. *In*: FOUCAULT, Michel. **Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. p. 343-356 (Ditos e escritos, v. 1).

FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos: curso no Collège de France (1979-1980)**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014a.

FOUCAULT, Michel. Filosofia e psicologia. *In*: FOUCAULT, Michel. **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria, psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b. p. 220-231 (Ditos e escritos, v. 1).

FOUCAULT, Michel. Lacan, o “Libertador” da psicanálise. *In*: FOUCAULT, Michel. **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria, psicanálise**. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. 3. ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014c. p. 329-330 (Ditos e escritos, v.1).

- FOUCAULT, Michel. O jogo de Michel Foucault. *In*: FOUCAULT, Michel. **Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014d. p. 44-77 (Ditos e escritos, v. 9).
- FOUCAULT, Michel. Sobre a genealogia da ética: um resumo do trabalho em curso. *In*: FOUCAULT, Michel. **Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014e. p. 214-87 (Ditos e escritos, v. 9).
- FOUCAULT, Michel. Técnicas de si. *In*: FOUCAULT, Michel. **Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014f. p. 264-296 (Ditos e escritos, v. 9).
- FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e verdade**: curso do Collège de France (1980-1981). Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.
- FOULIN, Jean Noel; MOUCHON, Serge. **Psicologia da educação**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.
- FRANCISCO FILHO, Geraldo. **A psicologia no contexto educacional**. Campinas: Ed. Átomo, 2002.
- FREUD, Sigmund. Psicanálise ‘Silvestre’ (1910). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 229-239.
- FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga. Conversas com uma pessoa imparcial (1926). *In*: FREUD, Sigmund. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Trad. Cláudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 205-289 (Obras Incompletas de Sigmund Freud, v. 6).
- GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. Para revisitar o tema: Foucault e a psicanálise. *In*: RAGO, Margareth; GALLO, Silvio (org.). **Michel Foucault e as insurreições**. É inútil revoltar-se? São Paulo: CNPq, Capes, Fapesp, Intermeios, 2017. p. 143-156.
- GIANESI, Regina Lacorte. Algumas notas sobre a trajetória de Virgínia Leone Bicudo. **Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo**, s.d. Disponível em: <https://www.sbbsp.org.br/blog/algumas-notas-sobre-a-trajetoria-de-virginia-leone-bicudo/>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- GOULART, Iris Barbosa. **Psicologia da educação**: fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- JACÓ-VILELA, Ana Maria; CEREZZO, Antônio Carlos, RODRIGUES, Heliana de Barros Conde (org.). **Clio-psyché**: fazeres e dizeres psi na história do Brasil. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/hkyyb>. Acesso em: 18 abr. 2024.
- KULESZA, Wojciech Andrzej. O manual de Comenius para a educação maternal da infância. **Pedagogía y Saberes**, Bogotá, n. 54, p. 55-68, 2021. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/pys/n54/0121-2494-pys-54-55.pdf> Acesso em: fev. 2024.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a educação**: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1989.

KUPFER, Maria Cristina. O sujeito na psicanálise e na educação: bases para a educação terapêutica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, vol. 35, n. 1, p. 265-81, 2010.

LA ROSA, Jorge (org.). **Psicologia e educação**: o significado do aprender. 9. ed. Porto Alegre: EDIPucRS, 2007.

LANCILOTTI, Samira Saad Pulchério. Manuais de psicologia: instrumentos de trabalho utilizados na formação dos professores paulistas (1920-1940). **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 12, n. 1, p. 29-43, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/download/22915/12438/87360>. Acesso em: 18 abr. 2024.

LANGER, Marie (org.) **Questionamos**: a psicanálise e suas instituições. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

LEITE, Nina Virgínia A. Foucault com Lacan: o que é “um retorno a...”? *In*: GOMES, Daniel de O.; SOUZA, Pedro (org.). **Foucault com outros nomes**: lugares de enunciação. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2009. p. 167-176.

LIMA, Ana Laura Godinho. Os temas da evolução e do progresso nos discursos da psicologia educacional e da história da educação. **Revista História da Educação** [online], Porto Alegre, v. 23, p. 1-33, 2019.

LIMA, Luis Antônio Gomes. Ascensão e queda da infância. *In*: PATTO, Maria Helena. **Formação de psicólogos e relações de poder**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 81-105.

MACHADO, Adriana Marcondes; SOUZA, Marilene Proença R. (org.). **Psicologia escolar em busca de novos rumos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

MACHADO, Roberto. Introdução: por uma genealogia do poder. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. VII-XXIII.

MACHADO, Roberto. **Impressões de Foucault**. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

MACIEL, Ira Maria (org.). **Psicologia e educação**: novos caminhos para a formação. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2001.

MAGILL, Richard A. **Aprendizagem motora**: conceitos e aplicações. Trad. Aracy Mendes da Costa. 5. Ed. São Paulo: Edgard Blucher, 1998.

MAIO, Marcos Chor. Educação sanitária, estudos de atitudes raciais e psicanálise na trajetória de Virgínia Leone Bicudo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 35, p. 309-355, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/qtFBWvr3Tf8yKkn8sJ47cfw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 mar. 2023.

- MARCONDES, Sérgio Ribeiro de Almeida. “**Nós os charlatães**”: Gastão Pereira da Silva e a divulgação da psicanálise em *O Malho* (1936-1944). Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, 2015
- MARIGUELA, Márcio. A psicanálise na arqueologia das ciências humanas. *In*: MARIGUELA, Márcio (org.). **Foucault e a destruição das evidências**. Piracicaba: Editora Unimep, 1995. p. 101-120.
- MARTINS, Luiz Paulo Leitão. **Sujeitos de verdade**: Foucault e uma genealogia da psicanálise. Curitiba: Kottter Editorial, 2021.
- MBEMBE, Achille. The power of the archive and its limits. *In*: HAMILTON, Carolyn *et al.* (org.). **Refiguring the archive**. Cidade do Cabo: Kluwer Academic, 2002. p. 19-26.
- MILAN, Betty. Entrevista com Elisabeth Roudinesco. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 388-402, jul./set. 2016.
- MOKREJS, Elisabete. **A psicanálise no Brasil**: as origens do pensamento psicanalítico. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- MORETZSOHN, Maria Ângela Gomes. Uma história brasileira. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 46, n. 85, p. 209-229, 2013.
- PEREIRA, Marcelo Ricardo (org.). **A psicanálise escuta a educação**: 10 anos depois. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.
- PEREIRA, Marcelo Ricardo. Os profissionais do impossível. *In*: ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares (org.). **Psicanálise e educação**: (impasses) subjetivos contemporâneos II. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. p. 35-48.
- PILETTI, Nelson; ROSSATO, Solange. **Psicologia da aprendizagem**: da teoria do condicionamento ao construtivismo. São Paulo: Contexto, 2012.
- PLACCO, Vera Maria N. de Souza (org.). **Psicologia & educação**: revendo contribuições. São Paulo: Educ, 2000.
- PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Trad. Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- PUCRS. **Contardo Calligaris ressalta a importância da atenção na busca pela felicidade**. 20 out. 2019. (Blog). Disponível em: <https://www.pucrs.br/blog/contardo-calligaris-ressalta-importancia-da-atencao-na-busca-pela-felicidade/>. Acesso em 27 abr. 2024.
- RIBEIRO, Cintya Ribeiro. **A experiência do pensamento em Michel Foucault**: conversações com o campo educacional. 2006. 148f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

RIBEIRO, Cintya Ribeiro. “Pensamento do fora”, conhecimento e pensamento em educação: conversações com Michel Foucault. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 613-628, set./nov. 2011.

RITO, Marcelo. **O aluno-problema e o governo da alma**: uma abordagem foucaultiana. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ROCHA, Carlos Alberto de M.; ROCHA, Carlos Eduardo Penna de M. **Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

RODA VIVA. Vídeo (1h20min) publicado pelo Roda Viva, 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1bGuE6m2NKk>. Acesso em: 1 dez. 2021.

RODA VIVA. Vídeo (1h20min) publicado pelo Roda Viva, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5YadtKcQC0E>. Acesso em: 1 dez. 2021.

RODA VIVA. Vídeo (1h22min) publicado pelo Roda Viva, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mA7B1Q6voXI>. Acesso em: 1 dez. 2021.

ROSE, Nikolas. Governando a alma: a formação do eu privado. *In*: SILVA, Tomas Tadeu da (org.). **Liberdades reguladas**. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 30-45.

RUSSO, Jane A. A difusão da psicanálise no Brasil na primeira metade do século XX: da vanguarda modernista à rádio-novela. **Estudos em Psicologia**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 1, p. 51-61, 2002a.

RUSSO, Jane A. **O mundo psi no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002b.

SANTROCK, John W. **Psicologia educacional**. Trad. Denise Durante, Mônica Rosemberg, Tais Silveira Monteiro Ganezo. 3. ed. São Paulo: McGraw Hill, 2009.

SÃO PAULO, **Coletânea de textos de Psicologia**: Psicologia da educação. São Paulo: Secretaria do Estado de São Paulo, 1990.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney E. **História da psicologia moderna**. Trad. Priscilla Rodrigues Lopes. São Paulo: Cengage, 2019.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. **Dicionário Mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2000.

SEELINGER, Heloisa. **Entre balangandans e a Hora do Brasil**: a propagação da psicanálise na Era Vargas através das revistas *Carioca* e *Vamos Lêr!*. Relatório de Pesquisa (Pós-Doutorado em História da Psicologia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, s.d.

SUGUI, Tatiana. No divã com Contardo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, n.p., 7 abr. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/04/no-diva-com-contardo.shtml>. Acesso em: 1 dez. 2021.

TEPERMAN, Maria Helena Indig; KNOPF, Sonia. Virgínia Bicudo: uma história da psicanálise brasileira. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 44, n. 80, p. 65-77, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v44n80/v44n80a06.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2023.

VAL, Gisela Maria do. **Um terremoto, uma biblioteca, um jornal**: a emergência de uma nova ordem social pelos impressos luso-brasileiros nos séculos XVIII e XIX. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

VERONESE, Lilian Aracy Affonso. **A prática do psicólogo escolar**: um olhar institucionalista para as pequenas-grandes recusas. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

VOLTOLINI, Rinaldo. As vicissitudes da transmissão da psicanálise a educadores. *In*: COLÓQUIO DO LEPSI, 3., São Paulo, 2002. **Anais [...]**. São Paulo: IP/FE-USP, 2002.

VOLTOLINI, Rinaldo. **Psicanálise e educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011.

VOLTOLINI, Rinaldo. Política da psicanálise e discurso pedagógico. *In*: ORNELLAS, M. L. S. (org.). **Psicanálise e educação**: (impasses) subjetivos contemporâneos II. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. p. 49-62.

WOOLFOLK, Anita E. **Psicologia da educação**. Trad. Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ANEXO

Ano/semana/página	Mês	Dia	Título
(1999*01, p. E08)	abr.	8	<i>Adolescentes, testosterona, espinhas e crimes</i>
(1999*02, p. E08)	abr.	15	<i>Desculpem o politicamente incorreto</i>
(1999*03, p. E09)	abr.	22	<i>Povo sérvio é cúmplice de assassinos</i>
(1999*04, p. E08)	abr.	29	<i>Adolescente quer ser diferente como todo mundo</i>
(1999*05, p. E08)	maio	6	<i>Vingaremos a Copa no Maracanã de Belgrado</i>
(1999*06, p. E07)	maio	13	<i>Brasileiros longe de casa</i>
(1999*07, p. E08)	maio	20	<i>Medo, o preço da Liberdade</i>
(1999*08, p. E10)	maio	27	<i>Ver 'Matrix' é mais divertido do que ler Baudrillard</i>
(1999*09, p. E12)	jun.	3	<i>Defesa (febril) da televisão</i>
(1999*10, p. E10)	jun.	10	<i>É a época do fatalismo narcisista</i>
(1999*11, p. E08)	jun.	17	<i>Antropologia do Viagra</i>
(1999*12, p. E12)	jun.	24	<i>É hoje: volta 'Star Wars'</i>
(1999*13, p. E08)	jul.	1	<i>Chega de angústia, chegou a depressão</i>
(1999*14, p. E11)	jun.	8	<i>Cordialidade familionária</i>
(1999*15, p. E11)	jun.	15	<i>Melancolia moral</i>
(1999*16, p. E08)	jun.	22	<i>A mídia carpideira</i>
(1999*17, p. E08)	jun.	29	<i>Auto-estima não existe</i>
(1999*18, p. E12)	ago.	5	<i>O assassino de Atlanta e a patrulha dos EUA</i>
(1999*19, p. E12)	ago.	12	<i>A moral e o abuso sexual infantil</i>
(1999*20, p. E10)	ago.	19	<i>A adolescência venceu</i>
(1999*21, p. E10)	ago.	26	<i>Uma proposta para o Brasil não ser um clube</i>
(1999*22, p. E12)	set.	2	<i>No último kubrick, não leve as crianças</i>
(1999*23, p. E08)	set.	9	<i>Os benefícios de acabar com castas sociais</i>
(1999*24, p. E08)	set.	16	<i>Timor e as hesitações do sujeito moderno</i>
(1999*25, p. E08)	set.	23	<i>A nação indispensável</i>
(1999*26, p. E08)	set.	30	<i>Leituras narcisistas</i>
(1999*27, p. E09)	out.	7	<i>Oficial, gentleman e degredado</i>
(1999*28, p. E08)	out.	14	<i>Serial Killer: um ideal para os nossos tempos</i>
(1999*29, p. E10)	out.	21	<i>O amor dos pais não é panacéia</i>
(1999*30, p. E10)	out.	28	<i>Virilidade em crise</i>
(1999*31, p. E10)	nov.	4	<i>Mas por que o horror faz tanto sucesso?</i>
(1999*32, p. E10)	nov.	11	<i>Feliz aniversário e sonhe com os anjos, Freud!</i>
(1999*33, p. E11)	nov.	18	<i>Lixo da ciência se torna nosso breviário moral</i>
(1999*34, p. E09)	nov.	25	<i>Deprimentes antidepressivos</i>
(1999*35, p. E10)	dez.	2	<i>Utilidade das ficções</i>
(1999*36, p. E09)	dez.	9	<i>Invenções para policiar a vida</i>

(1999*37, p. E10)	dez.	16	<i>O sumiço do erotismo de cada dia</i>
(1999*38, p. E10)	dez.	23	<i>Atenção! Opor-se pode fazer mal à saúde</i>
(1999*39, p. E10)	dez.	30	<i>Um conto de fim de ano</i>
(2000*01, p. E08)	jan.	6	<i>Os jovens reduzem a cinzas das imagens</i>
(2000*02, p. E08)	jan.	13	<i>No ano novo, prometo parecer sincero e autêntico</i>
(2000*03, p. E08)	jan.	20	<i>De onde vem o despertar de uma besteira</i>
(2000*04, p. E08)	jan.	27	<i>Se não posso cometer excesso, por que viver?</i>
(2000*05, p. E08)	fev.	3	<i>Irã, Nigéria, Paquistão, Arábia, Iêmen e EUA</i>
(2000*06, p. E08)	fev.	10	<i>A Europa apavorada consigo mesma</i>
(2000*07, p. E08)	fev.	17	<i>Um custo-Brasil a mais</i>
(2000*08, p. E08)	fev.	24	<i>A terapia da faca e do superbonder</i>
(2000*09, p. E08)	mar.	2	<i>Walter Benjamin e 'Terra Nostra'</i>
(2000*10, p. E08)	mar.	9	<i>Viva o Carnaval na Sapucaí</i>
(2000*11, p. E12)	mar.	16	<i>A culpa e os outros méritos de João Salles</i>
(2000*12, p. E10)	mar.	23	<i>Vamos instituir o concurso Papel de Parede</i>
(2000*13, p. E08)	mar.	30	<i>O álibi do mar de lama</i>
(2000*14, p. E10)	abr.	6	<i>Atenção: homens e mulheres trabalhando</i>
(2000*15, p. E10)	abr.	13	<i>A batalha pela alma de Elián González</i>
(2000*16, p. E14)	abr.	20	<i>Elite também é excluída da história do Brasil</i>
(2000*17, p. E12)	abr.	27	<i>As falsas chantagens da Guerra Fria</i>
(2000*18, p. E10)	maio	4	<i>Escoteiro, homossexual e gentleman</i>
(2000*19, s/p)	maio	11	<i>Arapongas de vanguarda da ideologia norte-americana</i>
(2000*20, p. E10)	maio	18	<i>O risco de se suicidar feliz</i>
(2000*21, p. E08)	maio	25	<i>Inquietações para baderneiros</i>
(2000*22, p. E10)	jun.	1	<i>O que querem os baderneiros de Seattle, Washington e Praga?</i>
(2000*23, p. E07)	jun.	8	<i>Não tem droga do cibersexo: somos apenas desejo-dependentes</i>
(2000*24, p. E08)	jun.	15	<i>O insustentável peso das palavras e das imagens</i>
(2000*25, p. E10)	jun.	22	<i>Ser vítima é bom e explica tudo</i>
(2000*26, p. E10)	jun.	29	<i>A TV-realidade mostra a vida como ela é</i>
(2000*27, p. E10)	jun.	6	<i>Terapias virtuais para nossa realdiade virtual</i>
(2000*28, p. E10)	jun.	13	<i>O segredo de Harry Potter</i>
(2000*29, p. E12)	jun.	20	<i>A nova revolta: responsabilidade ilimitada</i>
(2000*30, p. E12)	jun.	27	<i>Os caça-propaganda, outras figuras da nova revolta</i>
(2000*31, p. E10)	ago.	3	<i>Roubaram (também) o sonho liberal</i>
(2000*32, p. E10)	ago.	10	<i>Pão, Circo e corruptos na cadeia</i>
(2000*33, p. E08)	ago.	17	<i>Saudade de Bill Clinton</i>
(2000*34, p. E08)	ago.	24	<i>O submarino russo: mortes inúteis</i>
(2000*35, p. E08)	ago.	31	<i>Por que Orfeu fica no morro</i>

(2000*36, p. E12)	set.	7	<i>Olimpíada</i>
(2000*37, p. D12)	set.	14	<i>O preço do espírito olímpico</i>
(2000*38, p. D12)	set.	21	<i>Se é proibido perder, jogar fica difícil</i>
(2000*39, p. D12)	set.	28	<i>Corre, Claudinei, Corre</i>
(2000*40, p. E12)	out.	19	<i>Saudosa maloca</i>
(2000*41, p. E10)	out.	26	<i>As crianças do divórcio</i>
(2000*42, p. E10)	nov.	2	<i>Efeitos colaterais</i>
(2000*43, p. E08)	nov.	9	<i>De novo, divórcios e crianças</i>
(2000*44, p. E10)	nov.	16	<i>Conselhos para não gastar demais nas festas</i>
(2000*45, p. E07)	nov.	23	<i>Nas eleições americanas, ninguém votou feliz</i>
(2000*46, p. E07)	nov.	30	<i>Vacina contra as drogas</i>
(2000*47, s/p)	dez.	7	<i>E se a razão não fosse universal?</i>
(2000*48, p. E10)	dez.	14	<i>O paradoxo da razão e de Narciso</i>
(2000*49, p. E08)	dez.	21	<i>Caro Papai Noel, gostaria que todos os psiquiatras...</i>
(2000*50, p. E08)	dez.	28	<i>Prosperidade e miséria da década que acaba</i>
(2001*01, p. E08)	jan.	4	<i>Tampas e painéis de pressão</i>
(2001*02, p. E08)	jan.	11	<i>Leis para indigentes morais</i>
(2001*03, p. E08)	jan.	18	<i>O adolescente deprimido e a professora inválida</i>
(2001*04, p. E10)	jan.	25	<i>Por que escutar adultos inconsistentes?</i>
(2001*05, p. E08)	fev.	1	<i>Uma outra maneira de dar o peito</i>
(2001*06, p. E08)	fev.	8	<i>Músculos impossíveis e invejáveis</i>
(2001*07, p. E08)	fev.	15	<i>Bigode de madame salva africano morrendo de sono</i>
(2001*08, p. E07)	fev.	22	<i>O genoma e a auto-estima da espécie</i>
(2001*09, p. E08)	mar.	1	<i>Darwin virando-se na tumba</i>
(2001*10, p. E08)	mar.	8	<i>Batalha de mitos casamento ou liberdade?</i>
(2001*11, p. E10)	mar.	15	<i>O incrível Hulk em todos nós</i>
(2001*12, p. E08)	mar.	22	<i>Brasil e EUA: uma diferença retórica</i>
(2001*13, p. E08)	mar.	29	<i>Amores possíveis, com um pouco de sorte</i>
(2001*14, p. E08)	abr.	5	<i>Dores do espírito e dos músculos</i>
(2001*15, p. E10)	abr.	12	<i>Preocupações de pais de adolescentes</i>
(2001*16, p. E08)	abr.	19	<i>Felicidade e facilidade na capa</i>
(2001*17, p. E08)	abr.	26	<i>O segredo da acumulação primitiva neoliberal</i>
(2001*18, p. E10)	maio	3	<i>O futuro encolheu</i>
(2001*19, p. E10)	maio	10	<i>O crime de santa Teresa e o 'Custo modernidade'</i>
(2001*20, p. E08)	maio	17	<i>Pena de Morte</i>
(2001*21, p. E08)	maio	24	<i>A vida é o que interessa, o resto não tem pressa</i>
(2001*22, p. E10)	maio	31	<i>"Pearl Harbor" pode ser uma meditação sobre a decadência</i>
(2001*23, p. E11)	jun.	7	<i>A paixão pelo novo e o casamento</i>
(2001*24, p. E08)	jun.	14	<i>Desigualdades intoleráveis</i>

(2001*25, p. E08)	jun.	21	<i>Separados e maduros</i>
(2001*26, p. E10)	jun.	28	<i>O ideal de amor romântico está em que filme?</i>
(2001*27, p. E08)	jun.	5	<i>Gorilas entre nós</i>
(2001*28, p. E08)	jun.	12	<i>A face maléfica dos adultos</i>
(2001*29, p. E10)	jun.	19	<i>Polícia em greve</i>
(2001*30, p. E08)	jun.	26	<i>Valet Parking' e cidadania</i>
(2001*31, p. E10)	ago.	2	<i>Pelas ruas de Gênova, lá vamos nós</i>
(2001*32, p. E08)	ago.	9	<i>Recessão para a molecada</i>
(2001*33, p. E10)	ago.	16	<i>Entre as gerações: a guerra dos gozos</i>
(2001*34, p. E08)	ago.	23	<i>Um (discutível) conselho para casais</i>
(2001*35, p. E08)	ago.	30	<i>Liberdade moral</i>
(2001*36, p. E08)	set.	6	<i>O show de meio milhão</i>
(2001*37, p. E08)	set.	13	<i>Dificuldade em enxergar os inimigos</i>
(2001*38, p. E08)	set.	20	<i>De onde vêm os terroristas</i>
(2001*39, p. E10)	set.	27	<i>Guerra contra quem?</i>
(2001*40, p. E10)	out.	4	<i>Escombros do World Trade Center</i>
(2001*41, p. E08)	out.	11	<i>Os jovens da Universidade Columbia e a guerra</i>
(2001*42, p. E08)	out.	18	<i>Al Qaeda conta com o pacifismo incondicional</i>
(2001*43, p. E10)	out.	25	<i>A importância da vida concreta</i>
(2001*44, p. E10)	nov.	1	<i>O que pensam os afegãos?</i>
(2001*45, p. E10)	nov.	8	<i>Dia das Bruxas em Paris</i>
(2001*46, p. E10)	nov.	15	<i>Somos violentos e democráticos, mas posudos</i>
(2001*47, p. E10)	nov.	22	<i>Os fiéis a Harry Potter</i>
(2001*48, p. E10)	nov.	29	<i>A guerra entre os corpos e as burgas</i>
(2001*49, s/p)	dez.	6	<i>Um amigo na Alemanha</i>
(2001*50, p. E10)	dez.	13	<i>Assanhados ou toxicômanos</i>
(2001*51, p. E10)	dez.	20	<i>O espírito de Natal</i>
(2001*52, p. E06)	dez.	27	<i>Balanços, casais e um propósito para o ano novo</i>
(2002*01, p. E06)	jan.	3	<i>Contamos contigo, Frodo Bolseiro</i>
(2002*02, p. E08)	jan.	10	<i>A terapia do doutor Cinema</i>
(2002*03, p. E08)	jan.	17	<i>Separações difíceis e, muitas vezes, inúteis</i>
(2002*04, p. E08)	jan.	24	<i>Sem posse da rua, não há comunidade</i>
(2002*05, p. E10)	jan.	31	<i>A moda: Belezas extremas e indecisas</i>
(2002*06, p. E08)	fev.	14	<i>Entre POA e NY mal-entendidos e um grito de guerra</i>
(2002*07, p. E08)	fev.	21	<i>Sequestro uma imagem de nosso arcaísmo</i>
(2002*08, p. E10)	fev.	28	<i>Vida e morte de um ideal Jack Henry Abbott</i>
(2002*09, p. E10)	mar.	7	<i>A tirania da experiência</i>
(2002*10, p. E08)	mar.	14	<i>Convivendo com a Bomba atômica</i>
(2002*11, p. E12)	mar.	21	<i>A arte Cretina e o Genocídio</i>

(2002*12, p. E10)	mar.	28	<i>O mal de Alzheimer e o sonho de ter uma casa</i>
(2002*13, p. E08)	abr.	4	<i>Ecos da guerra em Israel e na Palestina</i>
(2002*14, p. E08)	abr.	11	<i>“Os diários da babá” e a brutalidade das dondocas</i>
(2002*15, p. E08)	abr.	18	<i>Cuidado: o uso desse aparelho pode produzir violência</i>
(2002*16, p. E08)	abr.	25	<i>A fantasia do pedófilo</i>
(2002*17, p. E08)	maio	2	<i>Pornografia virtual e moralismo perigosos</i>
(2002*18, p. E10)	maio	9	<i>Quem vota em Jean-Marie le Pen?</i>
(2002*19, p. E08)	maio	16	<i>O Homem-Aranha e o ‘american way’</i>
(2002*20, p. E08)	maio	23	<i>Maluf na cabeça</i>
(2002*21, p. E10)	maio	30	<i>Populismo americano</i>
(2002*22, p. E10)	jun.	6	<i>Seja utopista, peça o possível</i>
(2002*23, p. E08)	jun.	13	<i>Crise de confiança (para David Riesman)</i>
(2002*24, p. E08)	jun.	20	<i>Mata, mas não estripa</i>
(2002*25, p. E08)	jun.	27	<i>O pato, a nostalgia e a indústria do aconchego</i>
(2002*26, p. E10)	jun.	4	<i>A festa da final, entre São Paulo e Nova York</i>
(2002*27, p. E10)	jun.	11	<i>Realismo americano</i>
(2002*28, p. E08)	jun.	18	<i>A educação sexual e o uso do prazer</i>
(2002*29, p. E08)	jun.	25	<i>A feira dos remédios, em que uma certa psiquiatria vende sua alma</i>
(2002*30, p. E10)	ago.	1	<i>Sofrendo de doenças futuras o custo da detecção precoce</i>
(2002*31, p. E09)	ago.	8	<i>Crise do mercado ou crise do sujeito?</i>
(2002*32, p. E08)	ago.	15	<i>A psicologia forense, a origem do mal e a culpa dos outros</i>
(2002*33, p. E10)	ago.	22	<i>As eleições e a famosa falta de debate de fundo</i>
(2002*34, p. E08)	ago.	29	<i>Por que não gosto de eleições</i>
(2002*35, p. E12)	set.	5	<i>O álbum de fotografias e a solidão</i>
(2002*36, p. E14)	set.	12	<i>Lembranças do dia 11 de setembro</i>
(2002*37, p. E12)	set.	19	<i>O sorriso de Fernandinho Beira-Mar</i>
(2002*38, p. E12)	set.	26	<i>Instantâneos eleitorais</i>
(2002*39, p. E12)	out.	3	<i>Vida diet e Lula Light</i>
(2002*40, p. E14)	out.	10	<i>Devaneios do primeiro turno</i>
(2002*41, p. E08)	out.	17	<i>Seis razões para votar em Enéas</i>
(2002*42, p. E12)	out.	24	<i>Conversas sobre eleições e cidadania</i>
(2002*43, p. E12)	out.	31	<i>As origens humildes do novo presidente</i>
(2002*44, p. E10)	nov.	7	<i>Balanços do boom dos anos 90</i>
(2002*45, p. E14)	nov.	14	<i>Suzane pano de fundo</i>
(2002*46, p. E12)	nov.	21	<i>Edifício Master</i>
(2002*47, p. E08)	nov.	28	<i>Simulando a vida</i>
(2002*48, p. E10)	dez.	5	<i>Na passarela de Miss Mundo, lá vamos nós</i>
(2002*49, p. E12)	dez.	12	<i>Vida divertida ou vida interessante?</i>

(2002*50, p. E14)	dez.	19	<i>A estrela na lapela</i>
(2002*51, p. E08)	dez.	26	<i>Natal com John Rawls</i>
(2003*01, p. E08)	jan.	2	<i>Comilança, bebedeiras e outros excessos</i>
(2003*02, p. E10)	jan.	9	<i>Made in Brazil</i>
(2003*03, p. E10)	jan.	16	<i>A guerra quem vem</i>
(2003*04, p. E10)	jan.	23	<i>Nostalgia dos tubarões</i>
(2003*05, p. E10)	jan.	30	<i>Eclipse da Razão política</i>
(2003*06, p. E10)	fev.	6	<i>Deus é brasileiro</i>
(2003*07, p. E10)	fev.	13	<i>Casamento sem Sexo</i>
(2003*08, p. E10)	fev.	20	<i>Pacifistas e Guerreadores</i>
(2003*09, p. E10)	fev.	27	<i>Solidões inúteis</i>
(2003*10, p. E08)	mar.	6	<i>O carnaval e a guerra do Rio</i>
(2003*11, p. E08)	mar.	13	<i>Por favor, não atirem no pianista</i>
(2003*12, p. E10)	mar.	20	<i>Outsider</i>
(2003*13, p. E08)	mar.	27	<i>Notas à margem dos primeiros dias de guerra</i>
(2003*14, p. E08)	abr.	3	<i>Dois perdidos numa noite suja</i>
(2003*15, p. E08)	abr.	10	<i>As identificações e a possibilidade de pensar</i>
(2003*16, p. E08)	abr.	17	<i>Hollywood dentro de nós</i>
(2003*17, p. E08)	abr.	24	<i>A masturbação está fora de moda</i>
(2003*18, p. E12)	maio	1	<i>No Museu de Bagdá com Ali Ismail</i>
(2003*19, p. E12)	maio	8	<i>Sexo na terceira idade</i>
(2003*20, p. E12)	maio	15	<i>Transexuais, travestis e afins</i>
(2003*21, p. E12)	maio	22	<i>Você sabe morrer?</i>
(2003*22, p. E12)	maio	29	<i>“Matrix Reloaded” e a arte manobrar as pipas</i>
(2003*23, p. E12)	jun.	5	<i>A dor dos outros</i>
(2003*24, p. E12)	jun.	12	<i>O Trauma está na moda</i>
(2003*25, p. E10)	jun.	19	<i>A mídia e as memórias de Hillary Clinton</i>
(2003*26, p. E14)	jun.	26	<i>Por que a guerra no Iraque?</i>
(2003*27, p. E10)	jun.	3	<i>Vitória da intimidade</i>
(2003*28, p. E14)	jun.	10	<i>Sonhar com o fim do Mundo</i>
(2003*29, p. E12)	jun.	17	<i>Vidas em quadrinhos</i>
(2003*30, p. E12)	jun.	24	<i>Escolher uma profissão</i>
(2003*31, p. E12)	jun.	31	<i>Um prédio ocupado, em Curitiba</i>
(2003*32, p. E10)	ago.	7	<i>O que é um psicoterapeuta</i>
(2003*33, p. E10)	ago.	14	<i>Paulinho da viola e nosso uso do tempo</i>
(2003*34, p. E12)	ago.	21	<i>O casamento gay e a volta da intolerância</i>
(2003*35, p. E10)	ago.	28	<i>Danos, compensações e revolta</i>
(2003*36, p. E10)	set.	4	<i>Contas do passado e dificuldades do presente</i>
(2003*37, p. E10)	set.	11	<i>Fazer a coisa certa</i>

(2003*38, p. E12)	set.	18	<i>Schwarzenegger Governador da Califórnia</i>
(2003*39, p. E12)	set.	25	<i>Marta Suplicy e Luis Favre: por que tanta zombaria</i>
(2003*40, p. E10)	out.	2	<i>Ostentação</i>
(2003*41, p. E14)	out.	9	<i>Para Diane Arbus</i>
(2003*42, p. E12)	out.	16	<i>A vida faz sentido A) Muito B) Nenhum C) Um pouco</i>
(2003*43, p. E12)	out.	23	<i>Solidões voluntárias</i>
(2003*44, p. E12)	out.	30	<i>Dramas e Tragédias</i>
(2003*45, p. E12)	nov.	6	<i>Quem matou Sylvia Plath</i>
(2003*46, p. E14)	nov.	13	<i>“O presente” do MixBrasil</i>
(2003*47, p. E14)	nov.	20	<i>Os loucos, os delinquentes e a arrogância da razão</i>
(2003*48, p. E12)	nov.	27	<i>Em defesa de Michael Jackson</i>
(2003*49, p. E12)	dez.	4	<i>De volta ao Teatro Oficina</i>
(2003*50, p. E10)	dez.	11	<i>Conselhos para encontrar um amor no verão</i>
(2003*51, p. E10)	dez.	18	<i>Quem julgará Saddam Hussein?</i>
(2003*52, p. E08)	dez.	25	<i>É natal</i>
(2004*01, p. E08)	jan.	1	<i>Adeus, ano Velho</i>
(2004*02, p. E10)	jan.	8	<i>Os feridos das festas</i>
(2004*03, p. E12)	jan.	15	<i>Quedas Livres</i>
(2004*04, p. E10)	jan.	22	<i>São Paulo 450</i>
(2004*05, p. E12)	jan.	29	<i>Filme Do Cão</i>
(2004*06, p. E10)	fev.	5	<i>Volta a Dogville</i>
(2004*07, p. E10)	fev.	12	<i>Consumidores e assanhados</i>
(2004*08, p. E10)	fev.	19	<i>Ataque dos clones</i>
(2004*09, p. E10)	fev.	26	<i>“Peixe Grande” e a paixão pela vida</i>
(2004*10, p. E08)	mar.	4	<i>A arte do retrato</i>
(2004*11, p. E10)	mar.	11	<i>Os estados desunidos da mente</i>
(2004*12, p. E14)	mar.	18	<i>A paixão de Cristo</i>
(2004*13, p. E10)	mar.	25	<i>Admiráveis mulheres</i>
(2004*14, p. E12)	abr.	1	<i>Desemprego</i>
(2004*15, p. E10)	abr.	8	<i>Adolescentes, entre um elefante e as cobras de Samwaad</i>
(2004*16, p. E12)	abr.	15	<i>Carta aberta a Silvio Santos</i>
(2004*17, p. E12)	abr.	22	<i>O diálogo contra o conflito</i>
(2004*18, p. E12)	abr.	29	<i>Benjamim Zambraia e Tom Ripley</i>
(2004*19, p. E14)	maio	6	<i>“Diários de motocicleta”</i>
(2004*20, p. E12)	maio	13	<i>As fotografias dos presos iraquianos</i>
(2004*21, p. E10)	maio	20	<i>De onde vem o autoritarismo</i>
(2004*22, p. E12)	maio	27	<i>Os “tarados” de Abu Ghraib</i>
(2004*23, p. E12)	jun.	3	<i>Paranóias e conspirações</i>
(2004*24, p. E12)	jun.	10	<i>Benfica e a Funai da marginalidade</i>

(2004*25, p. E10)	jun.	17	<i>Guerras íntimas</i>
(2004*26, p. E10)	jun.	24	<i>“Cazuza”</i>
(2004*27, p. E12)	jun.	1	<i>Acabou “Celebridade”</i>
(2004*28, p. E10)	jun.	8	<i>Djair mora aqui</i>
(2004*29, p. E08)	ago.	5	<i>Campanhas para eleitores reprimidos e narcisistas</i>
(2004*30, p. E12)	ago.	12	<i>Preâmbulo sobre o projeto de fiscalizar cinema e audiovisual</i>
(2004*31, p. E12)	ago.	19	<i>Proposta para a criação da Anlivimp</i>
(2004*32, p. E08)	ago.	26	<i>Quem tem medo dos moradores de rua?</i>
(2004*33, p. E10)	set.	2	<i>A corrida de Vanderlei Cordeiro de Lima</i>
(2004*34, p. E12)	set.	9	<i>Um novo código para os psicólogos</i>
(2004*35, p. E14)	set.	16	<i>“Cama de Gato”</i>
(2004*36, p. E12)	set.	23	<i>Controlar e Regular</i>
(2004*37, p. E08)	set.	30	<i>Elogio das eleições</i>
(2004*38, p. E10)	out.	7	<i>A cura da homossexualidade</i>
(2004*39, p. E12)	out.	14	<i>De novo, sobre a cura da homossexualidade</i>
(2004*40, p. E12)	out.	21	<i>“A dona da História”</i>
(2004*41, p. E12)	out.	28	<i>Achados e perdidos</i>
(2004*42, p. E14)	nov.	4	<i>Eleições americanas</i>
(2004*43, p. E12)	nov.	11	<i>Sozinho ou acompanhado?</i>
(2004*44, p. E14)	nov.	18	<i>“Transex”</i>
(2004*45, p. E10)	nov.	25	<i>Lula e os peões</i>
(2004*46, p. E10)	dez.	2	<i>Uma condição básica para uma polícia eficiente</i>
(2004*47, p. E12)	dez.	9	<i>A receita de Mario Tatini</i>
(2004*48, p. E12)	dez.	16	<i>Negros brasileiros</i>
(2004*49, p. E10)	dez.	23	<i>Sentimentos mais ou menos natalinos</i>
(2004*50, p. E08)	dez.	30	<i>Afeto e família</i>
(2005*01, p. E10)	jan.	6	<i>O tsunami, o câncer, a Aids e outras coisas que não têm sentido</i>
(2005*02, p. E10)	jan.	13	<i>Atirar para matar</i>
(2005*03, p. E12)	jan.	20	<i>Um teatro, um centro comercial e um monumento</i>
(2005*04, p. E10)	jan.	27	<i>Eleições no Iraque: ódio da democracia, ódio do ocidente</i>
(2005*05, p. E08)	fev.	3	<i>Closer- perto demais por que somos infelizes em amor</i>
(2005*06, p. E08)	fev.	10	<i>Viver por quê</i>
(2005*07, p. E10)	fev.	17	<i>A menina e o aviador</i>
(2005*08, p. E12)	fev.	24	<i>Moralistas imorais</i>
(2005*09, p. E16)	mar.	3	<i>Dificuldades do juízo estético</i>
(2005*10, p. E10)	mar.	10	<i>A aventura do fim do mundo</i>
(2005*11, p. E16)	mar.	17	<i>A nova norma sobre o aborto em caso de estupro</i>
(2005*12, p. E12)	mar.	24	<i>Gravidade e complexidade do estupro</i>

(2005*13, p. E14)	mar.	31	<i>A música, a letra e as palavras de José Miguel Wisnik</i>
(2005*14, p. E12)	abr.	7	<i>A chacina da baixada Fluminense e o uso de mercenários</i>
(2005*15, p. E14)	abr.	14	<i>Os casamentos de Charles e “Jogos Subterrâneos”</i>
(2005*16, p. E12)	abr.	21	<i>A república dos doutores</i>
(2005*17, p. E14)	abr.	28	<i>Kinsey: vamos falar de sexo</i>
(2005*18, p. E14)	maio	5	<i>Um circo de rins, fígados e informações confidenciais</i>
(2005*19, p. E12)	maio	12	<i>“Calcinha no varal”</i>
(2005*20, p. E14)	maio	19	<i>Segurança e liberdade</i>
(2005*21, p. E12)	maio	26	<i>Os casamentos e as separações dos famosos</i>
(2005*22, p. E12)	jun.	2	<i>O ocidente inimigo de si mesmo</i>
(2005*23, p. E14)	jun.	9	<i>O sociopata, nosso vizinho</i>
(2005*24, p. E12)	jun.	16	<i>O sexo das moscas e o da gente</i>
(2005*25, p. E14)	jun.	23	<i>O estrago do mensalão</i>
(2005*26, p. E12)	jun.	30	<i>O que é politicamente correto?</i>
(2005*27, p. E14)	jun.	7	<i>Roberto Jefferson e a “Guerra dos mundos”</i>
(2005*28, p. E12)	jun.	14	<i>Londres com Edward Said</i>
(2005*29, p. E12)	jun.	21	<i>Um tempo para pensar e um tempo para concluir</i>
(2005*30, p. E10)	jun.	28	<i>“A fantástica fábrica de chocolate”</i>
(2005*31, p. E12)	ago.	4	<i>O momento atual e a mediocridade das elites</i>
(2005*32, p. E14)	ago.	11	<i>Bartleby</i>
(2005*33, p. E14)	ago.	18	<i>Mensalão, caixas dois e outros falcatruas: essência ou acidentes</i>
(2005*34, p. E12)	ago.	25	<i>“Hotel Ruanda” e o espírito de porco da razão</i>
(2005*35, p. E16)	set.	1	<i>“2 Filhos de Francisco” e meu gosto pela música sertaneja</i>
(2005*36, p. E12)	set.	8	<i>Nova Orleans e a confiança básica no mundo</i>
(2005*37, p. E14)	set.	15	<i>Antes sós do que (mal) acompanhados</i>
(2005*38, p. E12)	set.	22	<i>Luxo e avareza</i>
(2005*39, p. E12)	set.	29	<i>É possível estar mal e pensar direito</i>
(2005*40, p. E12)	out.	6	<i>Armas: a solução de João</i>
(2005*41, p. E14)	out.	13	<i>“Fadas no divã”</i>
(2005*42, p. E12)	out.	20	<i>Assim é a vida</i>
(2005*43, p. E14)	out.	27	<i>Saber ler e escrever</i>
(2005*44, p. E14)	nov.	3	<i>A armadilha da corrupção</i>
(2005*45, p. E14)	nov.	10	<i>Melhor não conhecer quem você ama</i>
(2005*46, p. E16)	nov.	17	<i>O mundo como nação</i>
(2005*47, p. E17)	nov.	24	<i>Religião por quê ou para quê</i>
(2005*48, p. E18)	dez.	1	<i>O novo espetáculo do projeto Dança Comunidade</i>
(2005*49, p. E12)	dez.	8	<i>Uma história do desejo</i>
(2005*50, p. E14)	dez.	15	<i>Filmes para toda a família</i>

(2005*51, p. E12)	dez.	22	<i>Espírito de Natal</i>
(2005*52, p. E10)	dez.	29	<i>O fim do ano e o medo de perder</i>
(2006*01, p. E12)	jan.	5	<i>Apenas um beijo</i>
(2006*02, p. E14)	jan.	12	<i>O aborto dos outros</i>
(2006*03, p. E12)	jan.	19	<i>A marcha dos pinguins e a origem da moral</i>
(2006*04, p. E12)	jan.	26	<i>Para uma São Paulo de Sonho</i>
(2006*05, p. E10)	fev.	2	<i>Culpa e vergonha (moralidade 1)</i>
(2006*06, p. E10)	fev.	9	<i>Dois tipos de vergonha (moralidade 2)</i>
(2006*07, p. E10)	fev.	16	<i>Privilegiados sem-vergonha</i>
(2006*08, p. E10)	fev.	23	<i>A vergonha de ser pobre</i>
(2006*09, p. E10)	mar.	2	<i>Apocalipse agora</i>
(2006*10, p. E16)	mar.	9	<i>Os Iks, Kitty Genovese e o Engenho de Dentro</i>
(2006*11, p. E12)	mar.	16	<i>Mentiras Sinceras</i>
(2006*12, p. E12)	mar.	23	<i>Os solitários</i>
(2006*13, p. E14)	mar.	30	<i>O discurso dos políticos</i>
(2006*14, p. E14)	abr.	6	<i>Corpo e mente</i>
(2006*15, p. E10)	abr.	13	<i>O verdadeiro petista</i>
(2006*16, p. E12)	abr.	20	<i>Meu jeito de ser crítico (e um pedido para “Filhos do carnaval”)</i>
(2006*17, p. E12)	abr.	27	<i>Estrela Solitária: fuga para o passado</i>
(2006*18, p. E12)	maio	4	<i>Palavras vazias</i>
(2006*19, p. E14)	maio	11	<i>Os 120 Dias de Sodoma</i>
(2006*20, p. E10)	maio	18	<i>Em companhia de Freud</i>
(2006*21, p. E14)	maio	25	<i>De Jerusalém</i>
(2006*22, s/p)	jun.	15	<i>Um Deus para nossos desejos</i>
(2006*23, p. E12)	jun.	22	<i>Os revolucionários silenciosos</i>
(2006*24, p. E10)	jun.	29	<i>Católicos do jeito deles</i>
(2006*25, p. E10)	jun.	6	<i>O que faz um casal?</i>
(2006*26, p. E12)	jun.	13	<i>As garrafas de Morandi</i>
(2006*27, p. E12)	jun.	20	<i>Cadê os cidadãos de São Paulo</i>
(2006*28, p. E14)	jun.	27	<i>Segurança, melancolia e inércia</i>
(2006*29, p. E12)	ago.	3	<i>Estamira e “transamérica”</i>
(2006*30, p. E16)	ago.	10	<i>A face grotesca do poder</i>
(2006*31, p. E12)	ago.	17	<i>Anjos do Sol</i>
(2006*32, p. E12)	ago.	24	<i>O espírito das Casas</i>
(2006*33, p. E14)	ago.	31	<i>O voto radical chique</i>
(2006*34, p. E14)	set.	7	<i>Vôo united 93, quatro estrelas</i>
(2006*35, p. E14)	set.	14	<i>O maior amor do mundo</i>
(2006*36, p. E14)	set.	21	<i>Confusões morais perigosas</i>
(2006*37, p. E14)	set.	28	<i>Um filme de amor</i>

(2006*38, p. E12)	out.	5	<i>Av Faria Lima, Berlim Leste</i>
(2006*39, p. E14)	out.	12	<i>Outdoors ou não</i>
(2006*40, p. E16)	out.	19	<i>O Piauí é aqui</i>
(2006*41, p. E16)	out.	26	<i>Quantos você matou?</i>
(2006*42, p. E14)	nov.	2	<i>Viva o cinema</i>
(2006*43, p. E14)	nov.	9	<i>O ano em que Meus Pais...</i>
(2006*44, p. E14)	nov.	16	<i>Psicopatas bem ou malsucedidos</i>
(2006*45, p. E16)	nov.	23	<i>O Céu de Suely</i>
(2006*46, p. E16)	nov.	30	<i>O poder da reza</i>
(2006*47, p. E16)	dez.	7	<i>Crazy - Loucos de Amor</i>
(2006*48, p. E20)	dez.	14	<i>Inocência e as mesas de bar</i>
(2006*49, p. E15)	dez.	21	<i>Mudar de gênero</i>
(2006*50, p. E10)	dez.	28	<i>Doutrina, lei e consciência</i>
(2007*51, p. E10)	jan.	4	<i>Em direção ao Sul</i>
(2007*52, p. E10)	jan.	11	<i>Os sonhos dos adolescentes</i>
(2007*01, p. E10)	jan.	18	<i>Para que servem as ficções?</i>
(2007*02, p. E20)	jan.	25	<i>Você quer mesmo ser feliz?</i>
(2007*03, p. E12)	fev.	1	<i>Devaneios e mágicas</i>
(2007*04, p. E10)	fev.	8	<i>O futuro da humanidade</i>
(2007*05, p. E12)	fev.	15	<i>Maioridade penal e hipocrisia</i>
(2007*06, p. E10)	fev.	22	<i>Raciocínios “motivados”</i>
(2007*07, p. E12)	mar.	1	<i>“Pecados íntimos”</i>
(2007*08, p. E19)	mar.	8	<i>Mistérios de dentro ou de fora</i>
(2007*09, p. E10)	mar.	15	<i>Fama e narcisismo</i>
(2007*10, p. E12)	mar.	22	<i>“My Fair Lady”</i>
(2007*11, p. E12)	mar.	29	<i>O “mea-culpa” pela escravatura</i>
(2007*12, p. E14)	abr.	5	<i>Pequenos furtos, manchas e alívios</i>
(2007*13, p. E14)	abr.	12	<i>O hedonismo em “Roma” e entre nós</i>
(2007*14, p. E14)	abr.	19	<i>Somos culpados, mas de quê?</i>
(2007*15, p. E12)	abr.	26	<i>Sobre o atirador de Virginia Tech</i>
(2007*16, p. E12)	maio	3	<i>“O Sol se Põe em São Paulo”</i>
(2007*17, p. E16)	maio	10	<i>Ajudar é difícil</i>
(2007*18, p. E12)	maio	17	<i>Devaneios papais</i>
(2007*19, p. E10)	maio	24	<i>A liberdade de quem migra</i>
(2007*20, p. E12)	maio	31	<i>Vidas bem vividas</i>
(2007*21, p. E12)	jun.	7	<i>“Zodíaco”</i>
(2007*22, p. E12)	jun.	5	<i>Quadrilhas de canalhas</i>
(2007*23, p. E14)	jun.	12	<i>“Ratatouille” e o desejo</i>
(2007*24, p. E12)	jun.	19	<i>Brincadeiras Radicais</i>

(2007*25, p. E12)	jun.	26	<i>Para que serve o jornal?</i>
(2007*26, p. E12)	ago.	2	<i>As nossas histórias e “A História”</i>
(2007*27, p. E12)	ago.	9	<i>Antonioni</i>
(2007*28, p. E12)	ago.	16	<i>Antidepressivos, aspirinas e urubus</i>
(2007*29, p. E14)	ago.	23	<i>A vida de Santiago</i>
(2007*30, p. E12)	ago.	30	<i>Vida estética</i>
(2007*31, p. E12)	set.	6	<i>Tristeza e dignidade do suicídio</i>
(2007*32, p. E13)	set.	13	<i>Um fotógrafo da modernidade</i>
(2007*33, p. E12)	set.	20	<i>A história de Querô</i>
(2007*34, p. E18)	set.	27	<i>Depressão e terapia</i>
(2007*35, p. E12)	out.	4	<i>O segredo da vida de um casal</i>
(2007*36, p. E16)	out.	11	<i>“Tropa de Elite”</i>
(2007*37, p. E16)	out.	18	<i>Atualizações</i>
(2007*38, p. E16)	out.	25	<i>Infel’</i>
(2007*39, p. E14)	nov.	1	<i>“O Passado”</i>
(2007*40, p. E15)	nov.	8	<i>A história da Gente</i>
(2007*41, p. E18)	nov.	15	<i>Yoko Ono</i>
(2007*42, p. E14)	nov.	22	<i>Narciso no país das maravilhas</i>
(2007*43, p. E16)	nov.	29	<i>Ilhas desconhecidas</i>
(2007*44, p. E14)	dez.	6	<i>“A vida dos outros”</i>
(2007*45, p. E16)	dez.	13	<i>Os novos janízaros</i>
(2007*46, p. E15)	dez.	20	<i>Presentes para as festas</i>
(2007*47, p. E10)	dez.	27	<i>O saber dos poucos e o dos muitos</i>
(2008*01, p. E10)	jan.	3	<i>Meu Nome Não É Johnny’</i>
(2008*02, p. E12)	jan.	10	<i>Liberdade para o quê?</i>
(2008*03, p. E13)	jan.	17	<i>Reparação</i>
(2008*04, p. E14)	jan.	24	<i>O Signo da Cidade’</i>
(2008*05, p. E12)	fev.	14	<i>Eleições americanas</i>
(2008*06, p. E12)	fev.	21	<i>Me Larga!’ (e me abraça!)</i>
(2008*07, p. E12)	fev.	28	<i>Será que era só isso?</i>
(2008*08, p. E14)	mar.	6	<i>Rambo</i>
(2008*09, p. E15)	mar.	13	<i>É proibido viajar</i>
(2008*10, p. E16)	mar.	20	<i>O moralizador</i>
(2008*11, p. E14)	mar.	27	<i>Corpos idosos e eróticos</i>
(2008*12, p. E14)	abr.	3	<i>O sonho de Martin Luther King</i>
(2008*13, p. E15)	abr.	10	<i>Comoção pela morte de Isabella</i>
(2008*14, p. E14)	abr.	17	<i>O trauma do amor</i>
(2008*15, p. E14)	abr.	24	<i>A turba do ‘pega e lincha’</i>
(2008*16, p. E14)	maio	1	<i>Narcisismo de homens e mulheres</i>

(2008*17, p. E20)	maio	8	<i>Guias para aventureiros</i>
(2008*18, p. E14)	maio	15	<i>Solidariedade a Ronaldo e Hemingway</i>
(2008*19, p. E14)	maio	22	<i>Sábado no Sesc</i>
(2008*20, p. E14)	maio	29	<i>Europa (ou Itália)</i>
(2008*21, p. E14)	jun.	5	<i>O luxo, Dorfles e Saint Laurent</i>
(2008*22, p. E16)	jun.	12	<i>Como contar a nossa história?</i>
(2008*23, p. E14)	jun.	19	<i>Pichações</i>
(2008*24, p. E13)	jun.	26	<i>Amores silenciosos</i>
(2008*25, p. E14)	jun.	3	<i>Ser homem ou mulher</i>
(2008*26, p. E11)	jun.	10	<i>Volta de Paraty</i>
(2008*27, p. E12)	jun.	17	<i>Desgosto</i>
(2008*28, p. E12)	jun.	24	<i>O risco de se perder</i>
(2008*29, p. E12)	jun.	31	<i>Batman, as trevas e a moda</i>
(2008*30, p. E15)	ago.	7	<i>Homens grávidos</i>
(2008*31, p. E15)	ago.	14	<i>Sexo 'artístico'</i>
(2008*32, p. E16)	ago.	21	<i>César, Diego e nós</i>
(2008*33, p. E14)	ago.	28	<i>Olimpiada e diários de guerra</i>
(2008*34, p. E13)	set.	4	<i>Ciúme</i>
(2008*35, p. E16)	set.	11	<i>Linha de Passe'</i>
(2008*36, p. E16)	set.	18	<i>Ensaio sobre a Cegueira'</i>
(2008*37, p. E17)	set.	25	<i>O comandante McCain</i>
(2008*38, p. E13)	out.	2	<i>Aritmética da crise</i>
(2008*39, p. E14)	out.	9	<i>Pensamentos eleitorais</i>
(2008*40, p. E12)	out.	16	<i>Marta com McCain</i>
(2008*41, p. E16)	out.	23	<i>A sexualidade de quem governa</i>
(2008*42, p. E16)	out.	30	<i>Dormindo com inimigos?</i>
(2008*43, p. E13)	nov.	6	<i>Adultérios na internet</i>
(2008*44, p. E12)	nov.	13	<i>Mais adultérios virtuais</i>
(2008*45, p. E12)	nov.	20	<i>Vicky Cristina Barcelona'</i>
(2008*46, p. E15)	nov.	27	<i>Simulações perigosas</i>
(2008*47, p. E08)	dez.	4	<i>Uma crise 'cultural'</i>
(2008*48, p. E15)	dez.	11	<i>Zoé e o demônio do meio-dia</i>
(2008*49, p. E13)	dez.	18	<i>Calculando os danos</i>
(2008*50, p. E10)	dez.	25	<i>Adoráveis vampiros</i>
(2009*01, p. E08)	jan.	1	<i>Um Ano Novo Feliz e desconfiado</i>
(2009*02, p. E10)	jan.	22	<i>A Itália e o caso Battisti</i>
(2009*03, p. E10)	jan.	29	<i>O luxo e o trabalho do artesão</i>
(2009*04, p. E12)	fev.	5	<i>A rua da revolução</i>
(2009*05, p. E14)	fev.	12	<i>Tiranias infantil</i>

(2009*06, p. E12)	fev.	19	<i>Trotes de calouros</i>
(2009*07, p. E10)	fev.	26	<i>“Milk”, o preço da liberdade</i>
(2009*08, p. E10)	mar.	5	<i>Lideranças e castelos</i>
(2009*09, p. E12)	mar.	12	<i>Um arcebispo mais ou menos</i>
(2009*10, p. E13)	mar.	19	<i>Coisa de homens</i>
(2009*11, p. E12)	mar.	26	<i>Crimes insignificantes</i>
(2009*12, p. E12)	abr.	2	<i>Cinema na escola</i>
(2009*13, p. E14)	abr.	9	<i>Chávez com nhoque</i>
(2009*14, p. E14)	abr.	16	<i>Lembranças traumáticas</i>
(2009*15, p. E14)	abr.	23	<i>I love Susan Boyle</i>
(2009*16, p. E17)	abr.	30	<i>Crimes e pedras</i>
(2009*17, p. E14)	maio	7	<i>Ahmadinejad e Foucault</i>
(2009*18, p. E14)	maio	14	<i>Valores positivos</i>
(2009*19, p. E12)	maio	21	<i>Anjos, demônios e chocolate</i>
(2009*20, p. E13)	maio	28	<i>Pedestres</i>
(2009*21, p. E16)	jun.	18	<i>De Lacoste a Veneza, com Sade</i>
(2009*22, p. E12)	jun.	25	<i>Amores e mudanças</i>
(2009*23, p. E10)	jun.	2	<i>Crianças fora da infância</i>
(2009*24, p. E12)	jun.	9	<i>Um novo ideal masculino</i>
(2009*25, p. E10)	jun.	16	<i>Educar pelo cinema</i>
(2009*26, p. E11)	jun.	23	<i>Conversando com Ferreira Gullar</i>
(2009*27, p. E16)	jun.	30	<i>Em defesa de Berlusconi</i>
(2009*28, p. E16)	ago.	6	<i>Entre pai e filha</i>
(2009*29, p. E14)	ago.	13	<i>Imitar e mostrar as pombas</i>
(2009*30, p. E14)	ago.	20	<i>Discordar de nosso próprio desejo</i>
(2009*31, p. E14)	ago.	27	<i>Saber e experiência</i>
(2009*32, p. E14)	set.	3	<i>Passivo cultural</i>
(2009*33, p. E14)	set.	10	<i>Casamentos possíveis</i>
(2009*34, p. E12)	set.	17	<i>A dificuldade de dizer não (ou sim)</i>
(2009*35, p. E15)	set.	24	<i>O amor entre pais e filhos</i>
(2009*36, p. E17)	out.	1	<i>Raças e cotas</i>
(2009*37, p. E13)	out.	8	<i>Razão, crença e dúvida</i>
(2009*38, p. E12)	out.	15	<i>O prazer da vingança</i>
(2009*39, p. E12)	out.	22	<i>Charmes do celibato</i>
(2009*40, p. E14)	out.	29	<i>Clichês de vida e de morte</i>
(2009*41, p. E15)	nov.	5	<i>A turba da Uniban</i>
(2009*42, p. E13)	nov.	12	<i>Impasse de um sonho moderno?</i>
(2009*43, p. E19)	nov.	19	<i>“In vino veritas”</i>
(2009*44, p. E15)	nov.	26	<i>Adultos infantilizados</i>

(2009*45, p. E14)	dez.	3	<i>Presentes de Natal</i>
(2009*46, p. E16)	dez.	10	<i>Lembranças de César Benjamin</i>
(2009*47, p. E17)	dez.	17	<i>Sala dos passos perdidos</i>
(2009*48, p. E10)	dez.	24	<i>A dificuldade de entender Waterloo</i>
(2010*01, p. E12)	jan.	28	<i>Volta com pôr do Sol</i>
(2010*02, p. E12)	fev.	4	<i>A fraqueza faz a força</i>
(2010*03, p. E10)	fev.	11	<i>A injeção do dia depois</i>
(2010*04, p. E14)	fev.	18	<i>A lealdade das mulheres</i>
(2010*05, p. E14)	fev.	25	<i>Um herói americano</i>
(2010*06, p. E18)	mar.	4	<i>Lembranças e brigas</i>
(2010*07, p. E14)	mar.	11	<i>Em defesa dos habitantes das falklands</i>
(2010*08, p. E16)	mar.	18	<i>O custo de nossa fé na redenção</i>
(2010*09, p. E14)	mar.	25	<i>Injeções de obediência</i>
(2010*10, p. E14)	abr.	1	<i>Pedófilos, celibatários e infalíveis</i>
(2010*11, p. E14)	abr.	8	<i>Cuidado com o peso e a forma</i>
(2010*12, p. E14)	abr.	15	<i>As pulseiras do sexo</i>
(2010*13, p. E14)	abr.	22	<i>“As melhores coisas do mundo”</i>
(2010*14, p. E18)	abr.	29	<i>Novas mulheres</i>
(2010*15, p. E16)	maio	6	<i>Você prefere os obedientes ou os rebeldes?</i>
(2010*16, p. E15)	maio	13	<i>Adoção por casais homossexuais</i>
(2010*17, p. E12)	maio	20	<i>Carpe diem, aproveite o momento</i>
(2010*18, p. E14)	maio	27	<i>A coragem do amor que dura</i>
(2010*19, p. E12)	jun.	3	<i>Conselho para escolher carreira</i>
(2010*20, p. E16)	jun.	10	<i>O direito de buscar a felicidade</i>
(2010*21, p. E14)	jun.	17	<i>Os adolescentes que merecemos</i>
(2010*22, p. E14)	jun.	24	<i>Torcer ou pensar, eis a questão</i>
(2010*23, p. E14)	jun.	1	<i>“Toy Story”</i>
(2010*24, p. E16)	jun.	8	<i>Preços e valores</i>
(2010*25, p. E16)	jun.	15	<i>Dois jeitos de viajar</i>
(2010*26, p. E12)	jun.	22	<i>Divórcios contagiosos</i>
(2010*27, p. E14)	jun.	29	<i>Eu sou atriz pornô, e daí?</i>
(2010*28, p. E14)	ago.	5	<i>Castigos físicos</i>
(2010*29, p. E18)	ago.	12	<i>A Origem’</i>
(2010*30, p. E14)	ago.	19	<i>O domínio do trivial</i>
(2010*31, p. E14)	ago.	26	<i>Para que serve a psicanálise?</i>
(2010*32, p. E16)	set.	2	<i>Esterilidade das eleições</i>
(2010*33, p. E12)	set.	9	<i>Leia com atenção - ou não</i>
(2010*34, p. E18)	set.	16	<i>O nosso mal-estar amoroso</i>
(2010*35, p. E13)	set.	23	<i>Felicidade nas telas</i>

(2010*36, p. E16)	set.	30	<i>Lobby cristão e casamento gay</i>
(2010*37, p. E14)	out.	7	<i>Eu Matei Minha Mãe'</i>
(2010*38, p. E16)	out.	14	<i>A favor ou contra?</i>
(2010*39, p. E16)	out.	21	<i>Pensamentos concretos sobre o aborto</i>
(2010*40, p. E18)	out.	28	<i>Cordialidades</i>
(2010*41, p. E16)	nov.	4	<i>Qual divisão do país?</i>
(2010*42, p. E18)	nov.	11	<i>Despedidas virtuais</i>
(2010*43, p. E12)	nov.	18	<i>Felicidade e alegria</i>
(2010*44, p. E20)	nov.	25	<i>A coerência é um valor moral?</i>
(2010*45, p. E16)	dez.	2	<i>Delinquência e privação</i>
(2010*46, p. E11)	dez.	9	<i>A batalha do Rio</i>
(2010*47, p. E14)	dez.	16	<i>Educar frustrando?</i>
(2010*48, p. E13)	dez.	23	<i>Quem não acredita em Papai Noel?</i>
(2010*49, p. E10)	dez.	30	<i>Ano-Novo, vida nova</i>
(2011*01, p. E12)	jan.	6	<i>Troca de ano e de Presidente</i>
(2011*02, p. E12)	jan.	13	<i>A autoridade que espero</i>
(2011*03, p. E12)	jan.	27	<i>Segurança ou liberdade?</i>
(2011*04, p. E14)	fev.	3	<i>Todos os reis estão nus</i>
(2011*05, p. E16)	fev.	10	<i>Para que servem bonecos e bonecas?</i>
(2011*06, p. E12)	fev.	17	<i>"Bravura Indômita"</i>
(2011*07, p. E12)	fev.	24	<i>Pesquisas de grupo</i>
(2011*08, p. E17)	mar.	3	<i>Grandes e pequenos desejos</i>
(2011*09, p. E11)	mar.	10	<i>Cisne Negro', o carnaval e as mães</i>
(2011*10, p. E16)	mar.	17	<i>Intervir ou não</i>
(2011*11, p. E14)	mar.	24	<i>O prazer e a culpa</i>
(2011*12, p. E14)	mar.	31	<i>"Fazer" uma doença</i>
(2011*13, p. E14)	abr.	7	<i>Relativismo, em termos</i>
(2011*14, p. E16)	abr.	14	<i>Realengo</i>
(2011*15, p. E12)	abr.	21	<i>Estilos da vida</i>
(2011*16, p. E15)	abr.	28	<i>Tudo ou nada</i>
(2011*17, p. E12)	maio	5	<i>Aristocracias e celebridades</i>
(2011*18, p. E14)	maio	12	<i>Bye bye, Bin Laden</i>
(2011*19, p. E12)	maio	19	<i>Considerações sobre novos desejos</i>
(2011*20, p. E14)	maio	26	<i>A fantasia (presumida) de DSK</i>
(2011*21, p. E12)	jun.	2	<i>Mas isto é arte?</i>
(2011*22, p. E16)	jun.	9	<i>Síndrome de Fukushima</i>
(2011*23, p. E12)	jun.	16	<i>Por que acaba um casal?</i>
(2011*24, p. E12)	jun.	23	<i>Drogas e gravatas</i>
(2011*25, p. E14)	jun.	30	<i>Passeatas diferentes</i>

(2011*26, p. E18)	jun.	7	<i>É fácil desistir dos nossos sonhos</i>
(2011*27, p. E13)	jun.	14	<i>Volta da Flip</i>
(2011*28, p. E10)	jun.	21	<i>Romance, poesia e Veneza</i>
(2011*29, p. E12)	jun.	28	<i>Asilo político para Berlusconi</i>
(2011*30, p. E14)	ago.	4	<i>O paradoxo de Amy Winehouse</i>
(2011*31, p. E14)	ago.	11	<i>Vampiros comportados</i>
(2011*32, p. E14)	ago.	18	<i>“A Árvore da Vida” e “Melancolia”</i>
(2011*33, p. E14)	ago.	25	<i>Antipolítica</i>
(2011*34, p. E10)	set.	1	<i>Saques, arrastões e “ressentiment”</i>
(2011*35, p. E11)	set.	8	<i>Grandeza das “futilidades”</i>
(2011*36, p. E16)	set.	15	<i>De 11 a 15 de setembro de 2001</i>
(2011*37, p. E12)	set.	22	<i>Meus pais são bipolares</i>
(2011*38, p. E12)	set.	29	<i>Aproveitar a vida e suas dores</i>
(2011*39, p. E10)	out.	6	<i>O sentido faz falta?</i>
(2011*40, p. E12)	out.	13	<i>As fãs de Justin Bieber</i>
(2011*41, p. E14)	out.	20	<i>Fundamentos da moral</i>
(2011*42, p. E16)	out.	27	<i>Teorias conspiratórias (e históricas)</i>
(2011*43, p. E14)	nov.	3	<i>Visita a Berlim</i>
(2011*44, p. E15)	nov.	10	<i>Homofobia e homossexualidade</i>
(2011*45, p. E14)	nov.	17	<i>A pauta dos jovens sem pauta comum</i>
(2011*46, p. E12)	nov.	24	<i>Domingo na Rocinha</i>
(2011*47, p. E14)	dez.	1	<i>A pele que habito (e a dos outros)</i>
(2011*48, p. E18)	dez.	8	<i>Pentimentos</i>
(2011*49, p. E20)	dez.	15	<i>Sentidos do fundamentalismo</i>
(2011*50, p. E16)	dez.	22	<i>Papai Noel por toda parte</i>
(2011*51, p. E10)	dez.	29	<i>A pessoa do ano</i>
(2012*01, p. E10)	jan.	5	<i>Sobre os propósitos de ano novo</i>
(2012*02, p. E12)	jan.	12	<i>Agir para fazer bonito</i>
(2012*03, p. E08)	jan.	19	<i>Notas sobre a cracolândia</i>
(2012*04, p. E14)	jan.	26	<i>Embaixo do edredom do “BBB”</i>
(2012*05, p. E10)	fev.	2	<i>Homens ou Mulheres?</i>
(2012*06, p. E12)	fev.	9	<i>Os diferentes são todos doentes?</i>
(2012*07, p. E10)	fev.	16	<i>“A Separação”</i>
(2012*08, p. E12)	fev.	23	<i>Para que servem as fantasias?</i>
(2012*09, p. E14)	mar.	1	<i>Fé na medicina</i>
(2012*10, p. E12)	mar.	8	<i>Morte na avenida Paulista</i>
(2012*11, p. E14)	mar.	15	<i>Micróbios dominadores</i>
(2012*12, p. E14)	mar.	22	<i>Sexo e vergonha</i>
(2012*13, p. E12)	mar.	29	<i>Como é uma vida sexual saudável?</i>

(2012*14, p. E12)	abr.	5	<i>American dream</i>
(2012*15, p. E14)	abr.	12	<i>Estupro de menores</i>
(2012*16, p. E12)	abr.	19	<i>Canibais no agreste</i>
(2012*17, p. E14)	abr.	26	<i>Delírio e mau caráter</i>
(2012*18, p. E16)	maio	3	<i>Faust Moderno</i>
(2012*19, p. E14)	maio	10	<i>A gangue do guardanapo</i>
(2012*20, p. E14)	maio	17	<i>Um terapeuta já cansado?</i>
(2012*21, p. E11)	maio	24	<i>Terremotos, bombas etc</i>
(2012*22, p. E14)	maio	31	<i>Parábolas Italianas</i>
(2012*23, p. E12)	jun.	7	<i>As coisas, os outros e os escombros</i>
(2012*24, p. E12)	jun.	14	<i>Uma linda mulher</i>
(2012*25, p. E12)	jun.	21	<i>Arrastões</i>
(2012*26, p. E10)	jun.	28	<i>Sorria! - ver o título correto</i>
(2012*27, p. E14)	jun.	5	<i>A cura gay</i>
(2012*28, p. E12)	jun.	12	<i>Os outros que ajudam (ou não)</i>
(2012*29, p. E14)	jun.	19	<i>“Na estrada”</i>
(2012*30, p. E12)	jun.	26	<i>Onde está Batman?</i>
(2012*31, p. E14)	ago.	2	<i>Pornografia possível</i>
(2012*32, p. E16)	ago.	9	<i>Epidemia de amor pelas crianças</i>
(2012*33, p. E14)	ago.	16	<i>“Paidrastos” (e mãedrastas)</i>
(2012*34, p. E12)	ago.	23	<i>Procuras de desejos perdidos</i>
(2012*35, p. E12)	ago.	30	<i>O menino acorrentado</i>
(2012*36, p. E12)	set.	6	<i>Internação e força de vontade</i>
(2012*37, p. E12)	set.	13	<i>Conversas para mestres inseguros</i>
(2012*38, p. E12)	set.	20	<i>A saca de sal</i>
(2012*39, p. E14)	set.	27	<i>Protesto mulçumanos</i>
(2012*40, p. E16)	out.	4	<i>De volta para o passado</i>
(2012*41, p. E14)	out.	11	<i>Eleições e debates</i>
(2012*42, p. E12)	out.	18	<i>Quanto vale uma virgem?</i>
(2012*43, p. E14)	out.	25	<i>Silêncio e barulho das emoções</i>
(2012*44, p. E16)	nov.	1	<i>Segurança (uma modesta proposta)</i>
(2012*45, p. E16)	nov.	8	<i>Notas do diário das eleições nos EUA</i>
(2012*46, p. E10)	nov.	15	<i>A fé no progresso</i>
(2012*47, p. E12)	nov.	22	<i>A menina que se achava 007</i>
(2012*48, p. E12)	nov.	29	<i>Decisões morais</i>
(2012*49, p. E14)	dez.	6	<i>O fim da infância?</i>
(2012*50, p. E17)	dez.	13	<i>E devaneio é uma doença?</i>
(2012*51, p. E14)	dez.	20	<i>O massacre de Newtown</i>
(2012*52, p. C10)	dez.	27	<i>O mundo não acabou</i>

(2013*01, p. E10)	jan.	3	<i>Experiência para 2013</i>
(2013*02, p. E10)	jan.	10	<i>Então, era só isso?</i>
(2013*03, p. E12)	jan.	17	<i>Loucos e adolescentes suicidas</i>
(2013*04, p. E12)	jan.	24	<i>Atores famosos no palco</i>
(2013*05, p. E10)	jan.	31	<i>“Amor” letal</i>
(2013*06, p. E10)	fev.	7	<i>As regras do bem viver</i>
(2013*07, p. E10)	fev.	14	<i>Saudade de ideias perigosas</i>
(2013*08, p. E14)	fev.	21	<i>Para que serve a tortura?</i>
(2013*09, p. E14)	fev.	28	<i>Yoani e as falsas alternativas</i>
(2013*10, p. E12)	mar.	7	<i>Dilemas e cartilhas</i>
(2013*11, p. E12)	mar.	14	<i>O uso reto do corpo</i>
(2013*12, p. E12)	mar.	21	<i>Fugir de casa</i>
(2013*13, p. E14)	mar.	28	<i>Papa vai, papa vem</i>
(2013*14, p. E12)	abr.	4	<i>As vidas que deixamos de viver</i>
(2013*15, p. E10)	abr.	11	<i>Mulheres infelizes</i>
(2013*16, p. E10)	abr.	18	<i>Jovens delinquentes</i>
(2013*17, p. E12)	abr.	25	<i>Irresponsabilidades</i>
(2013*18, p. E12)	maio	2	<i>Depois de maio</i>
(2013*19, p. E12)	maio	9	<i>Campos e a homossexualidade</i>
(2013*20, p. E12)	maio	16	<i>Abusos e incompetência</i>
(2013*21, p. E12)	maio	23	<i>Tratamentos e efeitos colaterais</i>
(2013*22, p. E12)	maio	30	<i>Somos muitos ou somos poucos?</i>
(2013*23, p. E15)	jun.	6	<i>Anarquistas, neoliberais e Foucault</i>
(2013*24, p. E14)	jun.	13	<i>Sex and the city</i>
(2013*25, p. E08)	jun.	20	<i>Sonhos de calor humano</i>
(2013*26, p. E10)	jun.	27	<i>Qual baderna?</i>
(2013*27, p. E10)	jun.	4	<i>Desacato</i>
(2013*28, p. E10)	jun.	11	<i>O partido da aventura</i>
(2013*29, p. E10)	jun.	18	<i>Meu vizinho genocida</i>
(2013*30, p. E08)	jun.	25	<i>O papa no Rio</i>
(2013*31, p. E14)	ago.	1	<i>Hedonistas?</i>
(2013*32, p. E12)	ago.	8	<i>Palavras de amor</i>
(2013*33, p. E10)	ago.	15	<i>Flores Raras’</i>
(2013*34, p. E12)	ago.	22	<i>A inveja dos outros</i>
(2013*35, p. E10)	ago.	29	<i>A gangue do brilhoso</i>
(2013*36, p. E10)	set.	5	<i>O prazer (ainda) é um escândalo</i>
(2013*37, p. E12)	set.	12	<i>Modernidade triste?</i>
(2013*38, p. E10)	set.	19	<i>Pornografia: opressão ou liberação?</i>
(2013*39, p. E13)	set.	26	<i>A aparência da rebeldia</i>

(2013*40, p. E14)	out.	3	<i>Um casal bem normal</i>
(2013*41, p. E12)	out.	10	<i>Para (ou contra) o Dia das Crianças</i>
(2013*42, p. E12)	out.	17	<i>Qual romance você está lendo?</i>
(2013*43, p. E10)	out.	24	<i>Longe da árvore'</i>
(2013*44, p. E10)	out.	31	<i>O som, a fúria e as cartas</i>
(2013*45, p. E10)	nov.	7	<i>Dia dos mortos e dia dos vivos</i>
(2013*46, p. E10)	nov.	14	<i>Arte fora de estação</i>
(2013*47, p. E12)	nov.	21	<i>A favor do tédio</i>
(2013*48, p. E14)	nov.	28	<i>Adorável 'Jovem e Bela'</i>
(2013*49, p. E12)	dez.	5	<i>Liberdade de ir e vir</i>
(2013*50, p. E14)	dez.	12	<i>Sou de esquerda ou de direita?</i>
(2013*51, p. E14)	dez.	19	<i>Feliz Natal 2013</i>
(2013*52, p. C08)	dez.	26	<i>Filmes para gente grande</i>
(2014*01, p. C08)	jan.	2	<i>Vigília para o ano novo</i>
(2014*02, p. E10)	jan.	9	<i>Já foi mais fácil ser poeta</i>
(2014*03, p. E10)	jan.	16	<i>Crianças transtornadas ou mimadas?</i>
(2014*04, p. E10)	fev.	6	<i>Rolezinhos</i>
(2014*05, p. E10)	fev.	13	<i>Amor de máquina</i>
(2014*06, p. E10)	fev.	20	<i>Linchadores e bandidos</i>
(2014*07, p. E12)	fev.	27	<i>Hip-hop na linha</i>
(2014*08, p. E10)	mar.	6	<i>Quanto vale uma obra de arte?</i>
(2014*09, p. E14)	mar.	13	<i>Sexo na terceira idade</i>
(2014*10, p. E14)	mar.	20	<i>Ninfomaniaca'</i>
(2014*11, p. E14)	mar.	27	<i>Eutanásia para menores?</i>
(2014*12, p. E16)	abr.	3	<i>Melhor ser imputável ou não?</i>
(2014*13, p. E12)	abr.	10	<i>Para José Wilker</i>
(2014*14, p. E14)	abr.	17	<i>As crianças e a morte</i>
(2014*15, p. E12)	abr.	24	<i>As crianças e o sexo</i>
(2014*16, p. E12)	maio	1	<i>A liberação sexual</i>
(2014*17, p. E12)	maio	8	<i>Amor à venda</i>
(2014*18, p. E12)	maio	15	<i>Quem é menino e quem é menina</i>
(2014*19, p. E10)	maio	22	<i>O Brasil existe?</i>
(2014*20, p. E12)	maio	29	<i>Amar e punir</i>
(2014*21, p. E12)	jun.	5	<i>Feitiços do Tempo</i>
(2014*22, p. E10)	jun.	12	<i>Torcer por quê?</i>
(2014*23, p. E10)	jun.	19	<i>Jogar sem a mamãe</i>
(2014*24, p. E10)	jun.	26	<i>Sorria!</i>
(2014*25, p. E10)	jun.	3	<i>O beijo uruguaio</i>
(2014*26, p. E12)	jun.	24	<i>O Brasil ganhou a Copa</i>

(2014*27, p. E14)	jun.	31	<i>O silêncio dos inocentes</i>
(2014*28, p. E14)	ago.	7	<i>Depois da Flip</i>
(2014*29, p. E12)	ago.	14	<i>Os pais e a escola</i>
(2014*30, p. E12)	ago.	21	<i>Como falar com nossos filhos</i>
(2014*31, p. E10)	ago.	28	<i>A arte da fuga</i>
(2014*32, p. E12)	set.	4	<i>Hipócritas ou crentes?</i>
(2014*33, p. E10)	set.	11	<i>O amor entre pais e filhos</i>
(2014*34, p. E10)	set.	18	<i>Crianças protegidas e inseguras</i>
(2014*35, p. E08)	set.	25	<i>O sentimento de (in)justiça</i>
(2014*36, p. E12)	out.	2	<i>A vida como ela é (ou não)</i>
(2014*37, p. E12)	out.	9	<i>O dia depois</i>
(2014*38, p. E13)	out.	16	<i>O dilema do celular ou da Petrobras</i>
(2014*39, p. E10)	out.	23	<i>Insultos, ideias e adesões</i>
(2014*40, p. E10)	out.	30	<i>Modiano e a arte da memória</i>
(2014*41, p. E10)	nov.	6	<i>Os amores de Suzane</i>
(2014*42, p. E12)	nov.	13	<i>Os safanões e a autoridade</i>
(2014*43, p. E10)	nov.	20	<i>Ninguém pode se ausentar</i>
(2014*44, p. E12)	nov.	27	<i>Desejos dominantes</i>
(2014*45, p. E08)	dez.	4	<i>Como viver um luto</i>
(2014*46, p. E08)	dez.	11	<i>A segunda revolução sexual</i>
(2014*47, p. E10)	dez.	18	<i>Preconceitos raciais</i>
(2014*48, p. C06)	dez.	25	<i>Paz e presentes na terra</i>
(2015*01, p. C06)	jan.	1	<i>Feliz Ano Velho</i>
(2015*02, p. E06)	jan.	8	<i>Um menino que desobedece</i>
(2015*03, p. E06)	jan.	15	<i>Por que eu sou Charlie</i>
(2015*04, p. E08)	jan.	22	<i>O que me ofende</i>
(2015*05, p. E08)	jan.	29	<i>O silêncio do 'homem de bem'</i>
(2015*06, p. E08)	fev.	5	<i>O oriente muito próximo</i>
(2015*07, p. E06)	fev.	12	<i>Ovo hoje ou galinha amanhã?</i>
(2015*08, p. E06)	fev.	19	<i>“Cinquenta Tons de Cinza”, o filme</i>
(2015*09, p. E08)	fev.	26	<i>Verdades do passado</i>
(2015*10, p. E08)	mar.	5	<i>Querer viver e querer morrer</i>
(2015*11, p. E08)	mar.	12	<i>“Para sempre Alice”</i>
(2015*12, p. E08)	mar.	19	<i>Manifestações</i>
(2015*13, p. E08)	mar.	26	<i>Fundamentalistas</i>
(2015*14, p. E08)	abr.	2	<i>O copiloto de Germanwings</i>
(2015*15, p. E06)	abr.	9	<i>Quando o certo custa caro</i>
(2015*16, p. E08)	abr.	16	<i>Maioridade penal?</i>
(2015*17, p. E06)	abr.	23	<i>O novo abuso de criança</i>

(2015*18, p. C08)	abr.	30	<i>Sozinhos ou solitários?</i>
(2015*19, p. C12)	maio	7	<i>A crise de meia-idade</i>
(2015*20, p. C06)	maio	14	<i>Envelhecer em tempos de PEC</i>
(2015*21, p. C10)	maio	21	<i>Desejo e necessidade</i>
(2015*22, p. C10)	maio	28	<i>Ter mais e ter menos</i>
(2015*23, p. C08)	jun.	4	<i>Século 20</i>
(2015*24, p. C08)	jun.	11	<i>Dilemas éticos</i>
(2015*25, p. C08)	jun.	18	<i>O mistério de Viviany</i>
(2015*26, p. C10)	jun.	25	<i>A maioria penal</i>
(2015*27, p. C12)	jun.	2	<i>Os que querem jihadistas</i>
(2015*28, p. C06)	jun.	9	<i>A vida, com ópio e sem ópio</i>
(2015*29, p. C08)	jun.	16	<i>Excesso ou falta de sentido?</i>
(2015*30, p. C08)	jun.	23	<i>A mulher que gostava do Johnson</i>
(2015*31, p. C08)	jun.	30	<i>Sócrates e eu</i>
(2015*32, p. C10)	ago.	6	<i>Acosado</i>
(2015*33, p. C10)	ago.	13	<i>Vizinhos (só no Brasil?)</i>
(2015*34, p. C12)	ago.	20	<i>Sentir ou ficar frio?</i>
(2015*35, p. C10)	ago.	27	<i>Fim de semana no Rio</i>
(2015*36, p. C12)	set.	10	<i>Os futuros da Europa</i>
(2015*37, p. C08)	set.	17	<i>Que Horas Ela Volta?'</i>
(2015*38, p. C12)	set.	24	<i>O que quer um homem?</i>
(2015*39, p. C08)	out.	1	<i>Sem estresse</i>
(2015*40, p. C08)	out.	8	<i>Estatuto da família?</i>
(2015*41, p. C08)	out.	15	<i>A fórmula do amor</i>
(2015*42, p. C08)	out.	22	<i>No ático ou nos fundos</i>
(2015*43, p. C10)	out.	29	<i>A felicidade é deprimente</i>
(2015*44, p. C10)	nov.	5	<i>Abortemos o projeto de Cunha</i>
(2015*45, p. C08)	nov.	12	<i>Primeiro Assédio</i>
(2015*46, p. C08)	nov.	19	<i>Nossas futilidades</i>
(2015*47, p. C08)	nov.	26	<i>Terroristas e invasores</i>
(2015*48, p. C10)	dez.	3	<i>Inimigos</i>
(2015*49, p. C10)	dez.	10	<i>Celibatárias</i>
(2015*50, p. C10)	dez.	17	<i>Abusados pelos governantes</i>
(2015*51, p. C08)	dez.	24	<i>Natal nas Estrelas</i>
(2015*52, p. C06)	dez.	31	<i>O ano que acaba e o que começa</i>
(2016*01, p. C06)	jan.	7	<i>Uma casa para sempre</i>
(2016*02, p. C08)	jan.	14	<i>Pobres meninos ricos</i>
(2016*03, p. C08)	jan.	21	<i>Mal-educados ou educados mal?</i>
(2016*04, p. C08)	jan.	28	<i>Culpas e regras</i>

(2016*05, p. C08)	fev.	4	<i>O dilema de Cruz e Trump</i>
(2016*06, p. C08)	fev.	11	<i>Comunista e traidor</i>
(2016*07, p. C08)	fev.	18	<i>Desigualdade</i>
(2016*08, p. C10)	fev.	25	<i>Ciao, Eco</i>
(2016*09, p. C08)	mar.	3	<i>Orgulho, Preconceito e Zumbis</i>
(2016*10, p. C07)	mar.	10	<i>Feliz Dia das Mulheres!</i>
(2016*11, p. C08)	mar.	17	<i>Coletores-caçadores</i>
(2016*12, p. C10)	mar.	24	<i>De que lado você está?</i>
(2016*13, p. C08)	mar.	31	<i>Lembranças de 'Mani Pulite'</i>
(2016*14, p. C08)	abr.	7	<i>Heranças incômodas</i>
(2016*15, p. C08)	abr.	14	<i>Somos os otários de todos</i>
(2016*16, p. C06)	abr.	21	<i>A vergonha e o terror</i>
(2016*17, p. C06)	abr.	28	<i>Ideologia Dominante</i>
(2016*18, p. C08)	maio	5	<i>Pacientes Inaceitáveis?</i>
(2016*19, p. C08)	maio	12	<i>O kit religião</i>
(2016*20, p. C08)	maio	19	<i>A doutrinação mais perigosa</i>
(2016*21, p. C06)	maio	26	<i>Eleitores e Consumidores</i>
(2016*22, p. C06)	jun.	2	<i>Estupros</i>
(2016*23, p. C08)	jun.	9	<i>Transtornos' de gêneros e nome social</i>
(2016*24, p. C08)	jun.	16	<i>Os responsáveis de Orlando</i>
(2016*25, p. C06)	jun.	23	<i>Repressão e cultura do estupro</i>
(2016*26, p. C10)	jun.	30	<i>A perigosa nostalgia dos idosos</i>
(2016*27, p. C10)	jun.	7	<i>O mundo e o condado</i>
(2016*28, p. C08)	jun.	14	<i>Raça e história</i>
(2016*29, p. C06)	jun.	21	<i>Terroristas avulsos</i>
(2016*30, p. C06)	jun.	28	<i>O racismo mudou</i>
(2016*31, p. C06)	ago.	4	<i>Resistir ao poder mais repressivo</i>
(2016*32, p. C08)	ago.	11	<i>O paranóico e o otário</i>
(2016*33, p. C06)	ago.	18	<i>O idoso não existe</i>
(2016*34, p. C08)	ago.	25	<i>A arte nos salva?</i>
(2016*35, p. C06)	set.	1	<i>Amores inacabados</i>
(2016*36, p. C06)	set.	8	<i>Proposta para o próximo prefeito</i>
(2016*37, p. C06)	set.	15	<i>Não somos hedonistas</i>
(2016*38, p. C06)	set.	22	<i>Maçãs podres?</i>
(2016*39, p. C06)	set.	29	<i>Polarização</i>
(2016*40, p. C06)	out.	6	<i>Votar se tornou difícil</i>
(2016*41, p. C06)	out.	13	<i>As reformas da escola obrigatória</i>
(2016*42, p. C08)	out.	20	<i>Entre 'moralistas' e engraçados</i>
(2016*43, p. C06)	out.	27	<i>Idolatria</i>

(2016*44, p. C06)	nov.	3	<i>Proposta para amores melhores</i>
(2016*45, p. C08)	nov.	10	<i>Certezas e Delírios</i>
(2016*46, p. C06)	nov.	17	<i>Fim da democracia representativa</i>
(2016*47, p. C08)	nov.	24	<i>Elle e elas</i>
(2016*48, p. C08)	dez.	1	<i>Adeus, Fidel</i>
(2016*49, p. C06)	dez.	8	<i>Conhecer o futuro faz diferença?</i>
(2016*50, p. C08)	dez.	15	<i>Vão chover pedras</i>
(2016*51, p. C08)	dez.	22	<i>Prepare-se para o Natal</i>
(2016*52, p. C06)	dez.	29	<i>Cartão de ano novo</i>
(2017*01, p. C06)	jan.	5	<i>2017 iniciou bem</i>
(2017*02, p. C06)	jan.	12	<i>Dois corações e uma cabana</i>
(2017*03, p. C08)	jan.	19	<i>A loucura de Dylann Roof</i>
(2017*04, p. C08)	jan.	26	<i>Quem matou Teori Zavascki?</i>
(2017*05, p. C08)	fev.	2	<i>Com ou sem picho?</i>
(2017*06, p. C06)	fev.	9	<i>O que é a vulgaridade do poder?</i>
(2017*07, p. C08)	fev.	16	<i>O ignorante não o sabe que o é</i>
(2017*08, p. C06)	fev.	23	<i>Grandeza e limites do amor</i>
(2017*09, p. C06)	mar.	2	<i>Conselho aos jovens médicos</i>
(2017*10, p. C06)	mar.	9	<i>Cada um ama seus bichos favoritos</i>
(2017*11, p. C06)	mar.	16	<i>Libera a nos missionariis'</i>
(2017*12, p. C08)	mar.	23	<i>As belas e as feras</i>
(2017*13, p. C08)	mar.	30	<i>O que é um radical?</i>
(2017*14, p. C12)	abr.	6	<i>Para servir à história do radicalismo</i>
(2017*15, p. C10)	abr.	13	<i>Quem é Donald Trump?</i>
(2017*16, p. C08)	abr.	20	<i>Nossas Noites'</i>
(2017*17, p. C08)	abr.	27	<i>Suicídios adolescentes</i>
(2017*18, p. C08)	maio	4	<i>O que temos em comum?</i>
(2017*19, p. C06)	maio	11	<i>Votos de esquerda</i>
(2017*20, p. C06)	maio	18	<i>Não estamos sós</i>
(2017*21, p. C06)	maio	25	<i>Manchester e a quinta coluna</i>
(2017*22, p. C08)	maio	1	<i>Cracolândia</i>
(2017*23, p. C08)	jun.	8	<i>Os mitos e os heróis</i>
(2017*24, p. C06)	jun.	15	<i>O desejo dos idosos</i>
(2017*25, p. C08)	jun.	22	<i>O segredo dos desejos</i>
(2017*26, p. C08)	jun.	29	<i>Divinas Divas</i>
(2017*27, p. C08)	jun.	6	<i>Fala Comigo'</i>
(2017*28, p. C08)	ago.	3	<i>Sexo depois dos 50</i>
(2017*29, p. C06)	ago.	10	<i>Refugiados</i>
(2017*30, p. C08)	ago.	17	<i>Riscos de morte e riscos de vida</i>

(2017*31, p. C10)	ago.	24	<i>O exército dos mortos</i>
(2017*32, p. C06)	ago.	31	<i>Como Nossos Pais'</i>
(2017*33, p. C08)	set.	7	<i>Mães e filhas</i>
(2017*34, p. C08)	set.	14	<i>Medo da coisa</i>
(2017*35, p. C10)	set.	21	<i>Mais um esforço para sermos liberais</i>
(2017*36, p. C08)	set.	28	<i>Contra ou a favor do prazer</i>
(2017*37, p. C10)	out.	5	<i>O atirador no campo de centeio</i>
(2017*38, p. C08)	out.	12	<i>A Vida com Lacan'</i>
(2017*39, p. C10)	out.	19	<i>Notas de viagem a Cuba</i>
(2017*40, p. C08)	out.	26	<i>Proibido aos menores de 18 anos</i>
(2017*41, p. C08)	nov.	2	<i>A caça às bruxas nunca acabou</i>
(2017*42, p. C06)	nov.	9	<i>Assédio e abusos masculinos</i>
(2017*43, p. C08)	nov.	16	<i>O momento atual</i>
(2017*44, p. C08)	nov.	23	<i>As redes sociais e o extermínio</i>
(2017*45, p. C08)	nov.	30	<i>Somos amigos?</i>
(2017*46, p. C10)	dez.	7	<i>Qual escândalo?</i>
(2017*47, p. C08)	dez.	14	<i>Somos cada dia mais crédulos</i>
(2017*48, p. C08)	dez.	21	<i>Frustração não é sempre bom</i>
(2017*49, p. C06)	dez.	28	<i>O Natal, o redentor e o pecado</i>
(2018*01, p. C08)	jan.	4	<i>Os Clichês de Natal e Ano-Novo</i>
(2018*02, p. C08)	jan.	11	<i>Serviços Exclusivos</i>
(2018*03, p. C06)	jan.	18	<i>Estupros, assédios, investidas e paqueras</i>
(2018*04, p. C08)	jan.	25	<i>O ódio pelas mulheres</i>
(2018*05, p. C06)	fev.	1	<i>O desejo das mulheres e o Funk</i>
(2018*06, p. C06)	fev.	8	<i>Cegueira da Razão</i>
(2018*07, p. C06)	fev.	15	<i>Leitura de Carnaval</i>
(2018*08, p. C06)	fev.	22	<i>Quais são os malucos perigosos?</i>
(2018*09, p. C08)	mar.	1	<i>As coisas que mais nos importam</i>
(2018*10, p. C10)	mar.	8	<i>Intervenção Militar?</i>
(2018*11, p. C10)	mar.	15	<i>Prostitutas</i>
(2018*12, p. C06)	mar.	22	<i>Confiar nas instituições</i>
(2018*13, p. C08)	mar.	29	<i>Literatura perigosa</i>
(2018*14, p. C06)	abr.	5	<i>Meditação pascoal</i>
(2018*15, p. C06)	abr.	19	<i>As reações à prisão de lula</i>
(2018*16, p. C06)	abr.	26	<i>Ex-pajés, seitas e crenças</i>
(2018*17, p. C10)	maio	3	<i>O escândalo do prazer</i>
(2018*18, p. C08)	maio	10	<i>Adão e eva</i>
(2018*19, p. C06)	maio	17	<i>Maio de 68, a revolução que deu certo</i>
(2018*20, p. C08)	maio	24	<i>O medo em política e nas eleições</i>

(2018*21, p. C06)	maio	31	<i>Menores prostituídos</i>
(2018*22, p. C10)	jun.	7	<i>Marcha para Jesus</i>
(2018*23, p. C08)	jun.	14	<i>Depressão Brasileira</i>
(2018*24, p. C10)	jun.	21	<i>O Grande conflito em curso</i>
(2018*25, p. C06)	jun.	28	<i>Os Boçais são perigosos</i>
(2018*26, p. C06)	jun.	5	<i>Mais sobre os boçais</i>
(2018*27, p. C06)	jun.	12	<i>O amor contra a boçalidade</i>
(2018*28, p. C06)	jun.	19	<i>Uma vitória republicana na copa</i>
(2018*29, p. C06)	jun.	26	<i>Trotes de Boçais</i>
(2018*30, p. C08)	ago.	2	<i>A questão do aborto</i>
(2018*31, p. C08)	ago.	9	<i>De onde você fala?</i>
(2018*32, p. C08)	ago.	16	<i>Minha policial ideal</i>
(2018*33, p. C08)	ago.	23	<i>Uma despedida para Otavio</i>
(2018*34, p. C08)	ago.	30	<i>O rapa</i>
(2018*35, p. C08)	set.	6	<i>Servidões voluntárias</i>
(2018*36, p. C08)	set.	13	<i>Em quem votar?</i>
(2018*37, p. C08)	set.	20	<i>Maria Bonita está entre nós</i>
(2018*38, p. C08)	set.	27	<i>Questões muito pessoais</i>
(2018*39, p. C08)	out.	4	<i>A família e a escola</i>
(2018*40, p. C06)	out.	11	<i>O paradoxo bolsonaro</i>
(2018*41, p. C08)	out.	18	<i>Os boçais</i>
(2018*42, p. C06)	out.	25	<i>Os toscos e os boçais</i>
(2018*43, p. C08)	nov.	8	<i>Escola realmente sem partido</i>
(2018*44, p. C06)	nov.	15	<i>Qual ideologia de gênero?</i>
(2018*45, p. C08)	nov.	22	<i>O patriotismo dos cachorros</i>
(2018*46, p. C08)	nov.	29	<i>Os fantasistas de gênero</i>
(2018*47, p. C06)	dez.	6	<i>Votaram em quem?</i>
(2018*48, p. C06)	dez.	13	<i>Mulheres e mães</i>
(2018*49, p. C08)	dez.	20	<i>Segura na mão de João</i>
(2018*50, p. B8)	dez.	27	<i>Conto de Natal</i>
(2019*01, p. C08)	jan.	3	<i>Educar é criar dissidentes</i>
(2019*02, p. C06)	jan.	10	<i>Brasil pós-moderno?</i>
(2019*03, p. C08)	jan.	17	<i>As cassandras e os esparadrapos</i>
(2019*04, p. C08)	jan.	24	<i>Os que têm ideias, os técnicos etc</i>
(2019*05, p. C08)	jan.	31	<i>Mais teses sobre banheiro, por favor</i>
(2019*06, p. C06)	fev.	7	<i>Anna Verônica Mautner</i>
(2019*07, p. C08)	fev.	14	<i>A era da felicidade</i>
(2019*08, p. C08)	fev.	21	<i>Com ou sem confiança</i>
(2019*09, p. C06)	fev.	28	<i>Escola com estudo</i>

(2019*10, p. C06)	mar.	7	<i>Patriotismo e patriotice</i>
(2019*11, p. C10)	mar.	14	<i>A família e o sexo</i>
(2019*12, p. C06)	mar.	21	<i>Qual é o ar dos tempos?</i>
(2019*13, p. C08)	mar.	28	<i>Marxismo cultural'</i>
(2019*14, p. C08)	abr.	4	<i>A sanha missionária</i>
(2019*15, p. C08)	abr.	11	<i>Bacante</i>
(2019*16, p. C08)	abr.	18	<i>O Brasil no elevador</i>
(2019*17, p. C08)	maio	2	<i>Os debates e os silêncios</i>
(2019*18, p. C06)	maio	9	<i>Para acabar com as ideologias de gênero</i>
(2019*19, p. C06)	maio	16	<i>Programas de boteco</i>
(2019*20, p. C06)	maio	23	<i>O difícil é ser razoável</i>
(2019*21, p. C08)	maio	30	<i>Tudo pequenininho aí?</i>
(2019*22, p. C08)	jun.	6	<i>A cama de hospital e o futuro do Brasil</i>
(2019*23, p. C06)	jun.	13	<i>O populismo é filho da democracia</i>
(2019*24, p. B06)	jun.	20	<i>Najila, Neymar e os comentários</i>
(2019*25, p. C06)	jun.	27	<i>As mulheres têm desejos e fantasias</i>
(2019*26, p. C06)	jun.	4	<i>Fundamentalismos às portas?</i>
(2019*27, p. C08)	jun.	11	<i>Quem é conservador?</i>
(2019*28, p. C08)	ago.	1	<i>Ofensores e ofendidos</i>
(2019*29, p. C08)	ago.	8	<i>Injustiçados e ressentidos</i>
(2019*30, p. C08)	ago.	15	<i>Eduardo em Washington</i>
(2019*31, p. C06)	ago.	22	<i>Homens que matam a ex</i>
(2019*32, p. C06)	ago.	29	<i>Os preguiçosos</i>
(2019*33, p. C06)	set.	5	<i>A sanha legisladora</i>
(2019*34, p. C06)	set.	12	<i>Vou pra Bacurau</i>
(2019*35, p. C08)	set.	19	<i>Mulheres desejáveis</i>
(2019*36, p. C08)	set.	26	<i>Liberalismo e teocracia</i>
(2019*37, p. C08)	out.	3	<i>O espírito de 1966</i>
(2019*38, p. C08)	out.	10	<i>Coringa</i>
(2019*39, p. C08)	out.	17	<i>Falar de câncer</i>
(2019*40, p. C10)	out.	24	<i>Os jovens de hoje</i>
(2019*41, p. C10)	out.	31	<i>Uma justiça útil</i>
(2019*42, p. C06)	nov.	7	<i>Abusos e traumas</i>
(2019*43, p. C08)	nov.	14	<i>O que querem os pais?</i>
(2019*44, p. C08)	nov.	21	<i>O sim possível do ressentimento</i>
(2019*45, p. C08)	nov.	28	<i>Todos os sonhos do mundo</i>
(2019*46, p. C08)	dez.	5	<i>Terrivelmente' cristãos</i>
(2019*47, p. C08)	dez.	12	<i>Cinquenta anos hoje</i>
(2019*48, p. C06)	dez.	19	<i>A sexualidade de Jesus</i>

(2019*49, p. B06)	dez.	26	<i>A festa de Natal</i>
(2020*01, p. C08)	jan.	30	<i>O futuro é libertário?</i>
(2020*02, p. C08)	jan.	23	<i>Acima de quê?</i>
(2020*03, p. C06)	jan.	16	<i>A importância de fazer distinções</i>
(2020*04, p. C08)	jan.	9	<i>Intervir (ou não)</i>
(2020*05, p. C08)	fev.	27	<i>A nova república das bananas</i>
(2020*06, p. C06)	fev.	20	<i>Pregar abstinência sexual é ato imoral</i>
(2020*07, p. C06)	fev.	13	<i>Os ignorantes e os ignorábimus</i>
(2020*08, p. C08)	fev.	6	<i>La Meglio Gioventú'</i>
(2020*09, p. B14)	mar.	26	<i>Estado de exceção</i>
(2020*10, p. C06)	mar.	19	<i>Saúde mental em tempo de pandemia</i>
(2020*11, p. C10)	mar.	12	<i>Coronavírus como metáfora</i>
(2020*12, p. C08)	mar.	5	<i>Liberdade, igualdade, fraternidade</i>
(2020*13, p. B13)	abr.	30	<i>Antes só que mal acompanhado?</i>
(2020*14, p. B15)	abr.	23	<i>Patriotas e canalhas</i>
(2020*15, p. B16)	abr.	16	<i>Depois de amanhã</i>
(2020*16, p. B16)	abr.	9	<i>Mas por que todos mentem para nós?</i>
(2020*17, p. B14)	abr.	2	<i>Vendedor de ilusões</i>
(2020*18, p. B12)	maio	28	<i>Crianças doutrinadas e catequizadas</i>
(2020*19, p. B14)	maio	21	<i>A estupidez humana</i>
(2020*20, p. B13)	maio	14	<i>A bolsa ou a vida?</i>
(2020*21, p. B14)	maio	7	<i>Jair, um brasileiro</i>
(2020*22, p. B11)	jun.	18	<i>Outra causa da morte de Miguel</i>
(2020*23, p. B11)	jun.	11	<i>O triunfo da morte</i>
(2020*24, p. B12)	jun.	4	<i>Ideias fora do lugar</i>
(2020*25, p. B11)	jun.	30	<i>Valeu a pena?</i>
(2020*26, p. B09)	jun.	23	<i>Estátuas e outras lembranças</i>
(2020*27, p. B12)	jun.	16	<i>Olha, mamãe, sem as mãos</i>
(2020*28, p. B11)	jun.	9	<i>Nossos esgotos comuns</i>
(2020*29, p. B13)	jun.	2	<i>O lampejo da vida</i>
(2020*30, p. B10)	ago.	27	<i>Estudar ou se produzir?</i>
(2020*31, p. B11)	ago.	20	<i>A identidade comanda o pensamento?</i>
(2020*32, p. B11)	ago.	13	<i>Terapia em tempos de pandemia</i>
(2020*33, p. B11)	ago.	6	<i>Estamos entre os mais imorais</i>
(2020*34, p. B11)	set.	24	<i>Os vikings, os romanos e nós</i>
(2020*35, p. B11)	set.	17	<i>Uma carta a Caetano Veloso</i>
(2020*36, p. B13)	set.	10	<i>Os cétricos contra os fanáticos</i>
(2020*37, p. B09)	set.	3	<i>O moralismo é um espremedor</i>
(2020*38, p. B16)	out.	29	<i>Os fascistas dentro da gente</i>

(2020*39, p. B15)	out.	22	<i>As mulheres são todas bruxas</i>
(2020*40, p. B13)	out.	15	<i>Quem é imoral?</i>
(2020*41, p. B13)	out.	8	<i>Votem segundo consciência</i>
(2020*42, p. B11)	out.	1	<i>Lindinhas e taradinhos</i>
(2020*43, p. C06)	nov.	26	<i>Melhor casar com conhecidos?</i>
(2020*44, p. B15)	nov.	19	<i>'O gambito da rainha'</i>
(2020*45, p. B12)	nov.	12	<i>Trump: velho estereótipo feminino</i>
(2020*46, p. B14)	nov.	5	<i>Decapitadas por terem desejos</i>
(2020*47, p. A24)	dez.	31	<i>Perdas e danos de fim de ano</i>
(2020*48, p. A24)	dez.	24	<i>Natal, festa da fraternidade</i>
(2020*49, p. B11)	dez.	17	<i>Amigos e oponentes</i>
(2020*50, p. B15)	dez.	10	<i>"The Crown"</i>
(2021*01, p. B11)	jan.	7	<i>O jeito de escrever</i>
(2021*02, p. B11)	jan.	14	<i>Trump é morto, como Inês, e agora?</i>
(2021*03, p. B11)	jan.	21	<i>Chove muito em São Paulo</i>
(2021*04, p. B15)	fev.	11	<i>Lupin</i>
(2021*05, p. B14)	fev.	18	<i>Nosso estilo de governo preferido</i>
(2021*06, p. B12)	abr.	1	<i>Contardo Calligaris (1948-2021)</i>